

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas

**Brasil: idéia de diversidade e representações sociais**

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

SÃO PAULO  
2008

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas

**Brasil: idéia de diversidade e representações sociais**

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Professora Doutora Clarilza Prado de Sousa.

SÃO PAULO

2008

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

Ao pequeno Orlando, filho querido  
e ao Orlando, meu marido

Aborrecer o passado ou idolatrá-lo vem a dar no mesmo vício; vício de uns que não descobrem a filiação dos tempos, e datam de si mesmos a aurora humana, e de outros que imaginam que o espírito do homem deixou as asas no caminho e entra a pé num charco.

Machado de Assis, 1869.

O conhecimento toma necessariamente o caráter de um processo infinito que não termina apenas em uma simples adição dos conhecimentos, em mudanças quantitativas do nosso saber, mas também em transformações qualitativas da nossa visão de história.

Adam Schaff, 1995.

De todas as fases que envolvem a tessitura de uma tese, talvez esta seja a mais difícil: a página que primeiro aparece é aquela que também se escreve por último, anunciando, definitivamente, que é hora de pôr um ponto final a um trabalho, o qual sempre parece estar se iniciando.

Nesse percurso, literalmente de gestação, muitos foram os que, de uma forma ou de outra, contribuíram para sua realização. Ainda que a eles seja muito grata, devo um agradecimento especial:

À Professora Doutora Clarilza Prado de Sousa, não apenas pela orientação segura, mas, sobretudo, pelas oportunidades oferecidas e generosamente partilhadas, agradecimento este que extrapola as formalidades da vida acadêmica;

Às Professoras Doutoras Angela Arruda, Bernardete Angelina Gatti, Maria Ligia Coelho Prado e Mitsuko Aparecida Makino Antunes, pelas valiosas observações quando do Exame de Qualificação, observações estas que procurei incorporar à redação final deste trabalho;

Aos colegas professores do curso de Direito, nas figuras das Professoras Doutoras Regina Toledo Damião e Karina Bonetti, pela compreensão das vicissitudes inerentes à conciliação do trinômio “pesquisa, docência, prazos”.

À Fundação Carlos Chagas, nomeadamente ao Departamento de Pesquisas Educacionais, pelo apoio estrutural na fase final de redação, e às funcionárias da Biblioteca Ana Maria Poppovic, sobretudo Helena Maria de Oliveira e Vivian Riquena, pelo auxílio constante nos burocráticos “empréstimos entre bibliotecas”.

Aos amigos Márcio Alves da Fonseca, Euricilda S. P. Del Bel, Thiago P. Del Bel Belluz, Marialva Rossi Tavares, Gláucia Torres Franco Novaes, Nelson Antonio Simão Gimenes, Miriam Bizzocchi e Andréa Ponzetto, sempre tão dispostos a ajudar.

Aos meus pais Concepción Pintor Sanches de Santiso e Jesus Santiso Ares, que, para além do apoio incondicional, souberam tão bem suprir para meu filho as inevitáveis ausências da mãe. Agradecimento este que estendo à minha sogra, Marina Lopes de Lima Villas Bôas.

Ao meu pequeno Orlando, que, nem sempre pacientemente, soube esperar que a mamãe terminasse sua lição.

Por fim, e o mais difícil, resta agradecer a Orlando, companheiro de todas as horas, cujo amor e dedicação foram fundamentais para a realização deste estudo, a tal ponto que ele mereceria, relevando-se os deméritos desta pesquisa, uma espécie de co-autoria, mais do que a dedicatória que por ora lhe ofereço.

## Brasil: idéia de diversidade e representações sociais

Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas

Este estudo é parte de um projeto mais amplo, *Imaginário e representações sociais de jovens universitários sobre o Brasil e a escola brasileira* que, por sua vez, compôs o Programa Internacional *Imaginários Latino-Americanos*, sediado no Laboratoire Européen de Psychologie Sociale da Maison des Sciences de l'Homme (França). O presente estudo abrangeu um grupo de universitários de instituições públicas e privadas das cinco regiões brasileiras com o objetivo de compreender a historicidade das representações sociais do país, associadas à "diversidade", por meio da análise dos aspectos convergentes entre seu conteúdo representacional atual e a produção historiográfica do século XIX, período este em que, ao se organizar o Estado nacional e se sistematizar um conjunto de discursos sobre a singularidade do Brasil, torna-o fundamental para a análise dos processos de generatividade de tais representações. Para isso, foram propostos procedimentos teórico-metodológicos pautados tanto na análise textual informatizada (Max Reinert) como em aspectos da história efetual (Hans-Georg Gadamer) e da história dos conceitos (Reinhart Koselleck), com o propósito de considerar as delimitações conceituais da contemporaneidade e do século XIX, em relação à diversidade. Os resultados encontrados evidenciaram a presença de uma rede de significados sintetizados nos seguintes contextos temáticos: *coexistência de contrários; variedade cultural; espaço de experiência; horizonte de expectativa; ficção orientadora*. A análise dessa rede tornou visível a reapropriação da configuração de significados construídos no século XIX que, não obstante receberem outra extensão semântica, ainda hoje organizam as representações sociais sobre o Brasil indicando a permanência de uma estrutura repetitiva, cuja estabilidade se mantém mesmo diante da mudança nos contextos históricos.

Palavras-chave: representações sociais, diversidade, Brasil

## Brazil: the idea of diversity and social representations

Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas

This paper is part of a wider project, *Imaginary and Social Representations of University Students about Brazil and Brazilian schools* that, in turn, created the *Latin-American Imaginaries International Program*, carried out at *Laboratoire Europeen de Psychologie Sociale* of *Maison des Sciences de l'Homme* (France). This study included the participation of a group of public and private university students from five Brazilian regions with the purpose of compiling the history of social representations throughout the country associated with “diversity” by analyzing convergent aspects between their current representational content and the historiographic production of the 19<sup>th</sup> century – a period that saw organizing the national State and automating a collection of speeches on the significance of Brazil while making it essential to analyze the generative processes of such representations. To do so, theoretical-methodological procedures were established based on computerized text analysis (Max Reinert), as well as on aspects of historical effects (Hans-Georg Gadamer) and of the history of concepts (Reinhart Koselleck), with the purpose of considering conceptual delimitations of contemporaneity and of the 19<sup>th</sup> century in relation to diversity. The findings reveal the presence of a network of meanings synthesized within the following theme contexts: *coexistence of contrary; cultural variety; space of experience; horizon of expectation and guiding fiction*. The analysis of this network makes the appropriation of set meanings attributed to the 19<sup>th</sup> century visible; however receiving another semantic extension, today still helps organize the social representations about Brazil in addition to indicating the permanence of a repetitive structure, whose stability is kept even before the change in historical contexts.

Key words: social representations, diversity, Brazil

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	13
<b>Capítulo 1 - Uma abordagem da historicidade das representações sociais</b> ..	24
1.1 - Situando o ponto de partida .....	24
1.2 - Objetivação e ancoragem como processos “psico-históricos”...	33
1.3 - Dimensão histórica e a estrutura das representações sociais ..	42
1.4 - Dimensão histórica e o conteúdo das representações sociais .	46
<b>Capítulo 2 - Metodologia</b> .....	51
2.1 - Diretrizes teórico-metodológicas: alguns esclarecimentos .....	51
2.2 - Procedimentos da pesquisa .....	55
2.2.1 - Estudo exploratório das respostas dos 976 universitários às questões “Por que você acha que isso tudo é Brasil?” e “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?” obtidas no banco de dados da pesquisa <i>Imaginário e representações sociais de jovens universitários sobre o Brasil e a escola brasileira</i> (Sousa e Arruda, 2006) ..	55
2.2.2 - Montagem de um dicionário por meio de lista de associações contendo sinônimos e atributos do elemento selecionado .....	59
2.2.3 - Referência histórica e construção de uma matriz de análise .....	63
2.2.3.1 - Seleção das fontes históricas – justificativa	63
2.2.3.2 - Procedimentos para leitura das fontes históricas selecionadas .....	73
2.2.4 - Preparação do <i>corpus</i> e descrição dos dados técnicos: aportes da análise estatística textual .....	79
2.2.4.1 - Descrição sucinta dos resultados da classificação hierárquica descendente gerados pelo relatório do programa Alceste à questão “Por que você acha que isso tudo é Brasil?” .....	84

2.2.4.2 - Descrição sucinta dos dados técnicos gerados pelo relatório do Alceste à questão “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?” .....	87
2.2.5 - Análise dos dados por meio da “fusão de horizontes interpretativos” .....	90
<b>Capítulo 3 - Apresentação e análise dos dados: fusão de horizontes interpretativos</b> .....	<b>93</b>
3.1 - Análise da questão “Por que você acha que isso tudo é Brasil?” .....	93
3.1.1 - Contexto temático: Diversidade como coexistência de contrários (classes 1 e 2) .....	95
3.1.2 - Contexto temático: Diversidade como variedade cultural (classe 3) .....	99
3.2 - Análise da questão: “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?” .....	100
3.2.1 - Contexto temático: Diversidade como espaço de experiência (classe 1) e horizonte de expectativa (classe 4) .	102
3.2.2 Contexto temático: Diversidade como ficção orientadora – aspecto racial (classe 2) e aspecto natural (classe 3) .....	113
À guisa de síntese: diversidade e seus contextos temáticos .	129
<b>Considerações finais</b> .....	<b>133</b>
<b>Fontes e bibliografias citadas</b> .....	<b>141</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>168</b>

## SUMÁRIO DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

### ⇒ FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> - Distribuição percentual de aproveitamento das UCEs gerada pelo programa Alceste referente à questão “Por que você acha que isso tudo é Brasil?” .....	85
<b>FIGURA 2</b> - Dendrograma resultante da classificação hierárquica descendente do material textual referente à questão “Por que você acha que isso tudo é Brasil?”, gerado pelo programa Alceste .....	86
<b>FIGURA 3</b> - Distribuição das UCEs nas classes geradas pelo programa Alceste à questão “Por que você acha que isso tudo é Brasil?” .....	87
<b>FIGURA 4</b> - Distribuição percentual de aproveitamento das UCEs gerada pelo programa Alceste referente à questão “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?” .....	88
<b>FIGURA 5</b> - Dendrograma resultante da classificação hierárquica descendente do material textual referente à questão “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?”, gerado pelo programa Alceste .....	88
<b>FIGURA 6</b> - Distribuição das UCEs nas classes geradas pelo programa Alceste à questão “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?” .....	89
<b>FIGURA 7</b> - Perfil dos contextos temáticos e das classes lexicais geradas pelo Alceste à questão “Por que você acha que isso tudo é Brasil?” .....	94
<b>FIGURA 8</b> - Perfil dos contextos temáticos e das classes lexicais geradas pelo Alceste à questão “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?” .....	101

⇒ **QUADROS**

<b>QUADRO 1</b> - Síntese Esquemática da Trajetória Metodológica .....	54
<b>QUADRO 2</b> - Agrupamento das Palavras Associadas à Diversidade .....	61
<b>QUADRO 3</b> - Vocabulário Associado à Diversidade e Excertos de seu Contexto de Uso no Século XIX .....	76
<b>QUADRO 4</b> - Traços Lexicais Característicos da Classe 1 e seu Contexto de Uso	96
<b>QUADRO 5</b> - Traços Lexicais Característicos da Classe 2 e seu Contexto de Uso	97
<b>QUADRO 6</b> - Traços Lexicais Característicos da Classe 3 e seu Contexto de Uso	99
<b>QUADRO 7</b> - Traços Lexicais Característicos da Classe 1 e seu Contexto de Uso	103
<b>QUADRO 8</b> - Traços Lexicais Característicos da Classe 4 e seu Contexto de Uso	106
<b>QUADRO 9</b> - Diversidade como Espaço de Experiência e Horizonte de Expectativa .....	109
<b>QUADRO 10</b> - Traços Lexicais Característicos da Classe 2 e seu Contexto de Uso	116
<b>QUADRO 11</b> - Traços Lexicais Característicos da Classe 3 e seu Contexto de Uso	122
<b>QUADRO 12</b> - Diversidade como Ficção Orientadora: Raça e Natureza .....	127

⇒ **TABELA**

<b>TABELA 1</b> - Distribuição do Número de Alunos .....	56
--	----

---

## INTRODUÇÃO

[...] Qualquer indicação implica dualidade, nós não podemos produzir alguma coisa sem co-produzir o que ela não é, e toda dualidade implica triplicidade: o que a coisa é, o que ela não é, e a fronteira entre elas. – Brown, G.S. *Laws of form*. New York: Julian Press, 1973. p. ix.<sup>1</sup>

O objetivo principal do presente estudo consiste em investigar as representações sociais de um grupo de universitários sobre Brasil associadas à diversidade, analisando, ao mesmo tempo, sua historicidade.<sup>2</sup> Para tanto, pretende-se discuti-las como estabelecidas, ainda que não exclusivamente, sob o influxo da constituição de um discurso expresso na produção historiográfica do século XIX, responsável por delinear uma “narrativa de nação” (Hall, 2005)<sup>3</sup> que, ainda hoje, orienta o nosso senso comum.

Trata-se, por várias razões, de uma questão complexa. Primeiro, pela longa tradição de pesquisas, nas mais distintas áreas, que se dedicaram e se dedicam, a partir de perspectivas diversas, a interpretar nossa “comunidade imaginada” (Anderson, 1991).<sup>4</sup> Segundo, porque a maioria das investigações na área de representações sociais enfatiza o estado constituído destas de tal forma que, “[...] de modo geral, a *história* das representações sociais, (ou, se preferir, de sua *gênese*), raramente é estudada, apesar de numerosos trabalhos (notadamente o trabalho

---

<sup>1</sup> Cf. original: “Any indication implies duality, we cannot produce a thing without coproducing what it is not, and every duality implies triplicity: what the thing is, what it isn’t, and the boundary between them”.

<sup>2</sup> Historicidade é utilizada aqui como condição daquilo que é histórico. A respeito, ver capítulo 1 do presente trabalho.

<sup>3</sup> De acordo com Hall, “as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com o seu passado e imagens que dela são construídas” (2005: 50-51 – grifos do autor).

<sup>4</sup> Comunidade aqui é entendida como uma construção simbólica, tal como é apresentada por Anderson: “Ela é imaginada porque mesmo os membros da menor nação jamais conhecerão, encontrarão ou ouvirão falar da maioria de seus compatriotas e, apesar disso, na mente de cada um vive a imagem de sua comunidade” (1991: 6). Cf. original: “It is imagined because the members of even the mallest nation will never know most of their fellow-members, meet them, or even hear of them, yet in the minds of each lives the image of their communion”.

---

seminal de Moscovici, 1976) terem sublinhado sua importância teórica”<sup>5</sup> (Guimelli e Reynier, 1999: 171 – grifos dos autores).<sup>6</sup> Terceiro, pela própria questão teórico-metodológica da viabilidade de investigar a historicidade dos conteúdos representacionais, haja vista a exigência da elaboração de procedimentos que considerem o problema do anacronismo a fim de sopesar o contexto conceitual de épocas passadas.

O interesse em investigar esse tema tem sua origem em uma pesquisa intitulada *Imaginário e representação social de jovens universitários sobre o Brasil e a escola brasileira*,<sup>7</sup> da qual participei como assistente. Coordenada nacionalmente pela Profa. Dra. Clarilza Prado de Sousa (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Fundação Carlos Chagas), integrava-se a um programa mais amplo, *Imaginários latino-americanos*,<sup>8</sup> sediado no Laboratoire Européen de Psychologie Sociale da Maison des Sciences de l’Homme de Paris (França), do qual colaboraram pesquisadores de diferentes países e áreas de conhecimento,<sup>9</sup> cuja coordenação internacional ficou sob responsabilidade da Profa. Dra. Angela Arruda (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Desenvolvida durante o período de 2003 a 2006 com 1.029 universitários do primeiro ano dos cursos de Enfermagem, Engenharia, Medicina, Pedagogia e Serviço Social de instituições públicas e privadas, localizadas nos Estados do Pará, Pernambuco, Bahia, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, com o propósito de identificar como esses estudantes representavam diversos

---

<sup>5</sup> Essa observação é encontrada de forma semelhante em Rouquette, para o qual, “apesar dos apelos crescentemente insistentes [...] a análise reflexiva do papel da história continua a ser nódoa cega na teoria das representações sociais” (1998: 41).

<sup>6</sup> Cf. original: “Ainsi, d’une manière générale, l’histoire des représentations sociales (ou si l’on préfère, leur genèse) n’est prise en considération que très rarement dans les études actuelles, bien que de nombreux travaux (notamment l’étude princeps de Moscovici, 1976) soulignent son importance théorique”.

<sup>7</sup> Cabe ressaltar que essa pesquisa foi financiada diretamente pela Fundação Carlos Chagas (FCC/SP), contando ainda com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

<sup>8</sup> Os resultados do programa de pesquisa *Imaginários latino-americanos* encontram-se publicados em Arruda e Alba (2007).

<sup>9</sup> Integram o grupo de pesquisadores: Angela Arruda (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil), Clarilza Prado de Sousa (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Fundação Carlos Chagas, Brasil), Lilian Ulup (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil), Tunico Amancio (Universidade Federal Fluminense, Brasil), Denise Jodelet (École des Hautes Études en Sciences Sociales, França), Alfredo Guerrero Tapia (Universidad Nacional Autónoma de México, México), Martha de Alba (Universidad Nacional Autónoma de México, México), Maria Auxiliadora Banchs (Universidad Central de Venezuela,

---

aspectos do país,<sup>10</sup> os resultados encontrados por Sousa e Arruda (2006) indicaram uma similaridade com outros trabalhos que também tinham o Brasil por objeto de estudo, ainda que desenvolvidos em outras épocas, a partir de outros referenciais, e com preocupações distintas, tais como o de Gurza Lavalle (2004), Toledo (2004), Zarur (2003), Carvalho (2002), Chauí (2001), Jovchelovitch (2000), Ferreira (1993) e Silem, Tricoire e Vergès (1991), para citar alguns.<sup>11</sup> Tal semelhança de resultados, guardadas suas especificidades, sinalizou a existência de certa forma de representar o Brasil, do que adveio a necessidade de investigar a historicidade das representações sociais a fim de compreender se essa “regularidade de estilo”, para utilizar um termo cunhado por Moscovici (2003), poderia ser considerada tributária de reatualizações de significados historicamente consolidados ou, ao contrário, indicativos de uma descontinuidade histórica, ainda que tenha se mantido o mesmo universo semântico.<sup>12</sup>

Considerando-se que as representações sociais se estruturam em torno de elementos que fazem referência a aspectos sensoriais, motrizes, cognitivos, afetivos etc., a análise de sua historicidade requer, metodologicamente, a seleção daquilo que Lahlou (2003), apoiado em Abric, denomina de “nódulo elementar de sentido”,<sup>13</sup> uma vez que cada nódulo é composto por conteúdos preexistentes constituídos, portanto, em outros períodos. Isso pressuposto, elegeu-se, para análise, o nódulo elementar de sentido “diversidade”, haja vista que os resultados da pesquisa desenvolvida por Sousa e Arruda (2006) apontavam-no como um dos eixos organizadores das atuais representações sociais de Brasil. Tem-se, portanto, a intenção de trabalhar com os dados coligidos na referida pesquisa selecionando

---

Venezuela), Mireya Lozada (Universidad Central de Venezuela, Venezuela), Álvaro Agudo (Universidad Central de Venezuela, Venezuela).

<sup>10</sup> A intenção do presente estudo é trabalhar apenas com uma parte dos dados coligidos sobre Brasil. Nesse sentido, para informações acerca dos dados gerais da pesquisa, ver Sousa e Arruda (2006), Novaes (2006) e Arruda e Ulup (2007). Especificamente para os dados de escola, ver Sousa (2007) e Acosta (2005).

<sup>11</sup> Dentre as similaridades encontradas estão a ênfase dada à diversidade, à exuberância da natureza, ao personalismo, à idéia de país do futuro, à miscigenação, às características associadas à população como qualidades ou defeitos etc.

<sup>12</sup> A expressão “universo semântico” será utilizada de acordo com a acepção de Abric (1994d), sendo entendida, portanto, tanto como sinônimo dos elementos constitutivos do conteúdo da representação como de um conhecimento socialmente compartilhado.

<sup>13</sup> O nódulo elementar de sentido “diversidade” configura-se apenas como uma das possibilidades de análise das representações sociais de Brasil. Importa observar que, para os propósitos do presente estudo, a associação da diversidade com os demais nódulos elementares de sentido não será objeto de investigação. Acerca desses demais “nódulos”, ainda que as autoras não utilizem esse termo, ver Sousa e Arruda (2006). Para uma definição mais detalhada de nódulo elementar de sentido, ver capítulo 2 do presente trabalho.

aqueles que apresentem relação, direta ou indireta, com o nódulo “diversidade”. Nesse sentido, eles serão analisados e discutidos em conformidade com os propósitos aqui estabelecidos ainda que, evidentemente, filiado às preocupações teóricas postuladas por Sousa e Arruda (2006).

O presente trabalho assenta-se, portanto, sob um cabedal teórico-metodológico em que é fundamental a importância dada à teoria das representações sociais. Igualmente fundamental é a tentativa de estabelecer um diálogo permanente entre essa teoria e aspectos que envolvam sua historicidade, de modo a compreender como as representações sociais contemporâneas são impactadas por conteúdos que vêm se constituindo em outras épocas históricas, aspectos estes que, sem serem novos, restam ainda pouco explorados, como evidenciam os estudos de Castorina (2007), Jodelet (2003), Bertrand (2003/2 e 2002), Moliner (2001b) e Rouquette e Guimelli (1994).

Foram essas as primeiras questões, subjacentes no texto, que começaram a constituir a presente pesquisa. Não obstante, indubitavelmente, um dos objetos de estudo do pensamento social brasileiro tenha sido o de compreender aquilo que caracteriza o Brasil, questão esta amplamente debatida por intelectuais como Gilberto Freyre, Dante Moreira Leite, Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Cândido, Raymundo Faoro, Alfredo Bosi, Renato Ortiz, Carlos Guilherme Mota, Roberto DaMatta, Marilena Chauí, José Murilo de Carvalho, entre tantos outros em distintas áreas de conhecimento, o que levou Cardoso (1993) a considerar essa discussão um traço da nossa cultura,<sup>14</sup> o objetivo aqui é modesto e distinto na medida em que se pretende analisar o processo de generatividade<sup>15</sup> das atuais representações sociais de

---

<sup>14</sup> Segundo Cardoso, “[...] é natural que os povos procurem indagar-se sobre si e sobre seus destinos, mas eu não sei se há muitos exemplos de tanta paixão pela descoberta do ‘ser nacional’ ou da sociedade nacional por intelectuais válidos. Porque esta obsessão pode gerar muitas simplificações, pode gerar a busca de diferenças nacionais e culturais que dêem dimensão de ‘superioridade’ aos povos. Mas nós não estamos falando disso; estamos falando de grandes autores, que são mestres, capazes de lidar com fenômenos complexos, que não constroem visões simplistas de seu país. Esse é um traço curioso da cultura brasileira, e que talvez tenha se esmaecido nos últimos tempos. Essa paixão por uma interrogação contínua sobre nossas origens, sobre o que somos, o que poderemos ser, que ora sustenta a idéia de um legado, ora a de um peso que tem que ser posto à margem, não deixa de ser curiosa e, mesmo, produtiva” (1993: 34).

<sup>15</sup> Generatividade aqui é compreendida como “[...] a construção social e progressiva de um estado estável da representação” (Guimelli e Reynier, 1999: 172). Cf. original: “[...] la construction sociale et progressive d’un état stable de la representation”.

Brasil associadas à diversidade, reputando os conteúdos que as organizam como tributários de uma construção histórica.

De acordo com Zarur (2003) e Guimarães (2001), estudiosos da identidade brasileira, ainda vivemos um momento de tensão em relação à nossa identidade nacional, iniciado, sobretudo, após os anos 80 com a estagnação econômica, a inexistência de uma orientação política clara e a crise financeira, tensão essa que, ainda com nuances, se mantém na atualidade. Contudo, ainda que chegando à mesma conclusão, esses autores identificam o contexto de crise em princípios distintos. Para Guimarães (2001) estes remetem ao ressurgimento de movimentos separatistas, principalmente no Sul do país, aos movimentos racistas voltados contra nordestinos e negros, à emigração internacional, à busca por uma dupla nacionalidade, aproveitando-se da mudança da legislação brasileira, à “reafricanização” dos costumes negros oriundos e à “retnização” dos povos indígenas brasileiros, dados como já desaparecidos em Estados distintos da União.<sup>16</sup>

Zarur, partindo de outra perspectiva, coloca a questão da crise no centro da idéia do Brasil como uma civilização redentora que, segundo ele, seria o principal marco da nossa identidade nacional:

o problema com um modelo de nação baseado em uma prometida utopia é o de que a situação social tem que apresentar evidências continuadas de que este futuro está inexoravelmente se aproximando, mesmo que de fato nunca chegue. O desenvolvimento econômico manteve, por um tempo, acesa a idéia de que as pessoas se alimentariam melhor, teriam melhores casas, escolas e hospitais e que no Brasil se iria fundar uma nova civilização onde “seriam superadas as barreiras de classe, raça e credo”, conforme as profecias dos místicos e o pensamento dos intelectuais. Este sonho, entretanto, cada vez mais se distancia da vida das pessoas. Encerra-se mais uma década amarga de empobrecimento e de desorganização do organismo político e inicia-se outra, na mesma direção. Pode ser a hora de aliar o conceito de cultura a aspectos políticos e econômicos, de voltar a provar a viabilidade do Brasil. Não

---

<sup>16</sup> Guimarães (2001) aponta ainda a existência de um processo de mudança nos três pólos defendidos por DaMatta (1990) como fundadores da nacionalidade brasileira (o negro, o índio e o branco), que vai ao encontro da idéia de interpretar o Brasil como uma nação multirracial em vez de mestiça. Segundo ele, esses três pólos passam por um processo de recriação em que o branco procura sua segunda nacionalidade na Europa e na Ásia ou constrói o que ele denomina de “xenofobia regional radicalizada”, o negro traça uma África imaginária para mostrar sua ascendência e os índios reconstruem suas tribos de origem.

---

mais pelo desenho de uma identidade una, mas pela invenção de uma sociedade que reconheça a multiplicidade de modos de vida dos tempos atuais (2003: 40).

Em discussão recente, Maia destaca a necessidade de reequacionar a discussão sobre a identidade nacional brasileira perante o atual processo de globalização, de modo a refletir sobre as características de nossa identidade nacional frente os impasses por ele gerado. De acordo com esse autor:

Hoje, tanto as iniciativas de mobilização popular e de resgate da auto-estima, insufladas pelo governo federal, como a sensível mudança do papel geopolítico do Brasil – com a sua aproximação das nações emergentes –, conduzida pelo Itamaraty na gestão de Celso Amorim, ensejam um cenário propício à retomada da discussão acerca de um projeto nacional de país, e, *ipso facto*, questões como identidade nacional, patriotismo, nacionalismo, interesses republicanos, entre outras (2005: 123).

Diante desse quadro, como se comportam as representações sociais de Brasil organizadas em torno do nóculo elementar de sentido “diversidade”?<sup>17</sup> Em outras palavras, se as representações sociais se constituem sobre uma base de conhecimentos adquiridos anteriormente e que são “[...] tributários, por sua vez, de sistemas de crenças ancorados nos valores, tradições e imagens do mundo e do ser” (Moscovici e Vignaux, 1994: 26),<sup>18</sup> quais são as categorias de pensamento preexistentes<sup>19</sup> que ancoram as atuais representações sociais de Brasil diante de um contexto histórico atual identificado, por alguns intelectuais, como de ameaça à identidade nacional, haja vista, por exemplo, os movimentos identitários minoritários

---

<sup>17</sup> Acredita-se que essa pergunta tem razão de ser na medida em que, como já apontou Moliner (2001a e 2001b), o processo histórico de formação de uma representação passa por momentos distintos em que diferentes mecanismos são acessados. Por exemplo, no início de uma representação, o processo representacional se apoiaria em processos sociocognitivos e, no período de estabilidade ou de transformação, seriam os mecanismos de defesa os mais mobilizados. Ainda segundo esse autor, as representações sociais passam por três fases distintas: a fase de emergência, em que há uma mediação entre a existência de um objeto problemático e o surgimento de saberes estáveis e consensuais ligados a ele; a fase de estabilidade, em que a representação torna-se um saber consensual (ao menos no núcleo) sobre um determinado aspecto do meio social do grupo; e a fase de transformação, em que os saberes mais antigos se relacionariam com os mais recentes.

<sup>18</sup> Cf. original: “[...] tributaires à chaque fois, de systèmes de croyance ancrés dans des valeurs, des traditions, des images du monde et de l'être”.

<sup>19</sup> Vergès (1991) define pensamento preexistente como “matrizes culturais de interpretação” que dependem das condições sócio-históricas atuais, não podendo ser associadas a princípios atemporais, uma vez que, “se o mundo social se constrói por meio de pré-construções passadas, tais formas [matrizes culturais de interpretação] não são estáticas, mas sim transformadas e reapropriadas em nossa atualidade” (Bertrand, 2003/2: 134). Cf. original: “Si le monde social se construit à partir de

---

(cf. Maia, 2005) e o próprio processo de globalização (cf. Hall, 2005)? Ou seja, se essa constituição se dá pela continuidade, então poder-se-á observar a manutenção de certos aspectos que atualizam a representação por meio dos elementos do passado. Mas, se os atuais conteúdos que formam as representações sociais de Brasil se caracterizam pela descontinuidade, qual o papel do passado nessas representações?

Essa questão de continuidade/descontinuidade, ao fazer referência ao fenômeno temporal, conduz necessariamente à presença da dimensão histórica nas representações sociais que se caracterizam pela articulação, sempre dinâmica, entre passado e presente,<sup>20</sup> na medida em que as representações sociais são tanto tributárias de conhecimentos preexistentes (Moscovici e Vignaux, 1994), originados, portanto, em épocas cronológicas distintas, quanto impactadas pelos imperativos pragmáticos da vida cotidiana, o que gera também a necessidade da desnaturalização dessa dimensão, visto que

se as representações sociais servem para familiarizar o não-familiar, então, a primeira tarefa dum estudo científico das representações é tornar o familiar não-familiar, a fim de que elas possam ser compreendidas como fenômeno e descritas através de toda técnica metodológica que possa ser adequada nas circunstâncias específicas (Duveen, 2003: 25).

Mas, em que sentido o Brasil pode ser considerado um objeto não-familiar e, portanto, passível de ser estudado pela via das representações sociais? Acredita-se que a resposta a essa questão se encontra no plano teórico, ou seja, se se compreende que o que define o Brasil seja fixado exclusivamente por meio de um patrimônio herdado, como uma espécie de substância que contém “[...] a manifestação de um povo vagueando acima das vicissitudes históricas do seu ‘destino’” (Carrilho apud Maia, 2005: 131), desse modo, realmente, não faz sentido pensar em não-

---

*préconstructions passées, ces formes ne sont pas statiques, elles sont transformées et réappropriées dans notre actualité”.*

<sup>20</sup> De acordo com Reis, “[...] A sensibilidade historiadora se ancora no tempo, na interpretação sempre mutante entre passado, presente e futuro. As mudanças no processo histórico alteram as interpretações da história. Toda interpretação, que é uma atribuição de sentido ao vivido, se assenta sobre um mirante ‘temporal’, um ponto de vista, em um presente – vê-se a partir de um lugar social e um tempo específicos. O desdobramento do tempo pode mudar a qualidade da história, interpretações inovadoras emergem com a sua passagem. Não há um passado fixo, idêntico, a ser esgotado pela história. As esperas futuras e vivências presentes alteram a compreensão do passado. Cada geração, em seu presente específico, une passado e presente de maneira original, elaborando uma visão particular do processo histórico. O presente exige a reinterpretção do passado para se representar, se localizar e projetar o seu futuro. Cada presente seleciona um passado que deseja e lhe interessa conhecer [...]” (2003: 9).

familiar. Agora, se se flexibilizar essa concepção, reputando-a a “(...) construção de uma configuração sem forma rigidamente definida e sem sentido previamente determinado [...] como algo que se *inventa e constrói*” (Carrilho apud Maia, 2005: 131 – grifos do autor), então é possível pensar na necessidade de familiarizar essa construção, o que não significa que ela seja criada *ex nihilo*, na medida em que ela é tanto fruto da reapropriação dos conteúdos advindos de outros períodos cronológicos como daqueles gerados pelos novos contextos, o que faz com que as representações sociais se constituam, concomitantemente, como produto e como processo (Jodelet, 1986), como pensamento constituído ao mesmo tempo constituinte (Suárez Molnar, 2003).

Nesse sentido, a compreensão da historicidade dessa mobilidade, que é intrínseca às representações sociais, só é possível por meio de uma análise que envolva, obrigatoriamente, a consideração de seus processos de generatividade, ou seja, a consideração da construção da estabilidade de seus conteúdos, dado que

[...] as representações sociais são complexas e se inscrevem, necessariamente, nos quadros de pensamento preexistentes tributários, por sua vez, de sistemas de crenças ancorados em valores, tradições, imagens do mundo e do ser. Elas são, sobretudo, objeto de um trabalho permanente do social, pelos discursos e nos discursos, de modo que, a cada vez, reincorporam todo fenômeno novo nos modelos explicativos ou legítimos, familiares, portanto, aceitáveis. Enquanto processos de trocas e de composição de idéias, é necessário que elas respondam a esta dupla exigência dos indivíduos e das coletividades: de um lado, constituir-se como sistemas de pensamento e de conhecimento e de outro, adotar visões consensuais de ação, que lhe permitem manter um liame social, ou seja, uma continuidade da comunicação da noção (Moscovici e Vignaux, 1994: 26).<sup>21</sup>

Levando-se em conta essa “dupla exigência”, este estudo propõe articular os conteúdos das atuais representações sociais de Brasil, associados à diversidade, à produção historiográfica do século XIX por meio da seleção de obras de Carl Friedrich Phillip von Martius, Francisco de Adolfo Varnhagen, Joaquim Manoel de

---

<sup>21</sup> Cf. original: “[...] les représentations sociales sont toujours complexes, et s’inscrivent nécessairement dans des ‘cadres de pensée préexistants’, ceux-ci tributaires à chaque fois, de systèmes de croyance ancrés dans des valeurs, des traditions, des images du monde et de l’être. Elles sont surtout l’objet d’un travail permanent du social, par les discours et dans les discours, afin à chaque fois, de réincorporer tout phénomène nouveau dans des modes explicatifs ou légitimants, familiers donc acceptables. Processus d’échange et de composition des idées, d’autant nécessaire qu’il répond à cette double exigence des individus et des collectivités: d’une part se construire des systèmes de pensée et de connaissance et

---

Macedo e Affonso Celso, com o objetivo de identificar quais idéias historicamente constituídas são acionadas na construção do senso comum sobre a diversidade e que ainda hoje estruturam as representações sociais do país.<sup>22</sup>

A escolha desses autores decorre, basicamente, de dois aspectos: o primeiro deles deriva da própria análise das respostas dos universitários sobre as representações sociais de Brasil organizadas em torno do nóculo elementar de sentido “diversidade”, que remete a um discurso expressivamente produzido ao longo do século XIX, caracterizado pela organização do Estado nacional e a sistematização de um conjunto de discursos sobre a singularidade do país, que, na tentativa de explicá-lo e entendê-lo, dará origem a uma história oficial que representará a diversidade como unidade construindo as bases daquilo que hoje também nos constitui.

O segundo aspecto, intrinsecamente relacionado ao primeiro, decorre da própria característica abrangente com que essas obras discutem o Brasil, embora seja importante ressaltar que foge aos propósitos deste trabalho estudar as condições de produção ou mesmo de recepção e difusão de tais obras. Assim, apesar de terem sido elaboradas em um contexto histórico específico, acredita-se que, por meio delas, seja possível investigar a historicidade das representações sociais de Brasil focando a observação não nas práticas sociais, mas sim em seus “determinantes ideológicos”<sup>23</sup> (cf. Guimelli e Reynier, 1999) construídos historicamente.

Portanto, o estudo de tais obras não significa procurar uma espécie de “paternidade” dos elementos que compõem o estado atual das representações sociais

---

d'autre part, adopter des visions consensuelles de l'agir, qui leur permettent de maintenir un lien social, voire une continuité de la communication de la notion”.

<sup>22</sup> Concorde-se aqui com Hall quando este afirma que “[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*. Nós só sabemos o que significa ser ‘inglês’ devido ao modo como a ‘inglesidade’ (*Englishness*) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma identidade política, mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da *idéia* da nação tal como representada em sua cultura nacional [...]” (2005: 48-49, grifos do autor).

<sup>23</sup> A justificativa de um estudo sobre representação social e não sobre ideologia baseia-se na afirmação de Jodelet para a qual “[...] a noção de representação social é mais apropriada que a de ideologia, se queremos tratar do aspecto cognoscitivo dos processos mentais coletivos e de sua articulação com as práticas, em contextos sociais e históricos precisos, o que não quer dizer que a representação seja exterior à ideologia, ao contrário” (2003: 102). Cf. original: “[...] la noción de representación social es más apropiada que la de ideología se queremos tratar del aspecto cognoscitivo de los procesos mentales colectivos y de su articulación con las prácticas, en contextos sociales e históricos precisos, lo que no quiere de ninguna manera decir que la representación sea exterior a la ideología, al contrario”.

de Brasil associadas ao nóculo elementar de sentido “diversidade”. Ao contrário, o que se objetiva é, justamente, buscar aspectos de continuidade e de descontinuidade nelas presentes, que possibilitem a compreensão de seus processos de generatividade por meio da articulação entre seu conteúdo representacional e a produção historiográfica do século XIX, a fim de discutir sua historicidade.

Com isso, pretende-se, mediante os resultados e os dados obtidos, e considerando os limites deste trabalho, apresentar duas linhas de contribuição. A primeira consiste em refletir sobre a análise da historicidade das representações sociais, uma vez que a maioria dos trabalhos relacionados à essa teoria tanto no contexto brasileiro (cf. Menin e Shimizu, 2005 e Sousa, 2002) como no internacional (Roussiau e Bonardi, 2001 e Guimelli e Reynier, 1999) tende a privilegiar o papel das práticas na constituição destas. Portanto, se, como afirma Marková (2006), o escopo teórico das representações sociais pressupõe que seus conteúdos sejam estruturados (e um dos objetivos da teoria é justamente identificá-los e analisá-los), a consideração de sua historicidade permite, justamente, a compreensão de seus processos de generatividade e de construção de sua estabilidade.

A segunda contribuição decorre da primeira, pois, ao tentar analisar a historicidade da representação e seu processo de generatividade, tenciona-se proporcionar um aprofundamento dessa questão, com o propósito de discutir as representações sociais como fenômenos psico-históricos, dissipando a impressão de que estas se apresentam ou como um “*corpus* organizado”, esperando pelo uso da ferramenta metodológica adequada para serem desveladas (cf. Di Giácomo, 1987), ou como produto de uma espécie de “universal abstrato”, constituídas em um contexto anistórico.

Para tanto, o presente trabalho encontra-se dividido em três capítulos, além da introdução e das considerações finais, obedecendo à seguinte estruturação:

O primeiro capítulo, ao apresentar o enquadramento teórico da pesquisa, destaca que a historicidade das representações sociais, não obstante sua importância para a compreensão de seus processos formadores (ancoragem e de objetivação), constitui-se em um aspecto pouco abordado pelos estudos da área.

Nesse sentido, propõe-se examiná-la a partir de dois níveis que, apesar de intrinsecamente relacionados, são dissociados para fins analíticos. Assim, o primeiro nível refere-se à constituição das representações sociais, em que se analisará o papel da dimensão histórica na estruturação da representação. O segundo nível, correspondente à última parte do capítulo, aborda a questão da dimensão histórica do conteúdo representacional, em que são discutidos aspectos ligados às diferentes fases das representações sociais.

O segundo capítulo está organizado em duas partes, em que, inicialmente, são apresentadas as diretrizes teórico-metodológicas subjacentes ao estudo da teoria das representações sociais, da qual o presente estudo é tributário. A seguir, descreve-se a elaboração de um procedimento metodológico que, ao considerar a historicidade das representações sociais, observe e minimize a problemática do anacronismo, a fim de permitir, primeiramente, identificar e compreender o significado que os universitários têm da diversidade, dada a polissemia desse termo; e, em um segundo momento, que possibilite a análise da historicidade desse significado tomando em conta as possíveis alterações de vocabulário, visto que não se pode analisar o passado por meio de um vocabulário contemporâneo. Para tanto, serão reputados, ainda que de forma instrumental, aspectos da abordagem da história dos conceitos, sistematizada pelo historiador Reinhart Koselleck (2006a e 1992), e da história efetual, desenvolvida pelo filósofo Hans-Georg Gadamer (2002), de modo a estabelecer indicadores que considerem as delimitações conceituais tanto da contemporaneidade como de épocas passadas em relação à diversidade.

O terceiro capítulo, ao apresentar as análises realizadas, identifica o universo semântico da diversidade presente na produção textual dos universitários pesquisados, articulando-o com obras selecionadas de Carl Friedrich Phillip von Martius, Francisco Adolfo de Varnhagen, Joaquim Manoel de Macedo e Affonso Celso, produzidas no século XIX, para compreender o processo de generatividade das representações sociais desses estudantes sobre o país.

Por fim, nas considerações finais, procura-se realizar uma síntese dos elementos fundamentais que sustentam a presente pesquisa por meio da retomada das questões apresentadas nos capítulos anteriores.

## 1 - UMA ABORDAGEM DA HISTORICIDADE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

### 1.1 Situando o ponto de partida

Produto da interação e da comunicação, as representações sociais são apresentadas por Moscovici como uma “[...] modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (1978: 26).<sup>24</sup> Não se tem aqui a intenção de revisar seu processo de constituição ou mesmo suas características mais centrais, haja vista a vasta literatura disponível a esse respeito (Álvarez Bermúdez, 2004; Arruda, 2005, 2002 e 1999; Farr, 1995; Páez et al., 1987b; e Moscovici, 2003, 2001 e 1991). O fato é que, apesar do inegável desenvolvimento da teoria, existe, nesta, aspectos em aberto que vão desde a definição de “representações sociais”<sup>25</sup> até a questão da abordagem metodológica e

---

<sup>24</sup> Para Herzlich, a proposta de Moscovici apresentada, em 1961, na obra *La psychanalyse, son image et son public*, surge em contraposição à abordagem behaviorista que dominava a psicologia social no momento. Segundo a autora, “é relativamente a esses modelos bastante redutores que Moscovici desejava introduzir uma dimensão simultaneamente cognitiva, simbólica e cultural organizando as condutas dos indivíduos e dos grupos; estas não seriam, pois, concebidas como simples respostas a estímulos cuja significação não importa” (2001: 193). Cf. original: “C’est par rapport à ces modèles très réducteurs, que Moscovici souhaitait introduire une dimension simultanément cognitive, symbolique et culturelle organisant les conduites des individus et des groupes; celles-ci n’étant donc pas conçues comme de simples réponses à des stimuli dont la signification n’import pas”.

<sup>25</sup> Moscovici, ainda atualmente, evita elaborar uma definição formal do que venham a ser as “representações sociais”. Contudo, após mais de quatro décadas da publicação de *La psychanalyse, son image et son public* (Moscovici, 1978), vários são os pesquisadores que se preocuparam com essa questão. Um deles é Jodelet, para quem a representação “[...] é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (2001: 22); Wagner define representações sociais como “[...] um conteúdo mental estruturado – isto é, cognitivo, avaliativo, afetivo e simbólico – sobre um fenômeno social relevante, que toma a forma de imagens ou metáforas, e que é conscientemente compartilhado com outros membros do grupo social” (1998: 3); já Abric a considera como “[...] produto e processo de uma atividade mental pela qual um indivíduo ou um grupo reconstitui o real ao qual ele é confrontado e lhe atribui uma significação específica” (1994a: 188) (Cf. original: “[...] le produit et le processus d’une activité mentale par laquelle un individu ou un groupe reconstitue le réel auquel il est confronté et lui attribue une signification spécifique”); Para Roussiau e Bonardi a representação social é “[...] uma organização de opiniões socialmente construídas relativas a um dado objeto resultante de um conjunto de comunicações sociais... que permitem dominar o ambiente... e de apropriá-lo em função dos elementos simbólicos próprios a seu ou seus grupos de pertença” (2001: 18-19) (Cf. original: “[...] une organisation d’opinions socialement construites relativement à un objet donné résultant d’un ensemble de communications sociales ... qui permettent de maîtriser l’environnement... et de se l’approprier en fonction d’éléments symboliques propres à son ou ses groupes d’appartenances”); Uribe Patiño e Acosta Ávila intentam definir as representações sociais pela sua negação, ou seja, exemplificando aquilo que elas não são. Assim, segundo os autores, “[...] elas não são o mito – enquanto o mito constitui para o homem chamado ‘primitivo’ uma ciência total, uma ‘filosofia única’ em que se reflete sua própria prática, sua percepção da natureza das relações sociais, para o homem moderno a representação social não é mais do que uma das vias de apreender o mundo concreto. Também não são uma visão de mundo nem uma ideologia porque as representações sociais não têm essas dimensões universalizantes, totalizantes, unificadoras, que caracterizam, em geral, estes fenômenos” (2004: 124) (Cf. original: “[...] éstas no son el mito – mientras que el mito constituye para el hombre llamado ‘primitivo’ una ciencia total, una ‘filosofía única’ en donde se reflexiona su propia práctica, su percepción de la naturaleza de las relaciones sociales, para el

de sua estruturação, passando pela necessidade de delimitar, mais incisivamente, seu objeto de estudo, na medida em que, de acordo com Guimelli, em citação escrita em 1994,

nós não dispomos ainda hoje, por exemplo, de uma definição operacional do que se pode compreender por objeto de representação social. Quais são os limites das representações sociais? Como delimitar seus contornos? [...] a partir de qual momento pode-se afirmar que um objeto é objeto de representação social?<sup>26</sup> (1994: 21-22).

Passados catorze anos, vários foram os estudos que abordaram estas questões<sup>27</sup> na tentativa de iluminar esta “zone d’ombre”, conforme expressão de Guimelli (1994). Não obstante tais esforços, existem aspectos que ainda precisam ser mais bem delimitados no campo da teoria e, um deles, especificamente ligado ao tema da presente pesquisa, refere-se à historicidade das representações sociais, cuja consideração permite compreender seus processos de generatividade.

A articulação entre história e representações sociais vincula-se, diretamente, a um dos principais objetivos destas últimas, que é transformar o estranho em familiar (Moscovici, 2003), de modo a indicar não apenas a relação que os grupos e indivíduos estabelecem com os demais e com o seu ambiente, mas, também, orientar a ação deles por meio de um código que permita nomear e classificar, de forma precisa, os diferentes aspectos da vida cotidiana.<sup>28</sup>

---

hombre moderno la representación social no es más que una de las vías de asir el mundo concreto. Tampoco son una visión del mundo ni una ideología porque las representaciones sociales no tienen esas dimensiones universalizantes, totalizantes, unificadoras, que caracterizan en lo general a estos dos fenómenos”). De acordo com Sá (1993), os diferentes entendimentos acerca das representações sociais devem ser considerados como complementares às proposições iniciais de Moscovici, uma vez que “não se trata, por certo, de abordagens incompatíveis entre si, na medida em que provêm todas de uma mesma matriz básica e de modo algum a desautorizam” (Sá, 1998: 65). Para uma discussão mais detalhada sobre a intersecção das diferentes definições de representações sociais, ver Doise (1986).

<sup>26</sup> Cf. original: “Nous ne disposons toujours pas, par exemple, d’une définition opérationnelle de ce qu’on peut entendre par ‘objet de représentation sociale’. Où sont les limites des représentations sociales? Comment en délimiter ses contours? [...] a partir de quel moment peut-on dire qu’un objet est objet de représentation sociale?”.

<sup>27</sup> A respeito, ver Moliner (2001a), Roussiau e Bonardi (2001), Moliner, Rateau e Cohen-Scali (2002) e Moscovici (2003).

<sup>28</sup> Segundo Uribe Patiño e Acosta Ávila, a função das representações sociais é, essencialmente, a de orientar as práticas e o discurso, uma vez que o exterior apresenta uma dimensão não-familiar. Nesse sentido, o estranho é aquilo que não se conhece (ou que se conhece pouco) e pode ser tanto relacionado a fenômenos biológicos, naturais ou físicos quanto a objetos da ciência e da tecnologia, bem como a instituições, aparatos ideológicos e meios sociais ou profissionais. Assim, “reinserido nas relações sociais, o objeto estranho é redefinido e reconstruído, integrado no discurso, tornando-se mais familiar e, de

Dado o caráter polissêmico do conceito de história, antes de prosseguir, faz-se necessário delimitar o que se entende por ele. Assim, de uma maneira geral, pode-se afirmar que

existem dois níveis ou instâncias bem definidos: História, ou realidade histórica, e a história, ou conhecimento histórico. História é a matéria ou referente do discurso que o historiador produz como história, ou conhecimento histórico. Daí a conhecida frase de Vilar (1980- p.17-47): “A história fala da História”, isto é, a história-disciplina fala da História-matéria (Falcon, 2000: 58).

Tendo em vista essa distinção, o conceito de história será utilizado como forma de conhecimento indireto do passado indicando “[...] tanto a narração dos acontecimentos como os próprios acontecimentos” (Lalande, 1993: 471) estando propenso, portanto, aos limites impostos por esse mesmo conhecimento, tais como insuficiências características das próprias fontes, subjetividade do pesquisador, bem como problemas relacionados à própria “[...] ‘operação historiográfica’ que determinam a relação e produção dos ‘fatos’ e sua interpretação” (Falcon, 2000: 59).<sup>29</sup> Isso pressuposto, tem-se que, a historicidade das representações sociais, entendida como qualidade ou condição daquilo que é histórico, advém do fato de nelas se articularem, em um processo dinâmico, tanto os conhecimentos inferidos de uma experiência direta sobre determinada situação como aqueles pré-existentes, originados em épocas cronológicas distintas. Nesse sentido, seu estudo torna-se um campo privilegiado para análise de categorias temporais, tais como permanência e mudança, associadas ao pensamento social visto que, de acordo com Silva, permite “[...] entender e apreender a maneira como o tempo elabora processos de subjetivações, ou seja, de cristalização do passado no presente” (2000: 94).

Ainda que diversos trabalhos destaquem a importância da consideração da historicidade das representações sociais, tanto para tratar da questão da gênese

---

algum modo, é recuperado, retraduzido, retocado, em um duplo movimento de figuração e de significação” (2004: 127). Cf. original: “Reinserto en las relaciones sociales, el objeto extraño es redefinido y reconstruido, integrado en el discurso, se vuelve más familiar, y de alguna manera es recuperado, retraducido, retocado, en un doble movimiento de figuración y de significación”.

<sup>29</sup> Importa observar ainda a distinção feita entre memória e história, visto que, pelo fato de ambos os conceitos se referirem ao passado, há uma tendência de estabelecer continuidade entre ambos. Assim, “enquanto a primeira [memória] vincula-se com o experimentado pessoalmente (como acontecimentos vividos ou relatos recebidos), a segunda [história] vai muito além do caráter individual ou plural da pessoa que recorda [...]”, dado que “[...] a história não se preocupa apenas com o uso atual das lembranças herdadas, mas tem entre seus imperativos ser verídica (apoiar-se sobre evidência empírica do passado) e buscar ativamente as lembranças esquecidas, o dar conta de todo o sucedido, descrevê-lo e explicá-lo” (Carretero, Rosa e Gonzáles, 2007: 28-29, respectivamente). Sobre a relação entre história e memória, ver Le Goff (1988).

quanto de seu estado atual (Moscovici, 1978; Rouquette e Guimelli, 1994; Bertrand, 2003/2 e 2002, e Viaud, 2003/2), esta continua pouco investigada.

Entre os estudos existentes que levam esse aspecto em consideração, pode-se citar o de Jodelet (2005b), realizado na década de 70 com uma comunidade rural francesa em que os doentes mentais viviam livremente. Em suas análises, a autora coloca em cena a historicidade da loucura como objeto representacional, na medida em que constata a existência de uma série de comportamentos da comunidade investigada atrelada a uma determinada concepção acerca do modo de transmissão da doença, indicativa de que os indivíduos pensavam aspectos de seu cotidiano tendo por referência teorizações historicamente situadas.<sup>30</sup> Em trabalhos mais recentes, pode-se fazer alusão ao de Herzlich (2001) acerca da representação social da saúde, cujas considerações são próximas às desenvolvidas por Jodelet (2005b) e ao de Bertrand (2003/2), sobre as representações sociais da vagabundagem e da mendigagem, em que a autora discute sua historicidade por meio da análise do discurso jurídico comparando documentos produzidos nos séculos XIX e XX.

Apesar da teoria das representações sociais, na produção do conhecimento histórico, ser pouco referenciada, o mesmo não ocorre com o termo “representação” que, a despeito da polissemia de entendimento acerca de sua definição, tem-se caracterizado como central na atual produção das distintas correntes historiográficas (cf. Cardoso e Malerba, 2000),<sup>31</sup> como atesta o estudo de Cardoso e

---

<sup>30</sup> Consoante Jodelet, “[...] Nossa população se gaba de ser moderna, vive a algumas horas de capitais regionais e de Paris, alimenta-se de televisão. Recebe do hospital todas as garantias possíveis. Por que ainda vive com essas crenças, aliás tão pesadas de suportar, com sua carga de angústia?” (2005b: 376-377).

<sup>31</sup> Falcon (2000) chega mesmo a considerar que as relações entre história e representação devam ser analisadas por meio das noções de diferença e de identidade. Segundo esse autor, “Assim como a diferença, a *representação* é um conceito-chave do discurso histórico; como a *identidade*, é o conceito que define a natureza mesma desse discurso. Em outras palavras, no primeiro caso, *representação* indica uma característica do discurso histórico – sua dimensão ou função cognitiva – constituindo, assim, um conceito teórico-metodológico, isto é epistemológico. No segundo caso, *representação* aponta para o caráter textual e para a dimensão lingüística do discurso histórico, constituindo-se, então, num conceito ou numa questão narrativista e/ou hermenêutica” (2000: 41 – grifos do autor). Feitas estas considerações, Falcon situará o debate “história e representação” no cruzamento de dois percursos historiográficos distintos que ele denomina de moderno e pós-moderno. De acordo com o próprio autor, são as duas faces de Janos: “[...] uma olha na direção da *representação* como categoria inerente ao *conhecimento histórico*; a outra olha para o lado oposto, e vê a *representação* como negação da possibilidade mesma desse ‘conhecimento’” (2000: 42 – grifos do autor), em que o primeiro aspecto prefigura a historiografia moderna representada por autores como Pierre Vilar e Roger Chartier e, o segundo, a pós-moderna, representada, por exemplo, por K. Jenkins que, ao tomar a representação como oposição à objetividade, introduziria a negação do real histórico tornando a narrativa histórica indiferenciada de outras narrativas, tais como a ficcional, diluindo sua capacidade analítica.

Gomes ao identificar que ele aparece como “[...] sinônimo de ‘interpretação’, de ‘concepção’ ou de ‘entendimento’ que vários espaços/tempos históricos produziram [...]” (2000: 500).<sup>32</sup>

Entre os trabalhos que articulam história e representação, e que apresentam uma preocupação com os aspectos psicossociais, podem-se citar o clássico de Marc Bloch (1993), *Os reis taumaturgos*, lançado em 1924, que analisa a crença difundida na Europa de que os reis tinham o poder de curar, com seu toque, doenças de pele e, *O grande medo de 1789*, de Georges Lefebvre (1979), que realiza um mapeamento dos comportamentos psicológicos coletivos em relação à Revolução Francesa. Em relação aos trabalhos brasileiros, têm-se os estudos de Carvalho (1990) que, ao investigar a formação da república brasileira, aponta o fracasso da tentativa desse novo sistema de se associar a uma imagem feminina, no caso, a *Marianne* francesa. Motivo de chacota, os tablóides populares acabaram por ancorar a nova república na única imagem de mulher pública da época: a prostituta. Ou seja, como não havia representações sociais de mulheres com participações cívicas, a figura da *Marianne* não encontrou um terreno propício para ser ancorada e acabou fracassando como símbolo pátrio.

Evidentemente que, com tais exemplos, não se pretende desconsiderar aqui as diferenças de abordagem entre as áreas de história e psicologia que têm questões distintas, ainda que complementares, a responder. Segundo Moscovici, a perspectiva dos historiadores difere da dos psicólogos sociais na medida em que eles

[...] destacam a produção das ideologias e se perguntam de onde provêm as idéias que temos sobre a sociedade e a política. Essas idéias são socialmente determinadas? Qual a validade que elas podem pretender? Contudo, não são estas as questões que me apaixonam e as quais, como psicólogo social, procurarei responder. Outras são as questões da minha disciplina: Como as idéias são transmitidas de geração para geração e comunicadas de um indivíduo a outro? Por que elas mudam o modo de

---

<sup>32</sup> Para Cardoso e Gomes (2000), um dos motivos da ausência de uma definição clara do que venha a ser representação na área de história decorre do fato de que sua utilização é relativamente recente, remetendo-se, inicialmente, à chamada história das mentalidades, apesar de ser mais bem instrumentalizada por Roger Chartier na abordagem da história cultural. Ainda segundo esses autores, as categorias teóricas da história das idéias remetem a consciente/inconsciente, tempo/duração, o que deu origem à introdução de conceitos como “representações coletivas”, “visões de mundo”, “espírito de época” etc. Para uma diferenciação dos conceitos de representação, ideologia e imaginário, ver Falcon (2000). Sobre as diferentes concepções do termo representação, bem como os problemas teórico-metodológicos gerados por seu uso indiscriminado na produção do conhecimento histórico, ver Cardoso e Malerba (2000). Acerca das relações entre história e representações sociais, ver Cardoso (2000).

pensar e de agir das pessoas até tornar-se parte integrante de suas vidas?  
(1991: 77).<sup>33</sup>

Ainda que essas diferenças sejam sopesadas, é possível concluir que trabalhos realizados tanto na área de história com ênfase nas representações, quanto na de representações sociais com ênfase em história dão conta da existência de zonas de fronteiras explicitadas em linhas gerais a seguir, que envolvem esses dois campos de saber, zonas estas já delineadas desde o trabalho inicial de Moscovici, uma vez que, de acordo com esse autor, a noção de “representação coletiva”, da qual ele derivou a de representações sociais, “[...] teria mesmo caído em desuso se não fosse uma escola de historiadores que lhe conservou os traços, ao longo de pesquisas sobre as mentalidades” (2001: 45). Evidentemente que, apesar da origem em comum, esses termos não são inteiramente sinônimos<sup>34</sup> nem tiveram a mesma trajetória: enquanto a história das mentalidades<sup>35</sup> teve, sobretudo no meio francês, um ápice na década de 60, atualmente, essa noção tem se desgastado no meio acadêmico apesar de, segundo Vainfas, haver recentemente um “[...] extraordinário vigor dos estudos sobre o mental, ainda que sob novos rótulos e com outras roupagens” (1997a: 128).<sup>36</sup> Já a teoria das representações sociais sofreu o processo inverso: pouco usada no início, observa-se, atualmente, uma grande utilização dessa abordagem em diversas áreas do conhecimento (cf. Jodelet, 2003).

---

<sup>33</sup> Cf. original: “[...] mettent l’accent sur la production des idéologies et se demandent d’où viennent nos idées sur la société et la politique. Ces idées sont-elles socialement déterminées? Dans ce cas, à quel genre de validité peuvent-elles prétendre? Cependant ce ne sont pas ces questions qui me passionnent et auxquelles, en qualité de psychologue social, je chercherais à répondre. D’autres sont davantage dans le cadre de ma discipline: comment les idées sont-elles transmises de génération en génération et communiquées d’un individu à l’autre? Pourquoi changent-elles le mode de penser et d’agir des gens, jusqu’à devenir partie integrante de leur vie?”

<sup>34</sup> Cardoso e Gomes observam que o termo mais próximo de representação social é o conceito de “utensilagem mental” (*ouillage mental*) desenvolvido por Lucien Febvre na década de 20 e ainda pouco estudado em história e que faz referência ao “[...] conjunto de categorias de percepção, concepção, expressão e ação que estruturam a experiência tanto individual como coletiva” (2000: 502).

<sup>35</sup> De acordo com Castorina, “a palavra *mentalidade* provém da filosofia inglesa e refere-se à forma de pensar de um povo [...] ou seja, designa os sistemas de valores e crenças próprias de uma época ou de um grupo, o que compartilham Colombo e os marinheiros de suas caravelas ou César e seus soldados” (2007: 77). Segundo Vovelle (1991), o conceito de mentalidade não abarca apenas o “espírito de uma época”, na medida em que pode incluir conflitos e tensões entre diferentes classes sociais. Nesse sentido, esse autor considera que a história das mentalidades pode ser compreendida como uma história das massas anônimas cujo enfoque recai sobre os “intermediários” e não mais sobre a elite. Cardoso e Gomes (2000) pontuam que as diversas vertentes da história das mentalidades utilizaram a noção de representação como constituinte das relações sociais, orientando não apenas os comportamentos coletivos, mas também as transformações do mundo social haja vista os estudos desenvolvidos por Georges Duby acerca do imaginário do feudalismo em que a representação aparece como “membrura”, “estrutura latente”, “imagem simples” que assegura a passagem dos diferentes esquemas simbólicos. Para mais informações sobre o conceito de mentalidades, ver Burke (1980 e 1991) e Ariès (1993).

Para Jodelet (2003), a reciprocidade entre a teoria das representações sociais e a “história das mentalidades” pode ser observada no que tange à definição dos objetos, ao caráter coletivo dos fenômenos estudados e à tomada de consciência da dimensão afetiva, sendo possível ainda acrescentar a preocupação com os tempos históricos (longa, média e curta duração).<sup>37</sup>

Também Emilani e Palmonari (2001) apontam que a abordagem da história do cotidiano,<sup>38</sup> filiada à das mentalidades (cf. Vainfas, 1997a), aproxima-se do conceito de representações sociais não apenas pelo fato de terem seu objeto de estudo focado no âmbito das idéias, mas por se preocuparem com uma espécie de edificação espontânea dos conhecimentos. Assim, Moscovici (1978) apresenta a idéia da existência de duas formas de racionalidade<sup>39</sup> ou duas formas de pensar: o pensamento lógico-científico e o pensamento social que permite que o mundo social se torne um lugar familiar e previsível. Nesse sentido, Moscovici trouxe para a Psicologia Social a preocupação com a vida cotidiana como “[...] lugar particular e específico de nossa experiência e do conhecimento, lugar por vezes público, por vezes privado, baseado em sentidos comuns e procedimentos partilhados de interpretação e de negociação” (Emilani e Palmonari, 2001: 143).<sup>40</sup>

---

<sup>36</sup> Para mais informações sobre o processo que levou algumas produções historiográficas a substituir a noção de mentalidades pela de representação, ver Silva (2000).

<sup>37</sup> Seguindo essa mesma linha de interpretação, Castorina aponta as seguintes convergências entre as representações sociais e as mentalidades: “Ambas desempenharam papel crítico notavelmente similar na história recente de cada disciplina; as notas que caracterizam as respectivas definições dessas categorias são igualmente nebulosas; por isso, suas relações com a ideologia são discutíveis, mas ilustrativas de seus traços mais relevantes; ambas são o resultado de processos do imaginário das produções intelectuais; além disso cada uma influi decisivamente sobre a vida prática dos indivíduos; finalmente, a compreensão de cada uma envolve a articulação entre sociedade e indivíduo” (2007: 76).

<sup>38</sup> Segundo Lefebvre, definir o que venha a ser “cotidiano” não é uma tarefa fácil, uma vez que este se apresenta sem contornos muito definidos justamente porque ele resiste a qualquer tentativa de descoberta. Assim, “quaisquer que sejam seus aspectos, o cotidiano tem uma característica essencial: ele não se deixa aprisionar. Ele escapa” (Lefebvre apud Emilani e Palmonari, 2001: 141). Cf. original: “Quels que soient ses aspects, le quotidien a une caractèrè essentiel: il ne se laisse pas prendre. Il fuit”. Para mais informações sobre a história do cotidiano, ver Del Priore (1997).

<sup>39</sup> O fato de Moscovici propor a existência de diferentes racionalidades não constitui, de acordo com Emilani e Palmonari, nenhuma novidade, uma vez que diversos autores como Freud (processo primário e secundário), Piaget (pensamento pré-lógico e pensamento lógico), Bruner (pensamento narrativo e pensamento lógico-científico), entre outros, já haviam apontado tal variedade. Contudo, segundo os autores, a novidade trazida por Moscovici decorre do fato de ele associar esse pensamento social à idéia de consenso ao definir as representações sociais como teorias do senso comum, ou seja como “[...] parte do conhecimento prático que se ocupa principalmente da vida cotidiana” (2001: 141). Cf. original: “[...] partie de la connaissance pratique qui s’occupe principalement de la vie quotidienne”.

<sup>40</sup> Cf. original: “[...] lieu particulier et spécifique de notre expérience et de la connaissance, lieu à la fois public et prive, base sur des sens publics et des procédures partagées d’interprétation et de négociation”.

Mais do que conceitos que guardam certa similaridade, pode-se afirmar que a própria questão da generatividade e funcionamento das representações sociais é, de certo modo, tributária dos processos ligados às mentalidades, pois

[...] em sua qualidade de saber socialmente construído e compartilhado, oferecendo-se como uma versão da realidade sobre e com a qual atuar, a representação é um pensamento prático e socio-cêntrico (Piaget, 1976), posta ao serviço da satisfação e justificação de necessidades, interesses e valores do grupo que a produzem. O que, por um lado, a aproxima da ideologia e, por outro, compromete o conjunto dos códigos, modelos e prescrições que, orientando a ação, participam da cultura e das mentalidades (Jodelet, 2003: 102-103).<sup>41</sup>

Um outro aspecto que também pode ser apontado como continuidade tanto no plano da história quanto no da teoria das representações sociais refere-se a uma crítica ao uso analítico da noção de “representação”, que teria ainda um aspecto mais descritivo do que explicativo em ambas as áreas:<sup>42</sup>

[...] Muitas vezes desprovida dos instrumentos teóricos necessários à elaboração de um quadro formal e/ou conceitual de análise, a maior parte dos historiadores que trabalham nessa perspectiva faz uso limitado e quase sempre factual dessas duas noções [representação e cultura política]. Empregado de maneira isolada, sem referência ao sistema de relações teóricas das quais ele depende, o conceito de *representação* parece, em determinados casos, servir unicamente de figura retórica e de justificativa a um certo modismo intelectual (Silva, 2000: 96 – grifos do autor).

Em termos de descontinuidade,<sup>43</sup> a relação entre representações sociais e mentalidades se desenvolve mais em torno das pequenas diferenças do que de grandes divergências. Como exemplo de uma delas pode-se citar o uso indiscriminado do termo “inconsciente” que, por vezes, reduz o papel do social na ação dos indivíduos (cf. Jodelet, 2003).

---

<sup>41</sup> Cf. original: “[...] en su calidad de saber socialmente construido y compartido, ofreciéndose como una ‘versión’ de la realidad sobre y con la cual actuar, la representación es un pensamiento práctico y socio-céntrico (Piaget, 1976), puesto al servicio de la satisfacción y de la justificación de las necesidades, intereses y valores del grupo que lo produce. Lo que, por una parte lo aparenta con la ideología y por otra parte compromete el conjunto de los códigos, modelos y prescripciones que, orientando la acción, participan de la cultura y de las mentalidades”.

<sup>42</sup> Sobre a crítica do uso descritivo da noção de representação em um plano analítico, ver, em relação à história, Silva (2000), Malerba (2000) e Capelato e Dutra (2000) e, no tocante à teoria das representações sociais, ver Menin e Shimizu (2004 e 2005) e Arruda (2005).

<sup>43</sup> Para outras informações sobre as continuidades e descontinuidades envolvendo as noções de mentalidades e de representações sociais, ver Castorina (2007).

Outra diferença refere-se à questão da inércia ou do apego a mudanças praticamente imperceptíveis, o que provocou diversas críticas à história das mentalidades relacionadas, sobretudo, à idéia da temporalidade herdada da linha braudeliana (cf. Braudel, 1988). Contudo, essa diferença em relação à teoria das representações sociais tem se diluído, sobretudo após a abordagem realizada por Vovelle (1991) que insiste na efetividade analítica dos conceitos de “longa duração” e de “olhar antropológico”, bem como da necessidade de relacionar as mentalidades com totalidades históricas explicativas, pois, segundo esse autor, a idéia de inércia e imutabilidade são noções incompatíveis com o próprio ofício do historiador, traduzido, em linhas gerais, como o de explicar as transformações sociais no tempo.

De acordo com Jodelet (2003), a ótica da psicologia social difere da ótica da história em sua escala temporal, na medida em que “as mentalidades comprometem o passado e o tempo longo, as representações o término curto e um tempo acelerado, incluindo precipitações conjunturais em razão dos meios de comunicação contemporâneos” (Jodelet, 2003: 108).<sup>44</sup>

Apesar das representações serem comumente associadas ao tempo curto, é possível que, em algumas situações, elas apresentem uma duração temporal maior como indicam, por exemplo, os estudos de Banchs (1999) sobre gênero. Acredita-se que essa situação também seja particularmente observável naquilo que Moscovici (2003 e 1988) denomina de representações hegemônicas<sup>45</sup> caracterizadas por transpassarem os grupos e por apresentarem estabilidade estrutural e temporal, ainda que passíveis de mudança, uma vez que se ancoram nas crenças e valores culturalmente difundidos, como é o caso, por exemplo, das representações sociais de país. Isso, de certa forma, justificaria a existência de uma “regularidade de estilo”<sup>46</sup> (Moscovici, 2003), uma espécie de continuidade nas categorias de pensamento

---

<sup>44</sup> Cf. original: “Las mentalidades comprometen el pasado y el tiempo largo, las representaciones el término corto y un tiempo acelerado, incluso precipitaciones coyunturales en razón de los medios de comunicación contemporâneos”.

<sup>45</sup> De acordo com a tipologia proposta por Moscovici (1988), há ainda as representações polêmicas que, mutuamente exclusivas, seriam determinadas pelas relações antagônicas entre os membros dos diferentes grupos e as representações emancipadas, criadas em um determinado grupo e partilhadas por outros.

<sup>46</sup> Para Moscovici (2003), a regularidade de estilo refere-se a um sentido que ultrapassa indivíduos e instituições permitindo, portanto, uma articulação com a idéia de longa duração (cf. Braudel, 1988). Contudo, isso não significa que elas obedeçam a uma espécie de inércia, mas sim de que não houve macromudanças em seus elementos.

relacionadas às “comunidades imaginadas”, para utilizar a expressão cunhada por Anderson (1991). Segundo Roussiau e Bonardi,

a inteligibilidade do processo de construção de uma representação reclama que se faça um apelo ao passado, à história, à memória, tanto para enfatizar o que do passado se insere nas novas representações (a marca do passado e, por consequência, as especificidades do presente) como para compreender como a memória e o conhecimento se articulam, como o pré-construído age sobre a aquisição de informações e saberes novos (2002: 41).<sup>47</sup>

Ou seja, ainda que a gênese de determinadas representações sociais possa estar no tempo histórico definido como de longa duração, elas são articuladas ao tempo da curta duração, haja vista sua dependência ao contexto ideológico do momento, ao grau de implicação do(s) grupo(s) que a elabora(m) e à ligação e estilo das comunicações partilhadas por ele(s),<sup>48</sup> dado que é no epicentro das representações sociais que se encontra, justamente, o sistema de valores compartilhados *a priori* por um determinado grupo, e “[...] é no interior desse mesmo sistema de valores que se ancoram o estrangeiro e a novidade [...]” (Gigling e Rateau, 1999: 64).<sup>49</sup> É por isso que se acredita que o estudo da historicidade das representações sociais seja um campo privilegiado de análise dos conceitos temporais de continuidade e mudança, conceitos estes fundamentais também para a compreensão do processo histórico.

## 1.2 Objetivação e ancoragem como processos “psico-históricos”

Para a consideração da historicidade das representações sociais importa observar a ação combinada de dois processos,<sup>50</sup> objetivação e ancoragem,

---

<sup>47</sup> Cf. original: “L’intelligibilité des processus de construction d’une représentation réclame que l’on fasse appel au passé, à l’histoire, à la mémoire tant pour repérer ce qui du passé s’insère dans les nouvelles représentations – la marque du passé et par conséquent aussi les spécificités du présent – que pour comprendre comment mémoire et connaissance s’articulent, comment le pré-construit ou le déjà-là agit sur l’acquisition d’informations et de savoirs nouveaux”.

<sup>48</sup> De acordo com Jodelet, “é necessário um olhar histórico para apontar os lugares de onde se operam as transformações de categorias e de estruturas do pensamento social, localizar estabilidades manifestas ou latentes [...]” (2003: 108). Cf. original: “Si necesitan una mirada histórica para apuntar los lugares donde se operan las transformaciones de categorías y estructuras del pensamiento social, localizar estabilidades manifiestas o latentes [...]”.

<sup>49</sup> Cf. original: “[...] c’est à l’intérieur de ce même système de valeurs que s’ancrent alors l’étrange et la nouveauté”.

<sup>50</sup> Consoante Moliner, “[...] as representações sociais vão se construir a partir de processos de categorização de objetos e de pessoas, de assinalação, de inferência e de atribuição causal etc. Trata-se de processos sociocognitivos [...] suas características residem no fato de operarem sobre materiais

que estão na base da origem e do funcionamento das representações sociais<sup>51</sup> e que concorrem para a determinação de seu conteúdo e de sua estrutura.<sup>52</sup> De acordo com Jesuíno, o processo de objetivação e ancoragem

[...] são antes sucessivos, ou melhor, justapostos ou ainda paralelos, não sendo possível bem discernir qual deles está em funcionamento, dado que jamais o começo de um segue a finalização do outro. Haveria como que uma espécie de *gestalt switch* na passagem de um ao outro. Por conseguinte, a teoria parece dar as costas à integração, ela permanece aberta, sem fechamento, o que talvez não seja uma fragilidade, mas, ao contrário, a tradução da natureza dos fenômenos sobre os quais ela é erigida (2001: 288 – grifos do autor).<sup>53</sup>

Moscovici (1978) concebe, inicialmente, a objetivação como um processo que se desenvolve em três etapas sucessivas.<sup>54</sup> 1.ª) seleção construtiva ou

---

socialmente investidos (aquilo que nos concerne e que concerne aos outros) e que são, eles próprios, socialmente determinados. O que significa que os processos sociocognitivos permitirão aos indivíduos tratar informações comuns à maior parte dos membros do grupo social, uma vez que decorrentes das mesmas experiências. Além do que, seu funcionamento, seu desdobramento serão determinados por fatores sociais comuns, também eles, aos membros de um mesmo grupo. [...] Naturalmente, os processos sociocognitivos redundam na construção de conhecimentos amplamente compartilhados. No que concerne à elaboração de representações sociais, este fator de convergência encontra-se reforçado pelos processos de ancoragem e de objetivação” (2001a: 17-18). Cf. original: “[...] les représentations sociales vont se construire à partir de processus de catégorisation d’objets et de personnes, d’assignation, d’inférence et d’attribution causale, etc. Il s’agit de processus socio-cognitifs [...] leurs caractéristiques résident dans le fait qu’ils opèrent sur de matériaux socialment investis (ce qui nous concerne et ce qui concerne autrui) et qu’ils sont eux-mêmes socialement déterminés. Ce qui signifie que les processus socio-cognitifs vont permettre aux individus de traiter des informations communes à la plupart des membres du groupe social, puisqu’issues des mêmes expériences. Par ailleurs, leur mise en œuvre, leur déroulement seront déterminés par des facteurs sociaux communs, eux aussi, aux membres d’un même groupe.[...] Par nature, les processus socio-cognitifs aboutissent donc à la construction de connaissances largement partagées. Dans le cas d’élaboration des représentations sociales, ce facteur de convergence se trouve renforcé par les processus d’ancrage et d’objectivation”.

<sup>51</sup> O surgimento de uma representação social está atrelado, em linhas gerais, à existência de pelo menos três fatores relacionados ao posicionamento de um grupo perante um objeto socialmente significativo para ele, quais sejam: dispersão da informação, focalização e pressão à inferência. O primeiro deles decorre do fato de os indivíduos estarem expostos, em seu entorno social, a uma grande quantidade de informações dispersas e difusas que necessitam ser integradas e processadas de forma seletiva. Contudo, por razões inerentes à própria complexidade do objeto da representação, há uma dificuldade de acessar as informações efetivamente úteis ao conhecimento desse objeto, o que favorece, segundo Moliner, “[...] a transmissão indireta dos saberes e portanto a aparição de numerosas distorções” (2001a: 34). Já a focalização diz respeito à posição do grupo social em relação ao objeto da representação em que há um de interesse por alguns aspectos desse objeto em detrimento de outros. Por último, a pressão à inferência ocorre quando os indivíduos aderem às opiniões dominantes do grupo.

<sup>52</sup> Para uma exemplificação de como a objetivação e a ancoragem atuam na dinâmica da representação social, ver Páez (1987a) e Itza, Pinilla e Páez (1987). Sobre os procedimentos de coleta de dados utilizados para a investigação desses dois processos, ver Roussiau e Bonardi (2001) e Doise, Clémence e Lorenzi-Cioldi (1992).

<sup>53</sup> Cf. original: “Ils sont plutôt successifs, ou mieux, juxtaposés ou peut-être parallèles, sans que l’on discerne bien lequel des deux est à l’oeuvre, si jamais le commencement de l’un suit l’achèvement de l’autre. Il y aurait comme une sorte de *gestalt switch* dans le passage de l’un à l’autre. En conséquence la théorie semble tourner le dos à l’intégration, elle reste ouverte, sans clôture, ce qui n’est peut-être pas une faiblesse, mais, au contraire, la traduction de la nature des phénomènes sur lesquels elle est bâtie”.

<sup>54</sup> Atualmente o processo de objetivação é estudado investigando-se os elementos que concentram a significação do objeto representado, bem como sua articulação com a prática cotidiana no interior dos grupos sociais (cf. Casado e Calonge, 2001).

descontextualização da informação; 2.<sup>a</sup>) criação do núcleo ou esquema figurativo; e 3.<sup>a</sup>) naturalização.<sup>55</sup>

Na primeira etapa, algumas informações privilegiadas são selecionadas e destacadas de seu contexto original de criação, sendo reorganizadas em um conjunto teórico e novamente integradas ao sistema de pensamento do grupo em questão (Di Giacomo, 1987). Segundo Páez,

[...] isto se dá junto a um processo de descontextualização do discurso, ou seja, este se abstrai de suas condições de produção, do aparato ideológico e do suposto emissor, das características do objeto-conteúdo da informação e das características do receptor “vítima” do discurso (1987a: 307).<sup>56</sup>

A segunda etapa consiste na composição de um esquema ou núcleo figurativo em que determinados elementos passam a apresentar um papel mais importante do que outros, por meio da construção de uma “[...] estrutura imaginária tributária de uma estrutura conceitual, a qual vai conformar o núcleo central da representação” (Casado e Calonge, 2001: 77),<sup>57</sup> ou seja, o conceito converte-se aqui em imagem vinculada a idéias ou a palavras. Ayestaran, De Rosa e Páez (1987) acrescentam ainda que, apesar de o conhecimento prévio ativado ser conceitual, ele também possui aspectos figurativos que se associam com uma dimensão afetiva de modo a construir uma determinada estruturação.

A terceira e última etapa é a da naturalização, em que os elementos do esquema figurativo são percebidos pelos indivíduos como uma expressão direta daquilo que está sendo representado, ou seja, a imagem se naturaliza e é tratada

---

<sup>55</sup> De acordo com Casado e Calonge, “é por meio do processo de objetivação que o abstrato se transforma em concreto, os conceitos ou idéias se transformam em algo ‘real’, a imagem se materializa, se acoplam palavras às coisas, o convencional passa a ser considerado indicador de fenômenos comprovados, o símbolo passa a ser signo, a palavra torna-se uma extensão do real, a idéia passa a ser não um produto intelectual, mas sim um reflexo do real, o invisível se faz visível, perceptível” (2001: 76). Cf. original: “Por meio del proceso de objetivación se tranforma en concreto lo que es abstracto, los conceptos o ideas se transforman en algo ‘real’, la imagen se materializa, se acoplan palabras a las cosas, lo convencional pasa a ser considerado indicador de fenómenos comprobados, el símbolo pasa a ser signo, la palabra es ostensible de lo real, la idea no se ve como un producto intelectual sino como reflejo de lo real, lo invisible se hace visible, perceptible”.

<sup>56</sup> Cf. original: “[...] Esto se da junto a un proceso de descontextualización del discurso, vale decir, este se abstrae de sus condiciones de producción, del aparato ideológico y del supuesto emisor, de las características del objeto-contenido de la información y de las características del receptor ‘vítima’ del discurso”.

<sup>57</sup> Cf. original: “[...] estructura imaginaria que deviene de una estructura conceptual, lo cual va a conformar el núcleo central de la representación”.

como real:<sup>58</sup> “[...] o esquema figurativo vai ‘ser’ o fenômeno apresentado. Os conceitos se transformam em categorias sociais de linguagem que expressam diretamente a realidade. Os conceitos se ontologizam e tomam vida automaticamente” (Páez, 1987a: 309).<sup>59</sup> É justamente isso que exprime Abric (1994b) ao afirmar que toda realidade é representada, não existindo realidade objetiva *a priori*. Nesse sentido, após essas três etapas, a objetivação “[...] fornece aos indivíduos o sentimento de que seu discurso sobre o mundo não é uma construção intelectual, uma visão teórica do real, mas o simples reflexo da realidade circundante” (Moliner, 2001a: 20).<sup>60</sup>

Contudo, a naturalização da novidade, em que o abstrato se transforma em concreto, somente se completa quando esta se inscreve não apenas nas relações intergrupais, mas também nos sistemas de pensamento preexistentes por meio da ancoragem,<sup>61</sup> processo pelo qual “[...] o sistema de conhecimentos da representação se ancora na realidade social, atribuindo-lhe uma funcionalidade e um papel regulador da interação grupal” (Páez, 1987a: 299).<sup>62</sup> É por isso que, quando se identificam os pontos em que uma representação está ancorada, reconhecem-se também os domínios de conhecimento que engendram suas significações mais gerais (Moliner, 2001a).

---

<sup>58</sup> Casado e Calonge observam que o produto final do processo de objetivação pode referir-se “[...] à personificação, ao uso de metáforas, a imagens físicas e analogias. Tudo isto, finalmente, vai se configurar no que Moscovici (1981) denomina de universo consensual, uma realidade, subjetiva e cambiante, construída por meio da comunicação e interação entre indivíduos, em contraste com o universo reificado, sólido e imutável próprio das ciências” (2001: 77). Cf. original: “[...] la personificación, al uso de metáforas, a imágenes físicas, analogias. Todo esto finalmente va a conformar lo que Moscovici (1981) llama el universo consensual, una realidad, subjetiva y cambiante, construida por comunicación e interacción entre individuos; en contraste con el universo reificado, sólido e inmutable, propio de las ciencias”.

<sup>59</sup> Cf. original: “[...] el esquema figurativo va a ‘ser’ el fenómeno presentado. Los conceptos se transforman en categorías sociales de lenguaje que expresan directamente la realidad. Los conceptos se ontologizan y toman vida automáticamente”.

<sup>60</sup> Cf. original: “[...] Le processus d’objectivation le permet car il donne aux individus le sentiment que leur discours sur le monde n’est pas une construction intellectuelle, une vue de l’esprit, mais le simple reflet de la réalité environnante”.

<sup>61</sup> Páez, citando Codol, afirma que o termo ancoragem “[...] se origina na Psicologia da percepção e tem que ver com o fato de que ao inserir e assinalar um sentido a uma representação se altera o sentido e a posição dos outros objetos e situações” (1987a: 310) (Cf. original: “[...] se origina en la Psicología de la percepción y tiene que ver con el hecho de que al insertar y asignar un sentido a una representación, se altera el sentido y la posición de los otros objetos y situaciones”). Já Palmonari e Doise apontam que “[...] o termo ancoragem possui uma origem gestaltista; nesse sentido, ele poderia ser equivalente a inserir um objeto novo em um quadro de referência bem conhecido para poder interpretá-lo” (1986: 22) (Cf. original: “[...] Le mot ancrage a une origine gestaltiste: en tel sens il pourrait être l’équivalent de ‘mettre un objet nouveau dans un cadre de référence bien connu pour pouvoir l’interpréter”).

<sup>62</sup> Cf. original: “[...] el sistema de conocimientos de la Representación se ancla en la realidad social, atribuyéndosele una funcionalidad y un rol regulador de la interacción grupal”.

Moliner (2001a) identifica duas formas complementares de ancoragem:<sup>63</sup> uma delas corresponde ao fato de as informações acerca de um dado objeto serem interpretadas segundo os sistemas sociocognitivos existentes, de forma que os conhecimentos produzidos em um domínio possam guiar o trabalho cognitivo elaborado em outro; a segunda refere-se à idéia de que os saberes produzidos e interpretados a partir desse sistema preexistente serão instrumentalizados pelos grupos sociais de modo a legitimar suas posições, ou seja, tais saberes serão, necessariamente, classificados e etiquetados por meio de categorias e significações consideradas positivas ou negativas (cf. Palmonari e Doise, 1986). Nesse sentido, é duplo o objetivo do processo de ancoragem, dado que ele permite a construção de sistemas de pensamento e de compreensão, ao mesmo tempo em que engendra visões consensuais e aceitáveis de ação (Moscovici, 2003).

É, portanto, por meio do processo de ancoragem que a representação se enraíza nas relações sociais a partir dos quadros de pensamento preexistentes acessados com o objetivo de familiarizar as experiências novas e estranhas (cf. Moscovici e Vignaux, 1994)<sup>64</sup> e que permitem

[...] integrar o objeto da representação no sistema de valores do sujeito. Mas é igualmente ele [quadro de pensamento preexistente] que traduz a inserção social e a apropriação pelos grupos sociais de uma representação emergente em um ambiente social com todos os conflitos sociais e culturais que daí se seguem (Roussiau e Bonardi, 2001: 20).<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup> Casado e Calonge (2001) apontam que Doise, ao contrário de Moliner, apresenta três diferentes “tipos” de ancoragem, quais sejam: a ancoragem psicológica (integração do conhecimento a crenças ou valores), a ancoragem psicossociológica (como os indivíduos se situam simbolicamente em função das relações sociais) e a ancoragem sociológica (vínculo entre a representação social e o sentimento de pertença a um determinado grupo).

<sup>64</sup> Um exemplo do uso desses quadros de pensamento preexistente configura-se na passagem em que Pero Magalhães Gandavo, em seu livro *História da província de Santa Cruz* (1576), descreve o tatu por meio de referências conhecidas: “O mais fora do comum dos outros animais [...] chama-lhe tatus e são quase como leitões: têm um casco como de cágado, o qual é repartido em muitas juntas como lâminas e proporcionadas de maneira que parece totalmente um cavalo armado. Têm um rabo comprido todo coberto do mesmo casco. O focinho é como de leitão, ainda que mais delgado e só botam fora do casco a cabeça. Têm as pernas baixas e criam-se em covas como coelhos. A carne destes animais é a melhor e mais estimada que há nesta terra e tem o sabor quase como de galinha [...]” (Gandavo apud Zamboni, 1998).

<sup>65</sup> Cf. original: “C’est lui qui permet d’intégrer l’objet de la représentation dans le système de valeurs du sujet. Mais c’est également lui qui traduit l’insertion sociale et l’appropriation par les groupes sociaux d’une représentation émergeant dans un environnement social avec tous les conflits sociaux et culturels qui s’en suivent”.

Ao final, portanto, desses processos, a representação vai se “saturando de realidade” (cf. expressão de Casado e Calonge, 2001) até que, num certo momento, o estranho é convertido em familiar e passa a ser percebido como uma realidade objetiva, sendo, então, incorporado à linguagem e à memória coletiva. A função social desses processos consiste, justamente, em facilitar a comunicação a partir da transformação de teorias e conceitos complexos em um instrumento para categorizar comportamentos a fim de servir de guia para a ação.<sup>66</sup>

Para concluir e retomando a idéia dos processos formadores das representações sociais, vale lembrar que, ao mesmo tempo em que a objetivação e a ancoragem operam, acessam-se, segundo Moliner (2001a), os processos de comunicação coletiva (as comunicações interpessoais, os debates públicos, a mídia, as comunicações culturais etc.) que contribuem para que os indivíduos partilhem do saber por eles elaborado. Assim, se a objetivação permite a naturalização de uma construção intelectual e a ancoragem possibilita a integração de um dado objeto no sistema de valores do indivíduo e do grupo, surge, “[...] ao mesmo tempo, um processo de comunicação coletiva, podendo revestir-se de diversas formas, que acompanham e modulam os processos de produção de saber” (Moliner, 2001a: 26).<sup>67</sup>

E é justamente nessa transformação do estranho em familiar que a ancoragem pode ser vista como um processo privilegiado para investigar a historicidade das representações sociais. Nesse sentido, acredita-se que uma passagem de Péquignot, citando Passeron, relacionada à sociologia como ciência histórica, pode ser estendida à teoria das representações sociais de modo que esta também seja considerada uma “disciplina histórica”<sup>68</sup> na medida em que os processos

---

<sup>66</sup> Consoante Casado e Calonge, “[...] esta transferência ou integração do velho e conhecido ao novo e desconhecido tem implicações no funcionamento do conhecimento consensual. Com efeito, este conhecimento tende a reconfirmar os supostos aceitados, a verificar, mais do que contradizer; compreendemo-nos, compreendemos a outros e aos eventos em um marco de referência preexistente, a memória tende a predominar sobre a lógica, o veredicto sobre a sanção, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo e a imagem sobre a ‘realidade’” (2001: 78). Cf. original: “[...] Esta transferencia o integración de lo viejo y conocido a lo nuevo y desconocido tiene implicaciones en el funcionamiento del conocimiento consensuado. En efecto, este conocimiento tiende a reconfirmar los supuestos aceptados, a verificar mas que a contradecir; nos comprendemos, comprendemos a otros y a los eventos en un marco de referencia preexistente; la memoria tiende a predominar sobre la lógica, el veredicto sobre la sanción, el pasado sobre el presente, la respuesta sobre el estímulo y la imagen sobre la ‘realidad’”.

<sup>67</sup> Cf. original: “[...] dans le même temps, un processus de communication collective, pouvant revêtir diverses formes accompagne, tout en les modulant, les processus de production de savoir”.

<sup>68</sup> Jodelet, criticando a idéia de que as relações entre história e psicologia baseiam-se na posição de que a história é que deve se beneficiar dos préstimos da psicologia, aponta que “esta posição esquece o fato

que lhes dão origem (objetivação e ancoragem) se inscrevem nos quadros de pensamento preexistentes “[...] tributários, a cada vez, de sistemas de crença ancorados em valores, tradições, imagens do mundo e do ser” (Mocovici e Vignaux, 1994: 26).<sup>69</sup>

[...] A sociologia, como todas as outras ciências sociais (mesmo as mais especializadas, que se omitem ainda mais facilmente do que ela em benefício de um saber autonomizado de todo contexto ou de modelos que muito facilmente acreditam ser transhistóricos) é uma *disciplina histórica*. Uma disciplina é histórica desde que os seus enunciados não possam, quando se trata de afirmar-lhes verdadeiros ou falsos, ser desindexados dos contextos dos quais decorrem os dados que possuem um sentido para as suas asserções (Passeron apud Péquignot, 1996: 8 – grifos do autor).<sup>70</sup>

Ainda que pareça ser difícil pensar em algo que não seja “histórico”, existiram pensadores como Antoine Augustin Cournot que, no século XIX, utilizavam o termo “história” com uma significação restrita na medida em que consideravam que “[...] todo conhecimento humano não é histórico pelo simples fato de se ter passado, de ter ocorrido no tempo. Fatos desconexos não constituem uma história, nem fatos inteiramente solitários: a história é uma mistura de encadeamentos e de fatos fortuitos” (Lalande, 1993: 471).

Essas “misturas de encadeamentos” encontram-se presentes nas pré-construções do passado, denominadas por Vergès (1991) de “matrizes culturais de interpretação”,<sup>71</sup> que ao servirem de base para o desenvolvimento de representações, são dependentes das condições sócio-históricas não podendo, portanto, ser

---

de que a psicologia deve integrar a historicidade em seus modelos para ser aplicável à história e, sobretudo, corre o risco de deixar de lado aportes da história que ultrapassam uma sensível relativização dos fenômenos que a psicologia estuda” (2003: 100) (Cf. original: “Esta posición olvida el hecho de que la psicología debe de integrar la historicidad en sus modelos para ser aplicable a la historia y sobretudo, corre el riesgo de pasar al lado de los aportes de la historia que rebasan una sencilla relativización de los fenómenos que la psicología estudia”). Como exemplo de trabalhos, na área de psicologia, que integram a historicidade em suas análises, ainda que não focalizados no referencial das representações sociais, podem-se citar os estudos de Mitsuko Aparecida Makino Antunes, Marini Massimi, Artur Arruda Leal Ferreira, Francisco Teixeira Portugal, Ana Maria Jacó-Vilela, entre outros.

<sup>69</sup> Cf. original: “[...] tributaires à chaque fois, de systèmes de croyance ancrés dans des valeurs, des traditions, des images du monde et de l'être”.

<sup>70</sup> Cf. original: “La sociologie est comme tous les autres sciences sociales (même les plus spécialisées, qui oublient encore plus facilement qu'elle au bénéfice d'un savoir autonomisé de toute contexte ou de modèles qu'elles croient trop facilement transhistoriques) une discipline historique. Une discipline est historique dès que ses énoncés ne peuvent, lorsqu'il s'agit de les dire vrais ou faux, être désindexés des contextes dans lesquels sont prélevées les données ayant un sens pour ses assertions”.

<sup>71</sup> Vergès (1991) aproxima ainda a expressão “matrizes culturais de interpretação” da noção de “mentalidades”, justificando que a sua opção pela primeira decorre justamente da tentativa de privilegiar a relação entre longa e curta duração que, segundo ele, não é levada em conta pela abordagem da história

associadas a princípios atemporais, imutáveis e anistóricos, uma vez que, “[...] se o mundo social se constrói a partir de pré-construções passadas, essas formas não são estáticas, elas são transformadas e reapropriadas em nossa atualidade” (Bertrand, 2003/2: 134).<sup>72</sup> Uma das conseqüências teóricas dessa afirmação é o fato da impossibilidade de desconsiderar o aspecto histórico de um dado objeto representacional,<sup>73</sup> visto que este se ancora em um universo já constituído que apresenta, portanto, uma historicidade.

Ou seja, como as representações são sempre de alguém e de alguma coisa, necessariamente seus processos de formação são, além de psicossociais, “psico-históricos” na medida em que estes se constituem sob uma base de conhecimento que possui, ela própria, uma historicidade.<sup>74</sup> Assim, enquanto Guareschi e Jovchelovitch afirmam que “a dimensão cognitiva, afetiva e social estão presentes na própria noção de representações sociais” (1995: 20),<sup>75</sup> é a dimensão histórica que fundamenta estas demais dimensões, de modo que a constituição mesma das

---

das mentalidades. Tais matrizes culturais de interpretação, de acordo com esse autor, teriam a função de atualizar, no presente, a profundidade histórica de nossa sociedade.

<sup>72</sup> Cf. original: “[...] Si le monde social se construit à partir de préconstructions passées, ces formes ne sont pas statiques, elles sont transformées et réappropriées dans notre actualité”.

<sup>73</sup> Consoante Roussiau e Renard (2003/2), Moscovici, em *La psychanalyse, son image et son public*, elabora as primeiras referências acerca da influência do passado no pensamento por meio do desenvolvimento do processo de ancoragem. Contudo, segundo esses autores, é a partir do estudo conduzido por Jodelet (2005b) nos anos 70 sobre as representações sociais da doença mental que a relação entre práticas e representações sociais, enfocadas a partir dos aspectos históricos, se explicita.

<sup>74</sup> Além da historicidade do próprio conhecimento que constitui as representações sociais, há ainda a influência da história do grupo que as compartilha na medida em que a forma, o conteúdo e o sentido das representações variam conforme os grupos sociais existentes. De acordo com Álvarez Bermúdez (2004) e Uribe Patiño e Acosta Ávila (2004), essas variações podem ser investigadas a partir de três dimensões basilares: primeira, denominada dimensão informativa, refere-se à quantidade, tipo, organização e comunicação das informações que o sujeito social possui acerca de um dado objeto; a segunda, denominada campo da representação, diz respeito à estrutura, organização e hierarquia das proposições relativas a esse objeto; e a terceira corresponde à dimensão atitudinal, ou seja, a atitude favorável ou desfavorável perante o objeto incluindo as implicações emocionais que ele desperta. São essas três dimensões articuladas que se transformam em instrumento de interpretação da realidade atrelado, segundo Casado e Calonge (2001), a uma necessidade de adaptação e de manutenção do equilíbrio sociocognitivo que configura, ao sujeito coletivo, uma identidade social e é justamente por causa dessa necessidade que as representações apresentam funções sociais ligadas tanto à relação sujeito–objeto quanto à interação social a partir da descrição, classificação e explicação da realidade.

<sup>75</sup> Guareschi e Jovchelovitch explicam da seguinte forma a existência dessas três dimensões presentes nas representações sociais: “O fenômeno das representações sociais, e a teoria que se ergue para explicá-lo, diz respeito à construção de saberes sociais e, nessa medida, ele envolve a cognição. O caráter simbólico e imaginativo desses saberes traz à tona a dimensão dos afetos, porque, quando sujeitos sociais empenham-se em entender e dar sentido ao mundo, eles também o fazem com emoção, com sentimento e com paixão. A construção da significação simbólica é, simultaneamente, um ato de conhecimento e um ato afetivo. Tanto a cognição como os afetos que estão presentes nas representações sociais encontram a sua base na realidade social” (1995: 20).

representações seja dependente das variáveis históricas. Rouquette e Guimelli, a esse respeito, são taxativos:

as representações sociais, com efeito, se constituem e se elaboram em função de determinantes históricos. Ou, para dizê-lo de outro modo, as representações sociais têm uma história. Apesar desta evidência, admitida por todo mundo, a historicidade das representações geralmente não é levada em conta nos trabalhos empíricos, em que se trata, na maior parte do tempo, de proceder a uma análise do seu estado atual, já constituído e do qual não se pesquisa a gênese. Por outro lado, uma vez que se interesse pela sua dinâmica própria e pela identificação dos mecanismos que a determinam, a consideração dos fatores históricos torna-se inevitável (1994: 260 – grifos apostos).<sup>76</sup>

Não há dúvida – e autores como Roussiau e Bonardi (2001) e Guimelli e Reynier (1999) também fazem referência a isso – de que poucos são os estudos que tratam da historicidade das representações sociais.<sup>77</sup> Contudo, acredita-se que a citação acima de Rouquette e Guimelli (1994) deva ser desmembrada em duas, haja vista que “não é uma coisa dita de outra forma”, como querem os autores; ao contrário, trata-se antes de dois aspectos diferentes e com implicações teóricas também distintas, uma vez que fazem referência aos dois elementos que formam uma representação: seu conteúdo e sua estrutura.<sup>78</sup>

Nesse sentido, a abordagem da historicidade das representações sociais contempla dois níveis de análise intrinsecamente relacionados, ainda que distintos.<sup>79</sup> Assim, uma coisa é a história *da* representação, ligada à idéia de

---

<sup>76</sup> Cf. original: “Les représentations sociales, en effect, se constituent et s’élaborent en fonction de déterminants historiques. Ou, pour le dire autrement, les représentations sociales ont une histoire. Malgré cette évidence, admise par tout le monde, l’historicité des représentations n’est généralement pas prise en considération dans les travaux empiriques, où il s’agit la plupart du temps de procéder à une analyse de leur état actuel, déjà constitué et dont on ne recherche pas la genèse. Par contre, dès que l’on s’intéresse à leur dynamique propre et à l’identification des mécanismes qui la déterminent, la prise en compte des facteurs historiques devient inévitable”.

<sup>77</sup> Importa observar que não se tem a intenção aqui de afirmar que todas as pesquisas em representações sociais devam considerar a historicidade como objeto de estudo. Evidentemente que esta é uma exigência que está intimamente ligada à pergunta do pesquisador. Assim, se a intenção é investigar, por exemplo, processos de generatividade e de construção de estabilidade de conteúdos representacionais, o estudo dessa dimensão não pode ser negligenciado.

<sup>78</sup> Segundo Abric, “conjunto organizado”, toda representação, possui dois componentes: um conteúdo e uma estrutura” (2003: 59). Cf. original: “Ensemble organisé”, toute représentation a donc deux composantes: un contenu et une structure”.

<sup>79</sup> Apesar de Abric (2003) afirmar que as representações sociais possuem um conteúdo e uma estrutura, isso não significa que estes elementos possam ser analisados separadamente, haja vista que um implica o outro. Assim, a divisão desses elementos em subitens separados ocorre, exclusivamente, para fins analíticos.

conteúdo,<sup>80</sup> dado que se pode pensar na história do próprio objeto que está sendo representado; outra, é a dimensão histórica *na* representação, voltada para a forma, ou seja, para os aspectos estruturantes e que pode ser observada, por exemplo, na estabilidade dos elementos que a compõem, estabilidade essa que se constitui como central nas proposições conceituais da teoria das representações sociais desenvolvidas tanto em uma vertente processual, como é o caso, por exemplo, do conceito de *thêmata*, como na abordagem estrutural, por meio da noção de núcleo central. São esses, portanto, os aspectos que passam a ser apresentados a seguir.

### 1.3 Dimensão histórica e a estrutura das representações sociais

Acredita-se que, pelos motivos expostos anteriormente, pode-se considerar o processo de ancoragem uma espécie de primeiro nível de historicidade das representações sociais. Um segundo nível, tributário justamente do fato destas se inscreverem em um referencial de pensamento preexistente, pode ser analisado por meio do conceito de *thêmata*<sup>81</sup> proposto por Moscovici a partir das considerações de Holton na área da filosofia da ciência (cf. Mazzotti, 2002)<sup>82</sup> e que tem a ver com o questionamento sobre a origem das idéias que geram as representações sociais. Assim,

[...] do ponto de vista epistemológico, o que está em questão aqui é a análise de todos aqueles modos de pensamento que a vida cotidiana sustenta e que são historicamente mantidos por mais ou menos longos períodos (*longues durées*); modos de pensamento aplicados a

---

<sup>80</sup> Utiliza-se aqui a definição de conteúdo elaborada por Roussiau e Bonardi em que este é visto como um “[...] conjunto de normas, valores, crenças ou ainda imagens, opiniões e atitudes [...] Em uma primeira abordagem, todos esses elementos se manifestam em referência ao passado” (2002: 34). Cf. original: “[...] ensemble de normes, valeurs, croyances, ou encore images, opinions et attitudes [...] En première approche, tous ces éléments se conçoivent forcément, et se déploient manifestement, en référence à du passé, du déjà-là”.

<sup>81</sup> Segundo Marková, “os *thêmata* são concepções, imagens e categorias primitivas partilhadas culturalmente. Eles se transmitem por meio da memória coletiva de geração em geração nos contextos sociais e históricos, freqüentemente em um longo período. Eles são taxionomias comuns como moralidade/imoralidade, liberdade/opressão ou simetria/assimetria. O que importa nesses exemplos de taxionomias é que elas são de natureza oposicional. Ou seja, é impossível qualificar qualquer coisa de moral sem implicar, ao mesmo tempo, a existência de fenômenos que não são morais, como é impossível fazer referência a uma coisa simétrica sem pressupor a existência de fenômenos que não o são etc.” (2000: 55). Cf. original: “Les *thêmata* sont des conceptions, des images et des catégories primitives partagées culturellement. Ils se transmettent à travers la mémoire collective de génération en génération dans des contextes sociaux et historiques, souvent sur une longue période. Ce sont des taxionomies communes comme, par exemple, moralité/imoralité, liberté/oppression ou symétrie/asymétrie. Ce qui importe dans ces exemples des taxionomies est qu’elles sont de nature oppositionnelle. En d’autres termes, il est impossible de qualifier quelque chose de moral sans impliquer, en même temps, l’existence de phénomènes, qui ne sont pas moraux, tout comme il est impossible de faire référence à une chose symétrique sans présupposer l’existence de phénomènes qui ne le sont pas, etc.”.

<sup>82</sup> De acordo com Mazzotti, Holton propõe que “[...] os *thêmata* são os organizadores das argumentações científicas, uma vez que operam por meio de pares antitéticos como, por exemplo, contínuo e discreto, evolução e degeneração, hierarquia e unidade [...]” (2002: 105).

“objetos” diretamente socializados, mas que, de maneira cognitiva e discursiva, as coletividades são continuamente orientadas a reconstruir nas relações de sentido aplicadas à realidade e a si mesmas (Moscovici, 2003: 218 – grifos do autor).

A proposição do conceito de *thêmata* introduz a questão do referencial temporal no estudo das representações sociais na medida em que estas são apresentadas com uma espécie de sentido geral, mas não teleológico, localizáveis histórica e socialmente. As referências ao historiador Fernand Braudel, sobretudo em relação ao conceito de longa duração,<sup>83</sup> permitem situar as representações em um passado que, mesmo distante, é constitutivo de sua dinâmica, tornando possível uma pesquisa do tipo genealógico, embora não se possa esquecer o fato de que “toda representação social é constituída como um processo em que se pode localizar uma origem, mas uma origem que é sempre inacabada, a tal ponto que outros fatos e discursos virão nutri-la ou corrompê-la” (Moscovici, 2003: 218).<sup>84</sup>

De acordo com Moscovici, os *thêmata* expressam uma “regularidade de estilo”, ou seja, se apresentam como uma espécie de permanência de certas temáticas no cotidiano da vida social por meio de uma “[...] repetição seletiva de conteúdos que foram criados pela sociedade e permanecem preservados pela sociedade. Eles se referem a possibilidades de ação e experiência em comum que podem se tornar conscientes e integradas em ações e experiências passadas” (2003: 224).

Marková (2000) apresenta esses “temas” como taxionomias comuns de natureza oposicional, tais como moralidade/imoralidade, liberdade/opressão,

---

<sup>83</sup> Apesar de a noção de temporalidade ser mais bem discutida adiante, é necessário enfatizar que se utiliza aqui a periodização desenvolvida por Braudel (1988) em seu estudo sobre o Mediterrâneo em que ele se preocupa em mostrar que o tempo avança em diferentes velocidades. Assim, o tempo longo refere-se às estruturas, a uma “[...] história quase sem tempo” (Vainfas, 1997a: 134), o tempo médio, à história das conjunturas econômicas, sociais e políticas e o tempo curto ligado à história dos acontecimentos. Contudo, há que ressaltar que a idéia de longa duração proposta por Braudel apresenta-se, em linhas gerais, “[...] como um domínio temporal basicamente ligado às relações entre o homem, a geografia e as condições da vida material” (Vainfas, 1997a: 134), sendo avessa à investigação acerca das mentalidades, cuja relação com a idéia de longa duração será estabelecida pelos historiadores da chamada “nova história”. Para mais informações sobre a problematização dos tempos históricos, ver Braudel (1969) e Vainfas (1997a).

<sup>84</sup> Ainda segundo Moscovici, “temas nunca se revelam com clareza; nem mesmo parte deles é definitivamente atingível, tanto porque eles estão completamente interligados com certa memória coletiva inscrita na linguagem como também porque são combinações, iguais às representações que eles sustentam, ao mesmo tempo cognitivas (invariantes ancorados em nosso aparato neurossensor e em

simetria/assimetria, que se tornam *thêmata* e começam a gerar representações sociais a partir do momento em que as oposições são explicitamente formuladas no pensamento social. De acordo com a autora:

[...] Certos *thêmata* aparecem como essenciais ao desenvolvimento e ao progresso humano, por exemplo, liberdade/opressão, justiça/injustiça, moralidade/imoralidade etc. Pode-se referir a tais taxionomias oposicionais como *thêmata* de base. Os *thêmata* de base são os mais profundamente ancorados nos indivíduos e no pensamento social. Os mais implícitos culturalmente, eles formam a ontologia do senso comum (Marková, 2000: 61-62 – grifos do autor).<sup>85</sup>

Os *thêmata* transmitiriam uma espécie de sentido geral que ultrapassa indivíduos e instituições e que pretende, de certa forma, dar conta da generatividade das representações sociais conferindo um peso ainda maior aos seus processos de formação, sobretudo o de ancoragem.

Ainda que a relação com a média e longa duração não esteja tão evidente, a preocupação com a “permanência” de determinadas temáticas na composição das representações sociais pode ser observada também nos trabalhos desenvolvidos por Abric (2003, 1996, 1994a e 1994b) e Flament (1994a e 1994b), no âmbito da vertente estrutural da teoria, em que a estabilidade dos elementos que formam uma representação é analisada. De acordo com seus estudos, pode-se afirmar, em linhas gerais, que as representações sociais são orientadas por um duplo sistema (central e periférico)<sup>86</sup> em que o sistema central, ligado às condições históricas, sociológicas e ideológicas, desempenharia um papel mais estável e duradouro nas representações sociais e o sistema periférico, por ser mais flexível,

---

nossos esquemas de ação), como culturais (universais consensuais de temas objetivados pelas temporalidades e histórias do longo espaço de tempo [longue durée]) (2003: 248-249).

<sup>85</sup> Cf. original: “Certains *thêmata* apparaissent comme essentiels au développement et au progrès de l’homme, par exemple, liberté/oppression, justice/injustice, moralité/imoralité, etc. On peut se référer à de telles taxionomies oppositionnelles comme à des *thêmata* de base. Les *thêmata* de base sont les plus profondément ancrées dans les individus e dans la pensée sociale. Les plus implicites culturellement forment l’ontologie du sens commun”.

<sup>86</sup> Para Abric, as representações sociais são orientadas por um duplo sistema (central e periférico) que permite “compreender uma das características básicas das representações, que pode parecer contraditória: elas são, simultaneamente, estáveis e móveis, rígidas e flexíveis. Estáveis e rígidas, posto que determinadas por um núcleo central profundamente ancorado no sistema de valores partilhado pelos membros do grupo; móveis e flexíveis, posto que alimentando-se (*sic*) das experiências individuais, elas integram os dados do vivido e da situação específica, integram a evolução das relações e das práticas sociais nas quais se inserem os indivíduos ou os grupos” (1998: 34). O sistema central é composto por um núcleo determinado “[...] de um lado pela natureza do objeto representado, de outro, pelo tipo de

possuiria a propriedade de modificar-se mais facilmente, assumindo uma função de “proteção” do sistema, na medida em que permite a adaptação a uma dada situação, sem que isso implique a modificação do núcleo central.<sup>87</sup> Desse modo, sua determinação está mais ligada ao contexto imediato e às características individuais (cf. Abric, 1998 e 1994b).

Seguindo essa linha de argumentação, o “núcleo central”, componente mais estável das representações sociais, é utilizado pelos indivíduos como referência para orientar suas apreensões e percepções sobre a vida social. Nesse sentido, para pôr termo a uma determinada representação, faz-se necessário promover uma ação direta em seu núcleo, uma vez que ele corresponde à parte mais permanente do sistema que não tende a se modificar, mesmo que a informação recebida o contradiga, haja vista que esta termina por ser interpretada de acordo com esse núcleo central (Villas Bôas, 2003 e 2004).

O núcleo central tem duas funções basilares: a “geradora”, necessária para que os elementos adquiram um sentido na representação, e a “unificadora”, que integra e estabiliza a representação. Apresenta também duas dimensões definidas: a “funcional” e a “normativa”, que variam de acordo com a posição que nele ocupam os elementos (Abric, 1998). Assim, a dimensão funcional envolve uma situação operatória em que os elementos basilares para a elaboração de uma determinada tarefa passam a constituí-lo. Já as situações que demandam reações socioafetivas, ideológicas etc. terão, como núcleo central, elementos ligados a estereótipos ou a atitudes (Sá, 1996).

A existência, portanto, de um sistema resistente à mudança na base das representações sociais aponta uma historicidade estrutural, na medida em que “[...] os traços históricos transportados pela nossa memória social se inscrevem no coração do núcleo central” (Bertrand, 2002: 498),<sup>88</sup> de modo a interagir com as condições históricas, sociológicas e normativas de uma dada sociedade servindo como “guia para ação” (Moscovici, 1978). Tais traços históricos, relacionados tanto com a história do objeto como com a história do grupo e transmitidos por meio da

---

relações que o grupo mantém com esse objeto e, enfim, pelo sistema de valores e normas sociais que constituem o meio ambiente ideológico do momento e do grupo” (Abric, 1998: 31).

<sup>87</sup> Sobre os aspectos periféricos presente nas representações sociais, ver Flament (1994b).

<sup>88</sup> Cf. original: “[...] les traces historiques transportées par notre mémoire sociale s’inscrivent au coeur du noyau central”.

memória, se entremeiam com o presente forjando os quadros estruturantes das representações sociais.<sup>89</sup>

#### 1.4 Dimensão histórica e o conteúdo das representações sociais

Diante do exposto, a afirmação de que toda representação social possui uma história é algo trivial e não gera controvérsias,<sup>90</sup> apesar de Rouquette e Guimelli apontarem que “[...] a historicidade das representações geralmente não é levada em consideração nos trabalhos empíricos, em que se trata, na maior parte do tempo, da realização de uma análise do estado atual da representação e, portanto, não se pesquisa sua origem” (1994: 260).<sup>91</sup>

Por outro lado, a análise da dinâmica representacional, bem como dos mecanismos que a determinam, faz com que o estudo dos fatores históricos seja, segundo esses mesmos autores, inevitável. Assim, o estudo da historicidade da representação possibilita não apenas a compreensão de sua estruturação, como desenvolvido no tópico anterior, mas também a identificação das diferentes fases e mecanismos acessados nesse processo (Moliner, 2001a), além de permitir investigar quais elementos do passado se integram às novas práticas sociais (Roussiau e Bonardi, 2002).

Nesse sentido, a relação entre a dimensão histórica e o conteúdo das representações é fundamental, uma vez que os elementos que o constituem referem-se, ainda que não exclusivamente, ao passado, ficando estocados na memória para serem acessados quando as representações sociais são mobilizadas.<sup>92</sup> É nesse

---

<sup>89</sup> Segundo Bertrand (2002), Robert e Faugeron, ao analisarem as representações sociais de justiça e delinqüência, intitulam esses traços históricos de “conservas culturais” (*conserves culturelles*).

<sup>90</sup> A afirmação do caráter histórico da representação apresenta, segundo Moliner (2001a), três conseqüências teóricas: a primeira é de que é possível que uma determinada representação perdure por um tempo no ambiente social, apesar de o objeto que lhe deu origem, ou seu valor social, já ter desaparecido; a segunda, é que as representações sociais, tomadas em uma perspectiva histórica, se apresentam como memórias coletivas; a terceira conseqüência é que, às vezes, as representações sociais podem prefigurar os contornos futuros de um objeto, ou seja, a representação pode tornar-se expressão de uma aspiração social desejosa de novas configurações acerca de um determinado objeto.

<sup>91</sup> Cf. original: “[...] l’historicité des représentations n’est généralement pas prise en considération dans les travaux empiriques, où il s’agit la plupart du temps de procéder à une analyse de leur état actuel, déjà constitué et dont on ne recherche pas la genèse”.

<sup>92</sup> Para mais informações acerca da relação entre memória social e representações sociais, ver Roussiau e Bonardi (2002) e Sá e Castro (2005).

sentido que Rouquette pensa a dimensão histórica das representações sociais relacionando-a ao seu conteúdo, ou seja, é a partir do jogo entre a manutenção de determinados elementos e a mudança de outros que ocorre a evolução de um estado anterior para um novo estado das representações sociais, e essa seleção de elementos pode ser motivada tanto pelas transformações sociais quanto pelas grupais (apud Roussiau e Bonardi, 2002).

É por isso que se pode afirmar que as fases das representações sociais, em que se tem a atuação de diferentes mecanismos, são dadas tanto pela história particular do próprio objeto representacional como pela história do grupo que o constitui enquanto objeto de representação social. De acordo com Moliner (2001a), as representações sociais tendem a passar, em sua história, por três fases distintas:<sup>93</sup> a fase de emergência, em que há uma mediação entre a existência de determinado objeto e o surgimento de saberes estáveis e consensuais ligados a ele, sendo que, nesta etapa, os indivíduos buscariam informações sobre esse objeto na tentativa de reduzir sua complexidade em face do estranhamento por ele causado;<sup>94</sup> a fase de estabilidade, em que a representação torna-se um saber consensual (ao menos no núcleo) e operacional sobre um determinado aspecto do meio social do grupo; e, por fim, a fase de transformação em que os saberes mais antigos se relacionam com os mais novos. Essas fases articulam-se diretamente com a história do grupo na medida em que esta sempre é convocada para apoiar a compreensão dos objetos estranhos que têm que ser naturalizados. Assim, no início de uma representação, o processo representacional se apoiaria em processos sociocognitivos e, no período de estabilidade ou de transformação, seriam os mecanismos de defesa os mais mobilizados.

Em relação ao grupo, tem-se que, se um dado objeto está inscrito em sua história, suas representações sociais poderão ser mantidas, ainda que o objeto tenha perdido todo seu valor social (cf. Roussiau e Bonardi, 2002). Contudo, não é

---

<sup>93</sup> Sobre as estratégias específicas de pesquisa para identificar as diferentes fases das representações sociais, ver Moliner (2001a).

<sup>94</sup> É nessa fase que ocorrem os processos de ancoragem e de objetivação que integram um objeto dado em domínios de conhecimento já existentes, tanto em relação aos discursos espontâneos como também nas produções escritas. Durante o período de emergência de uma representação cada indivíduo cria suas hipóteses e elabora sua própria teoria, nesse sentido, a variedade de elementos presentes na representação pode ser indicador dessa fase. Contudo, não se pode esquecer que o fato de os discursos serem muito divergentes pode assinalar também uma falta de processo representacional (cf. Moliner, 2001b).

porque um determinado objeto representacional seja “antigo” que ele conserva uma espécie de cota ligada à história do grupo. Assim,

O passado recente dos objetos novos deveria, teoricamente, permitir determinar o ponto zero da memória individual ou coletiva relacionada a esses objetos. Ora, se se olhar mais detidamente, é possível observar, de um lado, a presença, nas representações recentemente formadas, de alguns referenciais tornados históricos pelos novos usuários (motores de pesquisa, *sites*, Web, fóruns...) [...] e, de outro lado, de referenciais mais antigos associando o objeto novo aos objetos existentes ou em vias de desaparecimento, tais como a máquina de escrever, o telefone ou o correio. Aqui, é por intermédio de um tipo de capilaridade que os objetos novos adquirem uma memória social que é a dos objetos antigos. Ora, mais precisamente, essa “memória” foi transferida, adaptada e estendida dos objetos antigos em direção aos novos, não se trata ainda de uma memória social estruturada, mas, sobretudo, de empréstimos colhidos uns dos outros, que não adquirem um sentido verdadeiro senão após uma inscrição temporal mais longa (Roussiau e Bonardi, 2002: 44-45).<sup>95</sup>

Nesse sentido, as fases são mais observáveis em relação aos conteúdos da representação, haja vista que “a representação é, ao mesmo tempo, um produto do devenir e um produto em devenir cuja mudança não é acidental, mas constitutiva de sua própria essência” (Rouquette apud Moliner, 2001a: 248)<sup>96</sup> o que dificultaria, portanto, indicar um momento específico da história de uma determinada representação, uma vez que ela estaria em constante movimento. O mesmo não ocorreria em relação ao conteúdo da representação social que, conforme citado anteriormente, mobilizaria processos diferentes dependendo da fase em que a representação se encontra.

No tocante à fase de emergência de uma representação, pode-se afirmar que a representação se desenvolve quando grupos são confrontados com objetos sobre os quais ainda não dispõem de informação. Assim, o estudo de sua

---

<sup>95</sup> Cf. original: “Leur faible ancienneté devrait théoriquement permettre de déterminer le point zéro de la mémoire individuelle ou collective les concernant. Or, à y regarder de près, on remarque la présence, dans les représentations nouvellement formées, d’une part, de référents devenues historiques pour les jeunes utilisateurs (moteurs de recherche, sites, Web, forums...), et, d’autre part, de référents plus anciens rattachant l’objet nouveau à des objets existants ou en voie de disparition tels que la machine à écrire, le téléphone ou le courrier. Ici, c’est en quelque sorte par capillarité que des objets nouveaux ont ‘acquis’ une mémoire sociale, celle d’autres objets. Or, plus précisément, cette ‘mémoire’ a été transférée, adaptée, étendue d’objets anciens vers les nouveaux, même s’il est possible de penser qu’il ne s’agit pas encore d’une mémoire sociale structurée mais plutôt d’emprunts accolés les uns aux autres, qui ne prendront un sens véritable qu’après une inscription temporelle plus longue”.

<sup>96</sup> Cf. original: “La représentation est ainsi à la fois un produit du devenir et un produit en devenir; le changement n’est pas pour elle une accident, il appartient à son essence”.

gênese, entendida aqui como “[...] a construção social e progressiva de um estado estável da representação” (Guimelli e Reynier, 1999: 172),<sup>97</sup> apresenta, segundo Rouquette e Garnier, duas abordagens possíveis, quais sejam: “[...] trata-se de saber como uma representação social é apropriada quando ela já existe, ou de saber como ela pode ser construída, elaborada, a propósito de um objeto novo (considerando que todo objeto possível é apenas relativamente novo)” (1999: 10).<sup>98</sup>

Autores como Guimelli e Reynier (1999) advertem que a análise da gênese de uma representação deverá, de um lado, considerar os determinantes do estado atual dessa representação e, de outro, mostrar o papel desses mesmos determinantes na construção desse estado. Esses autores classificam tais determinantes em duas categorias, quais sejam: os determinantes de ordem ideológica e as práticas sociais. Assim, os determinantes de ordem ideológica seriam aqueles relacionados aos valores e às normas específicas existentes em um determinado grupo que irão compor e estruturar uma determinada representação, dando-lhe um sentido em função da rede de significações constituída pela hierarquia de tais valores ou normas.<sup>99</sup> O outro determinante apontado pelos autores consiste nas práticas sociais<sup>100</sup> que teriam um papel fundamental na construção progressiva do estado atual de uma representação, sobretudo pela intervenção em seu processo de transformação.

Enquanto o estudo de Guimelli e Reynier (1999) enfatiza o papel das práticas sociais na gênese de uma representação, o objetivo deste trabalho é, justamente, estudar os conteúdos historicamente constituídos que contribuem, ainda

---

<sup>97</sup> Cf. original: “[...] la construction sociale et progressive d’un état stable de la representation”.

<sup>98</sup> Cf. original: “[...] il s’agit de savoir comment on s’approprié une représentation sociale lorsqu’elle existe déjà, ou de savoir comment elle peut être construite, élaborée, à propos d’un objet nouveau (tout objet possible n’étant, bien entendu, que relativement nouveau)”.

<sup>99</sup> Também para Gigling e Rateau (1999) é o sistema de valores compartilhados que está no epicentro da gênese da representação, uma vez que “[...] é o sistema de valores *a priori* partilhado em um determinado grupo que determina a gênese de uma representação, é no interior desse mesmo sistema de valores que se ancoram o estrangeiro e a novidade; são enfim os valores que se cristalizam ao seio do sistema central da representação constituída, e que aí assumem um papel preponderante [...]” (Gigling e Rateau: 1999: 64). Cf. original: “[...] c’est à l’intérieur de ce même système de valeurs que s’ancrent alors l’étrange et la nouveauté ; ce sont enfin ses valeurs qui se cristallisent au sein du système central de la représentations constituée, et qui y asument un rôle prépondérant [...]”.

<sup>100</sup> Para uma análise das práticas sociais, ver Abric (1994c) e Guimelli e Reynier (1999).

hoje, para a organização das representações sociais de Brasil associadas ao nódulo elementar de sentido “diversidade”,<sup>101</sup> levando-se em conta que,

faltando-nos a capacidade de dominar completamente a origem das concepções no longo espaço de tempo (*longue durée*), a análise das representações sociais não pode fazer mais que tentar, por um lado, identificar o que, em determinado nível “axiomático” em textos e opiniões, chega a operar como “primeiros princípios”, “idéias propulsoras” ou “imagens” e, por outro lado, esforçar-se para mostrar a “consistência” empírica e metodológica desses “conceitos” ou “noções primárias”, na sua aplicação regular ao nível de argumentação cotidiana ou acadêmica (Moscovici, 2003: 242).

---

<sup>101</sup> Como citado anteriormente, isso não significa buscar uma espécie de paternidade de tais determinantes, mesmo porque “[...] toda representação social é constituída como um processo em que se pode localizar uma origem, mas uma origem que é sempre inacabada, a tal ponto que outros fatos e discursos virão nutri-la ou corrompê-la... [assim]... esses processos são a ação de sujeitos que agem por meio de suas representações da realidade e que constantemente reformulam suas próprias representações. Estamos sempre em uma situação de analisar representações de representações” (Moscovici, 2003: 218).

---

## 2 - METODOLOGIA

### 2.1 Diretrizes teórico-metodológicas: alguns esclarecimentos

Desde a publicação de *Psychanalyse, son image et son public* por Moscovici, no início da década de 60, um número cada vez maior de trabalhos sobre representações sociais passou a apresentar uma variedade de abordagens metodológicas<sup>102</sup> a ponto de Martínez Garcia e García Ramírez afirmarem que tanto o procedimento científico como os instrumentos de coleta deveriam ser caracterizados pela plurimetodologia, uma vez que, de acordo com esses autores, “[...] ainda não nos encontramos diante de um corpo teórico capaz de gerar uma metodologia de estudo própria e específica adaptada ao seu objeto de estudo” (1992: 400),<sup>103</sup> observação essa ainda hoje atual.

Essa característica plural se estende também para as próprias linhas de pesquisa em representações sociais que podem ser divididas em quatro grandes vertentes: a primeira, pautada pelos estudos de Denise Jodelet, encaminha-se para uma orientação processual, em que se examina o papel regulador das representações sobre as interações sociais; a segunda, que tem em Jean-Claude Abric um de seus expoentes, preocupa-se em analisar a dinâmica representacional por meio de suas características estruturais relacionadas, sobretudo às práticas sociais; a terceira delas, de cunho mais sociológico, é representada por Willem Doise e tem como foco investigar a atuação da estrutura social na elaboração das representações; e, por fim, a quarta, atualmente desenvolvida por Ivana Marková, preocupa-se com o processo de comunicação, explorando o conceito de dialogicidade.

Ainda que estas linhas sejam complementares, tende-se aqui a utilizar a perspectiva processual como referência de investigação por três razões principais: A primeira delas é porque ela parte de uma “[...] abordagem hermenêutica, entendendo o ser humano como produtor de sentidos e focalizando-se na análise das produções simbólicas, dos significados, da linguagem, por meio dos quais os seres humanos

---

<sup>102</sup> A respeito, ver Abric (2003) e Martínez Garcia e García Ramírez (1992).

<sup>103</sup> Cf. original: “[...] Nos encontramos ante un cuerpo teórico que no ha sido aún capaz de generar una metodología de estudio propia y específica adaptada a su objeto de estudio”.

constroem o mundo em que vivem” (Banchs, 2000: 3.6-3.7),<sup>104</sup> o que permite a análise tanto dos aspectos constituídos quanto dos aspectos constituintes das representações. A segunda, é porque o estudo *Imaginário e representações sociais de jovens universitários sobre o Brasil e a escola brasileira* (Sousa e Arruda, 2006), do qual a presente pesquisa é derivada, foi concebido e desenvolvido nessa perspectiva. A terceira razão decorre do fato de que é nela que se concentram os trabalhos que têm a preocupação de analisar a historicidade das representações sociais,<sup>105</sup> haja vista que, para tanto,

[...] é preciso recorrer tanto à base que dá as condições de produção da representação quanto ao estudo dos mecanismos que vão desenhá-la, e mais ainda: o desenho que deles resulta. Trata-se de um movimento para trás, para os lados e para a frente. Para trás, na busca do passado que dá o chão deste pensar. Para os lados, no sentido de situá-lo em sua inserção social, sua inscrição cultural, institucional etc. e no momento de produção daquela representação. E para a frente, ao vislumbrar, a partir da atribuição de sentido e do esquema que desenha a representação, a nova grade de leitura do mundo que ela levanta (Arruda, 1999: 9).

Evidentemente que não se trata de afirmar que as vertentes sociológica e estrutural consideram a teoria das representações sociais como um fenômeno anistórico. O próprio Abric, representante da linha estrutural, alega que “[...] as representações sociais são fortemente marcadas por sua inscrição em um processo temporal e histórico” (1994c: 220)<sup>106</sup> motivo pelo qual a teoria do núcleo central, tributária dessa linha, propõe variados mecanismos de coleta e análise dos dados para a identificação dos elementos que compõem seu núcleo e seu sistema periférico (Abric, 2003 e 1994d).

Nesse sentido, trabalhos fundamentados em uma abordagem estrutural, se apresentam uma preocupação com a dimensão histórica de uma determinada representação, não podem basear-se apenas na técnica de associação livre,<sup>107</sup> uma

---

<sup>104</sup> Cf. original: “[...] abordaje hermenéutico, entendiendo al ser humano como productor de sentidos, y focalizándose en el análisis de las producciones simbólicas, de los significados, del lenguaje, a través de los cuales los seres humanos construimos el mundo en que vivimos”.

<sup>105</sup> Dentre eles, podem-se citar os de Jodelet (2005b), os de Bertrand (2002 e 2003/2) e os de Herzlich (2001).

<sup>106</sup> Cf. original: “[...] les représentations sociales sont fortement marquées par leur inscription dans un processus temporel et historique”.

<sup>107</sup> Em linhas gerais, essa técnica, determinada pela combinação proposta por Grize, Vergès e Silem (1987) entre três indicadores, quais sejam a frequência de um dado elemento, seu *ranking* de aparição na evocação do sujeito e a importância que este atribui ao item evocado, consiste em solicitar que o respondente diga quatro ou cinco palavras que lhe vêm à cabeça diante de um termo indutor específico (Abric, 2003 e 1994d).

---

vez que considerar apenas os indicadores de frequência e de posição de evocação é enfatizar o conhecimento inferido de uma experiência direta dos sujeitos em relação às informações disponíveis na atualidade, o que pode fazer com que se considerem permanentes e, portanto, estáveis ou centrais, elementos advindos não necessariamente da vida social dos pesquisados.

Portanto, a observação da historicidade das representações sociais gera parâmetros que permitem interpretar como permanentes apenas aqueles elementos que efetivamente emergem da vida social, o que leva à conclusão de que mesmo uma abordagem estrutural – ou ainda sociológica que trabalha em torno da idéia dos princípios organizadores das representações (Doise, 1986) – não prescinde de um exame histórico desses elementos, ainda que, evidentemente, este esteja atrelado também à pergunta elaborada pelo pesquisador. Assim, se a intenção é investigar processos de generatividade, bem como a construção da estabilidade ou mesmo dos princípios organizadores das representações sociais, então, não há como desconsiderar a dimensão histórica.

Contudo, essa dimensão apresenta também problemas intrínsecos de análise que podem ser exemplificados por meio da seguinte afirmação de Bertrand: “se o mundo social se constrói por meio de pré-construções passadas, essas formas não são estáticas, elas são transformadas e reapropriadas em nossa atualidade” (2003/2: 134).<sup>108</sup> Ora, se essas formas não são estáticas, como compreendê-las em sua historicidade? Como analisá-las levando-se em conta esse movimento de transformação e reapropriação?

Foi, portanto, a partir dessas questões que a trajetória metodológica da presente pesquisa, sintetizada no quadro a seguir, foi sendo construída com a intenção de analisar a historicidade das representações sociais de Brasil associadas ao nóculo elementar de sentido “diversidade”.

---

<sup>108</sup> Cf. original: “Si le monde social se construit à partir de préconstructions passées, ces formes ne sont pas statiques, elles sont transformées et réappropriées dans notre actualité”.

QUADRO 1 - Síntese Esquemática da Trajetória Metodológica

Procedimentos metodológicos	Objetivos	Referencial teórico-metodológico
1. Estudo exploratório das respostas dos 976 <sup>109</sup> estudantes às questões “Por que você acha que isso tudo é Brasil?” e “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?” obtidas no banco de dados da pesquisa <i>Imaginário e representações sociais de jovens universitários sobre o Brasil e a escola brasileira</i> (Sousa e Arruda, 2006)	- selecionar um nóculo elementar de sentido expressivo na organização das representações sociais de Brasil analisadas na pesquisa coordenada por Sousa e Arruda (2006)	- abordagem processual da teoria das representações sociais (Moscovici, 1978 e Jodelet, 2005b e 2001)
2. Montagem de um dicionário por meio de lista de associações contendo os atuais sinônimos e atributos do nóculo selecionado	- identificar o universo semântico do nóculo selecionado na produção textual dos universitários tendo, como apoio, dicionários contemporâneos considerados de uso corrente - identificar critérios para seleção e análise das fontes históricas	- dicionários contemporâneos da língua portuguesa (séculos XX e XXI) - exploração das representações sociais por meio dos dicionários (Lahlou, 2003 e 1995) - abordagem da história dos conceitos (Koselleck, 2006a e 1992) - abordagem da história efetual (Gadamer, 2002)
3. Construção de um quadro de análise que oriente a investigação da historicidade do nóculo elementar de sentido visando sua identificação nas fontes históricas selecionadas	- fichamento das fontes históricas selecionadas - construção de uma matriz de análise para compreender o nóculo selecionado no contexto de uso das fontes históricas atentando para a transferência descuidada para o passado de expressões contemporâneas	- dicionários da língua portuguesa (século XIX) - fontes históricas: Carl Friedrich Phillip von Martius, Francisco Adolfo de Varnhagen, Joaquim Manoel de Macedo e Affonso Celso - abordagem da história dos conceitos (Koselleck, 2006a e 1992) - abordagem da história efetual (Gadamer, 2002)

<sup>109</sup> O número total de respondentes era 1.029. A diferença em relação ao número de respostas efetivamente obtidas (976) deve-se ao fato de que nem todos os universitários responderam as questões selecionadas. Lembrando ainda que se trata de alunos do 1.º ano dos cursos de Enfermagem, Engenharia, Medicina, Pedagogia e Serviço Social de instituições públicas e privadas dos seguintes Estados brasileiros: Pará, Pernambuco, Bahia, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul.

continuação

<b>Procedimentos metodológicos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Referencial teórico-metodológico</b>
4. Preparação do material de análise	<ul style="list-style-type: none"> <li>- compreender o nóculo selecionado no contexto de uso, no caso, a produção textual dos universitários</li> <li>- compreender a estrutura dessa produção com o auxílio de uma análise informatizada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- programa informatizado Alceste para análise estatística textual</li> </ul>
5. Análise dos dados por meio da “fusão de horizontes interpretativos”	<ul style="list-style-type: none"> <li>- compreender o nóculo selecionado como efeito de uma idéia construída no passado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- abordagem processual da teoria das representações sociais (Moscovici, 1978 e Jodelet, 2005b e 2001)</li> <li>- abordagem da história dos conceitos (Koselleck, 2006a e 1992)</li> <li>- abordagem da história efetual (Gadamer, 2002)</li> </ul>

Acredita-se que essa trajetória metodológica, detalhada a seguir, favoreça a investigação de como o passado se integra às formas atuais de pensar nossa “comunidade imaginada”, segundo expressão de Anderson (1991), chamando a atenção para aquilo que Moscovici (2003) denominou de “regularidade de estilo”, ou seja, a permanência de determinadas categorias de pensamento nas representações sociais e que fazem referência a períodos anteriores de sua produção, de modo a permitir a discussão de sua historicidade.

## **2.2 Procedimentos da pesquisa**

### **2.2.1 Estudo exploratório das respostas dos 976 universitários às questões “Por que você acha que isso tudo é Brasil?” e “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?” obtidas no banco de dados da pesquisa *Imaginário e representações sociais de jovens universitários sobre o Brasil e a escola brasileira* (Sousa e Arruda, 2006).**

Inicialmente, retomou-se o banco de dados organizado quando da pesquisa *Imaginário e representações sociais de jovens universitários sobre o Brasil e a escola brasileira*, desenvolvida entre 2003 a 2006 sob a coordenação das Professoras Doutoras Clarilza Prado de Sousa e Angela Arruda, com a intenção de

selecionar um elemento que fosse expressivo na organização das representações sociais de Brasil.<sup>110</sup>

Foram pesquisados 1.029 universitários do primeiro ano dos cursos de Enfermagem, Engenharia, Medicina, Pedagogia e Serviço Social de 23 instituições, sendo 9 públicas e 14 privadas, dos Estados do Pará, Pernambuco, Bahia, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, distribuídos da seguinte forma:

**TABELA 1 - Distribuição do Número de Alunos**

<b>Curso</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>
Enfermagem	236	22,9%
Engenharia	192	18,7%
Medicina	154	15,0%
Pedagogia	267	25,9%
Serviço Social	180	17,5%
<b>Total</b>	<b>1.029</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Sousa e Arruda (2006).

Os instrumentos de coleta do estudo eram compostos por três blocos: o primeiro, denominado “QP”, referia-se à identificação do perfil do participante; o segundo, “Q1”, solicitava realização de desenho, de associações livres e de questões abertas e, por fim, o “Q2”, apresentava tabelas, questões e mapas com a intenção de detalhar aspectos apontados nos blocos anteriores. A seguir, descreve-se sucintamente o instrumento “Q1” (Anexo 1), uma vez que a presente pesquisa fará uso apenas do banco de dados dele derivado, circunscrito ainda a duas questões a serem apresentadas adiante.

O “Q1” foi composto por um caderno de questões em que, inicialmente, foi feita a seguinte solicitação: “Na folha em branco ao lado, desenhe o mapa do Brasil sem se preocupar com a exatidão. Faça somente o contorno do mapa, sem dividir por

<sup>110</sup> Em suas etapas de coleta, processamento e análise dos dados, a referida pesquisa contou com a colaboração das seguintes pessoas: Adelina de Oliveira Novaes, Aline dos Santos Brito, Amanda Cerdeira Pilão, Ana Carolina Dias Cruz, Angela Maria Martins, Carolina Fernandes Pombo de Barros, Cristal Oliveira Moniz de Aragão, Euricilda de S. P. Del Bel, Gláucia T. Franco Novaes, Joana Coelho Barbosa, Juliana Maria Santos Rodrigues, Leon Bizzocchi, Luana Pedrosa Vital Gonçalves, Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas, Marcia Inês da Silva Ribeiro, Marialva Rossi Tavares, Miriam Bizzocchi, Patrícia Simon Lorenzutti, Paula Brito Cordeiro, Paulo Cardoso Ferreira Pontes, Renilma Coelho, Sara Costa Cabral Mululo, Tamara Galietta Nascimento, Thiago Francisco Abaira Crespi, Thiago P. D. B. Belluz e Verônica Braga dos Santos.

Estados” (questão 1).<sup>111</sup> Após essa primeira atividade, pediu-se que o respondente desenhasse, nesse mesmo mapa, o que ele achava que existia espalhado pelo Brasil, numerando os desenhos na seqüência de sua realização (questão 2). A intenção com tais enunciados, de acordo com os objetivos da pesquisa proposta por Sousa e Arruda (2006), era acessar o mapa imaginário<sup>112</sup> construído sobre o Brasil, percepção esta que talvez não se expressasse com a utilização de um questionário que privilegiasse somente a via escrita, ainda que os problemas teórico-metodológicos colocados pelo uso do desenho na pesquisa sejam similares àqueles apontados para a utilização do material discursivo (cf. Ibáñez Gracia, 1988).

---

<sup>111</sup> Houve a preocupação de que o desenho do mapa do Brasil fosse a primeira atividade a ser realizada pelos respondentes para que o mapa produzido não tivesse nenhuma referência visual que pudesse interferir nesta atividade. A utilização, portanto, do mapa visava responder, em linhas gerais, às seguintes questões: Quais são as imagens que os participantes da pesquisa produzem sobre o Brasil? Quais são os elementos acionados por eles para compor essa imagem, haja vista as dimensões do país? Como eles desenham o que há no Brasil e como isso organiza o campo imagético dessas representações? A respeito, ver Sousa e Arruda (2006).

<sup>112</sup> A noção de “mapa imaginário”, similar ao que acontece com as representações sociais, apresenta-se como um conceito polissêmico, a ponto de Guerrero Tapia considerá-lo sinônimo de mapa mental, como pode ser observado no trecho a seguir: “Contudo, é necessário reconhecer que o ‘mapa imaginário’ (ou também ‘mapa mental’) é um construto teórico formulado para referir-se a um fenômeno complexo psicológico e psicossocial. Como disse Aragonés (1986), ninguém nunca viu um mapa mental, e agregamos, nem um mapa imaginário. Do mesmo modo que muitos outros conceitos e categorias teóricas dentro da disciplina psicológica, os mapas mentais são úteis para explicar como se constroem as estruturas (cognitivas, sociocognitivas, mentais, imaginárias, representacionais) nos indivíduos, nos grupos e nas sociedades, sobre o espaço, o lugar, o território, o ambiente, o planeta, o mundo, e tudo o que ele contém. Em outras palavras, estes construtos servem para compreender a forma como os sujeitos (indivíduos, grupos, sociedades) internalizam as formas objetivadas da cultura e as formas físicas do meio ambiente, e constroem suas imagens mentais. Desse modo, se conhecem mais dos processos psicossociais que intervêm na construção do pensamento social. Mas também os mapas mentais são úteis para conhecer a elaboração imaginária do objeto mesmo, ou seja, o que existe apenas como construção imaginária (Durand, 1964; Lizarazo, 2004). Assim, o mapa imaginário encerra em seu conteúdo não apenas informação sobre o espaço territorial e o meio ambiente, mas também aspectos histórico-culturais (alegóricos, míticos, emblemáticos, estéticos etc.) porque não apenas é produto do conhecimento e informação que os sujeitos possuem sobre esse objeto, mas também produto da imaginação, é criação humana (Castoriadis, 2002)” (2005: s.p.). Cf. original: “Sin embargo, es necesario reconocer que el ‘mapa imaginario’ (o también ‘mapa mental’) es un constructo teórico que se han formulado para referir un fenómeno complejo psicológico y psicossocial. Como dice Aragonés (1986) nadie ha visto nunca un mapa mental, y agregamos, ni un mapa imaginario. Al igual que muchos otros conceptos y categorías teóricas dentro de la disciplina psicológica, los mapas mentales han sido útiles para explicar la forma como se construyen estructuras (cognitivas, sociocognitivas, mentales, imaginarias, representacionales) en los individuos, los grupos y las sociedades, sobre el espacio, el lugar, el territorio, el ambiente, el planeta, el mundo, y todo lo que en ello se contiene. En otras palabras, estos constructos sirven para comprender la forma como los sujetos (individuos, grupos, sociedades) internalizan las formas objetivadas de la cultura y las formas físicas del medioambiente, y construyen sus imágenes mentales. De ese modo, se conoce más de los procesos psicossociales que intervienen en la construcción del pensamiento social. Pero también los mapas mentales son útiles para conocer la elaboración imaginaria del objeto mismo, es decir, lo que no existe mas que como construcción imaginaria (Durand, 1964; Lizarazo, 2004). Así, el mapa imaginario encierra en su contenido no sólo información sobre el espacio territorial y el medioambiente, sino también aspectos histórico-culturales (alegóricos, míticos, emblemáticos, estéticos, etc.) porque no sólo es producto del conocimiento e información que los sujetos poseen sobre ese objeto, sino es también producto de la imaginación, es creación humana (Castoriadis, 2002)”.

---

Após essa atividade, era solicitado ao respondente que desse um título ao mapa por ele elaborado (questão 3) e que indicasse e justificasse a seleção dos dez primeiros elementos desenhados como fazendo parte do Brasil escolhendo, dentre estes, os quatro mais importantes segundo sua opinião (questões 4 e 5). A seguir, ele deveria responder ainda a duas questões abertas, quais sejam: “Por que você acha que isso tudo é Brasil?” (questão 6.1) e “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?” (questão 6.2).

O modo como a seqüência foi encadeada, ainda que não intencionalmente, fez com que estas duas últimas questões funcionassem como uma espécie de síntese das anteriores, permitindo, com isso, a identificação dos elementos organizadores das representações sociais de Brasil denominados, por Lahlou (2003), de “nódulos elementares de sentido” (*nodules élémentaires de sens*), identificação esta fundamental para a análise de sua historicidade.

Isso porque, como as representações sociais possuem um caráter modal, uma vez que elas são constituídas por aspectos sensoriais, motrizes, emocionais, cognitivos, lingüísticos etc. (cf. Lahlou, 2003), sua análise requer que elas sejam decompostas de modo a selecionar um dos nódulos que a integram com o objetivo de compreender como ele se constitui historicamente, uma vez que cada nódulo tem a sua própria historicidade.<sup>113</sup> Isso pressuposto, é preciso concordar com Lahlou quando ele afirma que

precisamos, entretanto, abandonar a esperança de determinar os elementos atômicos em virtude mesmo da natureza fractal do sentido: todo elemento, visto de perto, cinde-se, por sua vez, em outros elementos. Toda descrição de uma representação social é forçosamente aproximativa justamente por esta razão; ela o é *a fortiori* pois, por sua natureza e razões relacionadas à sua própria função – a capacidade de se adaptar a toda uma *categoria* de ocorrências reais do fenômeno – a representação social é um objeto de contornos fluídos (2003: 38 – grifos do autor).<sup>114</sup>

---

<sup>113</sup> Algo, aliás, passível de ser estendido ao conhecimento histórico na medida em que, de acordo com Schaff, “[...] o conhecimento histórico têm sempre como objeto um processo histórico na sua totalidade se bem que nos apercebamos desse objeto através do estudo de fragmentos dessa totalidade” (1995: 308).

<sup>114</sup> Cf. original: “Il nous faut cependant abandonner l’espoir de déterminer des éléments ‘atomiques’, en raison même de la nature fractale du sens: tout élément, vu de près, se scindera à son tour en éléments. Toute description d’une représentation sociale est forcément approximative pour cette raison; elle l’est *a fortiori* car, par nature et pour des raisons qui tiennent à sa fonction même – la capacité à s’adapter à toute une *catégorie* d’occurrences réelles du phénomène – la représentation sociale est un objet aux contours flous”.

---

Para a seleção, portanto, de um dos nódulos das representações sociais de Brasil, identificados a partir da pesquisa elaborada por Sousa e Arruda (2006), optou-se pelo uso do banco das questões “Por que você acha que isso tudo é Brasil?” e “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?”, dada a possibilidade de analisar seus aspectos constituídos.

Assim, a leitura do banco de dados dessas duas questões, em conjunto com a análise da matriz de interpretação do desenho realizado pelos respondentes no “Q1”, matriz essa elaborada por Arruda et al. (2004 – Anexo 2), orientaram a escolha do nódulo elementar de sentido “diversidade” como um dos eixos organizadores das representações sociais de Brasil.<sup>115</sup> Contudo, a multiplicidade de sentidos conferida à palavra “diversidade” faz com que o “estado de coisas”<sup>116</sup> que ela expressa não esteja claramente explicitado, gerando a necessidade de investigar como ela é apresentada nas respostas dos universitários. Para tanto, construiu-se uma lista de associações por meio de consultas a dicionários de uso corrente, visto que estes, ao se configurarem como uma construção coletiva por excelência, terminam por fixar formas compreensíveis por todos em uma referência social comum, permitindo, com isso, compreender como essa palavra foi utilizada (cf. Lahlou, 2003), procedimento este que passa a ser descrito a seguir.

### **2.2.2 Montagem de um dicionário por meio de lista de associações contendo sinônimos e atributos do elemento selecionado**

Com o propósito, portanto, de abarcar o termo “diversidade” em seu contexto atual de uso, bem como entender seu significado para a “comunidade contemporânea de intérpretes” (Jasmin, 2005), no caso, os universitários pesquisados, optou-se pela utilização de dicionários da língua portuguesa de uso corrente, visto que eles organizam o conhecimento socialmente sedimentado expressando-o, intencionalmente, de forma explícita. Isso porque, de acordo com Lahlou, “*é na língua que procuramos os objetos do mundo, uma vez que a língua é uma memória social que, por meio de sua rede semântica, sedimenta as visões do mundo produzidas pela*

---

<sup>115</sup> Como citado anteriormente, o nódulo elementar de sentido identificado pelo termo “diversidade” configura-se apenas como uma das possibilidades de análise das representações sociais de Brasil. Importa observar que, para os propósitos do presente estudo, a associação da diversidade com os demais nódulos elementares de sentido não será objeto de investigação. Acerca desses demais “nódulos”, ainda que as autoras não utilizem esse termo, ver Sousa e Arruda (2006).

<sup>116</sup> Faz-se aqui uma apropriação livre dessa expressão utilizada por Wittgenstein no *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921) e que serve para indicar, semanticamente, eventos no mundo

---

*cultura. As ligações entre as palavras representam as conexões entre as idéias*” (2003: 41 – grifos do autor).<sup>117</sup>

Para esse autor, a existência mesma de uma palavra assinalando a entrada de um objeto em um catálogo lingüístico dos objetos comuns, como o dicionário, seria uma condição necessária para a existência de uma representação social, e a vantagem de seu uso decorreria ainda do fato de ele ser um sistema fechado e autodefinido apresentando um universo discursivo coerente, na medida em que as palavras utilizadas como traço descritivo aparecem como entradas de definição, de modo que todas apresentam o mesmo *status*, diferentemente, por exemplo, de uma enciclopédia.

Assim, partindo do verbete diversidade,<sup>118</sup> com o auxílio das obras *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (Houaiss e Villar, 2001), *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (Ferreira, 1986) e *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (Aulete, 1987), iniciou-se uma primeira lista de associação, e cada uma das palavras agregadas forneceu outras associações, incluindo gênero e grau do substantivo, que foram sendo incorporadas à lista inicial em um total de 64 termos,<sup>119</sup> quais sejam: abundantemente, adverso, apartado, assimetria, biodiversidade, complexidade, contradição, contradita, contraditório, contraposição, contrariedade, contraste, desacordo, desconformidade, desencontro, desequilíbrio, desigualdade, desproporção, dessemelhança, dessemelhante, desuniformidade, diferença, diferenciar, diferente, discordância, discordante, discrepância, discrepante, disparidade, dissemelhança, distinguir, distinto, divergência, divergente, diversas,

---

<sup>117</sup> Cf. original: “c’est dans la langue que nous allons chercher les objets du monde, en considérant que la langue est une mémoire sociale, et que dans son réseau sémantique elle a sédimenté les visions du monde produites par la culture. Les lieux entre mots y représentent les connexions entre idées”.

<sup>118</sup> No *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, “diversidade” é definida como “1 qualidade daquilo que é diverso, diferente, variado; variedade. 2 conjunto variado; multiplicidade 3 desacordo, contradição, oposição 4 ECO índice que leva em conta a *abundância* e a *equitabilidade* de uma comunidade; 5 ECO m.q. *biodiversidade*. Etim lat.: diversitas ‘diversidade, variedade, diferença’; ver ver (t/s)-;f.hist.s.XIV *diuersidade*, s. XV *diversidade*, sXV *deversydade*. sin/var ver sinonímia de *contraposição* e *variante*. Ant, ver antonímia de *contraposição*. (Houaiss e Villar, 2001: 1064 – grifos do autor). Já no *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* consta: “[Do lat. Diversitate.] S.f. 1, Diferença, dessemelhança, dissimilitude. 2. Divergência; contradição; oposição” (Ferreira, 1986: 602- grifos do autor). E, ainda, no *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, diversidade aparece como “S.f. diferença, dessemelhança, variedade: *diversidade* de objetos; essa esplêndida *diversidade* de raças, de instituições, de mitologias (Eça, *Notas Contemp.*, p. 261, ed. 1913). Divergência, oposição, contradição. F. lat. *Diversitas*” (Aulete, 1958: 1553 – grifos do autor).

<sup>119</sup> Por exemplo, o termo “diverso”, presente no verbete “diversidade”, forneceu as seguintes associações: que não é igual, dessemelhante, diferente, distinto, variedade, diversificado, diferente, variado, com alterações, mudanças, que diverge, discordante, que mostra várias facetas ou características, vário, diversos, alguns, vários, muitos, oposto, adverso.

diversidade, diversificado, diverso, fragmentação, incoerência, incompatibilidade, impossibilidade, inconformidade, incongruência, inconstante, modificado, mudado, muitos, multiplicidade, múltiplo, mutável, oblóquio, oposição, plural, pluralidade, polarização, sortimento, transformado, variado, variante, variável, variedade, vário, vários.

Para operacionalizar essa lista, criou-se o seguinte agrupamento por meio das remissivas de uma dada palavra:

**QUADRO 2 - Agrupamento das Palavras Associadas à Diversidade**

<b>PALAVRA</b>	<b>REMISSIVA</b>
apartado	
complexidade	
contradição	oblóquio, contradita, contraditório, contraposição, contrariedade, contraste, adverso, polarização, impossibilidade
desigualdade	disparidade, diferença, desequilíbrio, assimetria, desproporção, desconformidade, desuniformidade
diferente	mudado, modificado, transformado
diferenciar	distinguir
discrepante	desacordo, discordância, discordante, discrepância, incompatibilidade, fragmentação
divergência	desencontro, divergente, inconformidade
diversidade	biodiversidade
diversificado	dessemelhança, dessemelhante, dissemelhança, distinto diversas, diverso, sortimento, variado, variante, variável, variedade, vário
incoerência	incongruência
muitos	abundantemente, vários
múltiplo	multiplicidade
mutável	inconstante
oposição	
plural	pluralidade

A construção dessa lista permitiu, inicialmente, a sistematização das denominações usadas para “estados de coisas” distintos e que são englobados pelo termo “diversidade”. Tal sistematização, além de permitir uma aproximação do contexto atual de uso desse termo, indicou sua polissemia, fornecendo indícios de que “diversidade”, mais do que uma palavra, poderia ser considerada um conceito, motivo pelo qual passa a ser denominado dessa forma, conforme a concepção elaborada pelo historiador Reinhart Koselleck (2006a) que, juntamente de Otto Brunner e Werner Conze, organizou a coleção alemã *Conceitos históricos fundamentais*: léxico histórico

da língua política e social na Alemanha,<sup>120</sup> editada a partir de 1972. Segundo esse autor, apesar de o conceito estar aderido a uma palavra, a diferença em relação a esta reside no fato de que ele é sempre polissêmico, não sendo assim determinado pelo seu uso na medida em que as circunstâncias nas quais e para as quais ele é utilizado se agregam a ele, ou seja,

[...] no conceito, significado e significante coincidem na mesma medida em que a multiplicidade da realidade e da experiência histórica se agrega à capacidade de plurissignificação de uma palavra, de forma que seu significado só possa ser conservado e compreendido por meio dessa mesma palavra [...] O conceito reúne em si a diversidade da experiência histórica, assim como a soma das características objetivas teóricas e práticas em uma única circunstância, a qual só pode ser dada como tal e realmente experimentada por meio desse mesmo conceito (2006a: 109).

Contudo, apenas a identificação das denominações que o conceito diversidade engloba em seu contexto de uso atual não permite nem o entendimento de seu processo de generatividade, enquanto elemento organizador das atuais representações sociais de Brasil, nem a verificação de como determinadas palavras foram sendo incluídas, ou excluídas, em relação a esse conceito. Ou seja, se a construção do dicionário possibilita a compreensão do que se conota hoje como diversidade, essa compreensão não pode ser simplesmente trasladada para outra época sob o risco de incorrer em anacronismos, em uma espécie de transferência descuidada para o passado de uma expressão contemporânea (cf. Koselleck, 2006a). Segundo Jasmin, citando Gadamer,

[...] cada época entende um texto transmitido de uma maneira peculiar, pois o texto constitui parte do conjunto de uma tradição pela qual cada época tem um interesse objetivo e na qual tenta compreender a si mesma. O verdadeiro sentido de um texto, tal como

---

<sup>120</sup> As idéias desenvolvidas por Koselleck no âmbito da história dos conceitos, cuja preocupação básica é medir e estudar a diferença (ou convergência) entre os conceitos antigos e as atuais categorias do conhecimento usando a semântica como uma ferramenta para investigar como eles são criados, seu processo de manutenção ou substituição etc., foram aqui utilizadas de forma intencionalmente instrumental, ou seja, como ponto de partida para pensar uma matriz de análise que permitisse a investigação histórica de um dos nódulos elementares de sentido das atuais representações sociais de Brasil de modo a evitar uma transferência descuidada para o passado de expressões contemporâneas. Nesse sentido, e perante os objetivos do presente trabalho, não se procederá a uma discussão mais detalhada de suas idéias. As fontes principais para o esforço de compreensão proposto aqui com intuito de elaborar princípios teórico-metodológicos mínimos para o estudo da historicidade das representações sociais foram o livro *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* (2006a) e o artigo *Uma história dos conceitos* (1992), cujas referências completas encontram-se na bibliografia. Vale destacar ainda que, destas obras, serão utilizadas, sobretudo, as idéias de "conceito" e de "espaço de experiência" e "horizonte de expectativa" como chaves interpretativas para entender a historicidade das representações sociais de Brasil, ficando desde já esclarecido que mesmo estas apropriações serão realizadas com parcimônia, sem explorar todo o potencial heurístico da interpretação desenvolvida por Koselleck.

---

este se apresenta a seu intérprete, não depende do aspecto puramente ocasional que representam seu autor e seu público originário. Ou, pelo menos, não se esgota nisso. Pois este sentido está sempre determinado também pela situação histórica do intérprete e, por consequência, pela totalidade do processo histórico (apud Jasmin, 2005: 30).

Isso pressuposto, importa observar que, primeiramente, não se pretende realizar um estudo sobre a “diversidade” na perspectiva da história dos conceitos. Sendo assim, o uso meramente instrumental que aqui se propõe das teorizações de Koselleck<sup>121</sup> (1992 e 2006a) só tem sentido na medida em que estas proporcionam indicadores que devem ser levados em conta acerca de uma exigência metodológica mínima no estudo da historicidade das representações sociais<sup>122</sup> e que podem, neste momento, ser sintetizados da seguinte forma: não se pode investigar a historicidade das representações sociais por meio de sua expressão semântica atual sob o risco de incorrer em anacronismos, ainda que o levantamento desta semântica ofereça indicadores para uma análise histórica na medida em que o passado só pode ser investigado levando-se em conta a limitação conceitual de sua época.<sup>123</sup>

### **2.2.3 Referência histórica e construção de uma matriz de análise**

#### **2.2.3.1 Seleção das fontes históricas – justificativa<sup>124</sup>**

Tomando por princípio que o conceito atual de diversidade, nódulo elementar de sentido das atuais representações sociais de Brasil, apresenta a

---

<sup>121</sup> Acerca da origem da história dos conceitos, ver Jasmin e Feres Júnior (2006) e Feres Júnior e Jasmin (2007). Para um exemplo prático da aplicação metodológica da história dos conceitos, ver Neves (2007). Sobre a semântica histórico-política dos conceitos antitéticos assimétricos, conforme proposta por Koselleck (2006a), ver Feres Jr. (2005).

<sup>122</sup> Koselleck afirma que essa exigência metodológica mínima passa pela “[...] obrigação de compreender os conflitos políticos e sociais do passado por meio das delimitações conceituais e da interpretação dos usos da linguagem feitos pelos contemporâneos de então” (2006a: 103).

<sup>123</sup> De acordo com Schaff, um dos problemas do século XX, que fascinou os teóricos da história, refere-se ao fato de que cada geração possui a sua própria visão do processo histórico. As explicações para isso foram, segundo ele, formuladas nos seguintes termos intercambiáveis entre si: a reinterpretação da história ocorre tanto devido as variadas necessidades do presente como aos efeitos dos acontecimentos do passado que emergem no presente. Contudo, essa variabilidade não afeta a objetividade do conhecimento histórico visto que “(...) desde o momento em que se toma o conhecimento histórico como processo e superação das verdades históricas – como verdades aditivas, cumulativas – compreende-se o porquê da constante reinterpretação da história, da variabilidade da imagem histórica; variabilidade que, longe de negar a objetividade da verdade histórica, pelo contrário a confirma” (1995: 277).

<sup>124</sup> Adota-se aqui a noção de fonte de acordo com o significado dado pela historiografia, ou seja, trata-se de registros selecionados pelo pesquisador que neles se apóia para construir o conhecimento acerca da história. Para uma discussão concernente à relação entre fontes e educação, ver Saviani (2004). Importa observar também que, na transcrição dos trechos originais selecionados de tais fontes, procedeu-se a uma atualização da grafia. O nome do autor e o título das obras permanecem no original da edição consultada.

sedimentação de um conhecimento que contém uma construção histórica, procurar-se-á indicar as convergências entre algumas das fontes históricas, produzidas no século XIX, com as respostas dos universitários, analisando como as primeiras contribuem para o estabelecimento de um esquema de interpretação sobre o Brasil que alimenta as segundas, com o objetivo de verificar a historicidade dessa forma de pensar nossa “comunidade imaginada” (Anderson, 1991).

Nesse sentido, a escolha do século XIX não foi aleatória: em primeiro lugar, ela foi pautada pela própria análise da produção textual dos estudantes,<sup>125</sup> cujas categorias encontradas remeteram a um discurso expressivamente elaborado nesse período em que, em vários âmbitos (pintura, música, literatura, política etc.), discutiam-se o Brasil e os brasileiros. Em segundo lugar, porque autores como Carvalho (2005, 2002, 1998 e 1990), Chauí (2001), Naxara (2004 e 1998), Ortiz (2006), Prado (2001), Reis (2003), Schwarcz (1995 e 1993) e Zarur (2003) já apontaram que é justamente nessa fase de constituição do Estado Nacional<sup>126</sup> que estas questões, ao serem agudizadas, acabaram por gerar representações que darão origem não apenas a uma historiografia nacional, mas também às grandes interpretações do Brasil, e que servirão de base para a construção da nossa própria identidade.<sup>127</sup>

---

<sup>125</sup> A expressão “produção textual” é aqui identificada como “[...] material produzido originalmente na forma escrita e selecionado para ser analisado pelo pesquisador” (Nascimento-Schulze e Camargo, 2000: 293).

<sup>126</sup> Os estudos de Thiesse relativos aos processos de formação das identidades nacionais na Europa indicam que foi também no século XIX que, nesse continente, “[...] se elaborou, em sua essência, o modelo transnacional de construção de identidades nacionais, a partir da recomposição e reorganização dos elementos culturais preexistentes e de seu enriquecimento através de novas criações. E, efetivamente, foi em uma escala transnacional que este trabalho gigantesco se realizou, por uma série de intercâmbios, observações cruzadas, transferências de idéias e de conhecimentos entre os vários ‘edificadores’ de cultura nacional” (s.d.: s.p.).

<sup>127</sup> Dentre as grandes interpretações do país, podem-se citar os estudos de Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro e Roberto DaMatta que, segundo Souza têm em comum a tendência de interpretar o Brasil tendo como foco a herança ibérica. Esse autor caracteriza essas “interpretações” como representativas daquilo que ele denomina de sociologia da inautenticidade (2000b e 2000c). Para ele, “o culturalismo atávico da tese iberista e personalista imagina que o português dono de sua pequena quinta de oliveiras ou o cortesão lisboeta se transpõe ao Brasil tal qual era, como se, independentemente de condições objetivas, os atores impusessem ao meio circundante seus desejos, hábitos e preferências a bel-prazer... [ressaltando que] ...a sociologia da inautenticidade do processo de modernização brasileiro articula soluções e problemas que formam um sistema. Iberismo, personalismo e patrimonialismo são termos intimamente interligados como uma explicação tanto para o nosso atraso social como para nosso (sub)desenvolvimento. A influência dessas idéias sobre a vida cotidiana de cada brasileiro é gigantesca. Ela constitui nossa auto-imagem dominante, seja na dimensão das idéias, seja na dimensão da prática social e política” (2000b: 206-207).

É nesse contexto que se pode compreender, por exemplo, a criação, em 1838, do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro,<sup>128</sup> que, vinculado à elite política do Império, tinha por objetivo a composição de uma história nacional, estabelecendo “[...] toda uma pauta de fatos, nomes e datas que foram paulatinamente configurando uma leitura, ou história oficial do país, calcada em interpretações enaltecedoras de fenômenos sempre lidos sob a chave da gênese de uma tradição nacional” (Fico, 1997: 29) cuja intenção era homogeneizar uma visão de Brasil.

Ainda que não tenha sido esse o critério de seleção, todos os autores analisados foram membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. São autores que ora se aproximam, ora se distanciam, mas que tinham, na discussão sobre a história nacional, um objeto em comum. São eles: Carl Friedrich Phillip von Martius, Francisco Adolfo de Varnhagen, Joaquim Manoel de Macedo e Affonso Celso cujos itens a seguir têm a intenção de, além de contextualizá-los, apresentar a justificativa de sua escolha.

- Carl Friedrich Phillip von Martius (Erlangen – Bavária, Alemanha, 1794 – Munique, Alemanha, 1868)<sup>129</sup>

Em 1844, o viajante e naturalista bávaro Martius teve seu trabalho, *Como se deve escrever a história do Brasil*,<sup>130</sup> premiado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que, às voltas com a tarefa de dotar uma história para o país

---

<sup>128</sup> De acordo com Callari, os institutos históricos “[...] foram responsáveis, portanto, pela produção de um saber na própria época em que a separação entre campos diversos do conhecimento estava se delineando e que a história reivindicava para si um estatuto científico, alicerçado em sólida pesquisa documental. Todo esse esforço foi canalizado para a construção da idéia de nação, buscando no passado exemplos e argumentos que apontassem o caminho glorioso destinado ao Brasil. Entretanto, esses ‘obreiros da história’ não possuíam, obviamente, nenhuma formação específica para o historiador nos termos atuais. Eram basicamente membros da elite que ocupavam altos postos na burocracia estatal e políticos de renome. Literatos, advogados, médicos, engenheiros, militares – carreiras de praxe a serem seguidas pelos filhos da elite – eram as principais ocupações daqueles que se dedicavam com afinco aos projetos de seus institutos” (2001: s.p.). Cabe ainda ressaltar que o Instituto, até a década de 30 do século XX, foi o único centro de estudos históricos do país (cf. Reis, 2003). A importância, portanto, dada à história no oitocentos decorre da necessidade de dotar o Brasil de um passado agregador, de modo a criar uma identidade homogênea para o país recém-independente de Portugal.

<sup>129</sup> Segundo Guimarães, “ao nos debruçarmos sobre a construção da história nacional brasileira realizada no século XIX, inevitavelmente teremos de reservar um papel significativo para o viajante-naturalista bávaro Friedrich von Martius, que entre 1817 e 1820 percorreu o território brasileiro acompanhado por Von Spix, resultando deste empreendimento científico a obra *Reise in Brasilien*, cuja primeira tradução integral teve de aguardar um século para vir à luz, patrocinada pelo IHGB [sigla do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro] no âmbito das comemorações do seu centenário de fundação em 1938” (2000: s.p.). Para uma biografia de Martius, ver Guimarães (2000) e Fleiuss (1982).

<sup>130</sup> Utiliza-se aqui a publicação desse texto no livro, também de Martius, intitulado “O estado de direito entre os autóctones do Brasil”, cujas indicações completas encontram-se nas referências bibliográficas e que foi transcrito da *Revista Trimestral de História e Geografia*, ou *Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 24, da edição de janeiro de 1845.

---

recentemente independente de Portugal, lança um concurso em que a melhor monografia seria laureada. Nele, o autor, que também era sócio correspondente do Instituto, apresentava um programa de escrita da história do Brasil que se tornou, ao longo do século XIX, referência tanto para as produções da historiografia didática como para a acadêmica.

De acordo com esse autor, a escrita da história do Brasil demandava um método organizado em torno de três procedimentos complementares em que, inicialmente, se deveria “[...] recolher, analisar e arquivar uma documentação. Em segundo lugar, devia ser revelado o sentido geral da formação e evolução de um povo ou nação. E, por fim, devia-se traduzir esse sentido geral de modo a fazer da história a pedagogia da formação do povo” (Mattos, 1993: 80).

Dessa forma, a seleção de *Como se deve escrever a história do Brasil*, para análise no presente estudo, deve-se ao fato de que, nesse texto, Martius aponta o sentido que a escrita da história do Brasil deveria apresentar, organizando a sucessão de eventos ocorridos em um conjunto integrado e homogêneo, visto que

[...] seu texto parece fornecer as pistas que permitirão a elaboração de uma narrativa dotada de um enredo, delineando com isso uma fisionomia própria para a nação em processo de construção e inaugurando assim um olhar distinto sobre as realizações do passado. Este torna-se (*sic*) definitivamente história, podendo ser integrado à experiência do presente assim como pode sinalizar um caminho para o futuro (Guimarães, 2000: s.p.).

Portanto, o historiador dedicado à tarefa de escrever a história do Brasil deveria atentar para uma história com perspectiva centralizadora que, ao criar elementos nacionais e comuns motivadores do surgimento de um “amor à pátria”, garantisse uma identidade ao Brasil, haja vista que a unificação do país se dava em torno da monarquia e do catolicismo (cf. Reis, 2003). De acordo com Martius:

A História é uma mestra, não somente do futuro, como também do presente.<sup>131</sup> Ela pode difundir entre os contemporâneos sentimentos e pensamentos do mais nobre patriotismo. Uma obra histórica sobre o Brasil deve, segundo a minha opinião, ter igualmente a tendência de despertar e reanimar em seus leitores brasileiros amor da pátria, coragem, constância, indústria, fidelidade, prudência, em uma palavra, todas as virtudes cívicas (1982: 106).<sup>132</sup>

---

<sup>131</sup> Sobre uma discussão da história como mestra da vida (*Historia Magistra Vitae*) desenvolvida desde Cícero na Antigüidade Clássica, ver Koselleck (2006a).

<sup>132</sup> De acordo com Reis, Martius pensa, portanto, em “uma história que não falasse de tensões, separações, contradições, exclusões, conflitos, rebeliões, insatisfações, pois uma história assim levaria o

Nesse sentido, a identidade brasileira deveria ser buscada naquilo que o Brasil tinha de singular identificado por Martius como a “mescla de raças”. Assim, de acordo com esse autor, ao historiador caberia “[...] mostrar como no desenvolvimento sucessivo do Brasil se acham estabelecidas as condições para o aperfeiçoamento das três raças humanas, que nesse país são colocadas uma ao lado da outra, de uma maneira desconhecida na História Antiga” (1982: 89), motivo pelo qual Reis (2003), Guimarães (2000) e Odália (1979) afirmam que ele teria lançado os alicerces do que viria a ser denominado posteriormente de “mito da democracia racial” e que geraria enraizamentos político-ideológicos ainda presentes na história nacional.<sup>133</sup>

- Francisco Adolfo de Varnhagen (Sorocaba, 1816 – Viena, Áustria, 1878)<sup>134</sup>

Considerado um dos fundadores da historiografia brasileira, de onde lhe advém a alcunha de “Heródoto brasileiro”,<sup>135</sup> Varnhagen, baseando-se no programa premiado de Martius,<sup>136</sup> lança em Madri, em 1854, o primeiro volume de sua *História geral do Brasil antes da sua separação e independência de Portugal*, mais conhecida como *História geral do Brasil*, como será doravante denominada, apoiado em sólida pesquisa documental.<sup>137</sup>

---

Brasil à guerra civil e à fragmentação; isto é, abortaria o Brasil que lutava para se constituir como poderosa nação [...] Apesar da variedade de usos e costumes, dos climas, das atividades econômicas, das raças e da extensão territorial, o historiador deverá enfatizar a unidade. À diferença, ele deverá dar um tratamento comum” (2003: 28 e 27, respectivamente).

<sup>133</sup> Para uma problematização do “mito da democracia racial”, ver Ortiz (2006), Souza (2001) e Guimarães (2001).

<sup>134</sup> Para uma biografia de Varnhagen e discussão de sua obra, ver Odália (1997 e 1979) e Guimarães (2002).

<sup>135</sup> Segundo Reis, Varnhagen pode mesmo ser considerado o “Heródoto do Brasil”, uma vez que ele “[...] foi o iniciador da pesquisa metódica nos arquivos estrangeiros, onde encontrou e elaborou inúmeros documentos relativos ao Brasil” (2003: 24), ainda que ele fosse, em história, autodidata.

<sup>136</sup> Ainda que o trabalho de Martius tenha influenciado Varnhagen, traduzido na importância por ele dada à filologia para um maior conhecimento dos indígenas, a idéia da origem desses povos como provenientes do Caribe e a contribuição das três raças na formação do povo brasileiro, ele próprio afirma que “[...] a um homem que meditou sua obra é injusto dizer-lhe que achou para ela o programa feito por Martius [...]” (Canabrava apud Oliveira, 2000). Sobre demais autores que influenciaram Varnhagen, ver Wehling (1999).

<sup>137</sup> De acordo com Guimarães (2002), a 2.<sup>a</sup> edição de *História geral do Brasil*, revista e ampliada por Varnhagen, perfazia cerca de 1.200 páginas e foi lançada em 1871. A 3.<sup>a</sup> edição, de 1906, contou com a revisão de Capistrano de Abreu, mas, em virtude de um incêndio ocorrido na oficina de impressão, corresponde apenas a uma terça parte da obra original. As edições subseqüentes foram anotadas e revistas por Rodolfo Garcia, que incorporou notas do próprio Varnhagen e de Capistrano. No presente trabalho, faz-se uso da 8.<sup>a</sup> edição integral de *História geral do Brasil*, com revisão e notas de Rodolfo Garcia, cujas informações adicionais encontram-se nas referências bibliográficas.

---

A escolha dessa obra deve-se ao fato de ela ser emblemática do processo de construção simbólica da nação. Representante da monarquia brasileira, Varnhagen prioriza nela os aspectos político-administrativos da corte de maneira a sustentar a construção de uma narrativa enaltecida dos interesses e feitos da monarquia para a glorificação do país, defendendo que a independência política da nação brasileira deveria aprofundar os vínculos do Brasil com Portugal, de modo que seu futuro revela-se um passado aprimorado. Segundo Oliveira,

na construção de uma representação de Nação que se propôs a edificar, a história tinha um papel chave a desempenhar: a ela caberia mostrar as raízes e as origens grandiosas dessa representação, fazendo com que esse ideal de Nação se nos apresentasse como uma realidade concreta. A história deveria ser a grande mestra<sup>138</sup> capaz de demonstrar a coerência e a legitimidade de uma nacionalidade, filha de uma longa evolução dos tempos. A história da Nação seria a de sua *civilização*. Esse era o fio condutor que guiara a construção da nacionalidade desde os seus primórdios e que deveria prosseguir conduzindo-a. Imbuído do ideal de construir nos trópicos uma Nação civilizada, que pudesse apresentar-se dignamente no concerto das ditas *nações civilizadas*, era preciso mostrar e comprovar a justeza do desejo “brasileiro” de ser reconhecido como um par desse mundo branco. Projeto perverso de negar a diversidade cultural do gigantesco território brasileiro e de fazer representar-se através de uma idealizada homogeneidade (2000: 30 – grifos do autor).

Nesse processo de construção, portanto, de uma história para o Brasil, Varnhagen terminou por defender a superação da diversidade racial e cultural que, segundo ele, levaria o País à desagregação, de modo que, aos índios e negros, considerados por ele inferiores aos brancos, restaria apenas a miscigenação. Com isso, a história geral do Brasil seria a história de seu processo civilizatório, de sua constituição enquanto nação branca e européia.<sup>139</sup> Nesse sentido,

---

<sup>138</sup> Observa-se aqui a mesma interpretação acerca da história como mestra da vida já presente em Martius (cf. nota 131 deste capítulo).

<sup>139</sup> Para Odália, “um herói das guerras holandesas não é apenas um herói, ele é o elemento constituinte de uma nacionalidade nascente; o repúdio por um movimento como o de Minas pela libertação do país não é simplesmente uma nota falsa no patriotismo do historiador, mas significa basicamente uma rejeição a todo movimento que se opõe e contraria o papel que o Estado deve assumir no próprio processo de libertação do país e da nação. O enaltecimento de um episódio como a chamada Revolução de Bequimão não é um arranhão na acuidade crítica do historiador, da mesma maneira que sua insistência em atribuir ao indígena brasileiro uma ascendência mediterrânea não é simplesmente desvario científico. Essas interpretações dos acontecimentos históricos se entrelaçam e se explicam quando percebemos que a intenção do autor é a de através delas realçar, quase didaticamente, o papel do Estado na formação da nação e do homem branco brasileiro – este último, produto híbrido da confluência de três raças distintas. São momentos necessários de um projeto político de Nação, que se deseja ver implantado no presente e no futuro, e solidamente alicerçado e alimentado na seiva que o pode legitimar: o passado colonial. Seu orgulho em nossa história colonial é um gesto de criação e proteção, visando fazer dela surgir uma

---

Varnhagen representa o pensamento brasileiro dominante durante o século XIX, e ele o expõe com rara clareza, com fatura de dados e datas, nomes e fatos. Deve ser lido como um grande depósito de informações sobre o Brasil, um arquivo portátil, e como a interpretação do Brasil mais elaborada e historicamente eficaz do século XIX (Reis, 2003: 33).

- Joaquim Manoel de Macedo (São João do Itaboraí, Rio de Janeiro, 1820 – Rio de Janeiro, 1882)<sup>140</sup>

Enquanto Varnhagen se apóia na idéia de compilação e organização documental defendida por Martius para escrever sua *História geral do Brasil*, Macedo irá se preocupar em difundir-la para o ensino,<sup>141</sup> necessidade esta já apontada também pelo referido viajante e naturalista bávaro em *Como se deve escrever a história do Brasil*.<sup>142</sup>

Publicada em 1864, como compêndio didático, a obra selecionada aqui para análise, *Lições de história do Brasil: para uso nas escolas de instrução primária*,<sup>143</sup> originou-se das aulas organizadas por Macedo para os alunos do Imperial Colégio Pedro II, onde ele era professor de História do Brasil desde 1849, tendo

---

nação branca e européia – coerente com a paisagem tropical civilizada pelo homem branco europeu” (1979: 14-15).

<sup>140</sup> Formado em Medicina, Macedo irá se popularizar como romancista, sobretudo após a publicação de *A moreninha* (1844). Contudo, é na qualidade de professor de História do Brasil do Imperial Colégio Pedro II, secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1852-1856), orador efetivo do mesmo Instituto (1857-1881), além de autor de compêndios didáticos, que ele foi selecionado para análise. Para uma biografia de Macedo, ver Mattos (1993).

<sup>141</sup> Abud afirma que “a trajetória da História como disciplina escolar, no Brasil, não foi tranqüila, tanto em relação à sua introdução na grade curricular da escola secundária quanto à elaboração de seus programas. A História como disciplina escolar da escola secundária se efetivou com a criação do Colégio D. Pedro II, no final da regência de Araújo Lima, em 1837” (1998: 29). Ao que Bittencourt completa sustentando que “[...] a História foi introduzida, de forma obrigatória, nos currículos das escolas com o objetivo político explícito de contribuir para a construção da idéia do Brasil [...]” (2007: 193). Para uma análise da trajetória do ensino de história nas escolas secundárias da época, ver Bittencourt (2007) e para um exame do desenvolvimento dos livros didáticos de História, ver Bittencourt (1993 e 2004).

<sup>142</sup> A distinção entre pesquisa e ensino, no período em questão, também está presente no locus institucional, uma vez que a pesquisa aparece alocada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o ensino, no Imperial Colégio Pedro II, distinção esta que, de acordo com Mattos, “[...] não eliminava o papel de ambas as atividades na fixação de uma memória” (1993: 98).

<sup>143</sup> Macedo publicou primeiro *Lições de história do Brasil para uso dos alunos do Imperial Colégio Pedro II* (1860). A diferença entre os dois livros é, sobretudo, de método pensado para o público leitor da obra: o primeiro voltado para os “estudantes”, ficava entre um meio-termo da narração de dados e fatos e de uma apreciação filosófica; o segundo, focando os “meninos”, era organizado em torno de textos, explicações, quadros sinóticos e perguntas (cf. Mattos, 1993). No presente trabalho, faz-se uso da edição de 1905 da obra *Lições de história do Brasil: para uso nas escolas de instrução primária*, ampliada e revista por Olavo Bilac, que acrescentou algumas “lições” relacionadas ao fim do Império e ao início da República, cujas informações adicionais encontram-se nas referências bibliográficas.

gozado de grande repercussão,<sup>144</sup> uma vez que foi revista e ampliada até a década de 20 do período republicano (cf. Mattos, 1993).

A obra em questão traduzia, de acordo com Mattos (1993), duas das várias atividades de Macedo: a de sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a de professor do Imperial Colégio Pedro II,<sup>145</sup> além de fixar os conteúdos básicos desenvolvidos por Varnhagen,<sup>146</sup> adaptando-os para o ensino, na medida em que, segundo o próprio Macedo:

Uma história escrita para servir ao estudo de meninos não deve ser longa e o nosso compêndio à primeira vista desagradará pela sua aparente extensão, afigura-nos, porém que um rápido exame do livro demonstrará que este só se avulta pelas *explicações*, pelos *quadros sinóticos* e pelas *perguntas* que seguem às lições com o fim de facilitá-las e de gravá-las na memória dos discípulos (Macedo, 1905: s.p. – prefácio da 1. ed. – grifos do autor).

- Affonso Celso<sup>147</sup> (Ouro Preto/MG, 1860 – Rio de Janeiro, 1938)<sup>148</sup>

---

<sup>144</sup> Macedo teria sido o historiador mais lido do século XIX, ainda que sua produção no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro tenha sido pequena, uma vez que seu *Lições de história do Brasil* teve 11 edições, publicando-se, em cada uma delas, cerca de seis mil exemplares, o que evidenciaria o destaque da produção didática na divulgação de uma história oficial do país (cf. Bittencourt, 1993).

<sup>145</sup> Segundo Bittencourt, “os primeiros escritores de textos didáticos tiveram estreitas ligações com o saber oficial não apenas porque eram obrigados a seguir os programas estabelecidos, mas, porque estavam ‘no lugar’ onde este mesmo saber era produzido. A primeira interlocução que eles estabeleciam era exatamente com o poder educacional institucionalmente organizado. O ‘lugar’ de sua produção situava-se junto ao poder e era para o poder, nos colégios destinados à formação das elites, dialogando com intelectuais e políticos assentados no governo e participantes do IHGB” (1993: 205).

<sup>146</sup> De acordo com o próprio Macedo, “[...] a tarefa de que nos encarregamos difícil e espinhosa em muitos sentidos mostrou-se-nos entretanto menos rude; porque não hesitamos em pôr em abundante tributo a nosso favor algumas obras antigas e modernas sobre a História da Pátria, e mais que muito a História Geral do Brasil do senhor Varnhagen, que especialmente em verificação de fatos e datas é a melhor de quantas até hoje temos estudado. Assim, não nos apavora a pretensão de ter escrito coisas novas; adaptamos apenas ao método que empregamos, o que os outros escreveram antes e melhor do que nós o poderíamos fazer: sabemos disso, e dizemo-lo primeiro antes de todos” (apud Mattos, 1993: 96-97). A relação entre Varnhagen e Macedo é reconhecida também por intérpretes posteriores como Capistrano de Abreu que, com um projeto de escrever a história do Brasil, afirma, em carta ao barão do Rio Branco: “Dou-lhe uma grande notícia (para mim): estou resolvido a escrever a História do Brasil, não a que sonhei há muitos anos no Ceará, depois de ter lido Buckle, e no entusiasmo daquela leitura que fez época em minha vida – uma História modesta, a grandes traços e largas malhas, até 1807. Escrevo-a porque posso reunir muita coisa que está esparsa, e espero encadear melhor certos fatos, e chamar a atenção para certos aspectos até agora menosprezados. *Parece-me que poderei dizer algumas coisas novas e pelo menos quebrar os quadros de ferro de Varnhagen que, introduzidos por Macedo no Colégio Pedro II, ainda hoje são a base de nosso ensino.* As bandeiras, as minas, as estradas, a criação de gado pode dizer-se que ainda são desconhecidas, como, aliás, quase todo o século XVII, tirando-se as guerras espanholas e holandesas” (Rodrigues, 2000: 3 – grifos do autor). Sobre as diferenças existentes entre a produção de Varnhagen e a de Macedo, ver Mattos (1993).

<sup>147</sup> Ainda que na literatura ele seja mais conhecido por Affonso Celso, por uma questão de padronização bibliográfica, ir-se-á identificá-lo aqui como Celso, como ocorre com os demais autores estudados.

<sup>148</sup> Para uma biografia de Celso, ver Ramos (1969).

---

Affonso Celso de Assis Figueiredo Filho, conde romano, filho do visconde de Ouro Preto, escreve, no final do século XIX, o livro intitulado *Porque me ufano de meu paiz*, publicado apenas em 1901, com o sugestivo subtítulo *right or wrong, my country*.<sup>149</sup>

Escrito para celebrar o quarto centenário da viagem de Cabral e contando com ampla divulgação, o livro arrola didaticamente uma série de motivos pelos quais os brasileiros deveriam se orgulhar do Brasil e que aparecem sistematizados, basicamente, em torno de três grandes eixos: a natureza, a formação do povo e a história do país.

Segundo Carvalho (2006 e 1998), é provável que ele tenha sido adotado pelas escolas primárias da época, ainda que não haja estudos sobre isso, visto que a obra era coerente com as tentativas institucionais – realizadas após a Proclamação da República – de promoção da educação cívica das crianças por meio de textos escolares.

A escolha dessa obra deve-se a três motivos principais: primeiro, porque ela organiza de forma didática as “grandezas” do Brasil; segundo, porque ela acaba por cunhar a palavra “ufanismo” como sinônimo de um nacionalismo acrítico; e, terceiro, porque esse termina por popularizar e retomar as idéias desenvolvidas pelos cronistas coloniais como Simão de Vasconcelos e Rocha Pita,<sup>150</sup> e este último teria, séculos depois, trechos de seu livro transplantado, via Gonçalves Dias, para o Hino Nacional,<sup>151</sup> o que é indicador de que a elite letrada do início do século XX abastecia-se de uma tradição que remontava ao período colonial, tradição essa que Carvalho (2006 e 1998) denominará de motivo edênico e que corresponde à cristalização de uma visão do Brasil pautada pela natureza paradisíaca.

---

<sup>149</sup> No presente trabalho, faz-se uso da 1.<sup>a</sup> edição, cujas informações adicionais encontram-se nas referências bibliográficas.

<sup>150</sup> Refere-se aqui às obras *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, escrita, no século XVII, pelo padre Simão Vasconcelos, e *História da América portuguesa*, escrita por Rocha Pita, no século XVIII.

<sup>151</sup> O seguinte trecho de Rocha Pita, “Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madruga mais bela a aurora; o sol em nenhum outro hemisfério tem raios tão dourados, nem os reflexos noturnos tão brilhantes; as estrelas são mais benignas e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros; as águas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aquedutos, são as mais puras; é enfim o Brasil Terreal Paraíso descoberto, onde têm nascimento e curso os maiores rios; domina salutaríssimo clima; influem benignos astros e respiram auras suavíssimas, que o fazem fértil e povoado de inumeráveis habitantes” (Rocha Pita apud Carvalho, 1998, s.p.), teria sido inspirador dos versos de Gonçalves Dias, “Nosso céu tem mais estrelas/ Nossas várzeas têm mais flores/ Nossos bosques têm mais vida/ Nossa vida, mais amores” (Canção do Exílio).

Foram, portanto, estes aspectos que levaram à escolha de Martius, Varnhagen, Macedo e Celso, teóricos considerados não apenas fundadores da historiografia brasileira, mas produtores de um discurso por meio do qual, ao discorrerem sobre o Brasil, acabaram também por constituí-lo. Assim, ainda que a escolha desses autores não tenha sido arbitrária, na medida em que eles são considerados expressivos na constituição da narrativa histórica brasileira, de onde veio a seleção do século XIX, século este em que se dá a formação do Estado Nacional com a conseqüente institucionalização não apenas de uma história nacional, mas também de uma forma de contar essa história,<sup>152</sup> é preciso concordar com Reis quando, ao elencar algumas das interpretações sobre o Brasil que forjaram “as identidades brasileiras”, ele afirma que toda seleção é uma

[...] solução artificial e discutível, sem dúvida, porque elimina muitas outras obras e autores que poderiam também representar aqueles momentos históricos. Mas, como é consabido, toda e qualquer periodização e seleção artificial é contestável, pois é só uma entre muitas estratégias de abordagem e de atribuição de sentido. Essa é uma limitação, no entanto, intrínseca à reflexão teórico-historiográfica, mas que não invalida o esforço intelectual e cognitivo que representa (2003: 18).<sup>153</sup>

Também Le Goff (1988) observa que a escolha de determinadas fontes, em detrimento de outras, do ponto de vista teórico-metodológico, sempre gera problemas, na medida em que se fabrica um objeto artificialmente. Evidentemente que outros critérios poderiam ser adotados na presente pesquisa, tanto na seleção do nóculo elementar de sentido organizador das representações sociais de Brasil quanto nas fontes históricas utilizadas.

---

<sup>152</sup> Segundo Abud, após a independência de 1822, a História acadêmica e a História disciplina têm seus objetivos confundidos, uma vez que a nacionalidade era a grande questão do período. Nesse sentido, afirma a autora: “a História disciplina não nasceu sozinha. Foi sua irmã gêmea a História acadêmica. No mesmo ano em que foi criado o Colégio D. Pedro II foi criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Enquanto aquela escola fora criada para formar os filhos da nobreza da Corte do Rio de Janeiro e prepará-los para o exercício do poder, cabia ao IHGB construir a genealogia nacional, no sentido de dar uma identidade à nação brasileira e ‘formar, através do ensino de História, uma ciência social geral que (ensinasse) aos alunos, ao mesmo tempo, a diversidade das sociedades do passado e o sentido de sua evolução’ (Furet)” (1998: 29-30). Sobre os diferentes nacionalismos presentes no ensino da história do Brasil, ver Bittencourt (2007).

<sup>153</sup> De certa forma, esta discussão da seleção de análise articula-se com aquilo que Koselleck denominou de dilema epistemológico, ou seja, “todo conhecimento histórico é condicionado pelo ponto de vista e, por isso, relativo. Mas, a partir dessa constatação, a história se deixa apropriar de maneira crítica por meio de um ato de compreensão, o que conduz à formulação de declarações verdadeiras sobre ela. Formulando de modo mais agudo: parcialidade e objetividade excluem-se mutuamente, mas remetem uma a outra ao longo do desenvolvimento da tarefa histórica” (2006a: 163). Sobre a problemática do “ponto de vista” no contexto da produção historiográfica, ver Koselleck (2006a).

---

Dessa forma, a seleção realizada configura-se naquilo que Schaff (1995) denomina de um trabalho de síntese e hipótese: síntese, porque tende a reconstituir uma determinada situação, no caso, aqui, a da convergência de uma forma de pensar o Brasil; e hipótese, porque as relações estabelecidas não são nunca absolutamente evidentes nem totalmente verificáveis. Assim, ainda segundo esse autor, o historiador deve fazer uma escolha: “Na infinita variedade de referências que descobrem os acontecimentos passados, deve escolher aquelas que são importantes ou fundamentais para a sua história particular” (1995: 301). Foi justamente essa “história particular” que levou à seleção dessas fontes históricas.

Importa ainda observar que as especificidades de interpretação de cada um dos autores selecionados não serão discutidas,<sup>154</sup> uma vez que tais diferenças acabam por diluir-se em uma preocupação comum que diz respeito à problemática da questão nacional, problemática esta majoritária entre os intelectuais da época.<sup>155</sup> Não que essas especificidades não sejam importantes, mas para o objetivo da presente pesquisa importa identificar aquilo que restou dessas obras por meio da análise de sua convergência com a produção textual dos universitários. Assim, a intenção não é examinar a produção isolada desses autores, mas aspectos que permitam compreender os seus efeitos na organização atual do campo representacional de Brasil expresso nas respostas dos estudantes e analisado por meio da seleção do nóculo elementar de sentido “diversidade”.

### **2.2.3.2 Procedimentos para leitura das fontes históricas selecionadas**

Uma vez selecionadas as fontes, foi necessário elaborar uma matriz de interpretação delas e, para tanto, fez-se uso do dicionário montado por meio das palavras associadas à diversidade,<sup>156</sup> objetivando identificar o contexto atual de utilização do conceito diversidade que permitisse a elaboração de um eixo de análise das fontes históricas selecionadas, levando em conta o contexto conceitual do oitocentos. Isso porque, de acordo com Koselleck,

---

<sup>154</sup> Também não serão cotejadas as diferentes edições dos livros analisados, por pressupor que qualquer uma delas permitiria compreender as circunstâncias históricas de sua elaboração, na medida em que representam a síntese da obra dos autores selecionados.

<sup>155</sup> A esse respeito, ver os trabalhos de Schwarcz (1993), Naxara (1998) e Carvalho (2005).

<sup>156</sup> Sobre a montagem do dicionário, ver item 2.2.2 do presente capítulo.

---

quando o historiador mergulha no passado, ultrapassando suas próprias vivências e recordações, conduzido por perguntas, mas também por desejos, esperanças e inquietudes, ele se confronta primeiramente com vestígios, que se conservaram até hoje, e que em maior ou menor número chegaram até nós. Ao transformar esses vestígios em fontes que dão testemunho da história que deseja apreender, o historiador sempre se movimenta em dois planos. Ou ele analisa fatos que já foram anteriormente articulados na linguagem ou então, com ajuda de hipóteses e métodos, constrói fatos que ainda não chegaram a ser articulados, mas que ele revela a partir desses vestígios. No primeiro caso, os conceitos tradicionais da linguagem das fontes servem-lhe de acesso heurístico para compreender a realidade passada. No segundo, o historiador serve-se de conceitos formados e definidos posteriormente, isto é, de categorias científicas que são empregadas sem que sua existência nas fontes possa ser provada (2006a: 305).

Ou seja, não se irá procurar nas obras do século XIX a palavra “diversidade”, visto que esta faz parte da contemporaneidade, ainda que ela também possa aparecer em outros contextos históricos. O que se pretende fazer é levantar o contexto de uso do século XIX que conote como esse “estado de coisas”, que hoje denominamos de diversidade, era designado no passado, ainda que, para isso, se utilizem categorias orientadoras derivadas do dicionário montado na etapa anterior e, cuja presença, nem sempre pode ser identificada nas fontes históricas selecionadas (cf. Koselleck, 2006a).<sup>157</sup>

Para tanto, procedeu-se da seguinte forma: com o apoio do dicionário montado no procedimento anterior, foi realizada uma consulta ao verbete “diversidade” presente em dois dos dicionários considerados, no século XIX,<sup>158</sup> como de uso

---

<sup>157</sup> Em relação a esse aspecto, observa-se aqui uma aproximação entre Reinhart Koselleck e o filósofo alemão Hans-George Gadamer (2002), cujas idéias também serão utilizadas no presente trabalho, conforme se observará adiante, na medida em que, para este último, “é regra geral que o historiador eleja os conceitos com os quais descreve a peculiaridade histórica de seus objetos, sem reflexão expressa sobre a sua origem e justificação. Segue nisso unicamente o seu interesse pela coisa, e não se dá conta do fato de que a apropriação descritiva que ele encontra nos conceitos que elege pode ser altamente desastrosa para a sua própria intenção, na medida em que equipara a estranheza histórica ao que é familiar e, assim, já submeteu a alteridade do objeto aos próprios conceitos prévios, por mais imparcialmente que pretenda compreendê-lo. Apesar de toda a sua metodologia científica, comporta-se da mesma maneira que todo aquele que, como filho do seu tempo, está dominado acriticamente pelos conceitos prévios e pelos preconceitos do seu próprio tempo [...] O requisito de pôr de lado os conceitos do presente não postula um deslocamento ingênuo ao passado. [...] *Pensar historicamente* quer dizer, na realidade, *realizar a conversão que acontece aos conceitos do passado*, quando nele procuramos pensar. Pensar historicamente implica sempre uma mediação entre aqueles conceitos e o próprio pensar. Querer evitar os próprios conceitos na interpretação não somente é impossível, mas é também um absurdo evidente. Interpretar significa justamente colocar em jogo os próprios conceitos prévios, com a finalidade de que a intenção do texto seja realmente trazida à fala para nós” (2002: 577-578 – grifos do autor).

<sup>158</sup> Vale ressaltar que, a exemplo do que ocorria no âmbito da história do Brasil, também em relação à língua portuguesa tem-se que “[...] o século XIX é o momento em que há uma reivindicação por uma língua nacional e sua escrita, por uma literatura e sua escrita, por instituições capazes de assegurar a

corrente, quais sejam o *Diccionario da lingua portugueza*,<sup>159</sup> organizado por Antonio de Moraes Silva (1859) e o *Diccionario da lingua brasileira* (1832),<sup>160</sup> elaborado por Luis Maria da Silva Pinto, que, via de regra, se manteve semelhante às definições hodiernas,<sup>161</sup> indicando a permanência do conjunto semântico sem representar uma quebra radical com o conjunto da língua (cf. Koselleck, 1992: s.p.), ainda que, atualmente, existam novos sentidos para diversidade, como se observará no decorrer das análises.

Embora os dicionários consultados do século XIX tenham apontado a existência do termo “diversidade”, importa ressaltar que seria necessário recorrer a uma história conceitual, nos parâmetros propostos por Koselleck (2006a e 1992), para verificar as diferenças ou convergências entre os contextos de uso desses termos, uma vez que apenas a consulta aos dicionários não é suficiente para realizar essa análise. Contudo, esse procedimento não será adotado no presente trabalho, dado que o objetivo é investigar a historicidade das representações sociais de Brasil organizadas em torno do nódulo elementar de sentido “diversidade”, e não a história deste conceito em si.

Diante disso, realizou-se uma leitura atenta de cada uma das obras selecionadas fichando-se os trechos que indicassem “estados de coisas” associados à “diversidade”, de onde derivou o quadro abaixo que se configura como um pequeno excerto desse fichamento.<sup>162</sup>

---

legitimidade e a unidade desses objetos simbólicos sócio-históricos que constituem a materialidade de uma prática que significa a cidadania” (Garcia, 2007: 205-206).

<sup>159</sup> O *Diccionario da lingua portugueza* é considerado o primeiro dicionário monolíngüe do português e o mais utilizado durante o século XIX. Elaborado com base no *Vocabulário portuguez-latino*, de Rafael Bluteau, o dicionário, elaborado por Antonio de Moraes Silva, apresenta definições mais concisas, tendo sua primeira edição em 1789 e oito posteriores reedições (1813, 1823, 1831, 1844, 1858, 1877, 1889, [19 --]) (cf. Garcia, 2007). Faz-se uso aqui da 6ª edição publicada em 1858.

<sup>160</sup> O *Diccionario da lingua brasileira* se configuraria como uma tentativa do autor de fundar uma nova discursividade na história do Brasil, aproveitando-se do discurso da independência para anunciar e tentar estabelecer a língua brasileira. A esse respeito, ver Garcia (2007).

<sup>161</sup> “Diversidade” aparece descrita no *Diccionario da lingua brasileira* como: “s.f.: dissimilhança. Variedade, Lista de associações: variar, fazer diverso, que não he o mesmo. Differente vario, diversamente”. Em relação ao *Diccionario da lingua portugueza*, a edição de 1813, existente na Sessão de Obras Raras da Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, por questões relacionadas à conservação, não apresenta os verbetes iniciados com a letra D. Assim, foi consultado na mesma obra, mas em uma edição de 1858, o primeiro termo remissivo, no caso “variedade” que aparece descrito como “S.f. (do Lat. *Varietas*) A qualidade de ser vario. Diversidade. Multiplicidade de cousas diversas. Inconstância: v.g. – *dos homens, fortunas, estações ou tempos*. V. Variação, syn.

<sup>162</sup> A íntegra do quadro é apresentada no Anexo 3.

**QUADRO 3 - Vocabulário Associado à Diversidade e Excertos de seu Contexto de Uso no Século XIX**

Vocabulário associado à diversidade	Palavra que aparece agregada a esse vocabulário	Excertos do contexto de uso no século XIX
<p>Fusão Mescla Natureza diversa</p>	<p>Raça</p>	<p>“No Brasil, não há antagonismos entre as partes que o compõem. Cimenta-as, ao contrário, forte solidariedade. O Brasil é perfeitamente homogêneo, material e moralmente, pelo lado social e pelo lado étnico, pois nele se cruzam e se fundem todas as raças. Lucraremos, sem exceção, em permanecer um vasto conjunto intimamente ligado e compacto” (Celso, 1901: 250).</p> <p>“[...] Do encontro, da mescla das relações mútuas e mudanças dessas três raças, formou-se a atual população, cuja história, por isso mesmo tem um cunho muito particular” (Martius, 1982: 87).</p> <p>“São porém estes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergida de um modo particular três raças, a saber: a de cor de cobre, ou americana, a branca ou caucasiana, e, enfim, a preta ou etiópica” (Martius, 1982: 87).</p>
<p>Variedade Variegado</p>	<p>Clima, produção, natureza</p>	<p>“O reino mineral disputa em opulência com o vegetal e animal; a uberdade das terras não pode ser excedida pelas mais fecundas de outras regiões, e a extensão do país oferece uma variedade de climas, a que corresponde uma infinita variedade de produções” (Macedo, 1905: 41).</p> <p>“Por toda a extensão que abraçam esses dois grandes rios (Amazonas e Prata) se erguem serranias, que produzem variegados vales, por cujos leitos correm outros tantos rios caudais” (Varnhagen, 1975: 13 – t. 1).</p>

Acredita-se que esse quadro de análise, do qual os trechos acima são apenas um exemplo, ao ser cotejado com a produção dos universitários, possibilite compreender os aspectos pelos quais as gerações de intérpretes posteriores leram as

proposições do passado. Nesse sentido, a análise da historicidade do nódulo elementar de sentido “diversidade” como organizador das atuais representações sociais de Brasil não se realizará por meio de um estudo histórico acerca desse conceito, mas, sim, pelo estudo do efeito dele na produção textual atual representada pelas respostas dos universitários.

Faz-se uso, portanto, da perspectiva da história efetual, teorizada em *Verdade e método*, pelo filósofo Hans-Georg Gadamer (2002),<sup>163</sup> e que pode ser caracterizada por aquilo que a recepção contemporânea, expressa na produção textual dos universitários, consegue determinar “[...] a partir de seu horizonte de expectativas, das diversas mutações sofridas pelos conceitos ou idéias no tempo” (Jasmin, 2005: 30).<sup>164</sup> Assim, levantar o vocabulário presente nas fontes do século XIX, bem como seu contexto de uso, que conotam o que hoje denominamos por diversidade, permite identificar e compreender os aspectos pelos quais as gerações de intérpretes posteriores leram as proposições do passado (cf. Jasmin, 2005).

Partindo da filosofia de Heidegger,<sup>165</sup> que concebe a hermenêutica como a marca característica de nossa experiência do mundo, Gadamer (2002) critica o psicologismo e ressalta a dimensão histórica, o que implica, em primeiro lugar, reconhecer que a constituição do sentido transcende a subjetividade individual e, em segundo lugar, que ela é inseparável da historicidade inerente a uma determinada

---

<sup>163</sup> As observações realizadas acerca do uso de determinadas idéias elaboradas por Koselleck podem ser repetidas no caso de Gadamer, ou seja, a abordagem da história efetual foi usada aqui de maneira intencionalmente instrumental de modo a construir princípios metodológicos que favoreçam a análise, motivo pelo qual, no presente trabalho, não se estenderá sobre sua teorização.

<sup>164</sup> Gadamer discute a história efetual identificando-a como parte do que ele denominou de traços fundamentais de uma experiência hermenêutica concebida enquanto experiência do mundo, enraizando a linguagem no centro do ser humano, uma vez que a concebe como o horizonte intranscendível no qual se expressa a experiência do mundo, de modo que “em nossos pensamentos e conhecimentos sempre já fomos precedidos pela interpretação do mundo feita na linguagem [...]” (2002: 178 – t. 2). Nesse sentido, a linguagem passa a ser concebida como constitutiva do mundo, pois parte-se da idéia de que todo ser humano já se encontra num mundo lingüisticamente articulado, o que implica afirmar que, para se estar no mundo, é preciso que já se esteja previamente inserido na linguagem. Isso pressuposto, tem-se que a hermenêutica aparece, então, como a forma pela qual a experiência do mundo se torna possível.

<sup>165</sup> Apesar da importância de Dilthey e Schleiermacher em seu pensamento, Gadamer ressalta que, “se quisermos caracterizar o lugar de meu trabalho dentro da filosofia de nosso século, devemos partir diretamente do fato de que tentei oferecer uma contribuição mediadora entre a filosofia e as ciências, e sobretudo desenvolver de maneira produtiva as questões radicais de Martin Heidegger [...] dentro do amplo campo da experiência científica” (2002: 509 – t. 2).

---

tradição. Assim, é o caráter finito e histórico do ser que qualifica como hermenêutica a experiência que o homem tem do mundo.<sup>166</sup>

Esse mundo, lingüisticamente estruturado, a partir do qual é possível a experiência hermenêutica, constitui o horizonte no qual o conteúdo é passível de ser captado com sentido.<sup>167</sup> Contudo, a dimensão lingüística, que compõe o horizonte da experiência hermenêutica, vincula-se a uma tradição que, para Gadamer, aponta para algo que nos é transmitido.<sup>168</sup> É por isso que, para esse autor, “toda linguagem é uma visão do mundo”, pois cada linguagem estabelece uma determinada relação e um determinado comportamento em relação ao mundo, os quais variam historicamente.<sup>169</sup> Assim, conforme ressalta Oliveira, “toda compreensão se faz no seio da linguagem, e isso nada mais é do que a concretização da consciência da influência da história” (1996: 233) de onde advém a idéia de que toda situação hermenêutica é historicamente determinada na medida em que,

[...] quando procuramos compreender um fenômeno histórico a partir da distância histórica que determina nossa situação hermenêutica como um todo, encontramos sempre sob os efeitos dessa história efetual. Ela determina de antemão o que se mostra a nós de questionável e como objeto de investigação, e nós esquecemos logo a metade do que realmente é, mais ainda, esquecemos toda a verdade deste fenômeno, a cada vez que tomamos o fenômeno imediato como toda a verdade (Gadamer, 2002: 449 – t. 1).

---

<sup>166</sup> De acordo com Gadamer, a situação hermenêutica é historicamente determinada por “preconceitos” (*Vorurteil*), entendidos não em sentido negativo, mas como um juízo que se forma antes da prova definitiva de todos os momentos que lhe são determinantes e que, nesse sentido, longe de impedir a compreensão, constituem seu primeiro ponto de partida. Desse modo, os preconceitos não são meras valorações subjetivas de um determinado sujeito que age e pensa isoladamente. Trata-se antes da realidade histórica que subjaz aos sujeitos e que, por essa razão, constitui a própria condição da compreensão. Partindo dessa noção de “preconceito”, enfatiza Gadamer, “[...] uma situação hermenêutica está determinada pelos preconceitos que trazemos conosco. Estes formam assim o horizonte de um presente, pois representam aquilo mais além do qual não se consegue ver” (2002: 457 – t. 1). Entretanto, ao referir-se à predeterminação da situação hermenêutica por um determinado horizonte, fundado em preconceitos, Gadamer ressalta que “[...] o horizonte do presente está num processo de constante formação, na medida em que estamos obrigados a pôr à prova constantemente todos os nossos preconceitos. Parte dessa prova é o encontro com o passado e a compreensão da tradição da qual nós mesmos procedemos. O horizonte do presente não se forma, pois, à margem do passado. Nem mesmo existe um horizonte do presente por si mesmo, assim como não existem horizontes históricos a serem ganhos. Antes, compreender é sempre o processo de fusão desses horizontes presumivelmente dados por si mesmos” (2002: 457 – t. 1).

<sup>167</sup> Para Gadamer, “a linguagem emerge como o horizonte intranscendível da ontologia hermenêutica” (Oliveira, 1996: 232).

<sup>168</sup> Segundo Oliveira, a filosofia gadameriana não entende a tradição como algo que restou do passado, mas sim como entrega e transmissão (1996: 233).

<sup>169</sup> Consoante Gadamer, “[...] o sentido da pertença, isto é, o momento da tradição no comportamento histórico-hermenêutico, realiza-se através da comunidade de preconceitos fundamentais e sustentadores” (2002: 442 – t. 1).

---

Isso não significa que Gadamer proponha que a história efetual seja uma disciplina auxiliar do que ele denomina de ciências do espírito, e, sim, que se reconheça que seus efeitos operam em qualquer compreensão, independentemente da consciência disso, advertindo que:

[...] quando se nega a história efetual na ingenuidade da fé metodológica, a conseqüência pode ser até uma real deformação do conhecimento. Isso nos é conhecido através da história da ciência, como a execução de uma prova irrefutável de coisas evidentemente falsas. Mas, em seu conjunto, o poder da história efetual não depende de seu reconhecimento. Tal é precisamente o poder da história sobre a consciência humana limitada: o poder de impor-se inclusive aí, onde a fé no método quer negar a própria historicidade. Daí a urgência com que se impõe a necessidade de tornar consciente a história efetual: trata-se de uma exigência necessária à consciência científica (Gadamer, 2002: 450 – t. 1).

#### **2.2.4 Preparação do *corpus*<sup>170</sup> e descrição dos dados técnicos: aportes da análise estatística textual**

Paralelamente à elaboração do quadro de análise das fontes históricas do século XIX, procedeu-se à montagem do *corpus* de análise da produção textual dos universitários para cada uma das questões (“Por que você acha que isso tudo é Brasil?” e “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?”) por meio do seguinte processo: primeiramente, realizou-se uma seleção de todas as respostas que apresentavam literalmente o termo “diversidade”, no singular ou no plural. Contudo, como apontado anteriormente, a polissemia dessa palavra engendrou a necessidade de compreender o conteúdo nela expresso, um dos motivos pelos quais se optou pela construção do dicionário com o intuito de elaborar uma lista de associações que identificasse o contexto atual de uso desse conceito.<sup>171</sup>

Assim, com o auxílio do dicionário construído realizou-se uma segunda seleção do banco original, sistematizado pelo estudo intitulado *Imaginário e representações sociais de jovens universitários sobre o Brasil e a escola brasileira* (Sousa e Arruda, 2006), identificando as respostas dos universitários que continham, inicialmente, uma ou mais palavras da lista de associações (cf. Quadro 2).

---

<sup>170</sup> Segundo Soares, “um *corpus* refere-se a um conjunto de enunciados naturais dum (*sic*) texto, estruturado em diferentes níveis; constitui a totalidade dos dados textuais, i.e., constitui a estrutura ‘bruta’ que é submetida à análise” (2005: 549).

<sup>171</sup> Sobre a montagem desse dicionário, ver item 2.2.2 do presente capítulo.

Com os questionários que não foram selecionados, ou porque não apresentavam o termo “diversidade” ou porque não continham uma ou mais palavras da lista de associações, procedeu-se a uma nova leitura das respostas com o objetivo de escolher aquelas que, não preenchendo os requisitos acima, indicavam, apesar disso, uma conotação passível de ser interpretada como diversidade.<sup>172</sup>

Após essa seleção, obteve-se, para a questão “Por que você acha que isso tudo é Brasil?” um *corpus* de 498 respostas e, para “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?” obtiveram-se 499 respostas, lembrando que o banco original armazenava 976 respostas para cada uma das questões especificadas.

Dado o volume do material a ser analisado e seguindo a tendência apontada por Kalampalikis, que observa que um número cada vez maior de pesquisas, sobretudo na área de representações sociais, faz uso de instrumentos variados de estatística textual para o estudo do material discursivo,<sup>173</sup> optou-se aqui pela aplicação de uma análise informatizada de estatística textual de modo a se ter não apenas “[...] uma visão mais global e homogênea de nosso material (lingüístico, gramático, semântico, temático), mas também uma sutileza e fineza do detalhe que nem sempre são visíveis a ‘olho nu’” (2003: 149).<sup>174</sup>

O programa escolhido foi Alceste© (*Análise Lexical por Contexto de um Conjunto de Segmentos de Texto*),<sup>175</sup> na medida em que sua concepção permite uma “[...] análise da linguagem das representações que organizam e dão forma ao pensamento e ao conhecimento social” (Soares, 2005: 549).

---

<sup>172</sup> Por exemplo, uma das palavras associadas à diversidade é oposição. Assim, respostas que faziam referência à oposição, ainda que essa palavra não estivesse explicitada, compuseram também o *corpus* de análise. É o caso das seguintes frases: “Apesar de tudo, é um país bom para viver. Como desenhei, é muito raro acontecerem desastres no Brasil. Além disso, ele possui muitas riquezas, praias e belezas naturais, que não se podem encontrar em outro país” e “O Brasil se diferencia por ser rico em flora, porém com desigualdade social muito gritante”.

<sup>173</sup> Para mais informações sobre tais estudos, bem como sobre os diferentes programas de informática, ver Oliveira, Gomes e Marques (2005), Soares (2005), Camargo (2005), Alba (2004) e Kalampalikis (2003).

<sup>174</sup> Cf. original: “[...] afin d’avoir une vision plus globale et plus homogène de notre matériel (linguistique, grammaticale, sémantique, thématique), mais tout aussi bien une subtilité et une finesse du détail qui ne sont pas forcément visibles ‘à l’oeil nu’”.

© Todos os direitos reservados à Société IMAGE (1986-2000). Autor: Max Reinert (Licença CNRS/UTM).

<sup>175</sup> Várias são as definições utilizadas para a sigla Alceste. Reinert (1990), responsável por desenvolver, na França, o programa em questão, o define como “Analyse Lexicale par Contexte d’un Ensemble de Segments de Texte”. Já Kalampalikis (2003) e Soares (2005) indicam que o termo Alceste significa “Analyse des Lexèmes Cooccurrents dans les Énoncés Simplifiés d’un Texte”. No presente trabalho, utiliza-se a tradução usada por Oliveira, Gomes e Marques (2005).

Em um trabalho recente, Alba (2004) apresentou os motivos pelos quais este programa pode ser utilizado como um instrumento adequado para o estudo das representações sociais,<sup>176</sup> na medida em que permite não apenas a exploração da estrutura e organização de um determinado discurso, mas também uma melhor visualização das relações entre os mundos lexicais<sup>177</sup> que, segundo a autora, seriam difíceis de observar por meio de métodos de análises de conteúdo tradicionais.<sup>178</sup> Assim, de acordo com Alba, a originalidade do Alceste

[...] deriva de seu princípio teórico, o qual guia o desenvolvimento do tratamento estatístico dos dados: é a idéia de localização dos mundos lexicais que compõem o discurso, por meio da análise das associações das palavras principais co-ocorrentes nas frases. Estas sucessões repetitivas das palavras associadas nos diferentes fragmentos de textos ajudam a descobrir laços ou associações “temáticas” dificilmente acessíveis por meio de uma análise categorial tradicional (Berelson, 1952; Bardin, 1977), centrada principalmente nas freqüências de categorias e subcategorias elaboradas pelo investigador. A análise de conteúdo temática e a análise dos mundos lexicais proposta por Alceste podem ser complementares na medida em que a primeira pode ser uma etapa inicial de análise do texto que ajudará a uma melhor interpretação dos resultados encontrados pelo programa (2004: 1.18).<sup>179</sup>

<sup>176</sup> Sobre os pontos de convergência teórico-metodológica existentes entre o programa Alceste e a teoria das representações sociais, ver Kalampalikis (2003), Alba (2004), Oliveira, Gomes e Marques (2005), Camargo (2005) e Soares (2005). Esses autores descrevem ainda diferentes pesquisas que aplicaram de forma bem-sucedida o programa Alceste para realização do processamento estatístico dos dados levantados.

<sup>177</sup> Segundo Soares, “as palavras, pela sua natureza lexical, e independentemente da significação das frases onde estão incluídas, têm o poder de convocar determinados espaços no pensamento, a partir dos quais se torna possível proceder à construção de sentido (Reinert, 1997a, p. 271) [...] A evocação de uma lista de palavras é suficiente para fazer uma aproximação à localização destes *lugares* onde as enunciações são ancoradas. Na análise *Alceste*, esta aproximação é feita a partir da identificação dos *traços lexicais* (as palavras-plenas) das enunciações, uma vez que são eles que se associam a noções e conceitos, permitindo a veiculação de significados [...] O modelo apresentado por Max Reinert pretende *cartografar* os principais fundamentos tópicos que orientam o processo enunciativo dos indivíduos, e a indexação destes *lugares habituais* do discurso é feita através dos *mundos lexicais*” (2005: 553-254 – grifos do autor). Para mais informações sobre a noção de mundo lexical, ver Reinert (1993), Soares (2005), Camargo (2005) e Kalampalikis (2003).

<sup>178</sup> Também Oliveira, Gomes e Marques compartilham dessa idéia ao enfatizarem que “essa técnica estatística possibilita identificar o que há de comum nas diferentes visões do objeto estudado, visões essas que estão presentes ao longo do texto, permitindo a identificação dos núcleos de sentido cuja combinação forma a representação veiculada pelo texto” (2005: 161).

<sup>179</sup> Cf. original: “[...] radica en su principio teórico, el cual guía el desarrollo del tratamiento estadístico de los datos: es la idea de localización de los mundos lexicais que componen el discurso, a través del análisis de las asociaciones de las palabras principales co-ocurrentes en las frases. Estas sucesiones repetitivas de palabras asociadas en los distintos fragmentos del texto ayudan a descubrir lazos o asociaciones ‘temáticas’ dificilmente accesibles por médio de un análisis categorial tradicional (Berelson, 1952; Bardin, 1977), centrado principalmente en las frecuencias de categorías y subcategorías elaboradas por el investigador. El análisis de contenido temático y el análisis de mundo lexicales propuesto por Alceste pueden ser complementarios en la medida en que el primero puede ser una primera etapa del análisis del texto que ayudará a una mejor interpretación de los resultados arrojados por el programa”.

---

Consoante Oliveira, Gomes e Marques, duas condições devem ser observadas para que haja um bom aproveitamento da análise realizada pelo Alceste: “a primeira é que o *corpus* apresente, no seu conjunto, uma (*sic*) certa coerência temática ou dinâmica [...]” e, a segunda condição, “[...] é que o documento seja bastante volumoso para que o elemento estatístico seja considerado” (2005: 159, respectivamente – grifos do autor).

Julgou-se, assim, que o material usado na montagem do *corpus* apresentou essas duas condições, na medida em que se configurou como um conjunto coeso em que o elemento estatístico estava presente, visto que foi selecionada uma média de 500 respostas para cada uma das questões a serem processadas.

Dada a complexidade do funcionamento geral do programa, não serão apresentados os detalhes estatísticos, muito menos os fundamentos teóricos de sua operacionalização.<sup>180</sup> Tão-somente a título de exemplo, o conjunto de seus cálculos pode ser sintetizado, em linhas gerais, nos seguintes aspectos: “leitura” do texto, classificação das unidades de contexto elementar (UCE) e descrição dessa classificação a partir de três níveis: análise de classificação hierárquica descendente, análise lexical do *corpus* textual e elaboração de contextos lexicais a partir do vocabulário do *corpus* analisado. Ao final, é gerado um “dendrograma”<sup>181</sup> que possibilita não apenas a observação da fragmentação promovida no texto, mas também as relações existentes entre as classes lexicais por ele encontradas.

O *corpus* montado no procedimento anterior foi, então, transposto para um banco informatizado de acordo com as regras estipuladas pelo Alceste.<sup>182</sup> Cada pergunta foi considerada um conjunto isolado, e para cada uma delas foi realizada uma análise padrão dos dados, ou seja, seguiram-se os parâmetros definidos previamente pelo próprio programa sem que houvesse uma interferência em cada etapa ou subetapa da análise, haja vista que, como os dados eram monotemáticos e

---

<sup>180</sup> A esse respeito, ver Oliveira, Gomes e Marques (2005), Camargo (2005), Soares (2005), Alba (2004), Kalampalikis (2003) e Tavares (2002).

<sup>181</sup> Dendrograma é um gráfico que indica o número de classes, sua estrutura e forma de relação entre elas (Alba, 2004: 1.8).

<sup>182</sup> Apesar de o Alceste ter sido pensado, originalmente, para análise de textos em francês, posteriormente ele foi adaptado para utilização em outros idiomas, tais como o português, o espanhol, o inglês e o italiano (cf. Alba, 2004). Para mais informações sobre as regras de preparação do material textual para processamento do Alceste, ver Camargo (2005).

se apresentavam em um volume adequado ao tratamento estatístico, reputou-se desnecessária sua parametrização.

Importa observar que, ainda que os relatórios gerados pelo referido programa (Anexos 4 e 5) permitam visualizar a estrutura existente nas respostas dos universitários de modo a favorecer a análise de como estes organizam o discurso sobre seu país, pautado na diversidade, essa estrutura será, evidentemente, interpretada de acordo com “[...] o quadro de referência do pesquisador. Este é um aspecto importante, porque, apesar do material discursivo se tornar diretamente observável, a sua organização latente é sempre objeto de uma reconstrução por parte do investigador” (Soares, 2005: 550).<sup>183</sup>

A seguir, para cada uma das questões analisadas são apresentados apenas os resultados descritivos gerados pelo relatório Alceste no que tange as suas três primeiras etapas:<sup>184</sup> (1.<sup>a</sup>) leitura do *corpus* e cálculo dos dicionários; 2.<sup>a</sup>) cálculo das matrizes de dados e classificação das unidades de contexto elementar; e 3.<sup>a</sup>) cálculo dos dados e descrição das classes por meio da classificação hierárquica descendente,<sup>185</sup> visto que, dada a complexidade do programa, “[...] os diferentes arquivos de resultados permitem explorar diferentes análises e combinações de maneira praticamente inesgotável” (Alba, 2004: 1.18).<sup>186</sup>

---

<sup>183</sup> Cf. original: “[...] o quadro de referência do investigador. Este é um aspecto importante, porque apesar do material discursivo se tornar diretamente observável, a sua organização latente é sempre objecto duma reconstrução por parte do investigador”. A respeito disso, também Sá e Oliveira concordam com Soares (2005) ao afirmarem que a interpretação das classes geradas pelo relatório do Alceste “[...] resulta em temas que devem ser submetidos a uma leitura teórica em função do interesse do pesquisador e das relações evidenciadas” (2001: 247).

<sup>184</sup> Cada etapa em questão apresenta uma série de subetapas, em um total de quatro fases. Para mais informações sobre seu desenvolvimento, ver Camargo (2005) e Tavares (2002).

<sup>185</sup> A classificação hierárquica descendente utilizada pelo programa Alceste é realizada por meio de uma fragmentação sucessiva do *corpus* de modo a localizar as oposições mais significativas do texto extraindo daí as classes de enunciados representativos. Segundo Reinert, “este método permite tratar tabelas lógicas (usando a codificação 0 ou 1) de grandes dimensões (máximo de 4.000 linhas por 1.400 colunas), mas com um efetivo baixo (máximo de 60.000 ‘1’). Esquematicamente, trata-se de um procedimento iterativo: a primeira classe analisada inclui todas as unidades selecionadas. Então, em cada etapa, procura-se dividir em duas a maior das classes restantes, observando o critério do qui-quadrado. O procedimento termina quando o número de interações procuradas se esgota” (1993: 18). Cf. original: “Cette méthode permet de traiter des tableaux logiques (codage ‘0’ ou ‘1’) de grandes dimensions (4.000 lignes par 1.400 colonnes maximum) mais de faible effectif (60.000 ‘1’ maximum). Schématiquement, il s’agit d’une procédure itérative: La première classe analysée comprend toutes les unités retenues. Ensuite, à chaque pas, on cherche la partition en deux de la plus grande des classes restantes, maximisant un certain critère (le chi2). La procédure s’arrête lorsque le nombre d’itérations demandé est épuisé”.

<sup>186</sup> Cf. original: “[...] los diferentes archivos de resultados permiten explotar diferentes análisis, y combinaciones de éstos, de manera prácticamente inagotable”.

#### **2.2.4.1 Descrição sucinta dos resultados da classificação hierárquica descendente gerados pelo relatório do programa Alceste à questão “Por que você acha que isso tudo é Brasil?”**

O *corpus* dos dados textuais dessa questão foi organizado em torno das 498 respostas transpostas para um banco informatizado, de acordo com as regras do programa.

A seguir, o Alceste realizou a leitura do *corpus* a partir das unidades de contexto inicial (UCIs), ou seja, das respostas dos universitários.<sup>187</sup> Em uma segunda etapa, o programa procedeu ao cálculo das matrizes e a classificação das unidades de contexto elementar (doravante denominadas UCEs) definidas como segmentos de texto compostos por sucessões de palavras principais, cujo tamanho geralmente é de três linhas e dimensionado pelo próprio programa, respeitando a pontuação existente, apesar de o pesquisador poder parametrizar essa seleção (cf. Reinert, 1990, Camargo, 2005 e Alba, 2004). Essa divisão é executada, portanto, em função da semelhança de conteúdo dos enunciados por meio de uma análise hierárquica descendente que permite visualizar as relações existentes entre as classes resultantes desse procedimento.

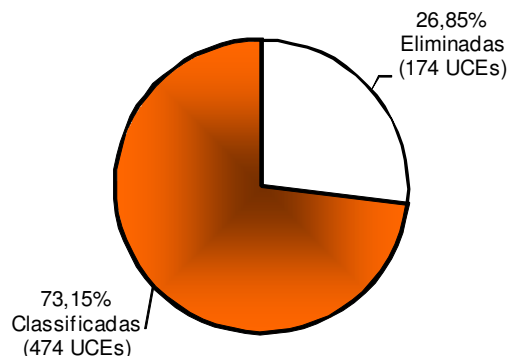
O material analisado foi dividido, então, em 648 UCEs, dos quais o programa aproveitou 474 delas, o que corresponde a 73,15% do total do *corpus* que, observando-se os parâmetros estatísticos do Alceste, indica um bom aproveitamento do material a ser analisado.<sup>188</sup> Esse resultado pode ser visualizado na figura a seguir:

---

<sup>187</sup> De acordo com Tavares, “a definição dessas unidades depende do pesquisador e da natureza da pesquisa. Isso é, se o pesquisador vai trabalhar com segmentos de texto, com entrevistas ou com respostas a uma questão aberta, cada unidade dessa modalidade de texto é uma ‘UCI’” (2002: 55). Na presente pesquisa, cada resposta do sujeito foi considerada uma UCI.

<sup>188</sup> Apesar de Reinert não estabelecer uma porcentagem passível de ser considerada válida para a análise, tem-se como regra que, quanto maior a porcentagem do texto examinado, melhor será a análise (ver Alba, 2004: 1.7). Como do *corpus* inicial foram eliminados apenas 26,95% das UCEs, isso é indicativo de uma classificação confiável do material e, conseqüentemente, do processamento realizado pelo programa.

**FIGURA 1 - Distribuição percentual de aproveitamento das UCEs gerada pelo programa Alceste referente à questão “Por que você acha que isso tudo é Brasil?”**



Em relação à etapa do cálculo do dicionário, o programa apontou ainda a existência de 2.508 palavras diferentes (chamadas também de formas distintas) em 16.022 ocorrências, com uma frequência média de 6 palavras diferentes, em que 1.479 palavras apresentaram frequência igual a 1, o que indica, segundo Camargo, “a heterogeneidade do vocabulário empregado pelos que produziram os textos que compõem o *corpus*” (2005: 519).

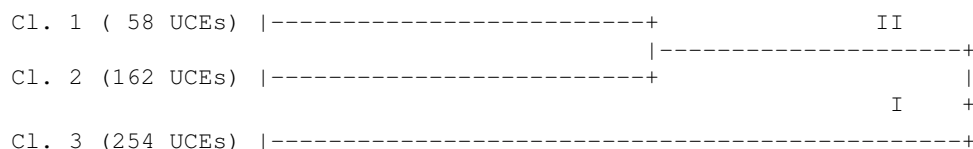
Na fase de seleção das UCEs e cálculo dos dados, após essas palavras serem reduzidas as suas raízes, obtiveram-se 377 palavras analisáveis com frequência igual ou superior a 4; 151 palavras instrumento<sup>189</sup> e 10 palavras variáveis.<sup>190</sup> As 377 palavras analisáveis ocorreram 6.544 vezes.

Por meio de uma classificação hierárquica descendente do material textual em questão, em que se consideram as palavras com frequência igual ou superior à média, o programa produziu um dendrograma que permite a visualização do material analisado em classes:

<sup>189</sup> A “palavra instrumento” corresponde aos conectores presentes no texto.

<sup>190</sup> As “palavras variáveis” são aquelas que representam variáveis. No caso específico, são as palavras relacionadas aos cursos (Enfermagem, Engenharia, Medicina, Pedagogia e Serviço Social) e às regiões em que estes se localizam (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul).

**FIGURA 2 - Dendrograma resultante da classificação hierárquica descendente do material textual referente à questão “Por que você acha que isso tudo é Brasil?”, gerado pelo programa Alceste<sup>191</sup>**



Observa-se que, inicialmente, o *corpus* de dados textual foi dividido em duas ramificações, I e II. Em uma segunda etapa, a ramificação II, foi novamente dividida em duas partes, formando as classes 1 e 2. Já a ramificação I deu origem à classe 3. A classificação hierárquica descendente parou nesse momento, pois, as três classes encontradas mostraram-se estáveis, ou seja, “[...] compostas de unidades de contexto elementares (UCEs) com vocabulário semelhante” (Camargo, 2005: 520).

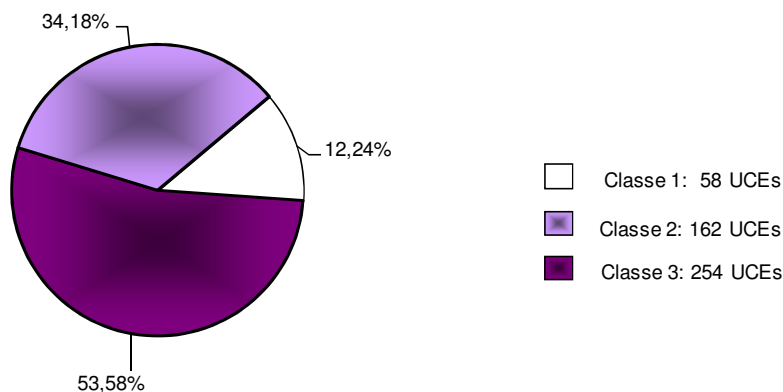
As ramificações e classes geradas pelo programa foram tematizadas de modo a interpretar não apenas a estrutura presente na produção textual dos universitários, mas também a rede de significados (cf. Kalampalikis, 2003) encontrada nas representações sociais de Brasil associadas ao nóculo elementar de sentido “diversidade”. Assim, após a análise do material, as ramificações que deram origem às classes receberam as seguintes tematizações, a serem explicitadas no capítulo a seguir: diversidade como variedade cultural (1.<sup>a</sup> ramificação) e diversidade como coexistência de contrários (2.<sup>a</sup> ramificação).<sup>192</sup>

A figura a seguir, indicativa da distribuição das UCEs no *corpus* analisado, apresenta a classe 3 como aquela que mais responde pela organização do material processado, dado esse que será analisado no próximo capítulo:

<sup>191</sup> Produto da classificação hierárquica descendente, esse dendrograma indica as relações entre as classes e sua leitura é realizada da direita para a esquerda. O número entre parênteses indica a distribuição percentual das UCEs nas classes geradas pelo programa Alceste.

<sup>192</sup> As classes não foram aqui categorizadas porque, durante a análise, observou-se que elas se apresentam aprofundadas na questão 2, “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?”, motivo pelo qual se optou aqui apenas por tematizar as ramificações.

**FIGURA 3 - Distribuição das UCEs nas classes geradas pelo programa Alceste à questão “Por que você acha que isso tudo é Brasil?”**

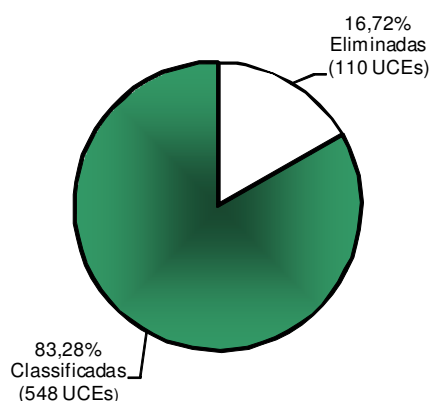


#### **2.2.4.2 Descrição sucinta dos dados técnicos gerados pelo relatório do Alceste à questão “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?”**

O exame da questão 2, intitulada “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?”, seguiu os mesmos padrões de análise da questão anterior. O *corpus* de dados textuais verificado foi composto por 499 respostas dadas a essa pergunta.

Durante a etapa de leitura do texto, o *corpus* foi dividido em 658 unidades de contexto elementar (UCEs), tendo sido consideradas 548 delas perfazendo, portanto, 83,28% do total, o que indica um bom aproveitamento do material a ser analisado pelo programa, conforme observação realizada no item anterior. Esse resultado pode ser visualizado na figura a seguir:

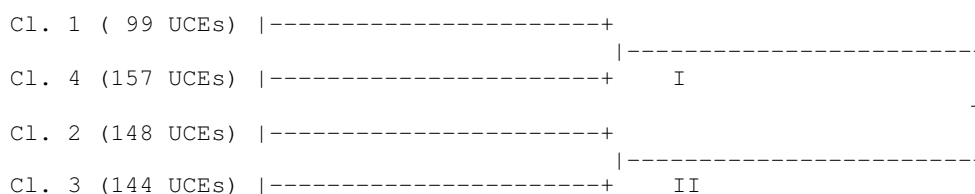
**FIGURA 4 - Distribuição percentual de aproveitamento das UCEs gerada pelo programa Alceste referente à questão “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?”**



Em relação ao cálculo do dicionário, o *corpus* apresentou um total de 16.129 ocorrências e 2.320 palavras diferentes, perfazendo uma média de sete ocorrências por palavra. Após as palavras terem sido reduzidas as suas raízes, na fase de seleção das UCEs e cálculo dos dados, o programa apresentou 367 palavras analisáveis com frequência igual ou superior a 4 e que apareceram 6.906 vezes, 154 palavras instrumento (conectores) e 16 palavras variáveis.

A figura a seguir representa o dendrograma resultante da classificação hierárquica descendente do material textual em questão.

**FIGURA 5 - Dendrograma resultante da classificação hierárquica descendente do material textual referente à questão “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?”, gerado pelo programa Alceste<sup>193</sup>**



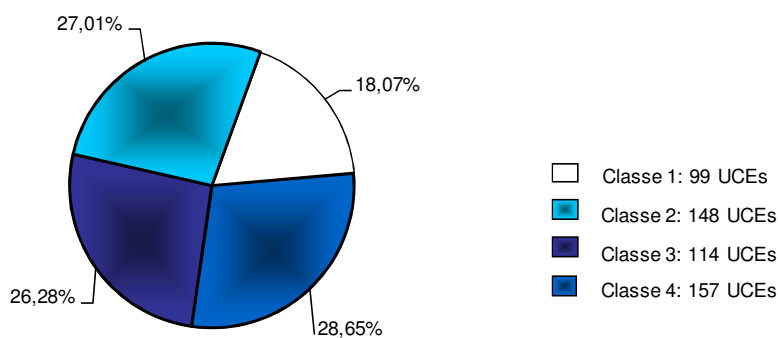
<sup>193</sup> Produto da classificação hierárquica descendente, esse dendrograma indica as relações entre as classes e sua leitura é realizada da direita para a esquerda. O número entre parênteses indica a distribuição percentual das UCEs nas classes geradas pelo programa Alceste.

Observa-se que a estrutura hierárquica das classes se divide em duas ramificações iniciais (I e II). Em um segundo nível de separação, a ramificação I foi novamente dividida em duas partes, formando as classes 1 e 4. Já a ramificação II deu origem às classes 2 e 3, perfazendo, portanto, um total de quatro classes lexicais. O processo de classificação hierárquica descendente parou com a obtenção das quatro classes em razão de elas se mostrarem estáveis, ou seja, como citado anteriormente, “[...] compostas de unidades de contexto elementar (UCEs) com vocabulário semelhante” (Camargo, 2005: 520).

Após a análise de cada uma das ramificações e das respectivas classes lexicais, estas foram tematizadas da seguinte forma: a primeira ramificação (I), denominada “diversidade como espaço de experiência e horizonte de expectativa”, abrange as classes 1 e 4, em que a classe 1 refere-se à “variedade de problemas” e a classe 4, à “diversidade enquanto expectativa mediada pela oposição”. A segunda ramificação (II), intitulada “diversidade como ficção orientadora”, compreende a classe 2, “diversidade pautada no aspecto racial” e a classe 3, denominada “diversidade pautada no aspecto natural”, as quais serão interpretadas no capítulo a seguir.

No tocante à presença das UCEs nas classes, a figura abaixo indica que, ao contrário do que ocorreu com o relatório anterior, estas aparecem distribuídas de forma mais ou menos equilibrada, sendo as classes 2, 3 e 4 as que mais concorrem para a organização do material processado:

**FIGURA 6 - Distribuição das UCEs nas classes geradas pelo programa Alceste à questão “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?”**



---

As palavras geradas pelo Alceste como significativas de cada classe lexical foram analisadas no contexto em que elas foram produzidas, de modo a delimitar seu conteúdo, bem como sua inserção nas respostas elaboradas pelos respondentes da pesquisa, observando-se ainda um conjunto de indicadores fornecidos pelo próprio programa, tais como: valor de qui-quadrado, frequência na classe e frequência no *corpus* como um todo.

### **2.2.5 Análise dos dados por meio da “fusão de horizontes interpretativos”**

Neste último procedimento, pretende-se analisar as convergências passíveis de serem estabelecidas entre a produção textual dos universitários e as fontes históricas elencadas. Assim, enquanto as análises subsidiadas pelo programa Alceste privilegiaram o conteúdo das representações sociais de Brasil, permitindo investigar a estrutura das respostas dos estudantes, o diálogo com as fontes do século XIX visa identificar como idéias e conceitos construídos nessa época foram apreendidos por esses mesmos universitários, mediante a análise das convergências entre as repostas deles e as fontes selecionadas, de modo a compreender a historicidade do nóculo elementar de sentido “diversidade”, apontado como um dos eixos organizadores dessas representações.

Evidentemente que não se trata de afirmar que as respostas dos universitários sejam um mero reflexo, ou mesmo uma transposição, da produção historiográfica brasileira do século XIX para o momento atual, mas antes indicar a existência de estruturas de pensamento que orientam uma forma de caracterizar o Brasil, que se mantém ainda hoje, apesar de ser outro o contexto histórico de sua produção. Daí a opção em utilizar, ainda que de forma adaptativa e instrumental, a expressão de Gadamer (2002), “fusão de horizontes interpretativos”, partindo do princípio de que não é possível compreender o significado original do vocabulário utilizado no século XIX, na medida em que cada período entende o texto de uma determinada maneira, não se tratando de transladar-se a uma espécie de “espírito da época”.

Nesse sentido, não há uma interpretação que possa pretender ser a única correta, pois sua vinculação a contextos hermenêuticos historicamente predeterminados por preconceitos que formam seus horizontes impede que se possa imaginar uma interpretação “autêntica” que se pretenda alheia a tais

predeterminações. As apropriações feitas de um texto por cada época histórica são diferentes, pois se orientam por horizontes distintos, tornando-se indispensável considerar a situação hermenêutica tanto de quem interpreta quanto do texto que é interpretado. Conforme Gadamer,

não pode haver uma interpretação correta “em si”, porque em cada caso se trata do próprio texto. A vida histórica da tradição consiste na sua dependência a apropriações e interpretações sempre novas. Uma interpretação correta em si seria um ideal sem pensamentos incapaz de conhecer a essência da tradição. Toda interpretação está obrigada a entrar nos eixos da situação hermenêutica a que pertence” (2002: 578 – t. 1).

Não há, portanto, um sentido “em si mesmo” passível de ser apreendido por uma subjetividade isolada e anistórica. A constituição do sentido ocorre de forma partilhada e é predeterminada pela tradição à qual pertence o intérprete. Conforme ressalta Oliveira,

é no horizonte da tradição de um todo de sentido que compreendemos qualquer coisa, o que manifesta que não somos simplesmente donos do sentido. A hermenêutica de Gadamer é conscientemente uma “hermenêutica da finitude”, o que significa para ele a demonstração de que nossa consciência é determinada pela história (1996: 227).

Aliás, é nisso que consiste o essencial da tentativa de Gadamer de superar uma “hermenêutica psicologizante”, que trata a questão da constituição do sentido como obra de um sujeito isolado e alheio às determinações históricas, em direção a uma “hermenêutica histórica”, que leva em consideração tais determinações da consciência dos sujeitos que, pertencentes a uma dada tradição, nela encontram o horizonte de sua interpretação. Portanto,

se quisermos pois atualizar uma frase enquanto tal, devemos atualizar também o seu horizonte histórico. [...] O conhecimento histórico jamais é mera atualização. Mas também a compreensão não é mera reconstrução de uma configuração de sentido, interpretação consciente de uma produção inconsciente. [...] Correspondentemente, compreender o passado significa ouvi-lo no que ele tem a nos dizer como válido (2002: 70 – t. 2).

Ainda que, conforme ressalta Oliveira, “[...] compreender um texto significa sempre: aplicá-lo a nós e saber que um texto, mesmo que deva ser compreendido de maneira diferente, é contudo o mesmo texto que se nos apresenta sempre de outro modo” (1996: 235-236), a simples enunciação da história efetual não significa que a sua observação seja um processo simples. Ao contrário, é o próprio Gadamer quem indica que

---

A afirmação de que a história efetual pode chegar a tornar-se completamente consciente é tão híbrida como a pretensão hegeliana de um saber absoluto, em que a história chegaria à completa autotransparência e se elevaria até o patamar do conceito. Pelo contrário, a consciência histórico-efetual é um momento da realização da própria compreensão... [na medida em que]... essa impossibilidade não é defeito da reflexão, mas encontra-se na essência mesma do ser histórico que somos. *Ser histórico quer dizer não se esgotar nunca no saber-se* (2002: 450-451 – grifos do autor – t. 1).

Desse modo, apesar de não existirem horizontes destacados um do outro, Gadamer usa o termo fusão por compreender que “[...] todo encontro com a tradição realizado com consciência histórica experimenta por si mesmo a relação de tensão entre texto e presente” (2002: 458 – t. 1), e à hermenêutica caberia não ocultá-la, motivo pelo qual o comportamento hermenêutico obriga a que se projete um horizonte que possa ser distinguido do presente.

Nesse sentido, a análise dos contextos de uso de um vocabulário específico tanto da produção textual dos universitários quanto nas fontes históricas tem o objetivo de atentar para o fato de que “[...] as palavras que permaneceram as mesmas não são, por si sós, um indício suficiente da permanência do mesmo conteúdo ou significado por elas designado” (Koselleck, 2006a: 105), isso porque

[...] o horizonte do presente está num processo de constante formação, na medida em que estamos obrigados a pôr à prova constantemente todos os nossos preconceitos. Parte dessa prova é o encontro com o passado e a compreensão da tradição da qual nós mesmos procedemos. O horizonte do presente não se forma, pois, à margem do passado. Nem mesmo existe um horizonte do presente por si mesmo, assim como não existem horizontes históricos a serem ganhos. Antes, *compreender é sempre o processo de fusão desses horizontes presumivelmente dados por si mesmos* (Gadamer, 2002: 457 – t. 1 – grifos do autor).

A construção dessa trajetória metodológica não tem, portanto, a intenção de ser uma fórmula para compreender a historicidade das representações sociais, mas, sim, de sistematizar algumas reivindicações metodológicas mínimas que devem ser levadas em conta nessa empreitada, investigando como os conhecimentos construídos no passado afetam os atuais.<sup>194</sup>

---

<sup>194</sup> Ainda que haja muitos pontos em comum entre a abordagem de Koselleck e de Gadamer (este último foi professor do primeiro), as principais diferenças encontram-se na relação estabelecida por eles entre disciplina histórica e hermenêutica filosófica. A esse respeito, ver Pereira (2004) e Jasmin (2005).

### **3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: FUSÃO DE HORIZONTES INTERPRETATIVOS**

Tomando-se a diversidade como um dos eixos organizadores das atuais representações sociais de Brasil, conforme exposto anteriormente, tem-se que a análise dos dados será aqui realizada por meio da “fusão dos horizontes interpretativos” (Gadamer, 2002), na medida em que se procurará identificar as convergências entre algumas das produções historiográficas constituídas no século XIX com as respostas fornecidas pelos universitários às questões “Por que você acha que isso tudo é Brasil?” e “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?”, discutindo como as primeiras constroem e organizam uma forma de representar o Brasil que ainda hoje produz efeitos sobre as segundas.

#### **3.1 Análise da questão “Por que você acha que isso tudo é Brasil?”**

As respostas dadas à questão “Por que você acha que isso tudo é Brasil?”, proposta aos universitários dos cursos de Enfermagem, Engenharia, Medicina, Pedagogia e Serviço Social de instituições públicas e privadas de sete Estados brasileiros,<sup>195</sup> durante pesquisa desenvolvida por Sousa e Arruda (2006), serão aqui utilizadas para analisar o nóculo elementar de sentido “diversidade”. Para tanto, como descrito no capítulo anterior, das 976 respostas dadas a essa questão foram selecionadas 498, que apresentavam relação, direta ou indireta, com tal nóculo.

Feito este recorte, foi realizado um processamento informatizado, com o auxílio do programa Alceste, em que se observou a separação das respostas dos universitários em duas ramificações iniciais: a primeira delas, que reúne uma produção textual que entende a diversidade como variedade cultural, originou a classe 3 e, a segunda, que associa diversidade à coexistência de contrários, deu origem às classes 1 e 2 (cf. figura 7).

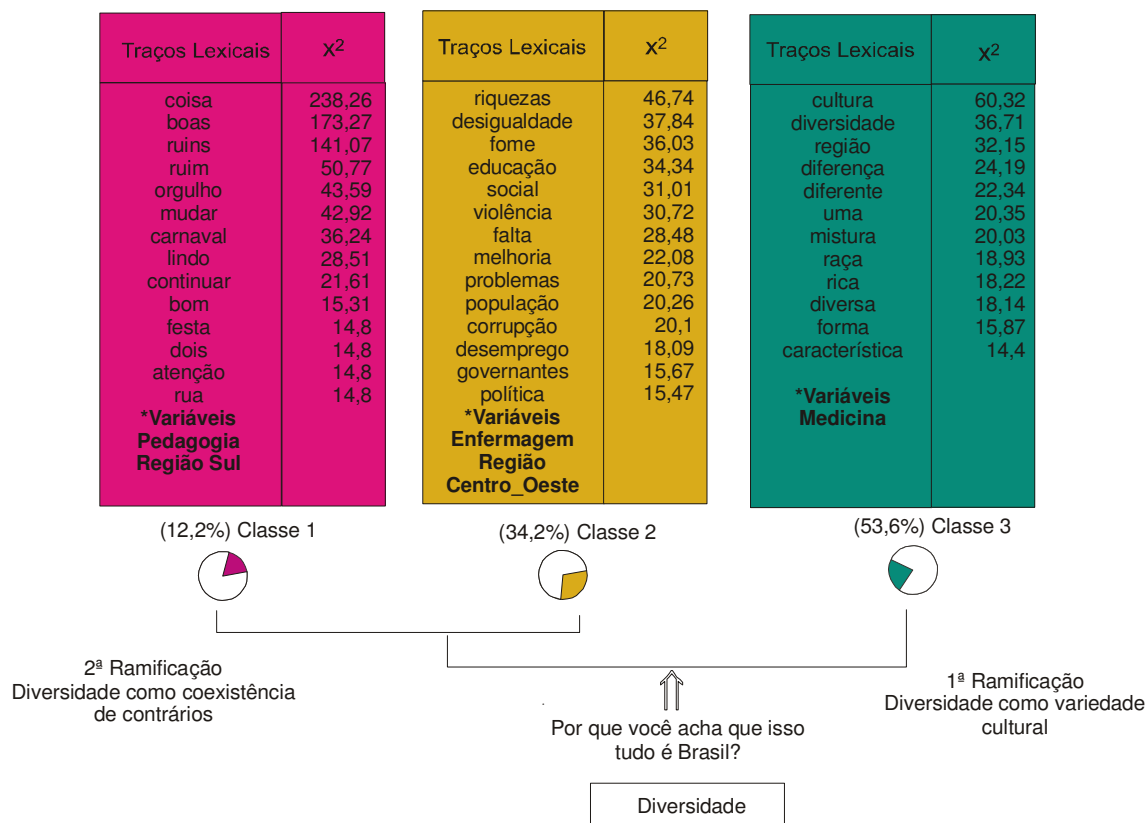
A seguir, são apresentados o dendrograma de distribuição das três classes, bem como os traços lexicais e variáveis (curso e região) associados a cada

---

<sup>195</sup> São eles: Pará, Pernambuco, Bahia, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul.

uma delas, os respectivos indicadores quantitativos do qui-quadrado e o contexto temático atribuído a cada ramificação.<sup>196</sup>

**FIGURA 7 - Perfil dos contextos temáticos e das classes lexicais geradas pelo Alceste à questão “Por que você acha que isso tudo é Brasil?”**



Ainda que as classes, com suas respectivas ramificações, passem a ser explicitadas a seguir, importa observar que, no processo de análise, verificou-se que os dados apresentados foram retomados e aprofundados pelos universitários quando eles responderam à questão “O que para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?”.<sup>197</sup> Constatada essa aproximação, conforme se mostrará no decorrer do capítulo, optou-se por descrever, genericamente, no próximo item, os dados

<sup>196</sup> Faz-se uso aqui da nomenclatura utilizada por Soares (2005), em que “contexto temático” refere-se à categorização construída pelo pesquisador quando da interpretação dos dados gerados pelo relatório Alceste (Anexo 4), haja vista que este programa apenas separa o discurso, cabendo ao pesquisador interpretá-lo. Já os “traços lexicais” correspondem ao vocabulário específico de cada classe.

<sup>197</sup> Um dos indícios de que a produção textual da questão “Por que tudo isso é Brasil”, apresenta-se menos coesa é dado pelo índice de aproveitamento do *corpus* de análise que foi de 73,15% contra os 83,28% da questão “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?”. Em que pese a observação feita no capítulo anterior de que Reinert (1990 e 1993), idealizador do programa Alceste, não estabelece uma porcentagem passível de ser considerada legítima para a análise, tem-se que, quanto maior a porcentagem do texto analisado, mais válido será o exame.

relacionados à primeira questão, deixando sua problematização quando da análise da segunda questão.

A seguir, apresenta-se cada um dos contextos temáticos, constituídos a partir da análise do relatório Alceste gerado para a questão 1 (Anexo 4), categorizados, em relação ao nóculo elementar de sentido “diversidade”, como “coexistência de contrários” (classes 1 e 2) e “variedade cultural” (classe 3).

### **3.1.1 Contexto temático: Diversidade como coexistência de contrários (classes 1 e 2)<sup>198</sup>**

Dividida em duas classes (1 e 2) e respondendo por 46,40% de todo o material examinado, esta ramificação permite interpretar a diversidade como “coexistência de contrários”, conforme será exposto a seguir.

A classe 1, englobando 12,2% das UCEs analisadas, foi associada aos estudantes dos cursos de Pedagogia da região Sul que, lacunarmente, apresentam a “diversidade” relacionada tanto a aspectos positivos como negativos, como pode ser observado nas seguintes respostas dos universitários:

Há suas coisas ruins, mas há muito mais coisas boas e lindas (Medicina, região Sul).

E

Porque o Brasil é um país lindo, que todos unidos e com boa vontade podem mudar algumas coisas que estão erradas (Pedagogia, região Nordeste).

A produção textual dessa classe enfatiza, sobretudo, a característica oposicional da diversidade, conforme indicam tanto a observação da seleção de seus traços lexicais mais significativos,<sup>199</sup> organizados em ordem decrescente de qui-


---

<sup>198</sup> Ainda que a primeira classe originada no relatório Alceste tenha sido a classe 3, por questões analíticas, o exame dessa questão será iniciado pela segunda ramificação que dá origem às classes 1 e 2.

<sup>199</sup> Para a seleção da lista de palavras que compõem o vocabulário específico de cada uma das três classes geradas pelo programa Alceste, utilizaram-se três critérios simultâneos: 1) seleção das palavras não-instrumentais com média maior que 6 (critério lexicográfico dado pelo próprio programa quando no passo A2 – cálculo do dicionário, em que este indica a frequência média por palavra); seleção do qui-quadrado (coeficiente de associação da palavra à classe em questão) com valor maior que 3,84, pois, de acordo com Camargo, “[...] o cálculo deste teste estatístico é feito com base em uma tabela com grau de liberdade igual a 1” (2005: 520); e frequência da palavra na classe e no *corpus* em geral. Nesse sentido, são apresentados aqui apenas os traços lexicais mais significativos de cada classe de acordo com a análise que será realizada. Para os demais traços, ver Figura 7 – classe1.

quadrado, como os extratos das respostas dos universitários visualizados no quadro a seguir:

**QUADRO 4 - Traços Lexicais Característicos da Classe 1 e seu Contexto de Uso**

Contexto temático da ramificação: Diversidade como coexistência de contrários				
 <b>Classe 1</b>				
Traços lexicais	f/classe	f/texto	x <sup>2</sup>	Contexto de uso – excertos da produção textual dos universitários <sup>200</sup>
Coisas	42	55	238,26	“Porque existem <b>coisas</b> boas e ruins e isso é o Brasil” (Engenharia, região Sul).
Boas	31	40	173,27	“Porque nós encontramos todas essas coisas <b>boas</b> e ruins no Brasil” (Pedagogia, região Nordeste).
Ruins	22	25	141,07	“Porque o Brasil é um país repleto de coisas belas apesar de haver nele coisas <b>ruins</b> que devem ser superadas” (Pedagogia, região Nordeste).
Ruim	9	11	50,77	“É o meu modo bom e <b>ruim</b> de ver o nosso país, e é assim que eu o vejo” (Pedagogia, região Sul).

Ainda que esta classe seja a que menos caracterize o *corpus* analisado, uma vez que ela representa apenas 12,2% de todo o material, é sintomático que nela se concentre a produção dos estudantes de Pedagogia caracterizada por um discurso lacunar em que não há explicitação daquilo que eles nomeiam como “coisas boas e ruins”. Ao contrário, por exemplo, do excerto abaixo escrito por um universitário do curso de Enfermagem da região Nordeste, em que esses aspectos são listados:


Caracterizei as coisas que mais chamam a atenção para mim no meu país: sejam elas boas como praia, carnaval, Amazônia, forró, ou ruins, como violência, dificuldades etc. (Enfermagem, região Nordeste).

<sup>200</sup> Para outras respostas selecionadas pelo Alceste como correspondentes desta classe, ver Anexo 4.

A classe 2, originária também desta ramificação, responde por 34,2% de todo o material analisado e é associada aos estudantes dos cursos de Enfermagem da região Centro-Oeste.


A seleção do vocabulário mais característico dessa classe, por ordem decrescente de qui-quadrado, de acordo com o relatório gerado pelo programa Alceste (Anexo 4), bem como seu respectivo contexto de uso, desvela o discurso lacunar apontado na classe anterior, na medida em que nomeia explicitamente no que consistem essas “coisas boas e ruins” apresentando a diversidade associada aos contrastes, como pode-se observar no quadro a seguir.

### QUADRO 5 - Traços Lexicais Característicos da Classe 2 e seu Contexto de Uso

Contexto temático da ramificação: Diversidade como coexistência de contrários				
 <b>Classe 2</b>				
Traços lexicais	f./ classe	f./ texto	x <sup>2</sup>	Contexto de uso – excertos da produção textual dos universitários <sup>201</sup>
Riquezas	46	64	46,74	“Por ser um dos países mais ricos do mundo, este deveria se tornar mais independente, preocupado em resolver com suas <b>riquezas</b> seus problemas sociais: fome, desemprego, saúde pública, educação de qualidade etc.” (Enfermagem, região Centro-Oeste).
Desigualdade	34	45	37,84	“Porque no Brasil há muita <b>desigualdade</b> social, muita concentração de poder e dinheiro nas mãos de poucos, e a grande maioria da população miserável, lutando para viver” (Enfermagem, região Sudeste).
Fome	23	26	36,03	“Não temos independência econômica e somos devedores desde a época colonial. A população pobre é a que paga esse custo, com <b>fome</b> e falta de educação, saneamento básico e condições de subsistência” (Medicina, região Sul).
Educação	19	20	34,34	“Somos povos de paz, não fazemos guerra, não temos catástrofes, temos problemas graves a ser corrigidos como a fome, a <b>educação</b> , a violência, a corrupção mas somos um país esperançoso, temos muitos recursos minerais, hídricos, nossas terras são férteis” (Serviço Social, região Centro-Oeste).

<sup>201</sup> Para outras respostas selecionadas pelo Alceste como correspondentes desta classe, ver Anexo 4. Para os demais traços também associados a esta classe, ver Figura 7 – classe 2.

continuação

Contexto temático da ramificação: Diversidade como coexistência de contrários				
 Classe 2				
Traços lexicais	f./ classe	f./ texto	$\chi^2$	Contexto de uso – excertos da produção textual dos universitários <sup>202</sup>
Social	27	35	31,01	“O Brasil é um belo país, mas, infelizmente, a riqueza está concentrada na mão de poucos, o que gera grandes desigualdades <b>sociais</b> , ocasionando fome, violência e todos os problemas do país” (Enfermagem, região Nordeste).
Violência	28	37	30,72	“A educação também é escassa e, assim, o despreparo de tantos cidadãos sem condições de se tornarem críticos, éticos e ativos, faz com que eles partam para o mundo da marginalização, do crime e da <b>violência</b> ” (Pedagogia, região Centro-Oeste).

Dentre as “coisas boas”, são citadas as terras produtivas, a biodiversidade, as riquezas naturais, turísticas e minerais e, dentre as “ruins”, presentes em maior número, observa-se uma polarização, haja vista que as respostas tendem a enfatizar ora a idéia de “falta” associada, sobretudo, a áreas como educação, saúde, segurança, emprego etc., ora à desigualdade social, citada como um dos maiores problemas brasileiros da atualidade.

Tanto a “falta” como a “desigualdade” são tratadas sob o ponto de vista dos problemas sociais, em que, muitas vezes, se infere uma crítica ao governo, embora esta apareça muito mais pautada por um aspecto de resignação do que de potencial conflito, como pode ser observado no seguinte excerto:

Apesar da miséria, da fome, do desemprego, da falta de infraestrutura, o povo brasileiro tenta lutar por um país melhor. Entra governo, sai governo, a esperança sempre existirá, por mais que seja pequena (Enfermagem, região Norte).

A relação dos universitários com a ação política, inferida pelas suas respostas, aparecerá novamente quando da análise da questão 2, “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?”, motivo pelo qual não será discutida neste momento.

<sup>202</sup> Para outras respostas selecionadas pelo Alceste como correspondentes desta classe, ver Anexo 4.

Cabe ressaltar, à guisa de síntese desta ramificação, que as classes 1 e 2 revelam que a singularidade do país está na “coexistência de contrários”, uma vez que ele é caracterizado tanto pelos aspectos positivos como pelos negativos, permitindo concluir que a produção textual dos universitários, reunida nesta ramificação, associa diversidade à oposição.

### 3.1.2 Contexto temático: Diversidade como variedade cultural (classe 3)

Concentrando 53,6% de todo o material analisado, esta classe apresenta uma forma particular de encadeamento da questão “Por que você acha que isso tudo é Brasil?” que se distingue das classes 1 e 2, apresentadas anteriormente.

Representando, majoritariamente, a produção textual dos estudantes de Medicina, a classe 3 apresenta a diversidade, palavra literalmente citada aqui, como síntese de culturas que congrega a variedade na unidade, conforme pode ser observado no quadro a seguir, que expõe uma seleção dos traços lexicais mais característicos dessa classe, organizados por ordem decrescente de qui-quadrado, bem como seu respectivo contexto de uso.<sup>203</sup>

**QUADRO 6 - Traços Lexicais Característicos da Classe 3 e seu Contexto de Uso**

Contexto temático da ramificação: Diversidade como variedade cultural				
 <b>Classe 3</b>				
Traços lexicais	Freq/ classe	Freq/ texto	$\chi^2$	Contexto de uso – excertos da produção textual dos universitários
Cultura	86	97	60,32	“A população é miscigenada, a <b>cultura</b> foi construída com base em diversas culturas. Portanto, tudo isso é Brasil porque o nosso país é diversificado, vasto e rico em diferenças e variedades” (Medicina, região Sudeste).
Diversidade	47	50	36,71	“O Brasil é rico nas <b>diversidades</b> , uma mistura de cor, de raça” (Serviço Social, região Norte).
Região	45	49	32,15	“Porque o Brasil é um país enorme, com marcas características em cada <b>região</b> . E dessa mistura de climas e culturas que nasceu o nosso país” (Medicina, região Sudeste).

<sup>203</sup> Para outras respostas selecionadas pelo ALCESTE como correspondentes desta classe, ver Anexo 5. Para os demais traços também associados a esta classe, ver Figura 7 – classe 3.

Enquanto as classes 1 e 2 associam a diversidade a uma idéia de oposição, a classe 3 a apresenta como reunião de características culturais, na medida em que as respostas dos universitários parecem indicar que foi a “mistura de cor, de raça, de climas” que originou essas “diversas culturas”.

Ainda que o “povo”, enquanto sujeito histórico, não apareça explicitamente mencionado e ainda que o recorte da produção dos universitários tenha sido pautado pela diversidade, tem-se que a cultura, nesta classe, surge como um elemento relevante, não obstante, aparentemente, parecer ir na direção oposta das análises realizadas por Carvalho (2006 e 1998) e Chauí (2001), que apontam a natureza como fator primordial da representação dos brasileiros sobre sua “comunidade imaginada” (Anderson, 1991), mesmo que este fator seja evocado quando os respondentes são solicitados a comparar o Brasil aos demais países, como se observará no decorrer do capítulo. Contudo, acredita-se que essa oposição é meramente aparente e não um sinal de que as representações sociais do país estariam se deslocando para o plano cultural, pois o destaque feito pelos estudantes baseia-se, como se mostrará nas análises posteriores, na miscigenação racial, o que, em última instância, fundamenta-se em uma explicação de origem natural, posto que biológica.

Considerando que os aspectos apontados aqui serão aprofundados no item a seguir, importa ressaltar que cada uma das ramificações estudadas faz referência a um universo semântico distinto. Assim, a primeira ramificação analisada apresenta um discurso em que a diversidade se exprime na coexistência de contrários exemplificada na expressão “coisas boas e ruins”; já a segunda ramificação apresenta a diversidade caracterizada sobretudo pela síntese cultural, o que indica que, neste caso, as evocações acerca da natureza não são preponderantes para estes universitários, embora o mesmo não ocorra quando se solicita que eles indiquem as diferenças entre o Brasil e os demais países, como se apresentará no item a seguir.

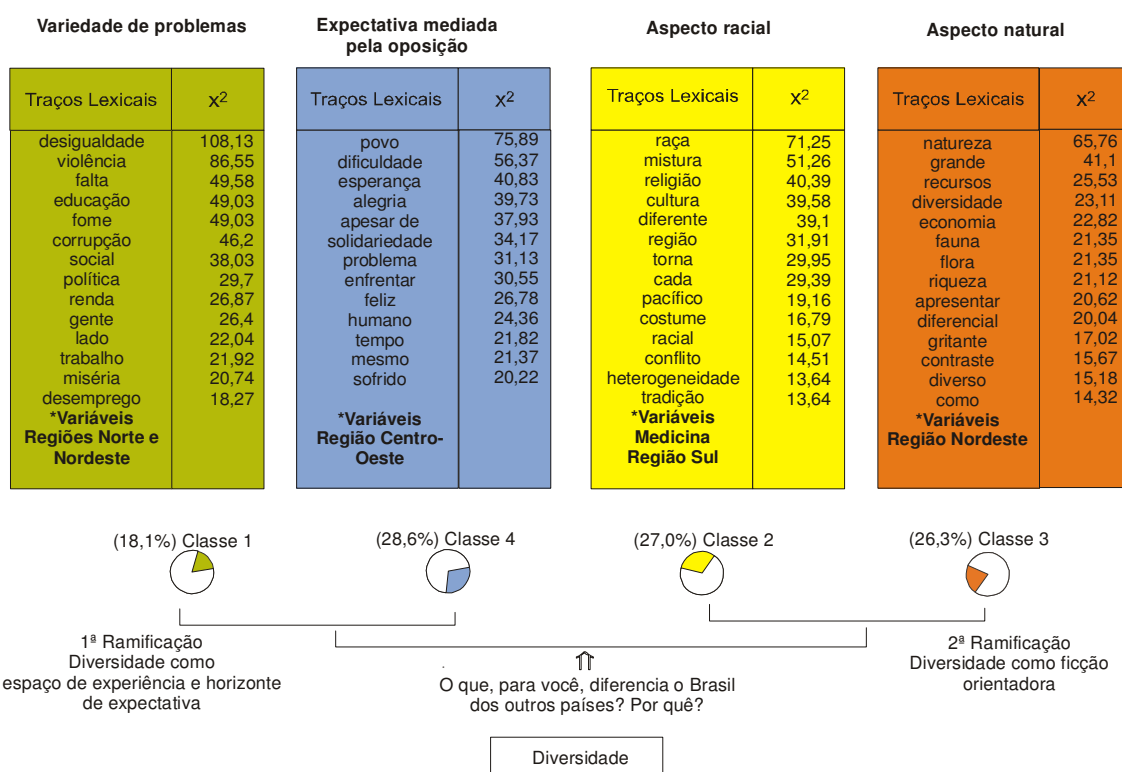
### **3.2 Análise da questão: “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?”**

A análise informatizada realizada pelo programa Alceste para a questão “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?” separou as respostas dos universitários em duas ramificações (cf. Anexo 5). A primeira delas, que

deu origem às classes 1 e 4, reúne uma produção textual que permite compreender a diversidade como “espaço de experiência e horizonte de expectativa” enquanto a segunda ramificação, da qual resultam as classes 2 e 3, apresenta a “diversidade como ficção orientadora” (cf. figura 8), uma vez que a ênfase recai nos aspectos racial e natural, como se discutirá no decorrer da análise.

A seguir, são apresentados o dendrograma de distribuição das quatro classes, bem como os traços lexicais e variáveis (curso e região) associados a cada uma delas, os respectivos indicadores quantitativos do qui-quadrado e o contexto temático atribuído a cada ramificação e a cada classe:

**FIGURA 8 - Perfil dos contextos temáticos e das classes lexicais geradas pelo Alceste à questão “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?”**



Na seqüência, passa-se a apresentar cada um dos contextos temáticos associados à diversidade, bem como suas respectivas classes.

### **3.2.1 Contexto temático: Diversidade como espaço de experiência (classe 1) e horizonte de expectativa (classe 4)**

Dividida em duas classes e contemplando 46,7% de todo o material analisado, esta ramificação permite interpretar a diversidade como espaço de experiência e horizonte de expectativa, na medida em que a singularidade do país ora se concentra na variedade dos problemas cotidianos (classe 1), ora se mostra relacionada a uma expectativa de que, no futuro, esses problemas serão resolvidos (classe 4).

Categorizada como “variedade de problemas” e respondendo por 18,1% de todas as UCEs identificadas, a classe 1 foi associada, independentemente do curso, aos universitários das regiões Norte e Nordeste do país, o que supõe que, ou nessas localidades os problemas apontados são mais agudizados, ou que os estudantes são mais críticos em relação a eles.

Trata-se de um discurso que faz referência direta ao cotidiano, conforme pode ser observado na seleção dos traços lexicais mais característicos da classe,<sup>204</sup> organizados por ordem decrescente de qui-quadrado, bem como nos extratos das respostas dos universitários visualizados no quadro a seguir:

---

<sup>204</sup> Para a seleção da lista de palavras que compõem o vocabulário específico de cada uma das quatro classes geradas pelo programa Alceste, foram utilizados três critérios simultâneos: 1) seleção das palavras não-instrumentais com média maior que 7 (critério lexicográfico dado pelo próprio programa quando no passo A2 – cálculo do dicionário, em que este indica a frequência média por palavra); seleção do qui-quadrado (coeficiente de associação da palavra à classe em questão) com valor maior que 3,84, pois, de acordo com Camargo, “[...] o cálculo deste teste estatístico é feito com base em uma tabela com grau de liberdade igual a 1” (2005: 520); e frequência da palavra na classe e no *corpus* em geral. Nesse sentido, são apresentadas aqui apenas as palavras mais significativas da classe. Para visualizar todas as palavras, ver Anexo 5.

**QUADRO 7 - Traços Lexicais Característicos da Classe 1 e seu Contexto de Uso**

Contexto temático da ramificação: Diversidade como espaço de experiência e horizonte de expectativa				
				
Contexto temático da classe: Variedade de problemas				
Traços lexicais	f/classe	f/texto	$\chi^2$	Contexto de uso – excertos da produção textual dos universitários <sup>205</sup>
Desigualdade	36	50	108,13	A <b>desigualdade social</b> , miséria, desemprego, violência, tráfico de drogas etc. Porque em países desenvolvidos até há problemas mas não como no Brasil” (Serviço Social, região Sul).
Violência	22	25	86,55	“Apesar de que ainda falta o mais importante, reconhecerem que só Jesus pode tirar tudo de ruim, como: <b>violência</b> , desigualdade e outros. A partir do momento que todos reconhecerem que só Ele é digno de toda confiança e de toda adoração, pois por mais que o nosso presidente queira mudar, ele não vai conseguir pois ele é falho” (Enfermagem, região Nordeste).
Falta	12	13	49,58	“Além da biodiversidade, é a <b>falta</b> de uma política que fosse comprometida com sua população, para melhorar essa situação que o Brasil passa como o analfabetismo, a fome, a violência e a forte concentração de renda” (Serviço Social, região Norte).
Educação	13	15	49,03	“Desigualdade e estratificação social porque a desigualdade é a marca forte e a estratificação social é devido ao fato de pobres não terem boa <b>educação</b> , sendo impossibilitados de subirem seu padrão de vida” (Engenharia, região Sudeste).
Fome	13	15	49,03	“Além da biodiversidade e da falta de uma política séria comprometida com sua população para melhorar essa situação que o Brasil passa como o analfabetismo, a <b>fome</b> , a violência e a forte concentração de renda” (Serviço Social, região Norte).
Corrupção	10	10	46,2	“O calor tropical do Brasil, a alegria de viver das pessoas, a injustiça e a grande desigualdade social, a <b>corrupção</b> e o carnaval” (Pedagogia, região Centro-Oeste).

Os traços lexicais característicos desta classe indicam que a diferenciação do Brasil em relação aos demais países pauta-se por aspectos caracterizados como “problemas” pelos universitários e que podem ser agrupados da seguinte forma: sociais (desigualdade, educação, fome e distribuição de renda),

<sup>205</sup> Para outras respostas selecionadas pelo Alceste como correspondentes desta classe, ver Anexo 5. Para os demais traços também associados a esta classe, ver Figura 8 – classe 1.

políticos (corrupção e falta de compromisso) e violência, incluída aqui como categoria única pelo destaque que apresenta no contexto da classe.

Estes resultados assemelham-se àqueles encontrados quando da análise da questão “Por que tudo isso é Brasil?”, em que também são citados problemas diversos como definidores do país.<sup>206</sup> Outro aspecto comum às duas questões analisadas refere-se ao modo como os universitários abordam a ação do governo, verbalizado em frases como:

[...] falta uma política comprometida com a sua população para melhorar essa situação que o Brasil passa com o analfabetismo, a fome, a violência e a forte concentração de renda (Serviço Social, região Norte).

[...] pessoas que são reprimidas pela inteligência de nossos políticos que conseguem monopolizar parte da mídia para impor à população que ela é burra (Engenharia, região Centro-Oeste).

A exclusão social, os governantes ladrões, tem o lado bom, de ser um povo abençoado por Deus... (Serviço Social, região Norte).

Portanto, embora a existência de uma classe nas duas questões analisadas que reúne um discurso que associa diversidade à variedade de problemas possa indicar, em um primeiro momento, um posicionamento político crítico por parte dos universitários, respostas como as transcritas acima deixam subentendido que a responsabilidade desses problemas é do governo, cuja ação é caracterizada pela “falta” (de comprometimento, de responsabilidade, de políticas públicas etc.) e pela corrupção em geral.<sup>207</sup>

De fato, essa idéia de responsabilizar o governo pelos problemas do país já aparece em uma das fontes históricas analisadas. Em *Porque me ufano do meu paiz*, Celso (1901), após descrever os motivos geradores de orgulho para os brasileiros – sinteticamente resumidos em natureza, povo e história –, alerta para os dois únicos perigos que, segundo ele, espreitam o Brasil em sua jornada rumo ao sucesso: “maus governos e instituições incompatíveis com sua índole” (1901: 249),<sup>208</sup>

---

<sup>206</sup> A respeito, ver item 3.1.1 do presente capítulo.

<sup>207</sup> A esse respeito, Carvalho (2002) comenta que dados de 1959 acerca dos Estados Unidos e da Inglaterra apontam que 85% dos americanos e 46% dos britânicos tinham as instituições políticas como fonte de orgulho, enquanto no Brasil uma pesquisa de opinião pública realizada por empresa especializada em 1995, em âmbito nacional, indica que somente 10% dos brasileiros mencionam tais instituições como motivo de orgulho.

<sup>208</sup> Ainda que, para Celso (1901), os problemas eminentes do país sejam distintos daqueles apontados pelos universitários, uma vez que se relacionam com a desintegração do território nacional em diversos

como se o governo fosse uma entidade própria, ontologizada que, por isso mesmo, não comungaria dos “nobres predicados do caráter nacional”.<sup>209</sup>

[...] ponderai tudo isso e reconhecereis que o Brasil oferece imensas vantagens à economia geral do gênero humano, e repetireis, com Robert Southey,<sup>210</sup> que só a mais extrema e *obstinada prevaricação da parte do governo*, ou a mais cega e culpável impaciência da (*sic*) do povo poderão subverter a influência e a prosperidade do Brasil (Celso, 1901: 64 – grifos apostos).

É possível entrever, na responsabilização do governo pela existência da variedade de problemas que identificam e diferenciam o Brasil dos demais países, uma omissão por parte dos universitários em relação ao cenário político, caracterizando aquilo que Carvalho (1998) diagnosticou como “condescendência com os problemas do Estado”, uma vez que os estudantes não se colocam como sujeitos da ação política.

Disso resulta que a diversidade de problemas é compreendida como externa ao brasileiro, considerado como povo pacífico, bom, ordeiro<sup>211</sup> e que, “apesar de tudo”, tem esperança em um futuro melhor, característica esta identificada, sobretudo, à classe 4, também originária desta primeira ramificação e que passa a ser analisada a seguir.

Respondendo por 28,6% de todo o material examinado, a produção textual da classe 4 é associada, majoritariamente, à região Centro-Oeste do país e se destaca pela presença dos termos “povo”, “dificuldades” e “esperança”, e o que promove a conexão entre as características psicossociais do primeiro (povo alegre, esperançoso, pacífico) e a natureza variada do segundo (dificuldades das mais diversas ordens) é a expressão “apesar de”. Ou seja, a diversidade se caracteriza pela presença de um povo que, “apesar de” todos os problemas e dificuldades, é feliz e tem esperança de que a situação melhore, como pode ser observado nos seguintes excertos da produção dos universitários quando solicitados a indicar o que diferencia o Brasil dos demais países:

---

Estados e com a eventual intervenção de alguma potência estrangeira, o fato é que também ele tende a responsabilizar o governo pela existência dessas questões.

<sup>209</sup> Título dado ao capítulo XXII do livro *Porque me ufano de meu país*, de Celso (1901), que discorre sobre o sétimo motivo da superioridade do Brasil perante os demais povos.

<sup>210</sup> Referência à obra do poeta inglês, *History of Brazil*, impressa em três volumes entre 1810 e 1819.

<sup>211</sup> Reporta-se aqui à descrição de Celso (1901) sobre o caráter nacional do brasileiro, destacado por esse autor, como um dos motivos de orgulho do país.

Seu povo. Porque é um povo sofrido mas feliz e, ao mesmo tempo, fiel ao próximo e é muito acolhedor com o visitante, seja ele qual for (Engenharia, região Centro-Oeste).

As pessoas, pois é um povo que tem força de vontade, que luta, que enfrenta. Um país de gente feliz e ao mesmo tempo que sofre com todos os problemas e, principalmente com a violência, mas mesmo assim persistem e tentam ser felizes (Enfermagem, região Centro-Oeste).

A diversidade aqui é associada não à variedade, como na classe anterior, mas sim à contradição, como pode-se observar nos traços lexicais prototípicos desta classe, organizados em ordem decrescente de qui-quadrado, bem como nos excertos das respostas dos estudantes visualizados no quadro a seguir:

#### QUADRO 8 - Traços Lexicais Característicos da Classe 4 e seu Contexto de Uso

Contexto temático da ramificação: Diversidade como espaço de experiência e horizonte de expectativa				
Contexto temático da classe: Expectativa mediada pela oposição				
Traços lexicais	f/classe	f/texto	$\chi^2$	Contexto de uso – excertos da produção textual dos universitários <sup>212</sup>
Povo	91	169	75,89	“O <b>povo</b> . É um povo receptivo, caloroso e que, apesar das mazelas do país, ainda consegue sorrir e viver alegre. Infelizmente somos pessoas acomodadas” (Medicina, região Nordeste).
Dificuldades	30	36	56,37	“A sua alegria e capacidade para superar <b>dificuldades</b> , não existe outro país tão alegre e festivo e que apesar dos problemas tenta contornar esta situação sorrindo e trabalhando” (Medicina, região Nordeste).
Esperança	19	21	40,83	“O povo brasileiro, pois, apesar de todas as dificuldades continuam lutando sem perder a alegria a <b>esperança</b> de um dia ver nosso país aonde realmente merece” (Engenharia, região Centro-Oeste).
Alegria	44	74	39,73	“A sua alegria e capacidade para superar dificuldades. Não existe outro país tão alegre e festivo e que apesar dos problemas tenta contornar esta situação sorrindo e trabalhando” (Medicina, região Nordeste).
Apesar de	34	52	37,93	“O povo. Porque apesar de todas as dificuldades ainda luta por um futuro mais digno e acredita que um dia tudo vai mudar” (Enfermagem, região Nordeste).

<sup>212</sup> Para outras respostas selecionadas pelo Alceste como correspondentes desta classe, ver Anexo 5. Para os demais traços também associados a esta classe, ver Figura 8 – classe 4.

Apesar de a palavra “povo” ser a mais representativa desta classe, a observação do contexto em que ela é utilizada, como sinalizam os excertos da produção textual dos universitários indicados no quadro acima, mostra uma auto-imagem dos brasileiros como acomodados, ainda que festeiros:

“É um povo receptivo, caloroso e que, apesar das mazelas do país, ainda consegue sorrir e viver alegre. Infelizmente somos pessoas acomodadas (Medicina, região Nordeste).

Ou seja, a diversidade se expressa aqui por meio do comportamento do povo que sofre, mas que, ao mesmo tempo, é feliz. Essa relação entre sofrimento e alegria foi analisada por Carvalho da seguinte forma:

Pode-se perguntar se não há contradição das pessoas que anotaram ao mesmo tempo sofrimento e alegria. Parece-me que não. Sofredor pode indicar a idéia de vítima do governo, das circunstâncias, do destino. A alegria seria a maneira de enfrentar a desgraça. O brasileiro seria um sofredor conformado e alegre. Descrição perfeita desta autopercepção é o nome de um bloco carnavalesco do Recife: “Nóis sofre mas nóis goza”. Isto, do ponto de vista moral e psicológico, não compromete, a não ser que se queira ver aí traços de masoquismo. Mas, do ponto de vista político e cívico, é a própria definição do não-cidadão, do súdito que sofre, conformado e alegre, as decisões do soberano. O povo se vê como vítima, como paciente e não como agente da história (1998: s.p.).

Não obstante os universitários terem sido críticos no diagnóstico dos problemas brasileiros, suas respostas indicam que eles não se representam nem como agentes diretos nem como indiretos da ação política, algo já observado anteriormente em relação à classe 1 associada a esta mesma ramificação. De acordo com um estudante:

O povo é alegre, solidário e unido. Por mais difícil que seja a situação, há sempre um sorriso e uma esperança! Parece meio utópico, mas é o que eu vejo (Medicina, região Sul).

Acredita-se que essa posição, que pode ser caracterizada como de “não-cidadão” (cf. Carvalho, 1998), guarde relações com a representação, difundida desde o século XIX, da inevitabilidade do sucesso brasileiro.<sup>213</sup> De acordo com Celso, os problemas do país poderiam retardar, “[...] mas nunca impedir a predestinação do país a grandes coisas” (1901: 65). Isto é particularmente observável nesta ramificação que apresenta elementos que permitem indicar uma dissociação entre povo e governo,

---

<sup>213</sup> De fato, essa idéia de predestinação do país ao sucesso não é recente. Assentada no denominado mito sebastiânico, ela aparece reatualizada em vários momentos da história do Brasil. A respeito, ver Fico (1997) e Carvalho (2002).

que pode ser equacionada da seguinte forma: como o povo não se vê como responsável pelo cenário político causador dos problemas do país, a ele cabe aguardar por um futuro melhor advindo não da ação política, mas da fé ou da epifania. Aliás, a associação entre esperança e Brasil já aparece de forma taxativa em Celso que chega mesmo a afirmar que

[...] Não temos o direito de desanimar nunca. Assiste-nos o dever de confiar sempre. Desanimar no Brasil equivale a uma injustiça, a uma ingratidão; é um crime. *Cumpra que a esperança se torne entre nós, não uma virtude, mas estrita obrigação cívica* [...]. *Confiemos*. Há uma lógica imanente: de tantas premissas de grandeza só sairá grandiosa conclusão (1901: 256-257 – grifos apostos).

Ou seja, a expectativa de um futuro melhor não se ancora em uma ação efetiva, realizada por agentes históricos. Ao contrário, ela opera por milagre. Nesse sentido, é sintomático que uma pesquisa realizada pelo Instituto Vox Populi há mais de uma década<sup>214</sup> indique que, em relação ao espaço público, os brasileiros confiam mais nos líderes religiosos do que nos líderes políticos ou sindicais (cf. Carvalho, 1998). Mesmo que esta questão não apareça na produção textual analisada, a evocação da fé e da credulidade aparece associada, nas respostas dos universitários, à possibilidade de um futuro melhor, como pode ser observado nos seguintes trechos:

Há, como falei, o fato de sermos um país onde vários povos podem morar, não temos problemas de catástrofes, guerras, somos pessoas de fé por dias melhores, mais humanos e aconchegantes que outros países (Serviço Social, região Centro-Oeste).

Além disso, a alegria e credulidade do nosso povo, que sempre acredita que as coisas tendem a melhorar (Medicina, região Sudeste).

O fato de termos grande potencial em recursos humanos, ótimos profissionais, de sermos um povo alegre que acredita sempre que as coisas vão melhorar, mesmo que pareça difícil (Engenharia, região Sudeste).

As análises realizadas até o momento permitem indicar que a diversidade, enquanto nódulo elementar de sentido das atuais representações sociais de Brasil, ora é expressa por meio da natureza variada dos problemas que distinguem o país dos demais, ora exprime uma oposição, na medida em que identifica um cotidiano problemático, ao mesmo tempo alegre, porque ancorado na fé e na

---

<sup>214</sup> Em 1995, a revista *Veja* encomendou uma pesquisa de opinião pública junto ao Instituto Vox Populi, a qual foi publicada em 1996, com o objetivo de identificar o que os brasileiros pensavam de si mesmos e do Brasil. Para discussão dos dados dessa pesquisa, ver Carvalho (1998).

esperança de um futuro melhor, cuja síntese é a expressão “feliz, apesar de”, o que permite interpretá-la como “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, conforme será apresentado a seguir.

### QUADRO 9 - Diversidade como Espaço de Experiência e Horizonte de Expectativa

Contexto temático	Traços lexicais característicos das classes	Fusão de horizontes interpretativos	
		Contexto de uso – excertos da produção textual dos universitários	Contexto de uso – excertos das fontes históricas do século XIX
Variedade de problemas (classe 1)	Desigualdade Violência Falta Educação Fome Corrupção	“A desigualdade social, a miséria, desemprego, violência, tráfico de drogas etc. Porque em países desenvolvidos até há problemas, mas não como no Brasil” (Serviço Social, região Sul).	“Nenhum problema insolúvel, nenhum perigo inevitável ameaça o desenvolvimento do Brasil. Não vive ele, como os países de Europa, sob a pressão de questões irritantes e conflitos iminentes com os vizinhos. Apenas duas apreensões assaltam o espírito de quem medita sobre os seus destinos, se continuar a ter maus governos e instituições incompatíveis com a sua índole. São essas apreensões: separação do território nacional em vários Estados; intervenção nos seus negócios de alguma potência estrangeira” (Celso, 1901: 249).
Expectativa mediada pela oposição (classe 4)	Povo Dificuldades Esperança Alegria Apesar de	“O povo brasileiro, pois, apesar de todas as dificuldades continua lutando sem perder a alegria, a esperança de um dia ver nosso país onde ele merece” (Engenharia, região Centro-Oeste).	“[...] Não temos o direito de desanimar nunca. Assiste-nos o dever de confiar sempre. Desanimar no Brasil equivale a uma injustiça, a uma ingratidão; é um crime. Cumpre que a esperança se torne entre nós, não uma virtude, mas estrita obrigação cívica” (Celso, 1901: 256-257).

Retiradas da obra *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos, do historiador alemão Reinhart Koselleck (2006a), “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” são categorias históricas pelas quais organizamos nosso mundo em um processo temporal em que a experiência refere-se à tradição recebida ou vivenciada que informam o presente e, a expectativa, à projeção futura (cf. Pereira, 2004).

O uso, portanto, dessas categorias para nomear a ramificação apresentada pelo Alceste obriga a que se realize uma breve discussão sobre esses dois conceitos, de modo a compreender seu uso na análise do nódulo elementar de sentido “diversidade” que organiza as atuais representações sociais de universitários

dos cursos de Enfermagem, Engenharia, Medicina, Pedagogia e Serviço Social sobre Brasil.

Ainda que preocupado com a semântica dos tempos históricos, Koselleck (2006a), taxativamente, opta por não realizar, nessas categorias, uma análise pautada naquilo que ele faz com as demais, contrariando, com isso, a própria exigência metodológica deduzida de sua história dos conceitos.<sup>215</sup> Isso porque, de acordo com o autor, “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” são categorias formais de conhecimento que fundamentam a possibilidade de uma história, sem contar que, ao contrário de expressões como “economia escravista antiga”, “reforma” etc., elas não transmitem uma realidade histórica *a priori*, pois “[...] todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem. Com isto, porém, ainda nada dissemos sobre uma história concreta – passada, presente ou futura” (2006: 306).<sup>216</sup> Como define o próprio Koselleck,

a experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias (2006a: 309-310).<sup>217</sup>

---

<sup>215</sup> Sobre as exigências metodológicas da história dos conceitos, ver Koselleck (2006a e 1992), Feres Júnior (2005), Jasmin e Feres Júnior (2006) e Feres Júnior e Jasmin (2007).

<sup>216</sup> De acordo com Koselleck, as categorias experiência e expectativa contêm um alto grau de generalidade, equivalendo-se às categorias de espaço e de tempo na medida em que se pode afirmar que “(...) todas as categorias que falam de condições de possibilidade histórica podem ser utilizadas individualmente, mas nenhuma delas é concebível sem que esteja constituída também por experiência e expectativa. Assim, nossas duas categorias indicam a condição humana universal; ou, se assim o quisermos, remetem a um dado antropológico prévio, sem o qual a história não seria possível, ou não poderia sequer ser imaginada” (2006a: 307-308). Vale lembrar que, ainda que uma categoria pressuponha a outra, uma vez que não se pode ter expectativa sem experiência, nem experiência sem expectativa, isso não significa que elas sejam simétricas. Ao contrário, não obstante relacionadas, elas possuem modos de ser diferenciados na medida em que, segundo o autor, da mesma forma que passado e futuro não são coincidentes, também “[...] uma expectativa jamais pode ser deduzida totalmente da experiência. Uma experiência, uma vez feita, está completa na medida em que suas causas são passadas, ao passo que a experiência futura, antecipada como expectativa, se decompõe em uma infinidade de momentos temporais”, de onde se conclui que “[...] a presença do passado é diferente da presença do futuro” (2006a: 310-311, respectivamente).

<sup>217</sup> Gadamer também trabalha com o par experiência e horizonte, ainda que com outra preocupação. Para esse autor, experiência “[...] não se refere somente à experiência no sentido do que este ensina sobre tal ou qual coisa. Refere-se à experiência em seu todo. Esta é a experiência que cada um constantemente tem de adquirir e a que ninguém pode se poupar. A experiência é aqui algo que faz parte da essência histórica do homem. Ainda que se trate de um objetivo limitado, da preocupação educacional, como a que os pais têm pelos seus filhos, preocupação de poupar alguém de determinadas experiências, o que é a

É desse espaço de experiência, construído por meio conhecimento histórico produzido, ou vivenciado,<sup>218</sup> que se irá projetar um futuro em que se estabelece um horizonte de expectativa, horizonte,<sup>219</sup> este que

[...] se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não-experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem (Koselleck, 2006: 310).

Da tensão, portanto, entre experiência e expectativa é que se constrói o tempo histórico, constituído no entrelaçamento entre aquilo que se entende por passado e o que se vislumbra como futuro. Contudo, essa tensão também tem uma natureza histórica, não sendo imutável ao longo do tempo. Assim, por exemplo, para Koselleck, a modernidade alterou a relação entre experiência e expectativa, na medida em que construiu um horizonte de surpresa constante, rompendo, dessa forma, com a possibilidade de uma *Historia Magistra Vitae*, na medida em que a história passa a ser articulada, não mais em torno da sua exemplaridade ou de seu caráter pedagógico, mas, sim, de sua processualidade e, conseqüentemente, de sua imprevisibilidade.

Transportando as categorias desenvolvidas por Koselleck, ainda que fazendo delas um uso puramente instrumental, para a análise dos dados da primeira ramificação gerada pelo Alceste à questão “O que, para você, diferencia o Brasil dos demais países? Por quê?”, tem-se que a produção textual dos universitários, organizada em torno do nódulo elementar de sentido “diversidade”, ora privilegia o

---

experiência, em seu conjunto, não é algo que possa ser poupado a alguém. Nesse sentido, a experiência pressupõe necessariamente que se desapontem muitas expectativas, pois somente é adquirida através disso” (2002: 525).

<sup>218</sup> Procurando articular experiência e representações sociais, Jodelet, ao discorrer sobre as diferentes concepções atreladas a essa noção, reconhece, do mesmo modo que Koselleck (2006), a existência de duas dimensões a ela associadas: uma cognitiva, da ordem do conhecimento na medida em que favorece a elaboração da realidade de acordo com formas estabelecidas socialmente, e outra relacionada ao experimentado, ao vivenciado propriamente dito. A autora, ao discutir como as representações sociais imprimem um sentido à experiência ao mesmo tempo em que esta atua na construção dos conteúdos representacionais, afirma que, “em seu movimento dialético, a relação representação social/experiência põe em jogo diferentes instâncias de cada uma. De um lado, sobre o plano cognitivo, o sistema global de representações fornece os recursos e os instrumentos para interpretar aquilo que é experimentado [...] Essa experiência dá sentido ao vivido que estrutura, em termos de pertinência, os elementos constituindo o estado do mundo enfocado no espaço e no tempo particular da vida cotidiana. A noção de experiência e de vivido nos permite passar do coletivo ao singular, do social ao individual, sem perder de vista o lugar que cabe às representações sociais nem as diferentes formas de seu funcionamento” (2005a: 48).

<sup>219</sup> Consoante Koselleck, “[...] horizonte quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado. A possibilidade de se descobrir o futuro, apesar de os prognósticos serem possíveis, se depara com um limite absoluto, pois ela não pode ser experimentada” (2006a: 311).

espaço de experiência (ênfase em aquilo que o Brasil é, com sua diversidade de problemas, conforme observado na classe 1),<sup>220</sup> ora o horizonte de expectativas (correspondente àquilo que os estudantes querem que o Brasil seja, mas ainda não é, conforme indicado pela classe 4), em que a articulação entre experiência e expectativa é feita por meio da idéia de “predestinação do país ao sucesso”, reveladora de uma tensão entre a vivência de problemas e um futuro que, apesar de visto como promissor, nunca chega.

Importa ressaltar que, a despeito das mudanças estruturais ocorridas na sociedade brasileira, sobretudo após a Revolução de 1930, as expectativas que os universitários apresentam em relação ao país têm suas origens na produção do oitocentos, em que a idéia de futuro promissor também estava presente, como já indicado anteriormente, permitindo, com isso, observar estruturas de permanência que comportam a manutenção de uma espécie de expectativa retroativa, visto que essa condição ainda não foi experimentada, a não ser, ela própria, como expectativa se se pensar no caso do século XIX. Contudo, ainda que ela possa ser interpretada como retroativa, não se trata da mesma expectativa,<sup>221</sup> e sim de uma reapropriação,<sup>222</sup> dado que a experiência que entrelaça passado e futuro e, conseqüentemente, as conexões que daí resultam não são as mesmas no século XIX e no XXI, na medida em que

as expectativas podem ser revistas, as experiências feitas são recolhidas. Das experiências se pode esperar hoje que elas se repitam e sejam confirmadas no futuro. Mas uma expectativa não pode ser experimentada de igual forma. É claro que nossa expectativa de futuro, quer seja portadora de esperança ou de angústia, quer preveja ou planeje, pode refletir-se na consciência. Nesse sentido, a expectativa também pode ser objeto de experiência. Mas nem as situações nem os encadeamentos de ações visadas pela

---

<sup>220</sup> Observação esta que pode ser estendida às classes 1 e 2 derivadas na 1.<sup>a</sup> ramificação gerada pelo programa Alceste, quando da análise da questão “Por que você acha que isso tudo é Brasil?”.

<sup>221</sup> É por isso que, de acordo com Koselleck, a relação entre espaço de experiência e horizonte de expectativa é dinâmica: “Quem acredita poder deduzir suas expectativas apenas da experiência está errado. Quando as coisas acontecem diferentemente do que se espera, recebe-se uma lição. Mas quem não baseia suas expectativas na experiência também se equivoca. Poderia ter-se informado melhor. Estamos diante de uma aporia que só pode ser resolvida com o passar do tempo. Assim, a diferença entre as duas categorias nos remete a uma característica estrutural da história [...] Sempre as coisas podem acontecer diferentemente do que se espera: esta é apenas uma formulação subjetiva daquele resultado objetivo, de que o futuro histórico nunca é o resultado puro e simples do passado histórico” (2006a: 312).

<sup>222</sup> Utiliza-se o termo “reapropriação” conforme este é entendido por Gurza Laval, para o qual “[...] o esforço analítico em busca das origens leva consigo - de antemão - uma resposta feita de puro presente, se ‘deparando’ sempre com resultados que obedecem a uma espécie de ‘arqueologia’ dos elementos contínuos na tradição do pensamento sobre a identidade nacional. Na realidade, a permanência de um elenco de *temas* - por exemplo, miscigenação, lascívia ou plasticidade - não implica continuidade no terreno dos *problemas*, quer dizer, das formas específicas de abordagem a partir das quais está sendo reconstruído e compreendido o *tema*” (2004: 69 - grifos do autor).

expectativa podem também ser desde já objeto da experiência. O que distingue a experiência é o haver elaborado acontecimentos passados, é o poder torná-los presentes, o estar saturada de realidade, o incluir em seu próprio comportamento as possibilidades realizadas ou falhas (Koselleck, 2006a: 311-312).

Uma das conseqüências da manutenção dessas estruturas ligando as expectativas do século XIX com as do XXI é que o espaço de experiência – o vivido – permanece conectado ao horizonte de expectativas caracterizado, então, não como processo, como surpresa, mas como uma certeza geradora de uma “disciplinarização” do futuro, haja vista que seu caráter de imprevisibilidade é negado, o que pode, acredita-se, contribuir para a permanência da passividade observada nas respostas dos universitários. Assim, uma vez que o futuro promissor está garantido pela predestinação, o que resta à população são fé e esperança, caracterizadas como obrigações cívicas segundo Celso (1901), para que este chegue o mais rápido possível.

### **3.2.2 Contexto temático: Diversidade como ficção orientadora – aspecto racial (classe 2) e aspecto natural (classe 3)**

Como observado anteriormente, a análise informatizada realizada pelo programa Alceste à questão “O que, para você, diferencia o Brasil dos demais países? Por quê?” organizou a produção textual dos universitários em duas ramificações. A primeira delas, analisada no item anterior, foi categorizada como “espaço de experiência e horizonte de expectativa” porque apontava tanto os diversos problemas cotidianos como a projeção de que no futuro esses problemas seriam resolvidos.

A segunda ramificação, que responde por 53,3% de todo o material examinado, apresentando o nóculo elementar de sentido “diversidade” associado a dois elementos considerados por Ortiz (2006) como fundacionais da história do Brasil, quais sejam: raça (característico da classe 2) e natureza (característico da classe 3).

Relacionada com a produção dos estudantes de Medicina da região Sul, a classe 2, responsável por 27,0% de todas as UCEs identificadas, apresenta a diversidade ligada, sobretudo, à “mistura racial” fundamentada na integração das diferenças, conforme indicam as seguintes respostas dos universitários:

A mistura de raças, credos e culturas, pois aqui convivem pacificamente pessoas que em seu país de origem viveriam em eterno conflito (Serviço Social, região Sudeste).

A miscigenação de culturas, raças, falares. É o que nos faz ser diferentes, mas que, em nossas diferenças nos tornamos iguais (Enfermagem, região Centro-Oeste).

A quantidade de raças e culturas diferentes e a aceitação delas (Serviço Social, região Sudeste).

É diferente também por ter tantas diferenças entre as diferentes regiões e nem por isso causa conflitos internos ou externos (Medicina, região Sul).

Para mim, a beleza e a riqueza cultural que nós temos, vivemos com povos de raças e crenças distintas, porém não fazemos guerras e nem conflitos por causa desse fato (Engenharia, região Centro-Oeste).

A preocupação em enfatizar a existência de uma “unidade na diversidade”<sup>223</sup> é construída, sobretudo, a partir do século XIX, encontrando-se presente na maioria das obras históricas analisadas, com o objetivo de afirmar a possibilidade de o país se constituir como uma nação que, contrariamente ao ocorrido nas ex-colônias espanholas, após o processo de independência, evitasse a fragmentação territorial e se consolidasse com dimensões continentais.<sup>224</sup> De acordo com Costa,

deve-se lembrar que até as primeiras décadas do século XX uma questão polarizava o debate político brasileiro, a saber, até que ponto seria possível constituir uma nação unitária e progressista nos trópicos, partindo-se de grupos populacionais tão heterogêneos quanto ex-escravos e seus descendentes, os diversos povos indígenas, imigrantes de diferentes origens e “mestiços” de todos os tons (2001: 144).

Tomando por base a questão da unidade, Martius em *Como se deve escrever a história do Brasil*, faz o seguinte alerta: “Nunca esqueça, pois, o historiador do Brasil, que para prestar um verdadeiro serviço a sua pátria deverá escrever como autor monárquico-constitucional, como unitário no mais puro sentido da palavra”

---

<sup>223</sup> Celso, ao referir-se à natureza, usa a expressão “variedade na unidade”. Segundo esse autor, “não é monótona a selva brasileira. Cada árvore exibe fisionomia própria, extrema-se das vizinhas: circunspetas ou graciosas, leves ou maciças, frágeis ou atléticas. Conforme reflexão de ilustre viajante, as matas brasileiras, únicas tão compactas que se lhes poderia caminhar por cima, representam a democracia livre das plantas, democracia cuja existência consiste na luta incessante pela liberdade, pelo ar, pela luz. Preside a essa democracia perfeita igualdade. Não há família que monopolize uma zona, com exclusão de outras famílias ou grupos. Espécies as mais diversas medram conjuntamente, fraternizam, enleiam-se. Daí a *variedade na unidade*, múltiplas e diversas manifestações do belo” (1901: 40 – grifos apostos).

<sup>224</sup> A respeito, ver Prado (2001). Segundo Costa (2001), pode-se observar um movimento semelhante no processo de formação nacional em outros contextos latino-americanos. Acerca desse processo na Argentina, ver Shumway (2000), sobretudo o capítulo 5.

(1982: 105-106).<sup>225</sup> Preocupação essa que se prolonga mesmo após a proclamação da República, indicando que o “fantasma” da fragmentação das ex-colônias espanholas ainda pairava no ar, como pode ser observado no trecho a seguir, escrito por Celso quase oitenta anos após a proclamação da independência brasileira:

E a essa vastidão territorial se aliam a identidade de língua, de costumes, de região, de interesses. Nenhum antagonismo separa os grupos componentes da população. Não nutrem eles aspirações antinômicas, nem conhecem tradições hostis. Nada justifica o receio de que apareçam motivos sérios de dissensão, de modo que o imenso todo se fragmente (1901:13).

Observa-se, nas fontes históricas analisadas, uma tendência em ressaltar a necessidade de buscar pontos comuns relacionados a vários aspectos da vida nacional, tais como composição populacional, hábitos e costumes, geografia e história regional, de modo a construir a idéia de “unidade na variedade” que minimizasse as diferenças regionais. Nesse sentido, Celso é, dentre os autores analisados, o mais enfático:


[...] No Brasil, não há antagonismos entre as partes que o compõem. Cimenta-as, ao contrário, forte solidariedade. O Brasil é perfeitamente homogêneo, material e moralmente, pelo lado social e pelo lado étnico, pois nele se cruzam e se fundem todas as raças. Lucraremos, sem exceção, em permanecer um vasto conjunto intimamente ligado e compacto (1901: 250).

Essa idéia de inexistência de antagonismos representada por meio da fusão harmoniosa dos diferentes grupos que entraram na composição da população brasileira ainda está presente na produção textual dos universitários, como pode ser observado no quadro a seguir que apresenta os traços lexicais mais destacados da classe 2, organizados por ordem decrescente de qui-quadrado, bem como excertos das respostas dos estudantes pesquisados:

---

<sup>225</sup> Em outro trecho: “[...] Enquanto não poucas vezes acontecerá que os estrangeiros tentem semear a cizânia entre os interesses das diversas partes do país, para assim, conforme ao *divide et impera*, obter maior influência nos negócios do Estado; deve o historiador patriótico aproveitar toda e qualquer ocasião a fim de mostrar que todas as Províncias do Império por lei orgânica se pertencem mutuamente, que seu próprio adiantamento se pode ser mais garantido pela mais íntima união entre elas” (Martius, 1982: 106 – grifos do autor).

**QUADRO 10 - Traços Lexicais Característicos da Classe 2 e seu Contexto de Uso**

Contexto temático da ramificação: Diversidade como ficção orientadora				
 Contexto temático: Aspecto racial				
Traços lexicais	f/classe	f/texto	x <sup>2</sup>	Contexto de uso – excertos da produção textual dos universitários <sup>226</sup>
Raça	45	63	71,25	“Além de inúmeras culturas espalhadas em um único país, há a fusão de todas as <b>raças</b> e o estabelecimento de uma identidade, a identidade brasileira, que é singular e torna o Brasil um país único” (Medicina, região Sul).
Mistura	34	48	51,26	“O Brasil possui uma <b>mistura</b> de culturas, raça, língua, demonstrando assim em cada região do país as diferentes características” (Pedagogia, região Norte).
Religião	20	24	40,39	“A influência de várias culturas, várias <b>religiões</b> , vários povos, o que faz de nós uma mescla de tudo que há no mundo” (Enfermagem, região Sudeste).
Cultura	67	142	39,58	“A sua diversidade de raças e <b>culturas</b> , porque isto nos dá a possibilidade de ter um grande intercâmbio ou uma grande troca de <b>culturas</b> diferentes dentro do mesmo país” (Engenharia, região Nordeste).
Diferente	41	71	39,1	“A possibilidade de convivência entre os <b>diferentes</b> , com paz!” (Medicina, região Nordeste).

Dentre os traços lexicais característicos da classe, observa-se a ênfase atribuída ao binômio “raça”<sup>227</sup> e “mistura”, indicando a cristalização do discurso histórico, construído no século XIX,<sup>228</sup> na medida em que ele ainda organiza, na

<sup>226</sup> Para outras respostas selecionadas pelo Alceste como correspondentes desta classe, ver Anexo 5. Para os demais traços também associados a esta classe, ver Figura 8 – classe 2.

<sup>227</sup> Discutir o significado do termo “raça”, na produção textual dos estudantes, está para além dos objetivos deste estudo. Assim, não foi possível observar se ele é utilizado para indicar a variabilidade biológica humana, se como população ou se como “força”, como “garra”. Contudo, cabe ressaltar que a palavra “étnico”, que de acordo com Martínez-Echazábal (1996) e Santos (1996) teria seu uso mais generalizado, sobretudo após a década de 50 do século XX, de modo a evitar o uso de “raça”, não foi citada pelos respondentes.

<sup>228</sup> De acordo com Ortiz, os intelectuais desse período tinham uma questão fundamental a responder: “[...] como tratar a identidade nacional diante da disparidade racial. Do equacionamento deste problema decorre a necessidade de se sublinhar o elemento mestiço [...] O mestiço é para os pensadores do século XIX mais do que uma realidade concreta, ele representa uma categoria através da qual se exprime uma necessidade social – a elaboração de uma identidade nacional” (2006: 20-21).

atualidade, uma forma de se referir ao Brasil, como mostra a produção textual dos universitários.

De fato, a idéia de “mistura das raças” como eixo formador de uma interpretação para a história do Brasil<sup>229</sup> foi proposta, formalmente, no projeto *Como se deve escrever a história do Brasil*, escrito por Martius e premiado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB),<sup>230</sup> em 1844, como o melhor trabalho do concurso de mesmo nome. Em sua obra, esse autor advertia que

Qualquer que se encarregar de escrever a história do Brasil, país que tanto promete, jamais deverá perder de vista quais os elementos que aí concorrerão para o desenvolvimento do homem.

São porém estes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergida de um modo particular três raças, a saber: a de cor de cobre, ou americana, a branca ou caucasiana, e, enfim, a preta ou etiópica. Do encontro, da mescla das relações mútuas e mudanças dessas três raças, formou-se a atual população, cuja história, por isso mesmo, tem um cunho muito particular” (1982: 87).

Para esse autor, o que caracterizava o Brasil não era sua natureza, mas, justamente, sua composição racial, considerada por ele como peculiar,<sup>231</sup> apesar de reconhecer que essa “mistura” ocorreu também com outros povos, porque

tanto a história dos povos quanto a dos indivíduos nos mostram que o gênio da História (do mundo), que conduz o gênero humano por caminhos, cuja sabedoria sempre devemos reconhecer, não poucas vezes lança mão de cruzar as raças para alcançar os mais sublimes fins na ordem do mundo. Quem poderá negar que a nação inglesa deve sua energia, sua firmeza e perseverança a essa mescla dos povos céltico, dinamarquês, romano, anglo-saxão e normando! (Martius, 1982: 88).

---

<sup>229</sup> Munanga considera que, “nesse debate de idéias, a miscigenação, um simples fenômeno biológico, recebeu uma missão política da maior importância, pois dela dependeria o processo de homogeneização biológica da qual dependeria a construção da identidade nacional brasileira” (2002: 10). Sobre esse processo e sobre as concepções de raça e mestiçagem presentes no pensamento social brasileiro, ver DaMatta (1990), Schwarcz (1993 e 1995), Maggie (1996) e Seyferth (1996). Para uma análise dessas mesmas concepções, a partir de uma perspectiva psicossocial, ver Carone e Bento (2002).

<sup>230</sup> Criado em 1838, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi “[...] a instituição que mais se empenhou em difundir o conhecimento do país, ao mesmo tempo em que buscava transmitir uma identidade particular [...] Entre suas atribuições estavam a coleta de documentos históricos e o ensino de história pátria, para o que contava com filiais nas províncias” (Carvalho, 2005: 241). Para informações sobre a formação e perfil dos institutos históricos, ver Schwarcz (1993).

<sup>231</sup> De acordo com Martius: “Jamais nos será permitido duvidar que a vontade da providência predestinou ao Brasil esta mescla. O sangue português, em um poderoso rio, deverá absorver os pequenos afluentes das raças índia e etiópica. Na classe baixa tem lugar esta mescla, e como em todos os países se formam as classes superiores dos elementos das inferiores, e por meio delas se vivificam e fortalecem, assim se prepara atualmente na última classe da população brasileira essa mescla de raças, que daí a séculos influirá poderosamente sobre as classes elevadas, e lhes comunicará aquela atividade histórica para a qual o Império do Brasil é chamado” (1982: 88).

Segundo Abud, foi por meio do trabalho de Martius que se organizou “[...] uma forma de se (*sic*) construir a História nacional através da hierarquização de alguns fatos que deviam ser centros explicadores, em torno dos quais todo um conjunto de acontecimentos passava a ser referido” (1998: 31). Nesse sentido, ainda que Martius não tivesse apenas enfatizado a necessidade de abordar a formação étnica no Brasil,<sup>232</sup> apesar de esta aparecer como central na sua argumentação, é inegável que essa idéia influenciou não só os intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, mas também os lentes do Colégio Imperial D. Pedro II, quase todos membros do próprio Instituto, que passam a utilizar seu trabalho como modelo para a composição dos manuais didáticos e para a elaboração dos programas de História que serviam não apenas às aulas do próprio Colégio, mas, também, às escolas primárias de todo o país (cf. Mattos, 1993), o que, de certo modo, colocava em circulação a produção do Instituto em uma época em que a escola era percebida “[...] canal de formação dos filhos da elite – por conseguinte, de reforço do cimento ideológico – e, conseqüentemente, de difusão dos valores dominantes pela sociedade” (Callari, 2001: s.p.).

É nesse contexto que se inserem tanto a produção de Varnhagen, voltada para a escrita da história, como a de Macedo, focada na difusão e ensino dessa disciplina, e o tema da miscigenação não deve ter passado despercebido por este último, ainda que, na obra analisada, não haja referência explícita a essa questão (cf. Anexo 3).<sup>233</sup>

Para Varnhagen, o principal vetor da fusão foi a mulher indígena que, ao preferir o hábito dos civilizados, fez com que o seu grupo original desaparecesse, não por extermínio ou violência, mas pelos sucessivos cruzamentos: “[...] a gente de origem européia posta em contato com a da terra não a exterminou, absorveu-a:

---

<sup>232</sup> Abud ressalta que Martius destacou também “[...] o papel dos portugueses no descobrimento e colonização, compreendido somente em conexão com suas façanhas marítimas, comerciais e guerreiras. Foi von Martius também quem lembrou que não se poderia perder de vista o desenvolvimento civil e legislativo e os movimentos do comércio internacional. Apontou para a importância da transferência para o Brasil das instituições municipais portuguesas e o desenvolvimento que tais instituições tiveram. Destacou o papel dos jesuítas na catequese e na colonização e a importância de se estudar as relações entre a Igreja Católica e a Monarquia. Mostrou ainda o interesse que havia em se conhecer o desenvolvimento das ciências e das artes e os aspectos da vida dos colonos. Para evitar uma possível regionalização, sugeriu que se agrupassem regiões com características semelhantes e histórias convergentes (Rodrigues)” (1998: 30-31).

<sup>233</sup> Apesar de não ser objetivo deste trabalho investigar as peculiaridades da obra de Macedo, ela é destoante das demais fontes analisadas visto que a questão da diversidade, independentemente do conteúdo que lhe é associado, não aparece nela descrita a não ser uma única vez referida à natureza, conforme pode ser observado no Anexo 3.

amalgamou-se com ela. Tal é a verdadeira razão por que de nossas províncias desapareceu quase absolutamente o tipo índio” (1975: 246 – t. 1).

Entretanto, se Martius tende a ver com certa indulgência a mestiçagem, Varnhagen é taxativo:

Com a colonização africana, distinta principalmente pela sua cor, veio para o diante a ter tão grande entrada no Brasil, que se pode considerar hoje como um dos três elementos de sua população, julgamos do nosso dever consagrar algumas linhas neste lugar a tratar da origem desta gente, a cujo vigoroso braço deve o Brasil principalmente os trabalhos do fabrico do açúcar, e modernamente os da cultura do café; mas fazemos votos para que chegue um dia em que as cores de tal modo se combinem que venham a desaparecer totalmente no nosso povo os característicos da origem africana, e por conseguinte a acusação da procedência de uma geração, cujos troncos no Brasil vieram conduzidos em ferros do continente fronteiro, e sofreram os grillhões de escravidão, embora talvez com mais suavidade do que em nenhum outro país da América, começando pelos Estados Unidos do Norte, onde o anátema acompanha não só a condição e a cor como a todas as suas gradações (1975: 223 – t. 1).

Respondendo, de certa forma, àqueles que partilhavam da tese das teorias raciais européias que viam, na miscigenação, a causa de todos os males do país (tais como Raimundo Nina Rodrigues, Silvio Romero, bem como o próprio Varnhagen),<sup>234</sup> Celso (1901) a coloca como um dos motivos de orgulho, fundamentando-a, sobretudo, em dois aspectos que podem ser aqui descritos como síntese e harmonia. O primeiro deles refere-se à idéia de que o mestiço, produto dessa fusão, conteria a síntese das características positivas presentes em cada uma das raças que lhe deram origem, o que vai na direção oposta de duas idéias presentes na época em questão: a de que ele seria incapaz ou fraco por ser híbrido e a tendência de hierarquizar a contribuição de cada uma das “raças”, como fizeram, por exemplo, Martius<sup>235</sup> e Varnhagen:

---

<sup>234</sup> Em vários momentos do seu texto, Martius recomenda ao historiador do Brasil que saliente a mistura de raças como uma das originalidades do país, chegando mesmo a afirmar que “Pode-se dizer que cada uma das raças compete, segundo sua índole inata, segundo as circunstâncias debaixo das quais ela vive e se desenvolve, um movimento histórico característico e particular. Portanto, vendo nós um povo novo nascer e desenvolver-se da reunião e contato de tão diferentes raças humanas, podemos avançar que a sua história se deverá desenvolver segundo uma lei particular das forças diagonais” (1982: 87). Conforme observa Carvalho, “[...] embora as teorias racistas ainda não se tivessem difundido no país, também não se assumia inequivocamente a contribuição positiva da população negra, a não ser para a economia do país” (2005: 245).

<sup>235</sup> Ainda que Martius colocasse a idéia de “miscigenação” como central na história do Brasil, pois, de acordo com ele, “jamais nos será permitido duvidar que a vontade da providência predestinou ao Brasil

É hoje verdade geralmente aceita que, para a formação do povo brasileiro, concorreram três elementos: o selvagem americano, o negro africano e o português. Do cruzamento das três raças resultou o mestiço que constitui mais da metade da nossa população. Qualquer daqueles elementos, bem como o resultante deles, possui qualidades de que nos devemos ensoberbecer. Nenhum deles fez mal à humanidade ou a deprecia (Celso, 1901: 77).

O segundo aspecto, que trata a mestiçagem como fator de harmonia, deve-se ao fato de sua ocorrência indicar uma capacidade, própria dos brasileiros de harmonizar as diferenças: “Homens de não importa que procedência encontram também no Brasil, escolhendo zona, meio adequado para prosperar. Negros, brancos, peles-vermelhas, mestiços vivem aqui em abundância e paz” (Celso, 1901: 10). Em outro trecho já citado:

No Brasil, não há antagonismos entre as partes que o compõem. Cimenta-as, ao contrário, forte solidariedade. O Brasil é perfeitamente homogêneo, material e moralmente, pelo lado social e pelo lado étnico, pois nele se cruzam e se fundem todas as raças. Lucraremos, sem exceção, em permanecer um vasto conjunto intimamente ligado e compacto (1901: 250).

Capacidade essa que parece habitar ainda hoje o senso comum dos universitários pesquisados, na medida em que são várias as respostas que expressam essa harmonização, por exemplo, as transcritas abaixo:

A mistura de raças, credos e culturas, pois aqui convivem pacificamente pessoas que em seu país de origem viveriam em eterno conflito (Serviço Social, região Sudeste).

E

A miscigenação de culturas, raças, falares. É o que nos faz ser diferentes, mas que em nossas diferenças, nos tornamos iguais (Enfermagem, região Sudeste).

Ainda que os universitários indiquem a manutenção da mistura racial como distintiva do Brasil perante os demais países, mantendo de certa forma a interpretação construída no século XIX, as respostas não dão conta de indicar como os estudantes interpretam o termo “raça”: se pautado na diferenciação cultural ou se como categoria biológica. O que é possível constatar é que raça refere-se à idéia de um Brasil diverso populacionalmente, na medida em que, de acordo com Hall,

naturalmente, o caráter não científico do termo “raça” não afeta o modo “como a lógica racial e os quadros de referência raciais são

---

esta mescla” (1982: 88), ele não atribuía a cada uma das “raças” (a branca, a negra e a índia) nem as mesmas características nem o mesmo papel na constituição da população brasileira.

articulados e acionados, assim como não anula suas conseqüências (Donald e Rattansi, 1992, p. 1). Nos últimos anos, as noções biológicas sobre raça, entendida como constituída de espécies distintas (noções que subjaziam a formas extremas da ideologia e do discurso nacionalista em períodos anteriores: o eugenismo vitoriano, as teorias européias sobre raça, o fascismo) têm sido substituídas por definições *culturais*, as quais possibilitam que a raça desempenhe um papel importante nos discursos sobre a nação e identidade nacional (2005: 63 – grifos do autor).

Não obstante a idéia de “raça” ter passado por diversas reelaborações<sup>236</sup> que impedem analisá-la como um mero reflexo das teses raciais do século XIX, as respostas dos universitários indicam que a questão racial, sobretudo a de sua fusão, associada, atualmente, à diversidade, ainda é um elemento significativo na organização das representações sociais de Brasil. Contudo, a problemática racial, como conflito, não está presente, passando a compor o que Ortiz (2006) denomina de “ideologia da harmonia” (que, segundo ele, caracteriza o modelo freyriano de análise),<sup>237</sup> e que se justificaria pelo fato de que o “(...) problema já havia sido ideologicamente equacionado nos anos 30, o povo brasileiro sendo de uma vez por todas definido pelo cruzamento das raças” (Ortiz, 2006: 92).

A título de hipótese interpretativa, parece sintomático o fato de que esta classe, que apresenta o termo “raça” como o mais significativo dentre seus traços lexicais (cf. Quadro 10), esteja associada, majoritariamente, aos estudantes de Medicina, curso esse que, no século XIX, teve um papel fundamental na divulgação da miscigenação como o “veneno do país”, uma vez que era a partir dela que “[...] se previa a loucura, se entendia a criminalidade, ou, nos anos 20, se promoviam programas ‘eugênicos de depuração’” (Schwarcz, 1993: 190). Seria isso indicativo de que as explicações organizadas em torno da idéia de hierarquia entre as raças, tão difundidas no século XIX e praticamente impossíveis de serem sustentadas no meio acadêmico atual, poderiam estar presentes ainda hoje no senso comum desses universitários?

Associem-se a isso os resultados das análises desenvolvidas por Arruda e Ulup, em que as autoras, ao examinarem as representações sociais de universitários sobre o Brasil, apontam o Rio Grande do Sul como uma categoria

---


<sup>236</sup> De acordo com Schwarcz (1993), o conceito de raça passa por elaboração no próprio século XIX, na medida em que ora ele aparece como um dado científico, no âmbito dos museus, ora como elemento oficial da formação do país, nos Institutos Históricos e Geográficos, ora como sinal de doença no contexto da Medicina.

<sup>237</sup> Ainda que a representação de um Brasil mestiço tenha começado a se forjar no século XIX, a ideologia da miscigenação democrática é mais recente, conforme confirmam os estudos de Ortiz (2006).

separada, classificada como “o Brasil europeu”, visto que tais representações reforçam a idéia de que “[...] as naturalidades qualificadas como mais pobres, mais feias e mestiças se reúnem, majoritariamente no Norte, enquanto que, no Sul, se assinala a existência de gente branca, bonita e rica” (2007: 184).<sup>238</sup> Diante de tais resultados, qual o sentido de o termo raça ser associado justamente a essa região?<sup>239</sup> Infelizmente, os dados analisados não permitem responder a essas questões.

Enquanto a classe 2 enfatiza a diversidade associada à “raça” como singularidade do país perante os demais, a classe 3, derivada também dessa segunda ramificação, responsável por 26,3% de todas as UCEs identificadas e associadas à região Nordeste, destaca a “natureza”, incluindo-se aí todas as respostas que se referem às riquezas e belezas naturais, conforme pode ser observado no quadro a seguir que apresenta os traços lexicais característicos da classe, organizados por ordem decrescente de qui-quadrado, bem como excertos das respostas dos universitários:

**QUADRO 11 - Traços Lexicais Característicos da Classe 3 e seu Contexto de Uso**

Contexto temático da ramificação: Diversidade como ficção orientadora				
				
Contexto temático: Aspecto natural				
Traços lexicais	f/classe	f/texto	$\chi^2$	Contexto de uso – excertos da produção textual dos universitários <sup>240</sup>
Natureza	48	74	65,76	“O que diferencia e muito o Brasil são os contrastes, pois belezas <b>naturais</b> , cidades desenvolvidas e outros, quase todas as nações apresentam, mas o Brasil tem um pouco de tudo distribuído em todo o seu espaço” (Enfermagem, região Norte).
Grande	47	87	41,1	“A <b>grande</b> concentração de reservas florestais. A biodiversidade devido à localização geográfica e o clima dos trópicos” (Serviço Social, região Sudeste).

<sup>238</sup> Cf. original: “[...] las naturalidades a las cuales se há cualificado como más pobres, feas y mestizas se ubican mayoritariamente en el norte, mientras en el sur se há señalado la mayor existencia de gente blanca, bonita y rica”.

<sup>239</sup> Lembrando que o relatório Alceste associou, à classe em questão, as variáveis curso (Medicina) e região (Sul).

<sup>240</sup> Para outras respostas selecionadas pelo Alceste como correspondentes desta classe, ver Anexo 5. Para os demais traços lexicais, ver Figura 8 – classe 3.

continuação

Contexto temático da ramificação: Diversidade como ficção orientadora				
 Contexto temático: Aspecto natural				
Traços lexicais	f/classe	f/texto	x <sup>2</sup>	Contexto de uso – excertos da produção textual dos universitários <sup>241</sup>
Recursos	16	22	25,53	“O que diferencia é a riqueza natural que ainda possuímos na totalidade de nosso território. Além dos <b>recursos</b> naturais como o petróleo, os rios com queda de água, a diversidade da fauna e da flora etc.” (Serviço Social, região Nordeste).
Diversidade	42	90	23,11	“O clima em primeiro lugar, pois temos um país no qual não existem furacões e maremotos. Outro aspecto é a <b>diversidade</b> do solo no qual podemos plantar quase tudo” (Serviço Social, região Sudeste).
Economia	13	17	22,82	“O Brasil se diferencia dos outros países basicamente na questão territorial, apesar de não ter grande destaque por motivo de concentração de terra e de uma reforma agrária que não condiz com o país, isto na questão <b>econômica</b> ” (Pedagogia, região Nordeste).
Fauna	9	10	21,35	“Diversidade. Digo, diversidade de culturas, de <b>fauna</b> , de flora e dos aspectos físicos devido à imensidão de nossas terras. O que gera um país que tem um pouco de tudo” (Serviço Social, região Sudeste).
Flora	9	10	21,35	“A diversidade da <b>flora</b> , fauna e riquezas naturais presentes no país. Pena que sua população não saiba valorizar o que possui” Pedagogia, região Sudeste).
Riqueza	26	48	21,12	“Possui uma diversidade de povos, animais e <b>riquezas</b> muito grande. Porque com a vinda dos imigrantes de todos os continentes há essa diversidade e foi abençoado por Deus com toda a beleza que tem” (Serviço Social, região Sudeste).

A produção textual desta classe coincide com as características daquilo que Carvalho (2006 e 1998) denominou de tradição edênica, ou seja, a cristalização de uma visão de Brasil fundamentada na idéia de natureza paradisíaca e que se espelha em elementos como: riquezas naturais, diversidade da fauna e flora, clima agradável, reservas florestais, ausência de furacões e maremotos etc., já presentes nas fontes históricas estudadas, como se pode observar em cada um dos trechos a seguir:

Aqui se apresenta uma grande dificuldade em consequência da grande extensão do território brasileiro, da imensa variedade no que

<sup>241</sup> Para outras respostas selecionadas pelo Alceste como correspondentes desta classe, ver Anexo 5. Para os demais traços lexicais, ver Figura 8 – classe 3.

diz respeito à natureza que nos rodeia, aos costumes e usos e à composição da população de tão disparatados elementos. Assim como a província do Pará tem clima inteiramente diferente, outro solo, outros produtos naturais, outra agricultura, indústria, outros costumes, usos e precisões, do que a província do Rio Grande do Sul; assim acontece igualmente com as províncias da Bahia, Pernambuco e Minas (Martius: 1982: 104-105).

Por toda a extensão do Brasil continental não se encontra um só vulcão, nem têm aparecido formações vulcânicas; donde procede o ver-se quase todo este grande império isento do flagelo dos terremotos, que tanto afligem aos povos de várias nações limítrofes [...] É tanta a força vegetativa nos distritos quentes que, ao derrubar-se e queimar-se qualquer mato-virgem, se o deixais em abandono, dentre em poucos anos aí vereis já uma nova mata intransitável; e não produzida, como era de crer, pelos rebentões das antigas raízes mas, sim, resultante de espécies novas, cujos germes ou sementes não se encontram nas extremas da anterior derrubada, e se ignora donde vieram” (Varnhagen, 1975: 14 e 16, respectivamente – t. 1).

O reino mineral disputa em opulência com o vegetal e animal; a uberdade das terras não pode ser excedida pelas mais fecundas de outras regiões, e a extensão do país oferece uma variedade de climas, a que corresponde uma infinita variedade de produções (Macedo, 1905: 41).

Não é monótona a selva brasileira. Cada árvore exhibe fisionomia própria, extrema-se das vizinhas: circunspetas ou graciosas, leves ou maciças, frágeis ou atléticas. Conforme reflexão de ilustre viajante, as matas brasileiras, únicas tão compactas que se lhes poderia caminhar por cima, representam a democracia livre das plantas, democracia cuja existência consiste na luta incessante pela liberdade, pelo ar, pela luz. Preside a essa democracia perfeita igualdade. Não há família que monopolize uma zona, com exclusão de outras famílias ou grupos. Espécies as mais diversas medram conjuntamente, fraternizam, enleiam-se. Daí a variedade na unidade, múltiplas e diversas manifestações do belo [...] Um país assim está em condições de se tornar o celeiro do mundo. Há nele, em climas diversos, vastas pastagens, fartamente regadas, às quais se adaptam todas as raças de animais úteis. Já importante, a indústria pastoril destina-se a abastecer a Europa, pois é susceptível de desenvolvimento extraordinário (Celso, 1901: 40 e 59-60, respectivamente).

Indubitavelmente, a ênfase nos aspectos naturais encontra-se bastante presente na história do país, sendo registrada desde a chegada dos primeiros europeus, como atestam, por exemplo, os registros de Pero Vaz de Caminha, Américo Vespúcio e de cronistas quinhentistas, como Pero de Magalhães Gandavo, Gabriel Soares de Souza, Ambrósio Fernandes Brandão, Sebastião da Rocha Pita, Padre Simão de Vasconcelos, entre outros.<sup>242</sup> Os próprios títulos da literatura quinhentista exemplificam essa ênfase na grandiosidade brasileira, como é o caso de *Diálogo das*

---

<sup>242</sup> Para uma análise do aspecto edênico presente nas interpretações do país, ver, sobretudo, Holanda (1994 e 1995), Leite (1992), Machado (2005), Carvalho (2006, 2002 e 1998) e Chauí (2001).

*grandezas do Brasil* (atribuído a Ambrósio Fernandes Brandão, 1618) e *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas* (André João Andreoni, Antonil, 1711).

O fato é que, mais de 500 anos após a escrita da carta de Caminha, e depois de uma grande devastação ambiental do “paraíso”,<sup>243</sup> essa visão ainda se encontra presente na produção textual dos universitários, mostrando a vitalidade dessa temática que foi, veementemente, criticada por Machado de Assis em uma crônica publicada em 20 de agosto de 1893 na revista *A semana*, cuja eloquência merece a transcrição do trecho na íntegra:

[...] O meu sentimento nativista, ou como quer que lhe chamem – patriotismo é mais vasto –, sempre se doeu desta adoração da natureza. Raro falam de nós mesmos: alguns mal, poucos bem. No que todos estão de acordo, é no *pays féérique*.<sup>244</sup> Pareceu-me sempre um modo de pisar o homem e as suas obras. Quando me louvam a casaca, louvam-me antes a mim que ao alfaiate. Ao menos, é o sentimento com que fico: a casaca é minha; se não a fiz, mandei fazê-la. Mas eu não fiz, nem mandei fazer o céu e as montanhas, as matas e os rios. Já os achei prontos, e não nego que sejam admiráveis; mas há outras coisas que ver.

Há anos chegou aqui um viajante, que se relacionou comigo. Uma noite falamos da cidade e sua história; ele mostrou desejo de conhecer alguma velha construção. Citei-lhe várias; entre elas a Igreja do Castelo e seus altares. Ajustamos que no dia seguinte iria buscá-lo para subir o morro do castelo. Era uma bela manhã, não sei se de inverno ou primavera. Subimos; eu, para dispor-lhe o espírito, ia-lhe pintando o tempo em que por aquela mesma ladeira passavam os padres jesuítas, a cidade pequena, os costumes toscos, a devoção grande e sincera. Chegamos ao alto, a igreja estava aberta e entramos. Sei que não são ruínas de Atenas; mas cada um mostra o que possui. O viajante entrou, deu uma volta, saiu e foi postar-se junto à muralha, fitando o mar, o céu, as montanhas, e, ao cabo de cinco minutos: “Que natureza que vocês têm!”.

Certo, a nossa baía é esplêndida [mas]... a admiração do nosso hóspede excluía qualquer idéia de ação humana. Não me perguntou pela fundação das fortalezas, nem pelos nomes dos navios que estavam ancorados. Foi só natureza (1996: 286).

Ou seja, evidentemente que não se pode negar a extensão territorial do país ou a existência de riquezas e belezas naturais. O problema é que essa representação acaba sendo imobilizadora, posto que contemplativa, como se a exaltação da natureza paralisasse a realização da ação humana, da cultura, algo que não passou despercebido por Varnhagen ao observar que: “Apesar de tanta vida e

---

<sup>243</sup> Sobre a história da devastação ambiental da mata atlântica brasileira, ver Dean (1996).

<sup>244</sup> De acordo com Machado de Assis, essa expressão foi utilizada por Sarah Bernhardt em relação ao Brasil (1996: 285).

variedade das matas-virgens, apresentam elas um aspecto sombrio, ante o qual o homem se contrista, sentindo que o coração se lhe aperta, como no meio dos mares, ante a imensidão do oceano” (1975: 16, t. 1).<sup>245</sup>

Carvalho defende que o predomínio dessa exaltação da natureza se deva a ausência de outros motivos para se orgulhar. Segundo ele: “A ausência mais óbvia, porque também parte de nosso imaginário, seria a da inadequação do elemento humano que habita o país. A esta inadequação poderíamos chamar, por oposição à razão edênica, e com algum exagero, de razão satânica” (1998: s.p.).

Como síntese desta segunda ramificação, pode-se afirmar que, dentre os elementos que distinguem o Brasil dos demais países, evidenciados nas respostas dos universitários durante a análise do nódulo elementar de sentido “diversidade”, destacam-se os componentes “raça” e “natureza” que, de acordo com Ortiz,<sup>246</sup> constituem os alicerces de nossa cultura na medida em que “[...] fundamentam o solo epistemológico dos intelectuais brasileiros de fins do século XIX e início do século XX” (2006: 15-16), configurando-se como conceitos-chave não apenas para a compreensão da história escrita nesse período, uma vez que ainda hoje organizam as atuais representações sociais de Brasil.

Nesse sentido, acredita-se que esta segunda ramificação possa ser exemplificativa daquilo que Shumway denomina de “ficções orientadoras”, conceito desenvolvido em *La invención de la Argentina: historia de una idea*, em que ele discute como, nesse país, essas ficções estruturaram a criação de um “espírito nacional” fundamentado nas discussões travadas entre os intelectuais do século XIX.<sup>247</sup> De acordo com esse autor, “as ficções orientadoras das nações não podem ser provadas e, em realidade, são criações tão artificiais como ficções literárias. Mas são necessárias para dar aos indivíduos um sentimento de nação, comunidade, identidade coletiva e um destino comum nacional” (2005: 14-15).<sup>248</sup>

---

<sup>245</sup> Essa contraposição entre natureza e cultura também é indicada por Martius que chega a justificar o atraso das artes no Brasil pela exuberância natural (cf. Guimarães, 2000).

<sup>246</sup> No lugar de “natureza”, Ortiz (2006) utiliza o termo “meio”.

<sup>247</sup> Devo a sugestão de leitura desse livro à Profa. Dra. Maria Ligia Coelho Prado.

<sup>248</sup> Cf. original: “Las ficciones orientadoras de las naciones no pueden ser probadas, y en realidad suelen ser creaciones tan artificiales como ficciones literarias. Pero son necesarias para darle a los individuos un sentimiento de nación, comunidad, identidad colectiva y un destino común nacional”.

Para discutir essa categorização, são retomados, no quadro a seguir, aspectos já abordados no decorrer da análise, de modo a contextualizar a interpretação que será desenvolvida adiante.

### QUADRO 12 - Diversidade como Ficção Orientadora: Raça e Natureza

Contexto temático	Traço lexical característico das classes	Fusão de horizontes interpretativos	
		Contexto de uso – excertos da produção textual dos universitários	Contexto de uso – excertos das fontes históricas do século XIX
Aspecto racial (classe 2)	Raça Mistura Religião Cultura	“Além de inúmeras culturas espalhadas em um único país, há a fusão de todas as <b>raças</b> e o estabelecimento de uma identidade, a identidade brasileira, que é singular e torna o Brasil um país único” (Medicina, região Sul).	“[...] Do encontro, da <b>mescla</b> das relações mútuas e mudanças dessas três raças, formou-se a atual população, cuja história, por isso mesmo, tem um cunho muito particular” (Martius, 1982: 87).
Aspecto natural (classe 3)	Natureza Grande Recursos Diversidade	“O que diferencia e muito o Brasil são os contrastes, pois belezas <b>naturais</b> , cidades desenvolvidas e outros, quase todas as nações apresentam, mas o Brasil tem um pouco de tudo distribuído em todo o seu espaço” (Enfermagem, região Norte).	“O reino mineral disputa em opulência com o vegetal e animal; a uberdade das terras não pode ser excedida pelas mais fecundas de outras regiões, e a extensão do país oferece uma <b>variedade</b> de climas, a que corresponde uma infinita <b>variedade</b> de produções” (Macedo: 1905: 41).  “O Brasil sobreleva em tamanho quase todos os países do globo. Quando lhe falecessem outros títulos à procedência (e esses títulos abundam) bastava-lhe a grandeza física” (Celso, 1901: 14).

Diante do exposto, interpretar o componente “fusão racial” como ficção orientadora<sup>249</sup> implica atribuir-lhe também uma função social, haja vista que a idéia de mistura e, conseqüentemente de tolerância racial que lhe é correlata, acaba por encobrir os conflitos e por ressaltar a unidade nacional por meio da mitigação das diferenças sociais fornecendo

<sup>249</sup> Vários são os autores que têm analisado o uso social da fusão racial. DaMatta (1990), por exemplo, faz menção à “fábula das 3 raças”. Ortiz, contrapondo-se a esse autor, afirma que não é fábula, mas sim mito, uma vez que “[...] o conceito de mito sugere um ponto de origem, um centro a partir do qual se irradia a história mítica. A ideologia do Brasil-cadinho relata a epopéia das três raças que se fundem nos laboratórios das selvas tropicais. Como nas sociedades primitivas, ela é um mito cosmológico, e conta a origem do moderno Estado brasileiro, ponto de partida de toda uma cosmogonia que antecede a própria realidade” (2006: 38). Não obstante as diferenças de interpretação, o que há de comum em abordar a fusão racial como “fábula”, como “mito” ou como “ficção orientadora” é o fato de entender esse fenômeno como uma categoria discursiva que ao orientar ações tende a omitir, na maioria das vezes, os conflitos sociais existentes.

[...] sustentação a uma etiqueta e regra implícita de convívio social, pela qual se deve evitar falar em racismo, já que essa fala se contrapõe a uma imagem enraizada do Brasil como nação. Transgredir essa regra cultural não explicitada significa cancelar ou suspender, mesmo que temporariamente, um dos pressupostos básicos que regulam a interação social no cotidiano, que é a crença na convivência não conflituosa dos grupos raciais (Hasenbalg, 1996: 244).

Por outro lado, a presença da natureza como fator de singularidade do país encontrou sua versão política na crença de um destino grandioso (cf. Carvalho, 2006), em que a presença dos elementos naturais seria suficiente para o êxito dessa empreitada sem que houvesse a necessidade de intervenção humana<sup>250</sup> constituindo aquilo que Fico denominou de “tese da inevitabilidade do sucesso do país em função da sua conformação física” (1997: 30), que irá sustentar as representações do Brasil como “grande império”, no período nomeado (não por acaso) de imperial, como “país do futuro”,<sup>251</sup> na década de 30 e como “grande potência” na ditadura militar, ainda que estes dois últimos períodos tenham se utilizado de uma derivação dessa crença construída no século XIX.<sup>252</sup> Ou seja, a natureza como ficção orientadora é imobilizadora da ação social, uma vez que,

[...] se conferimos tal importância à natureza, talvez tenhamos dificuldade em lidar com o tempo que é o da história, e maior facilidade em utilizar o tempo da natureza, que é cíclico, repetitivo, não-inaugural. E a inauguração, por isso – não tendo modelo para si na natureza, e nem sempre sendo proporcionada pelo histórico, no qual as ocorrências são mais demoradas –, funciona como raio em céu azul, como milagre (Ribeiro, 2000: 80).

Ainda que os elementos “raça” e “meio” tenham sido reapropriados e reelaborados ao longo do tempo, tem-se que, sob novos contextos, essas ficções continuam sendo mantidas de modo a servir àquilo que Souza (2000a) denomina de

---

<sup>250</sup> De acordo com Carvalho, “O barão de Eschwege, engenheiro alemão que viveu no Brasil nas primeiras décadas do século XIX, observou que os brasileiros falavam em hipérboles: tudo no Brasil deve ser grande, a natureza deve ser diferente, mais gigantesca e mais maravilhosa do que em outros países” (2006: s.p.).

<sup>251</sup> Na década de 40, Stefan Zweig, escritor austríaco, escreveu um livro intitulado *Brasil, país do futuro*, que contribuiu para reforçar a crença de poderoso império.

<sup>252</sup> Segundo Fico (1997) e Carvalho (1998), o período militar faz uso de uma derivação política do edenismo por meio da expressão “Brasil, grande potência”, na medida em que os temas centrais da propaganda do governo enfatizavam a ação humana na construção e transformação do país. É por isso que a estrofe do Hino Nacional, “deitado eternamente em berço esplêndido”, incomodava pela idéia de imobilismo nela contida, considerando que, na década de 70, várias propostas surgiram para sua alteração, como a do Senador Catete Pinheiro que, alternativamente, propôs “atento aos desafios que enfrenta e vence” ou a do Deputado Federal Amaral de Souza, que registrou o verso “altivo eternamente, em gesto esplêndido” (cf. Fico: 1997).

“produção de solidariedade social e viabilização de projetos coletivos”,<sup>253</sup> fragilizando, nesse processo, a ação individual na medida em que “[...] quem não se vê como um ser civil e cívico não se pode ver como agente, individual ou coletivo, de mudanças sociais e políticas de que se possa orgulhar e deve buscar alhures razões para a construção de uma identidade nacional” (Carvalho, 1998: s.p.).

### **À guisa de síntese: diversidade e seus contextos temáticos**

As análises das questões “Por que você acha que isso tudo é Brasil?” e “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?” desvelaram uma rede de significados (cf. Kalampalikis, 2003) associada ao nódulo elementar de sentido “diversidade” e que pode ser sintetizada nos seguintes contextos temáticos:

- Coexistência de contrários;
- Variedade cultural;
- “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” (englobando variedade de problemas e expectativa mediada pela oposição);
- “Ficção orientadora” (enfocando aspecto racial e aspecto natural).

O delineamento dessa rede só foi possível por meio da análise da “fusão de horizontes interpretativos”, pensada a partir da perspectiva da história efetual (Gadamer, 2002), que se anuncia naquilo que a recepção contemporânea expressa nas respostas dadas pelos universitários consegue determinar por meio não apenas de seu horizonte de expectativa, mas também das releituras de conceitos ou idéias advindos de outros contextos históricos (cf. Jasmin, 2005), como é o caso das fontes históricas do século XIX representadas, no presente estudo, pelas obras de Carl Friedrich Phillip von Martius, Francisco Adolfo de Varnhagen, Joaquim Manoel de Macedo e Affonso Celso.

Essa “fusão de horizontes interpretativos”, tendo por fio condutor o nódulo elementar de sentido “diversidade”, explicitou que a composição das representações sociais de Brasil baseia-se em um sistema que visa orientar comportamentos e interpretar a realidade (cf. Jodelet, 1986), mas que, ao mesmo

---

<sup>253</sup> Especificamente em relação à raça e natureza, Schwarcz esclarece que, “no caso brasileiro, a contradição entre o enraizamento do modelo liberal jurídico do Estado e a ausência da noção de direitos do cidadão criou um ‘lugar’ próprio para as teorias raciais, na medida em que o problema da nacionalidade escapava do plano da cultura para se transformar em uma questão de natureza” (1995: 29).

tempo, se constrói sobre os efeitos de um conteúdo “já pensado” (cf. Alves-Mazzotti, 1994). Nesse sentido, não se trata de postular que as respostas dos universitários se configuram meramente como uma transposição para o presente das idéias constituídas ao longo do século XIX. Ao contrário, trata-se antes de indicar a existência de estruturas de pensamento que orientam uma forma de representar o Brasil que tem efeitos na atualidade, apesar de ser outro o contexto histórico de sua produção, o que faz com que, evidentemente, essas idéias sejam reapropriadas e reinterpretadas ao longo do tempo, o que fica ilustrado no jogo entre a manutenção de determinadas formas de representar o Brasil que, desde o oitocentos, são associadas à diversidade (tais como as categorias “raça” e “natureza”) e a inclusão de outras, mais vinculadas ao cotidiano dos respondentes (é o caso, por exemplo, da variedade de problemas evocada como singularidade do país).

Assim, alguns dos conteúdos temáticos associados à diversidade como “raça” e “natureza” favorecem o cotejamento com as fontes históricas examinadas, enquanto outros, como a associação da singularidade brasileira à variedade de problemas, ou mesmo à variedade cultural, não tenham sido localizados nessas fontes, o que indica que tais conteúdos, provavelmente, foram agregados à diversidade em uma época posterior ao século XIX.<sup>254</sup>

Tomando-se por base o estudo desenvolvido por Pittolo (1996) acerca das representações sociais urbanas da cidade de Nice, na França,<sup>255</sup> pode-se indicar também que, de modo geral, os contextos temáticos associados à diversidade se caracterizam pelo aspecto compensatório, haja vista a existência de uma espécie de oposição entre a produção textual dos universitários e o cotidiano do país em que o conflito social ou não aparece, ou é minimizado. É o que ocorre, por exemplo, na crença da fusão harmoniosa das três raças que elidiria o conflito étnico, malgrado as constatações reiteradas de atitudes discriminatórias; da esperança e da fé em um futuro melhor, independentemente da ação humana; da visão de natureza venturosa que desconsidera a devastação etc.

---

<sup>254</sup> Nesse sentido, seria possível afirmar, como hipótese interpretativa, que o destaque dado à cultura deve ter se constituído após a ênfase que estudos como o de Gilberto Freyre deram a essa dimensão a partir, sobretudo, da década de 30.

<sup>255</sup> De acordo com Pittolo, as representações dos habitantes de Nice sobre a sua cidade podem ser classificadas como compensatórias, avaliativas e reducionistas em que o aspecto compensatório corresponde a uma incoerência entre as respostas dos sujeitos que tendem a minimizar os conflitos existentes no entorno social (político, histórico etc.); o avaliativo presente quando os participantes “avaliam”, por meio de qualificações, comparações etc., sua cidade; e, o reducionista, atrelado a uma idéia de simplificação histórica de um determinado acontecimento.

Este aspecto compensatório contribui para harmonizar a sociedade porque ameniza os conflitos sociais, ao mesmo tempo em que parece imobilizar a ação humana, visto que uma decorrência direta dessa percepção consiste no fato de o povo não se ver como agente da história, pois a melhoria do país, colocada no tempo futuro, é concebida como fruto não da interferência humana, mas da predestinação e da fé que alimenta, em um processo circular, a “condescendência com os problemas do Estado” (cf. Carvalho, 1998). Portanto, de um lado, tem-se a especificidade do presente, expressa na variedade dos problemas cotidianos percebidos, sobretudo como de responsabilidade do governo e articulada às expectativas de um futuro melhor derivado da crença na predestinação do país ao sucesso, e, de outro, a herança do passado, pautada na mistura racial e na exuberância de uma natureza dadivosa que, por isso mesmo, prescinde da interferência humana.

Esta situação remete a um fenômeno aparentemente paradoxal na medida em que, ainda que a diversidade seja entendida, ao mesmo tempo, como contraposição e consensualidade, tem-se que, independentemente do aspecto que a ela é associado (racial, cultural, natural, social), esta se encontra sempre harmoniosamente unida pelo discurso que a constitui, uma vez que os conflitos cotidianos não encontram nela ressonância. Ou seja, as respostas dos estudantes indicam a diversidade associada, ao mesmo tempo, à diferença e à harmonia, e a compreensão dessa tessitura só foi possível por meio da análise das fontes históricas que permitiu verificar que, no Brasil, a diversidade não se desenvolveu em oposição a uma reunião nacional. Ao contrário, foi justamente ela que possibilitou a construção da identidade do país como uma forma consensual que se expressa em frases como “somos diferentes, mas iguais” (DaMatta, 1979),<sup>256</sup> “contemos a variedade na unidade” (Celso, 1901), ou, ainda, que, apesar de “[...] nossas diferenças, nos tornamos iguais” (Enfermagem, região Sudeste), o que corrobora a observação feita por Thiesse (1995, s.d.) quando do estudo da formação da identidade nacional francesa, no século XIX, em que a autora conclui que não são as identidades comuns que fundam as nações, mas justamente as nações que essencialmente criam ou formam as identidades necessárias à sua perenidade.

É nesse sentido que a “fusão de horizontes interpretativos”, realizada por meio do cotejamento entre a produção textual dos universitários e a análise de

---

<sup>256</sup> Comparando o Brasil aos Estados Unidos, DaMatta observa que, ao contrário destes últimos, “[...] nunca dizemos ‘iguais, mas separados’, porém ‘diferentes, mas juntos’, regra de ouro de um universo hierarquizante como o nosso” (1979: 16).

algumas das fontes históricas do século XIX, permitiu observar a continuidade de uma forma de interpretar o Brasil associada ao nóculo elementar de sentido “diversidade” que, ainda hoje, organiza as atuais representações sociais do país e que se vincula a um período em que a necessidade de constituir um projeto de Estado e de nação era peremptória, indicando que a rede de significados associada a tal nóculo é parte de uma construção histórica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identificação da diversidade como um dos eixos organizadores das atuais representações sociais de Brasil não permite, por si só, compreender os conteúdos a ela associados no âmbito do senso comum, haja vista o caráter polissêmico desse conceito. Nesse sentido, o aporte analítico do programa Alceste foi fundamental para o desvelamento dos contextos temáticos associados ao nódulo elementar de sentido “diversidade” na medida em que possibilitou indicar seu universo semântico<sup>257</sup> cuja “linguagem contém e combina palavras e idéias, imagens e conceitos, percepções e cognições, observações e interpretações exercendo, por sua vez, uma função de conhecimento e de comunicação” (Kalampalikis, 2003: 163)<sup>258</sup> o que não implica afirmar que essas palavras e idéias sejam compartilhadas na íntegra, ou mesmo de uma maneira idêntica, na produção textual dos universitários aqui examinada (cf. Marková, 2006).

As análises realizadas indicam que as representações sociais de Brasil, reguladas pela “diversidade”, ancoram-se, de um lado, em uma interpretação do país pautada nos aspectos raciais e naturais e moldada, sobretudo, ao longo do século XIX, período este em que se constrói uma “narrativa de nação”, para citar uma expressão de Hall (2005), narrativa essa que foi parcialmente examinada neste trabalho por meio das fontes históricas representadas pelas obras de Carl Friedrich Phillip von Martius, Francisco Adolfo de Varnhagen, Joaquim Manoel de Macedo e Affonso Celso; e, de outro, naquilo que se pode denominar de “imperativos pragmáticos da vida cotidiana” que se fundamentam na experiência diária, ainda que, em última instância, sejam frutos de um contexto histórico geral, caracterizado, na produção discursiva dos estudantes, pela variedade de problemas, pela coexistência de elementos contrários (coisas boas e ruins, por exemplo) e por uma expectativa de que estes serão resolvidos de forma milagrosa,

Dessas considerações, três aspectos se destacam para a compreensão da historicidade das representações sociais. O primeiro deles, apontado por Jodelet

---

<sup>257</sup> Como citado anteriormente, o universo semântico de uma representação é compreendido tanto como sinônimo dos elementos constitutivos do conteúdo de uma determinada representação como de um conhecimento socialmente compartilhado (cf. Abric, 1994d).

<sup>258</sup> Cf. original: “Ce langage contient et combine mots et idées, images et concepts, perceptions et cognitions, observations et interpretations, remplissant à la fois une fonction de connaissance et de communication (...).”

(2003), Rouquette (2003) e Rouquette e Guimelli (1994), refere-se ao fato das representações sociais serem fenômenos historicamente situados que se estruturam em torno, ainda que não exclusivamente, de conteúdos cristalizados por aquilo que Hobsbawm (1997) denomina de “tradição inventada”.<sup>259</sup> É essa característica o que explica, por exemplo, a manutenção, nas atuais representações sociais de Brasil, de contextos temáticos que apresentam a diversidade associada a elementos raciais e naturais, a unidade na variedade, a crença na predestinação do país ao sucesso, elementos estes que se constituíram, formalmente, nos quadros de pensamento do século XIX.

O segundo aspecto decorre da própria característica normativa e prescritiva das representações sociais<sup>260</sup> que, ao servirem como guias para ação e para interpretação da realidade, necessitam ser alimentadas pela experiência cotidiana dependente das circunstâncias contemporâneas.<sup>261</sup> Disso deriva a existência, nos resultados encontrados, de conteúdos representacionais como, por exemplo, a evocação dos problemas cotidianos que ao serem decorrentes das vivências pessoais atrelam-se, por isso mesmo, ao presente imediato, ainda que, em última instância, este seja também dependente do contexto histórico geral.<sup>262</sup>

Por fim, o terceiro aspecto estrutura-se em uma espécie de síntese dos anteriores, ou seja, ainda que as representações sociais se constituam com base em

---

<sup>259</sup> De acordo com Hobsbawm, “por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (1997: 9).

<sup>260</sup> Segundo Moliner (2000), as representações sociais, enquanto sistemas de interpretação, dão um sentido aos objetos do mundo social de modo a fornecer aos indivíduos não apenas critérios de avaliação de seu ambiente mas também argumentos que permitem tomadas de posição e que, portanto, orientam condutas em relação aos demais grupos sociais. Assim, na medida em que as pessoas devem julgar ou tomar uma posição frente a um determinado objeto social, as representações sociais relacionadas a esse objeto entram em ação. É nesse sentido que Wagner afirma que as representações sociais “(...) cumprem funções declarativas, instrumental e explanatória. O aspecto declarativo descreve e demonstra o fenômeno social para o qual a ciência popular parece ser relevante, e o aspecto explanatório fornece uma compreensão diária para suas razões subjacentes” (1998: 6). Sobre as características e funções das representações, ver Abric (1998 e 1994b).

<sup>261</sup> De acordo com Abric, “a representação não é um simples reflexo da realidade, ela é uma organização significativa. E esta significação depende, ao mesmo tempo, de fatores contingentes (as ‘circunstâncias’, como diz Flament) – natureza e limites da situação, contexto imediato, finalidade da situação – e de fatores mais globais que ultrapassam a situação em si mesma: contexto social e ideológico, lugar do indivíduo na organização social, história do indivíduo e do grupo, determinantes sociais, sistemas de valores” (1998: 28).

<sup>262</sup> Utilizando uma terminologia braudeliana, tem-se que as representações sociais, enquanto fenômenos sociais, têm seus conteúdos determinados tanto pelo contexto estrutural como pelo conjuntural e pelos acontecimentos. Para uma discussão sobre estrutura, conjuntura e acontecimento, ver Pomian (1993) e Lacouture (1993).

---

um conhecimento pré-existente que permite indicar permanências estruturais nos conteúdos representacionais originados em outras épocas históricas, esse conhecimento só é possível de ser apreendido por meio de seu efeito no presente, na medida em que se parte aqui do princípio de que o acesso ao passado é mediado pela sua vinculação com o contemporâneo (cf. Gadamer, 2002).<sup>263</sup>

Diante do exposto é possível afirmar que a historicidade das representações sociais se constitui em uma zona de convergência entre conteúdos com características mais estáveis, porque oriundos de épocas históricas anteriores e que são reapropriados no senso comum, uma vez que sua compreensão é limitada pela própria situação hermenêutica do passado, e conteúdos flexíveis, dependentes do contexto imediato, e que são caracterizados pela mobilidade de seus elementos.

Em outras palavras, a articulação entre estabilidade e variação, são aspectos intrínsecos à historicidade das representações sociais<sup>264</sup> e não uma “(...) medida externa em que a duração depende da distância cronológica que separa a dois estados distintos de um fenômeno” (Suárez Molnar, 2003: 98). Assim, apesar de a representação se ancorar em conhecimentos pré-existentes, apreendidos por meio do efeito que provocam no presente, esta não perde de vista seu aspecto pragmático de ser guia para ação e tradutora da realidade social, motivo pelo qual ela se define, concomitantemente, como produto e como processo (Jodelet, 1986); produto porque se constitui por meio de conteúdos oriundos de outras épocas históricas e, processo,

---

<sup>263</sup> De certa forma essa passagem é ilustrada pela seguinte frase do medievalista Ovídio Capitani citada por Le Goff: “A atualidade da Idade Média consiste no seguinte: [...] A Idade Média é ‘atual’ precisamente porque ela é passado, mas passado como elemento que está anexado à nossa história de maneira definitiva e para sempre, obrigando-nos a levá-la em consideração uma vez que ela reafirma um formidável conjunto de respostas que o homem deu e não pode esquecê-las mesmo verificando sua inadequação. O contrário seria abolir a história...” (1988: 193). Cf. original: “L’actualité du Moyen Age est celli-ci: [...] Le Moyen Age est ‘actuel’ précisément parce qu’il est passé, mais passé comme un élément qui s’est attaché à *notre histoire* de manière définitive pour toujours et nos oblige à en tenir compte, car il renferme un formidable ensemble de réponses que l’homme a données et ne peut oublier, même s’il en a vérifié l’inadéquation. L’unique serai abolir l’histoire...”.

<sup>264</sup> Característica esta que pode ser estendida para as relações entre história e psicologia de um modo geral, pois, de acordo com Antunes, “(...) a compreensão histórica da psicologia implica o conhecimento das relações sociais nas quais ela se produz e que lhe dão as bases de sustentação e possibilidades de desenvolvimento. Faz-se necessário considerar as necessidades existentes na realidade em que se insere, nos fatores conjunturais e estruturais presentes, nas relações de força que se plasmam naquele momento histórico e naquela situação específica, nas ideologias que transitam na formação social em questão, nos valores, representações e idéias que nela veiculam. Sendo a psicologia ou, melhor dizendo, as psicologias, constituídas por conhecimentos elaborados sobre o fenômeno psicológico e propositivas de um conjunto de práticas que visa atuar sobre ele, necessário se torna identificar e situar o ponto de vista dos sujeitos que a constroem, sua inserção social, as concepções e os interesses de que se tornam porta-vozes. Não se encontram as psicologias, seus produtores e reprodutores isolados temporal ou espacialmente, e longe estão de qualquer neutralidade ou acima das idéias e práticas que permeiam a sociedade da qual fazem parte” (1998: 366).

porque ainda que se possa localizar sua origem, esta é sempre incompleta visto que outros conteúdos a alimentam levando Moscovici a afirmar que “(...) estamos sempre em uma situação de analisar representações de representações” (2003: 218).

A articulação proposta aqui entre estabilidade e variação, correspondente, em última análise, à dimensão estável e à dimensão dinâmica do senso comum, difere, em linhas gerais, da teorização do núcleo central e do sistema periférico (Abric, 2003 e Flament, 1994a e 1994b) na medida em que apenas a consideração da historicidade das representações sociais é que permite verificar, em primeiro lugar, a permanência ou mudança de um determinado conceito em momentos históricos distintos de modo a indicar a estabilidade estrutural dos conteúdos representacionais, uma vez que a referência cronológica se torna obrigatória para identificar o que há de comum ou de diferente em uma perspectiva temporal.

Em segundo lugar, porque somente o estudo das representações sociais, aliado a uma análise histórica de seu conteúdo, é que permite verificar não apenas se a permanência (ou mudança) de um conceito corresponde à respectiva permanência (ou mudança) de seu significado, tomando-se por base épocas cronológicas distintas, mas também a manutenção de uma “estrutura de repetição” (cf. Koselleck, 2006b) usada pelos universitários ao se referirem ao país.

Por exemplo, o conceito “diversidade” aqui investigado não foi localizado nas fontes históricas examinadas - ainda que constasse nos dicionários da época (cf. Silva, 1858 e Pinto, 1832) -, que utilizavam sobretudo as expressões variedade, variegado, entre outras, para designar um “estado de coisas” que hoje conotamos por diversidade. Ou seja, houve uma mudança no traço lexical, contudo, o significado permaneceu o mesmo, na medida em que ele se associa, tanto no século XIX como na atualidade, a aspectos raciais e naturais, ainda que se possa observar, hodiernamente, a inclusão de elementos culturais e da variedade de problemas a esse conceito, indicando que essa agregação, provavelmente, ocorreu em uma época posterior a analisada.

Essa situação exemplifica como as representações sociais articulam, em suas estruturas, a relação entre conhecimento historicamente consolidado, com outros, inferidos de um contexto mais imediato e, portanto, relacionados à experiência individual e coletiva, como é o caso, por exemplo, da identificação da singularidade brasileira àquilo que é considerado pelos universitários como problemas atuais

(desigualdade social, violência etc.). Contudo, apenas uma análise que considera a historicidade da representação é que permite compreender que o nódulo elementar de sentido “diversidade” está atrelado a uma época em que se constituiu uma determinada narrativa da nação, ou seja, ao século XIX.

Assim, o que designamos hoje por diversidade é reapropriação,<sup>265</sup> ainda que não exclusivamente, da configuração de significados que, no século XIX, recebiam uma outra extensão semântica (variedade, variegado etc.), o que só foi possível observar ao se considerar a historicidade das representações sociais a partir da perspectiva da história dos conceitos (Koselleck, 2006a e 1992) que, ainda que com uma utilização bastante pontual, permitiu identificar, em relação aos conteúdos representacionais, não apenas os significados que correspondem a determinados traços lexicais, mas também os traços lexicais cujo “estado de coisas” por eles referidos já se alteraram (cf. Pereira, 2004),<sup>266</sup> indicando ainda que, não obstante os problemas formulados pelos universitários sejam diferentes daqueles elaborados pelos autores aqui examinados, existe uma “estrutura de repetição” (cf. Koselleck, 2006b) que se mantém estável ainda que seja outro o contexto histórico.

A contribuição de uma análise que considere a historicidade das representações sociais oferece, portanto, a possibilidade de, ao sopesar tanto sua dimensão estável como dinâmica, estabelecer um referencial analítico e interpretativo acerca do conteúdo representacional no sentido de investigar os processos que o constitui contribuindo, com isso, para sua desnaturalização, ou seja, para a compreensão de que ele é parte de uma construção histórica e não uma espécie de “universal abstrato”, na medida em que permite tornar visível a “experiência histórica de nossa sociedade” (Wagner, 2003)<sup>267</sup> que se expressa na atualização de elementos do passado presentificados nas representações sociais contemporâneas.

---

<sup>265</sup> Lembrando que se faz uso aqui desse termo conforme entendimento, citado anteriormente, de Gurza Lavalle, para o qual “[...] o esforço analítico em busca das origens leva consigo - de antemão - uma resposta feita de puro presente, se ‘deparando’ sempre com resultados que obedecem a uma espécie de ‘arqueologia’ dos elementos contínuos na tradição do pensamento sobre a identidade nacional. Na realidade, a permanência de um elenco de *temas* - por exemplo, miscigenação, lascívia ou plasticidade - não implica continuidade no terreno dos *problemas*, quer dizer, das formas específicas de abordagem a partir das quais está sendo reconstruído e compreendido o *tema*” (2004: 69 - grifos do autor).

<sup>266</sup> Importa observar que o mapeamento de quando a diversidade passa a designar esse estado de coisas que denominamos hoje por esse conceito não foi objeto de investigação da presente pesquisa.

<sup>267</sup> Wagner, muito provavelmente inspirado em Walter Benjamin, apresenta uma imagem para essa situação. De acordo com ele, “o senso comum é como uma boneca turca na velha história do autômato jogo de xadrez. A boneca foi feita tal como se ela estivesse sentada numa mesa, em frente a um tabuleiro de xadrez, fumando cachimbo. Um inteligente arranjo de espelhos faz a mesa parecer real de modo que

---

Nesse processo, importa considerar não apenas o retorno às fontes do passado que, em última instância, permitem a construção da interpretação histórica, mas sobretudo, as formas pelas quais essa reconstrução se opera (cf. Suárez Molnar, 2003), motivo pelo qual a utilização, ainda que instrumental, da perspectiva da história efetual, como teorizada por Gadamer (2002), e da história dos conceitos, como elaborada por Koselleck (2006 e 1992), possibilita investigar quais elementos do passado se integram, pela via dos efeitos, ao conteúdo representacional de uma dada representação visto que permite construir uma grade de leitura que leve em conta tanto o fato do passado só poder ser investigado considerando-se sua limitação conceitual, como a permanência, no presente, de temporalidades advindas de outras épocas históricas.

Isso pressuposto tem-se que, do ponto de vista dos quadros estruturantes da representação social, a presença de elementos oriundos de uma base de conhecimento constituída em uma outra época histórica, no caso, a do processo de formação do Estado nacional, é um fato inerente à própria natureza da representação que se caracteriza por ser tributária de aspectos já constituídos e que, segundo Koselleck “[...] nos prova que ainda há conexões profundas entre problemas que se formulam e são vividos de maneira diferente [...]” (Fernández Sebastián e Fuentes, 2006: 138) devido ao fato de ser outro o contexto histórico.

Agora, do ponto de vista educacional, quais as conseqüências das representações sociais de Brasil, organizadas em torno do nódulo elementar de sentido “diversidade”, apresentarem-se fundamentadas naquilo que as análises realizadas indicaram ser o “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativa” articulados às “ficções orientadoras” e que cuja origem remonta ao século XIX?<sup>268</sup>

Essas duas categorias parecem engendrar uma espécie de círculo vicioso que tende a fragilizar a ação individual na medida em que a análise da produção textual dos universitários mostrou que, em relação ao contexto temático

---

alguém pode olhar por baixo. Na verdade, entretanto, um homem anão estava sentado embaixo de quem parecia o mestre de xadrez. Ele dirigia os movimentos da boneca jogando xadrez assim como a experiência histórica de nossa sociedade dirige nossos movimentos, na prática diária. Assim como o anão era invisível ao observador, assim como a experiência histórica de nossa sociedade é invisível para nós, os atores” (2003: 18-19).

<sup>268</sup> Lembrando que o contexto temático “espaço de experiência e horizonte de expectativa” engloba a produção discursiva dos universitários que tendem a identificar a singularidade do país à variedade de problemas cotidianos e à uma esperança de que, no futuro, esses problemas serão solucionados; enquanto que, o contexto temático “ficções orientadoras” enfoca o aspecto racial e natural como distintivos do país frente aos demais países em uma organização discursiva em que os conflitos não estão presentes. A respeito, ver capítulo 3 do presente trabalho.

“espaço de experiência e horizonte de expectativa”, os estudantes não se vêem como agentes da ação política e responsabilizam sobretudo o governo pela existência da variedade de problemas que identificam e diferenciam o Brasil dos demais países, percepção esta que parece ser alimentada pela crença na inevitabilidade do sucesso brasileiro que alimenta a esperança de que os problemas evocados sejam solucionados por meio do milagre e da fé.

Do mesmo modo, o contexto temático “ficções orientadoras”, ao fazer referência aos aspectos raciais, enfatiza a harmonia social fundamentada no discurso da fusão das três raças enquanto que, ao citar os naturais, realimenta a idéia de que, “no Brasil, tudo dá”, independentemente da ação humana, o que sugere que, de certa forma, guardadas as devidas proporções, ainda nos vemos com o olhar do estrangeiro: a terra parece o paraíso, mas as gentes que nela habitam precisam ser salvas.<sup>269</sup>

O aspecto problemático de perceber nossa “comunidade imaginada” (Anderson, 1991) associada a tais contextos temáticos decorre do fato de que essas representações sociais contribuem para alimentar a identidade nacional que define o que é ser brasileiro. Evidentemente, que essa definição não é um dado biológico, contudo, conforme observou Hall (2005), há uma tendência de considerar tais representações como se fossem parte da natureza essencial da população que habita este país o que, neste caso, contribui para a manutenção do jargão “o problema do Brasil é o brasileiro”.

Considerando-se que a representação tem uma função normativa, sendo prescritora de comportamentos, e dado o fato de imaginarmos nossa comunidade como uma nação baseada em uma idéia utópica de “país do futuro” cuja efetivação se opera por meio do milagre e não da ação de seus cidadãos e cuja origem remonta ao discurso produzido no século XIX, pode-se considerar, ainda que hipoteticamente, que as mudanças sociais que ocorreram desde os oitocentos até a atualidade foram interpretadas como passageiras, ilustrando aquilo que Flament (1994a) denominou de economia cognitiva. Ou seja, as mudanças ocorridas na sociedade brasileira não foram percebidas como definitivas fazendo com que os indivíduos, provavelmente, se mostrassem reticentes em realizar um trabalho cognitivo que permitisse reorganizar o campo da representação visto que, de

---

<sup>269</sup> Esta idéia já se encontra esboçada na Carta do escrivão Pero Vaz de Caminha endereçada ao rei D. Manoel quando da chegada dos portugueses. Escrita em 1500, este documento só foi publicado em 1817. A respeito, ver Chauí (2001).

acordo com Flament, “(...) do ponto de vista da economia cognitiva, é preferível suportar durante algum tempo eventuais inconvenientes derivados das circunstâncias” (1994a: 52),<sup>270</sup> o que talvez possa explicar a característica compensatória presente nos contextos temáticos associados à diversidade e ilustrados, por exemplo, na crença da fusão harmônica das três raças, apesar das atitudes discriminatórias diariamente noticiadas, na visão de uma natureza venturosa que desconsidera a devastação ambiental etc.

Nesse sentido, é provável que a modificação das representações sociais de Brasil que valorizem a diversidade do país sem, contudo, desmerecer ou mesmo intimidar a ação humana, passe por uma desnaturalização dessas idéias isso porque o que se denomina por nação “(...) não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional (...)” (Hall, 2005: 48 e 49 - grifos do autor).<sup>271</sup>

E apenas, uma análise histórica, articulada a uma perspectiva psicossocial, permite discutir o contexto que possibilitou o estabelecimento de certos conteúdos representacionais, em detrimento de outros.<sup>272</sup> Nesse sentido, e para finalizar, cabe reconhecer que acertava Castorina ao postular que “[...] os saberes dos alunos sobre a sociedade dependem, em boa medida, de representações sociais que têm uma natureza histórica” (2007: 75), mas também não se equivocava Paz ao afirmar que “[...] a história poderá esclarecer a origem de muitos de nossos fantasmas, porém não os dissipará” (2004: 81).<sup>273</sup> Talvez um dos objetivos primordiais da educação seja a tarefa de enfrentá-los.

---

<sup>270</sup> Cf. original: “(...) du point de vue de l'économie cognitive, il est alors avantageux de supporter pendant quelque temps les éventuels inconvénients dus aux circonstances”.

<sup>271</sup> Apoiado nos estudos de Flament (1994a e 1994b), Abric (1998) identifica a existência de três tipos de transformação das representações sociais: a transformação resistente, a transformação progressiva e a transformação brutal. De acordo com esse autor, a primeira se caracteriza pelo aparecimento de “esquemas estranhos” no sistema periférico das representações que provocam uma mudança em seus elementos evitando o questionamento do núcleo central; a segunda, caracteriza-se por uma alteração paulatina, mas progressiva, nos elementos que compõem o núcleo central; e, a última, refere-se a mudanças diretas e totais do núcleo central.

<sup>272</sup> Lembrando que, como afirma Moscovici, os estudos articulando história e representações sociais devem tentar, por um lado, indicar aquilo que “(...) em determinado nível ‘axiomático’ em textos e opiniões, chega a operar como ‘primeiros princípios’, ‘idéias propulsoras’ ou ‘imagens’ e, por outro lado, esforçar-se para mostrar a ‘consistência’ empírica e metodológica desses ‘conceitos’ ou ‘noções primárias’, na sua aplicação regular ao nível de argumentação cotidiana ou acadêmica” (2003: 242).

<sup>273</sup> Cf. original: “[...] la historia podrá esclarecer el origin de muchos de nuestros fantasmas, pero no los dissipará”.

## FONTES E BIBLIOGRAFIAS CITADAS

### **Fontes – Dicionários**

AULETE, Francisco Júlio de Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1987. (Primeira edição 1958).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. 29.<sup>a</sup> imp. São Paulo: Nova Fronteira, 1986. (Primeira edição 1975).

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PINTO, Luis Maria da Silva. *Diccionario da lingua brasileira*. Ouro Preto: Typografia de Silva, 1832.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. 6. ed. Lisboa: Typ. de Antonio José da Rocha, 1858. (Primeira edição 1789).

### **Fontes históricas**

CELSONO, Affonso (Conde de Ouro Preto). *Porque me ufano do meu paiz: right or wrong, my country*. Rio de Janeiro: Laemmert & C. – Editores, 1901.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Lições de historia do Brasil: para uso nas escolas de instrucção primaria*. Edição revista e actualizada por Olavo Bilac. Paris: Garnier, 1905. (Primeira edição 1864.)

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História geral do Brasil*: antes de sua separação e independência de Portugal. Revisão e notas de Rodolfo Garcia. 8. ed. integral. São Paulo: Melhoramentos/Ministério da Educação e Cultura, 1975. 5 tomos. (Memória brasileira.) (Primeira edição 1854.)

MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. Como se deve escrever a história do Brasil. In: ———. *O estado do direito entre os autóctones do Brasil*. Tradução de Alberto Löfgren. Revisão de A. C. Miranda Azevedo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982. (Transcrito da *Revista Trimestral de História e Geografia* ou *Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 24, jan. 1845.)

### **Referências bibliográficas**

ABRIC, Jean-Claude. L'étude expérimentale des représentations sociales. In: JODELET, Denise (Dir.). *Les représentations sociales*. 4. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1994a. p. 187-203. (Sociologie d'Aujourd'hui.)

———. Les représentations sociales: aspects théoriques. In: ——— (Dir.). *Pratiques sociales e représentations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994b. p. 11-35.

———. Pratiques sociales, représentations sociales. In: ——— (Dir.). *Pratiques sociales e représentations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994c. p. 217-238.

———. Méthodologie de recueil des représentations sociales. In: ——— (Dir.). *Pratiques sociales e représentations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994d. p. 59-82.

———. De l'importance des représentations sociales dans les problèmes de l'exclusion sociale. In: ——— (Ed.). *Exclusion sociale, insertion et prévention*. Ramonville Saint-Agne: Érès, 1996.

———. A abordagem estrutural das representações sociais. Tradução de Pedro Humberto Faria Campos. In: MOREIRA, Antonia S. P.; OLIVEIRA, Denize C. (Org.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 1998. p. 27-38.

———. La recherche du noyau central et de la zone muette des représentations sociales. In: ——— (Dir.). *Méthodes d'étude des représentations sociales*. Ramonville Saint-Agne: Érès, 2003. p. 59-80.

ABUD, Kátia. Currículos de história e políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola secundária. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998. p. 28-41.

ACOSTA, Sandra Lúcia Ferreira. *Escola: imagens que as representações sociais revelam*. 2005. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

ALBA, Matha de. El método ALCESTE y su aplicación al estudio de las representaciones sociales del espacio urbano: el caso de la Ciudad de México. *Papers on Social Representations / Textes sur les représentations sociales*. Online, v.13, p. 1.1 – 1.20, 2004.

ÁLVAREZ BERMÚDEZ, Javier. El contexto social y teórico del surgimiento de la teoría de las representaciones sociales. In: ROMERO RODRÍGUEZ, Eulogio (Ed.). *Representaciones sociales: atisbos, cavilaciones del devenir de cuatro décadas*. México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2004. p. 29-53.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação. *Em Aberto*, Brasília: MEC, n. 61, p. 60-78, 1994.

ANDERSON, Benedict. *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. 2. ed. rev. London: Verso, 1991.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Algumas reflexões acerca dos fundamentos da abordagem social em história da psicologia. In: BROZEK, Josef; MASSIMI, Marina. *Historiografia da psicologia moderna – versão brasileira*. São Paulo: Unimarco Editora; Loyola, 1998. p. 363-374.

ARIÈS, Philippe. A história das mentalidades. In: LE GOFF, Jacques. (Dir.) *A história nova*. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (O homem e a história.)

ARRUDA, Angela. Uma abordagem processual das representações sociais de grupos ecologistas e ecofeministas cariocas sobre o meio ambiente. In: JORNADAS INTERNACIONAIS DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL, novembro de 1999, Rio Grande do Norte – Natal, p. 1-13. Mimeografado.

———. O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro – negociando a diferença. In: ——— (Org.). *Representando a alteridade*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 17- 46. (Psicologia social.)

———. Despertando do pesadelo: a interpretação. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; CAMARGO, Brígido Vizeu; JESUÍNO, Jorge Correia; NÓBREGA, Sheva Maia (Org.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2005. p. 229-258.

——— et al. La elaboración de la matriz de análisis de la descripción de los mapas imaginarios de Brasil. In: VIII CONFERENCIA INTERNACIONAL DE REPRESENTACIONES SOCIALES, 2004, Guadalajara. VII Conferencia Internacional de Representaciones Sociales: Resúmenes de las ponencias. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2004. p. 49-49.

———; ULUP, Lilian. Brasil imaginado: representaciones sociales de jóvenes universitarios. In: ———; ALBA, Martha de (Coord.). *Espacios imaginarios y representaciones sociales: aportes desde Latinoamérica*. Rubí (Barcelona): Antropos Editorial; México: UAM – Iztapalapa. Div. Ciencias Sociales y Humanidades, 2007. p. 165-198. (Autores, textos y temas. Psicología, 28.)

ASSIS, Machado de. *A semana – crônicas* (1892-1893). Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996. (Literatura brasileira 2.)

AYESTARAN, S.; DE ROSA, Annamaria; PÁEZ, Darío. Représentation social, procesos cognitivos y desarrollo de la cognición social. In: PÁEZ, Darío et al. *Pensamiento, individuo y sociedad: cognición y representación social*. Madrid: Fundamentos, 1987. p. 16-70. (Psicología básica y clínica.)

BANCHS, María A. Representaciones sociales, memoria social e identidad de género. *Revista Akademos – Revista del Postgrado Facultad Humanidades y Educación, Universidad Central de Venezuela*, II, p. 59-76, 1999.

———. Aproximaciones procesuales y estructurales al estudio de las representaciones sociales. *Textes sur les Représentations Sociales: espace de discussion*, v. 9, p. 3.1-3.15, 2000.

BERTRAND, Valérie. Dimension historique des représentations sociales: l'exemple du champ sémantique de la notion d'exclusion. *Bulletin de Psychologie – Mémoire collective et représentations sociales*, t. 55 (5), n. 461, p. 497-502, sept.-oct. 2002.

———. La mendicité et l'état dangereux: l'historicité des représentations sociales dans le discours juridique. *Connexions – Mémoire collective et représentations sociales*, n. 80, p. 132-150, 2003/2.

BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. 1993. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

———. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, p. 475-491, set.-dez. 2004. p. 475-491.

———. Identidade nacional e ensino de história do Brasil. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 185-204.

BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos*. Tradução de Júlia Mainardi. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. Tradução de J. Guinsburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1969. (Debates.)

———. *O espaço e a história no Mediterrâneo*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BURKE, Peter. *Sociologia e história*. Tradução de Fátima Martins. Porto: Afrontamentos, 1980. (Histórias & ideias, 4.)

———. *A revolução francesa da historiografia: a escola dos annales, 1929-1989*. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Unesp, 1991.

CALLARI, Cláudia Regina. Os institutos históricos: do patronato de D. Pedro II à construção de Tiradentes. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 40, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882001000100004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882001000100004&script=sci_arttext)>. Acesso em: 30 out. 2007.

CAMARGO, Brígido Vizeu. Alceste: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes (Org.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. João Pessoa: UFPB; Editora Universitária, 2005. p. 511-539.

CAPELATO, Maria Helena R.; DUTRA, Eliana Regina de. Representação política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Org.). *Representações: contribuições para um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000. p. 227-267. (Textos do tempo.)

CARDOSO, Ciro Flamarion. Introdução. Uma opinião sobre as representações sociais. In: ———; MALERBA, Jurandir (Org.). *Representações: contribuições para um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000. p. 9-39. (Textos do tempo.)

———; MALERBA, Jurandir (Org.). *Representações: contribuições para um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000. (Textos do tempo.)

CARDOSO, Fernando Henrique. Livros que inventaram o Brasil. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 37, p. 21-35, 1993.

CARDOSO, Maria Helena Cabral de Almeida; GOMES, Romeu. Representações sociais e história: referenciais teórico-metodológicos para o campo da saúde coletiva. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, n. 16, v. 2, p. 499-506, abr.-jun. 2000.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002. (Psicologia social.)

CARRETERO, Mario; ROSA, Alberto; GONZÁLEZ, Maria Fernanda. Ensinar história em tempos de memória. In: ———; ———; ——— (Org.). *Ensino da história e memória coletiva*. Tradução de Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 13-30.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

———. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 38, out. 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-9091998000300004&script=sci\\_arttext&tlng=>](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-9091998000300004&script=sci_arttext&tlng=>)>. Acesso em: 18 set. 2007.

———. Terra do nunca: sonhos que não se realizam. In: BETHELL, Leslie (Org.). *Brasil: fardo do passado, promessa do futuro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 45-75.

———. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. 2.<sup>a</sup> reimpressão Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

———. Brasil, Brazil: sonhos e frustrações. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL CREANDO LA NACIÓN. 2006. Disponível em: <<http://shial.colmex.mx/SHI/2006/JoseMurilo.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2007.

CASADO, Elisa; CALONGE, Sari. *Conocimiento social y sentido comum*. Venezuela/Caracas: Fondo Editorial de Humanidades y Educación, 2001. (Estudios – Letras.)

CASTORINA, José Antonio. Um encontro de disciplinas: a história das mentalidades e a psicologia das representações sociais. In: CARRETERO, Mario; ROSA, Alberto; GONZÁLEZ, Maria Fernanda (Org.). *Ensino da história e memória coletiva*. Tradução de Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 75-88.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. 3.<sup>a</sup> reimpressão São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

COSTA, Sérgio. A mestiçagem e seus contrários: etnicidade e nacionalidade no Brasil contemporâneo. *Tempo Social* – Revista de Sociologia da USP, v. 13, n. 1, p 143-158, maio 2001.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

———. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira*. Tradução de Cid Knipel Moreira. Revisão técnica de José Augusto Drummond. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

DI GIÁCOMO, J. P. Teoría y método de analisis de las representaciones sociales. In: PÁEZ, Darío et al. *Pensamiento, individuo y sociedad: cognición y representación social*. Madrid: Fundamentos, 1987. p. 278-295. (Psicología básica y clínica.)

DOISE, Willem. Les représentations sociales: définition d'un concept. In: DOISE, Willem; PALMONARI, Augusto (Dir.) *L'étude des représentations sociales*. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1986. p. 81-94. (Textes de base en sciences sociales.)

———; CLÉMENCE, Alain; LORENZI-GIOLDI, Fabio. *Représentations sociales et analyses de données*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1992. (Vies Sociales, 7.)

DUVEEN, Gerard. Introdução: o poder das idéias. In: MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 7-28.

EMILANI, Francesca; PALMONARI, Augusto. Psychologie sociale et question naturelle. In: BUSCHINI, Fabrice; KALAMPALIKIS, Nikos (Dir.). *Penser la vie, le social, la nature: mélanges en l'honneur de Serge Moscovici*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 2001. p. 129-144.

FALCON, Francisco J. C. História e representação. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Orgs.). *Representações: contribuições para um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000. p. 41- 79. (Textos do tempo.)

FARR, Robert M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). *Textos em representações sociais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 31-59.

FERES JÚNIOR, João. *A história do conceito de "Latin America" nos Estados Unidos*. Bauru: Edusc; Anpocs, 2005. (Ciências sociais.)

———; JASMIN, Marcelo (Org.). *História dos conceitos: diálogos transatlânticos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Loyola; IUPERJ, 2007.

FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier; FUENTES, Juan Francisco. Entrevista com Reinhart Koselleck. In: JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João (Org.).

*História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Loyola; IUPERJ, 2006. p. 135-169.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. A antiética da vantagem e do jeitinho na terra em que Deus é brasileiro (o funcionamento discursivo do clichê no processo de constituição da brasilidade). In: ORLANDI, Eni P. (Org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993. p. 69-88.

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FLAMENT, Claude. Structure, dynamique et transformation des représentations sociales. In: ABRIC, Jean-Claude (Dir.). *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994a. p. 37-57. (Psychologie sociale.)

———. Aspects périphériques des représentations sociales. In: GUIMELLI, Christian (Dir.). *Structures et transformations des représentations sociales*. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1994b. p. 85-118. (Textes de base en sciences sociales.)

FLEIUSS, Max. O centenário de Martius. In: MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. *O estado do direito entre os autóctones do Brasil*. Tradução de Alberto Löfgren. Revisão de A.C. Miranda Azevedo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982. p. 1-8. (Publicado, originalmente, no *Jornal do Comércio*, em 16 jul. 1917.)

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Revisão de Ênio Paulo Giachini. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. t. I e t.II. (Pensamento humano.)

GARCIA, Dantielli Assumpção. Discurso lexicográfico: os dicionários no século XIX. In: ANAIS DO SETA, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/seer/seta/ojs/viewarticle.php?id=7>>. Acesso em: 25 nov. 2007.

GIGLING, Max; RATEAU, Patrick. Les six épreuves des Gopa: une étude expérimentale du processus d'ancrage. In: ROUQUETTE, Michel-Louis; GARNIER, Catherine (Dir.). *La genèse des représentations sociales*. Montréal: Nouvelles, 1999. p. 63-85.

GRIZE, J.B.; VERGÈS, Pierre; SILEM, Ahmed. *Salariés face aux nouvelles technologies*. Paris: CNRS, 1987.

GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. Introdução. In: ———; ——— (Org.). *Textos em representações sociais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 17-25.

GUERRERO TAPIA, Alfredo. *Imágenes de América Latina y México a través de los mapas mentales*. Ciudad de México, 2005. [s.p.]. Mimeografado.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Nacionalidade e novas identidades raciais no Brasil: uma hipótese de trabalho. In: SOUZA, Jessé (Org.). *Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. p. 387-414.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Francisco de Adolfo Varnhagen: história geral do Brasil. In: MOTA, Lourenço Dantas (Org.). *Introdução ao Brasil: um banquete nos trópicos*. 2. ed. São Paulo: Senac, 2002.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. *História, Ciência e Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, jul.-out. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702000000300008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 15 out. 2007.

GUIMELLI, Christian. Présentation de l'ouvrage. In: ——— (Dir.). *Structures et transformations des représentations sociales*. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1994. p. 11-24. (Textes de base en sciences sociales.)

———; REYNIER, Jérôme. Structuration progressive d'une représentation sociale: la représentation de l'infirmière. In: ROUQUETTE, Michel-Louis; GARNIER, Catherine (Dir.). *La genèse des représentations sociales*. Montréal: Nouvelles, 1999. p. 171-181.

GURZA LAVALLE, Adrián. *Vida pública e identidade nacional: leituras brasileiras*. São Paulo: Globo, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HASENBALG, Carlos. Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil. In: MAIO, Marco Chôr; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. 2.<sup>a</sup> reimpressão Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996. p. 235-249.

HERZLICH, Claudine. Les représentations sociales de la santé et la santé en mutation: un regard rétrospectif et prospectif sur la fécondité d'un concept. In: BUSCHINI, Fabrice; KALAMPALIKIS, Nikos (Dir.). *Penser la vie, le social, la nature: mélanges en l'honneur de Serge Moscovici*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 2001. p. 189-200.

HOBBSAWM, Erick J. Introdução: A invenção das tradições. In: ———; RANGER, Terence. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcanti. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9-23. (Pensamento crítico, 55.)

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

———. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

IBÁÑEZ GRACIA, Tomás. Representaciones sociales: teoría y método. In: ——— (Coord.). *Ideologías de la vida cotidiana*. Barcelona: Sendai, 1988. p. 13-90.

ITZA, L.; PINILLA, P.; PÁEZ, D. Representación social de la enfermedad física y mental. In: PÁEZ, Darío et al. *Pensamiento, individuo y sociedad: cognición y*

representación social. Madrid: Fundamentos, 1987. p. 318-346 (Psicología básica y clínica.)

JASMIN, Marcelo Gantus. História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 20, n. 57, p. 29-38, fev. de 2005.

———; FERES JÚNIOR, João (Org.). *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Loyola; IUPERJ, 2006.

JESUÍNO, Jorge Correia. Anclages. In: BUSCHINI, Fabrice; KALAMPALIKIS, Nikos (Dir.). *Penser la vie, le social, la nature: mélanges en l'honneur de Serge Moscovici*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 2001. p. 267-291.

JODELET, Denise. La representación social: fenómenos, conceptos y teoría. In: MOSCOVICI, Serge. *Psicología social, II: pensamiento y vida social; psicología social y problemas sociales*. Traducción de David Rosenbaum. Supervisión de Tomás Ibáñez Gracia. 4. ed. Barcelona: Paidós, 1986. p. 469-494. (Cognición y desarrollo humano.)

———. Representações sociais: um domínio em expansão. In: ——— (Org.). *As representações sociais*. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.

———. Pensamiento social e historicidad. Tradução de Catherine Bony. *Relaciones – (Revista de El Colégio de Michoacán)*, México, v. 24, n. 93, p. 97-114, 2003.

———. Experiência e representações sociais. In: MENIN, Maria Suzana de Stéfano; SHIMIZU, Alessandra de Moraes (Org.). *Experiência e representação social: questões teóricas e metodológicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005a. p. 23-56.

———. *Loucuras e representações sociais*. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis: Vozes, 2005b.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000. (Psicologia social.)

KALAMPALIKIS, Nikos. L'apport de la méthode Alceste dans l'analyse des représentations sociales. In: ABRIC, Jean-Claude (Dir.). *Méthodes d'étude des représentations sociales*. Ramonville Saint-Agne: Éditions Érès, 2003. p. 147 -163.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. Tradução e edição de Manoel Luis Salgado Guimarães. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

———. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Mass e Carlos Almeida Pereira. Revisão de César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006a.

———. Estructuras de repetición en el lenguaje y en la historia. *Revista de Estudios Políticos*, Madrid, n. 134, p. 17-34, oct.-dez. 2006b.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques (Dir.). *A história nova*. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 216-240. (O homem e a história.)

LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. Tradução de Fátima Sá Correia et al. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LAHLOU, Saadi. Vers une théorie de l'interprétation en analyse des données textuelles. In: BOLASCO, S; LEBART, L; SALEM, A. (Ed.). *3<sup>rd</sup> International Conference on Statistical Analysis of Textual Data*. Roma: CISU, 1995. v. 1, p. 221-228. Disponível em: <<http://www.image-zafar.com/publication/1995-Lahlou-interpretation-JADT.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2007.

———. L'exploration des représentations sociales à partir des dictionnaires. In: ABRIC, Jean-Claude (Dir.). *Méthodes d'étude des représentations sociales*. Ramonville Saint-Agne: Érès, 2003. p. 37-58.

LEFEBVRE, Georges. *O grande medo de 1789: os camponeses e a revolução francesa*. Tradução de Carlos Eduardo de Castro Leal. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

LE GOFF, Jacques. *Histoire et mémoire*. Paris: Gallimard, 1988. (Folie/Histoire.)

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1992. (Ensaio.)

MACHADO, Igor José de Renó. O “brasileiro de torna-viagens” e o lugar do Brasil em Portugal. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 35, 2005. Disponível em : <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/399.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2007.

MAGGIE, Yvonne. “Aqueles a quem foi negada a cor do dia”: as categorias cor e raça na cultura brasileira. In: MAIO, Marco Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. 2.<sup>a</sup> reimpressão Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996. p. 225-234.

MAIA, Antonio Cavalcanti. Diversidade cultural, identidade nacional brasileira e patriotismo constitucional. In: LOPES, Antonio Herculano; CALABRE, Lia (Org.). *Diversidade cultural brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005. p. 113-156.

MALERBA, Jurandir. Conclusão – As representações numa abordagem transdisciplinar: ainda um problema indócil, porém mais bem equacionado. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Org.). *Representações: contribuições para um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000. p. 269-288. (Textos do tempo.)

MARKOVÁ, Ivana. Des *thémata* de base des représentations sociales du sida. In: GARNIER, Catherine (Dir.). *Les formes de la pensée sociale*. Paris: Presses Universitaires de France, 2000. p. 55-77. (Psychologie sociale.)

———. *Dialogicidade e representações sociais: a dinâmica da mente*. Tradução de Hélio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2006. (Psicologia social.)

MARTÍNEZ-ECHAZÁBAL, Lourdes. O culturalismo dos anos 30 no Brasil e na América Latina: deslocamento retórico ou mudança conceitual? In: MAIO, Marco Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. 2.<sup>a</sup> reimpressão Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996. p. 107-124.

MARTÍNEZ GARCIA, Manuel F.; GARCÍA RAMÍREZ, Manuel. Técnicas y procedimientos para el estudio de las representaciones sociales. In: CLEMENTE DIAZ, Miguel. *Psicología social: métodos y técnicas de investigación*. Madrid: Ediciones de la Universidad Complutense, 1992. p. 390-400.

MATTOS, Selma Rinaldi de. *Brasil em lições: a história do ensino de história do Brasil no Império através dos manuais de Joaquim Manoel de Macedo*. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Filosofia da Educação, Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

MAZZOTTI, Tarso. Núcleo figurativo: *themata* ou metáforas? *Psicologia da Educação: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados, PUC-SP*, n. 14/15, p. 105-114, 1.<sup>º</sup> e 2.<sup>º</sup> sem. 2002.

MENIN, Maria Suzana De Stéfano; SHIMIZU, Alessandra de Moraes. Representação social e educação: características das produções brasileiras nos últimos congressos de educação e de representação social. *Cadernos de Educação*, Pelotas – Rio Grande Sul, UFPEL, v. 13, n. 22, p. 173-199, 2004.

——— ; ———. Educação e representação social: tendências de pesquisa na área – período de 2000 a 2003. In: ——— ; ——— (Org.). *Experiência e representação*

*social: questões teóricas e metodológicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 93-130.

MOLINER, Pascal. Étudier pour quoi faire ? In: GARNIER, Catherine; ROUQUETTE, Michel-Louis (Dir.). *Représentations sociales et éducation*. Montréal: Nouvelles, 2000. p. 79-91. (Éducation.)

———. Formation et stabilisation des représentations sociales. In: ——— (Dir.). *La dynamique des représentations sociales: pourquoi et comment les représentations se transforment-elles?*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 2001a. p. 15-41. (Vies sociales.)

———. Une approche chronologique des représentations sociales. In: ——— (Dir.). *La dynamique des représentations sociales: pourquoi et comment les représentations se transforment-elles ?*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 2001b. p. 245-268. (Vies sociales.)

———; RATEAU, Patrick; COHEN-SCALI, Valérie. *Les représentations sociales: pratique des études de terrain*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2002.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

———. Notes toward a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, v. 18, p. 211-250, 1988.

———. La fin des représentations sociales? (débattant Jean Maisonneuve). In: AEBISCHER, Verena; DECONCHY, Jean-Pierre; LIPIANSKY, E. Marc (Ed.) *Idéologies et représentations sociales*. Suisse: Delval, 1991. p. 65-84.

———. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise (Org.). *As representações sociais*. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 45-66.

———. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

——— ; VIGNAUX, G. Le concept de Thémata. In: GUIMELLI, Christian (Dir.). *Structures et transformations des représentations sociales*. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1994. p. 25-71. (Textes de base en sciences sociales.)

MUNANGA, Kabengele. Prefácio. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-11. (Psicologia social.)

NASCIMENTO-SCHULZE, Clélia Maria; CAMARGO, Brígido Vizeu. Psicologia social, representações sociais e métodos. *Temas em Psicologia da SBP*, Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia, v. 8, n. 3, p. 287-295, 2000.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro 1870/1920*. São Paulo: Annablume, 1998.

———. Natureza e civilização: sensibilidades românticas em representações do Brasil no século XIX. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia R. C. (Org.). *Memória e ressentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p. 431-455.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Revolução: em busca do conceito no império luso-brasileiro (1789-1822). In: FERES JÚNIOR, João; JASMIN, Marcelo (Org.). *História dos conceitos: diálogos transatlânticos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Loyola; IUPERJ, 2007. p. 129-140.

NOVAES, Adelina de Oliveira. *Brasil: representações sociais de estudantes de pedagogia*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

ODÁLIA, Nilo. Introdução. In: ——— (Org.). *Varnhagen: história*. São Paulo: Ática, 1979. p. 7-31. (Grandes cientistas sociais, 9.)

———. *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997. (Ariadne.)

OLIVEIRA, Denize Cristina de; GOMES, Antonio Marcos Tosoli; MARQUES, Sergio Corrêa. Análise estatística de dados textuais na pesquisa das representações sociais: alguns princípios e uma aplicação ao campo da saúde. In: MENIN, Maria Suzana de Stefano; SHIMIZU, Alessandra de Moraes (Org.). *Experiência e representação social: questões teóricas e metodológicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 157-200.

OLIVEIRA, Laura Nogueira. *Os índios bravos e o sr. visconde: os indígenas brasileiros na obra de Francisco Adolfo de Varnhagen*. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. H. G. Gadamer. In: ———. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 225-248. (Filosofia.)

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 8.<sup>a</sup> reimpressão São Paulo: Brasiliense, 2006.

PÁEZ, Darío. Características, funciones y proceso de formación de las representaciones sociales. In: ——— et al. *Pensamiento, individuo y sociedad: cognición y representación social*. Madrid: Fundamentos, 1987a. p. 297-317 (Psicología básica y clínica.)

——— et al. *Pensamiento, individuo y sociedad: cognición y representación social*. Madrid: Fundamentos, 1987b. (Psicología básica y clínica.)

PALMONARI, Augusto; DOISE, Willem. Caractéristiques des représentations sociales. In: DOISE, Willem; PALMONARI, Augusto (Dir.). *L'étude des représentations sociales*. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1986. p. 12-33. (Textes de base en sciences sociales.)

PAZ, Octavio. *El laberinto de la soledad/ Postdata/Vuelta a el laberinto de la soledad*. 3. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2004. (Colección Popular.)

PEREIRA, Luísa Rauter. *A história e "o diálogo que somos": a historiografia de Reinhart Koselleck e a Hermenêutica de Hans-Georg Gadamer*. 2004. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

PÉQUIGNOT, Bruno. L'art, la sociologie et la société: en guise de préface. In: ANCEL, Pascale. *Une représentation sociale du temps: étude pour une sociologie de l'art*. Paris: L'Harmattan, 1996. p. 5-13. (Logiques sociales.)

PITTOLO, Florence. Représentations sociales urbaines: quand les ressources historiques sont évaluatrices, compensatrices, reductrices: l'exemple de Nice (France). *Papers on Social Representations / Textes sur les représentations sociales. Online*, v. 5 (2), p. 81-98, 1996.

POMIAN, Krzyztof. A história das estruturas. In: LE GOFF, Jacques (Dir.). *A história nova*. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 97-123. (O homem e a história.)

PRADO, Maria Lígia Coelho. O Brasil e a distante América do Sul. *Revista de História*, São Paulo, v. 145, p. 127-149, 2001.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Pequeno dicionário de literatura brasileira: biográfico, crítico e bibliográfico*. São Paulo: Cultrix, 1969.

REINERT, Max. Alceste, une methodologie d'analyse des donnees textuelles et une application: Aurelia de Gerard de Nerval. *Bulletin de Methodologie Sociologique*, n. 26, p. 24-54, Mar. 1990.

———. Les “mondes lexicaux” et leur “logique” à travers l'analyse statistique d'un corpus de récits de cauchemars. *Langage et Societé*, v. 66, p. 5-39, 1993.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 6. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

RIBEIRO, Renato Janine. Entrevista. In: COUTO, José Geraldo; CORDEIRO, Leny (Org.). *Quatro autores em busca do Brasil*. Entrevistas a José Geraldo Couto. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 57-87.

RODRIGUES, José Honório. Prefácio – Como nasceram os capítulos de história colonial. In: ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial, 1500-1800*. 7. ed. rev. e prefaciada por José Honório Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000. p. 1-29. (Grandes nomes do pensamento brasileiro.)

ROUQUETTE, Michel-Louis. La matière historique. In: MOSCOVICI, Serge; BUSCHINI, Fabrice (Dir.). *Les méthodes des sciences humaines*. Paris: Presses Universitaires de France, 2003. p. 427-443. (Fondamental.)

———; GARNIER, Catherine. Introduction. In: ROUQUETTE, Michel-Louis ; ——— (Dir.). *La genèse des représentations sociales*. Montréal: Nouvelles, 1999. p. 9-12.

———; GUIMELLI, Christian. Sur la cognition sociale, l'histoire et le temps. In: ——— – (Dir.). *Structures et transformations des représentations sociales*. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1994. p. 255-266. (Textes de base en sciences sociales.)

ROUSSIAU, Nicolas; BONARDI, Christine. Quelle place occupe la mémoire sociale dans le champ des représentations sociales? In: LAURENS, Stéphane; ROUSSIAU,

Nicolas (Dir.). *La mémoire sociale: identités et représentations sociales*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2002. p. 33-49. (Didact, psychologie sociale.)

———; ———. *Les représentations sociales: état des lieux et perspectives*. Sprimont (Belgique): Mardaga, 2001.

———; RENARD, Élise. Des représentations sociales à l'institutionnalisation de la mémoire sociale. *Connexions – Mémoire collective et représentations sociales*, n. 80, p. 31-41, 2003/2.

SÁ, Celso Pereira de. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 19-45.

———. *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1996.

———. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

———; CASTRO, Paula (Org.). *Memórias do descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. (Memória social.)

———; OLIVEIRA, Denise Cristina de et al. Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes. *Estudos de Psicologia*, Natal, n. 6 (2), p. 245-258, jul.-dez. 2001.

SANTOS, Ricardo Ventura. Da morfologia às moléculas, de raça a população: trajetórias conceituais em antropologia física no século XX. In: MAIO, Marco Chor; ——— (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. 2.<sup>a</sup> reimpressão Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996. p. 125-139.

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Org.). *Fontes*,

*história e historiografia da educação*. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR; Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Palmas: Centro Universitário Diocesano do Sudoeste do Paraná; Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2004. p. 3-12. (Memória da educação.)

SCHAFF, Adam. *História e verdade*. Tradução de Maria Paula Duarte. Revisão de Carlos Alberto F. Nogueira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

———. Nomeando as diferenças: a construção da idéia de raça no Brasil (1870-1930). In: RAMOS, Ítalo (Coord.). *A luta contra o racismo na rede escolar*. São Paulo: FDE, Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-Brasileiros, 1995. p. 25-29. (Série Idéias, 27.)

SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, Marco Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. 2.<sup>a</sup> reimpressão. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996. p. 41-58.

SHUMWAY, Nicolas. *La invención de la Argentina: historia de una idea*. Traducción de César Aira. 6. ed. Buenos Aires: Emecé Editores, 2005.

SILEM, Ahmed; TRICOIRE, Cécile; VERGÈS, Pierre. O Brasil dos jovens: pesquisa realizada no quadro da ADEPBA com alunos de liceus e colégios sobre a imagem do Brasil na França. In: PARVAUX, Solange; REVEL-MOUROZ, Jean (Coord.). *Images réciproques du Brésil et de la France. Actes du Colloque organisé dans le cadre du projet France-Brésil*. Paris: IHEAL, 1991. p. 355-398 (Travaux et Mémoires, 46 – Série Thèses et colloques, 2.)

SILVA, Helenice Rodrigues da. A história como “a representação do passado”: a nova abordagem da historiografia francesa. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA,

Jurandir (Org.). *Representações: contribuições para um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000. p. 81-99. (Textos do tempo.)

SOARES, Célia Cristina Casaca. Em torno do pensamento social e do conhecimento do senso comum: a aplicação da metodologia Alceste em contextos discursivos distintos. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes (Org.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2005. p. 541-571.

SOUSA, Clarilza Prado de. Estudos de representações sociais em educação. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação da PUCSP*, São Paulo, n. 14/15, p. 285-323, 1.º e 2.º sem. 2002.

———. Representaciones sociales y el imaginario de la escuela. In: ARRUDA, Angela; ALBA, Martha de (Coord.). *Espacios imaginarios y representaciones sociales: aportes desde Latinoamérica*. Rubí (Barcelona): Antropos Editorial; México: UAM – Iztapalapa. Div. Ciências Sociais y Humanidades, 2007. p. 199-231. (Autores, textos y temas. Psicología, 28.)

———; ARRUDA, Angela (Coord). *Imaginário e representação social de jovens universitários sobre o Brasil e a escola brasileira*. Relatório de pesquisa apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2006. Mimeografado.

SOUZA, Jessé. Democracia racial e multiculturalismo: a ambivalente singularidade cultural brasileira. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 38, Dec. 2000a. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-546X2000000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2000000200007)>. Acesso em: 31 jan. 2008.

———. O caso brasileiro como visto por nossa sociologia da inautenticidade. In: ———. *A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000b. p. 159-204.

———. Uma interpretação alternativa do dilema brasileiro. In: ———. *A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000c. p. 205-270.

———. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. In: ——— (Org.). *Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. p. 283-327.

SUÁREZ MOLNAR, Rodolfo. De la naturaleza histórica de la realidad social. *Historia, Teoría y Psicología Social* – Cuadernos de Psicología Social de la Sociedad Mexicana de Psicología Social, México, p. 83-100, oct. 2003.

TAVARES, Marialva Rossi. *Auto-estima: o que pensam os professores?*. 2002. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

THIESSE, Anne-Marie. A criação cultural das identidades nacionais na Europa. Tradução de Sérgio A. Souza. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.gtehc.pro.br/Textos/2-Anne-Marie%20Thiesse-%20A%20criacao%20cultural%20das%20identidades%20nacionais%20na%20Europa.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2008.

———. “La petite patrie enclose dans la grande”: regionalismo e identidade nacional na França durante a Terceira República (1870-1940). Tradução de Francisco de Castro Azevedo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 3-16, 1995.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Ser brasileiro hoje: visitando e revisitando símbolos identitários. In: TOLEDO, Marleine Paula M. F. de (Org.). *Cultura brasileira: o jeito de ser e de viver de um povo*. São Paulo: Nankin Editorial, 2004. p. 10-31.

URIBE PATIÑO, Francisco Javier; ACOSTA ÁVILA, Maria Teresa. Las representaciones sociales: *in tempore opportuno*. In: ROMERO RODRÍGUEZ, Eulogio

(Ed.). *Representaciones sociales: astibos, cavilaciones del devenir de cuatro décadas*. México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2004. p. 119-137.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; ——— (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. 13.<sup>a</sup> reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997a. p. 127-162.

VERGÈS, Pierre. Représentations des nouvelles technologies et détermination idéologique. In: AEBISCHER, Verena; DECONCHY, Jean-Pierre; LIPIANSKY, E. Marc (Ed.). *Idéologies et représentations sociales*. Fribourg (Suisse): DelVal, 1991. p. 159-174.

VIAUD, Jean. Mémoire collective, représentations sociales et pratiques sociales. *Connexions – Mémoire colective et représentations sociales*, n. 80, p. 13-30, 2003/2.

VILLAS BÔAS, Lúcia P. S. *Jogo didático: um estudo de representação social*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

———. Teoria das representações sociais e o conceito de emoção: diálogos possíveis entre Serge Moscovici e Humberto Maturana. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação da PUC-SP*, n. 19, p. 143-166, 2.<sup>o</sup> sem. 2004.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. Tradução de Maria Julia Cottvasser. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

WAGNER, Wolfgang. Sócio-gênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia S. P.; OLIVEIRA, Denize C. (Org.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 1998. p. 3-25.

———. História, memória e senso comum em representações sociais e interdisciplinaridade. In: MOREIRA, Antonia S. P.; JESUÍNO, Jorge Correia (Org.).

*Representações sociais: teoria e prática*. 2. ed. rev. e ampl. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p.15-28.

WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ZAMBONI, Ernesta. Representações e linguagens no ensino de história. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 18, n. 36, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010201881998000200005&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201881998000200005&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 10 jan. 2007.

ZARUR, George de Cerqueira Leite. *A utopia brasileira: povo e elite*. Brasília: Abaré/Flacso/Brasil, 2003.

## ANEXOS



## ANEXOS

⇒	<b>ANEXO 1</b> - Q1 – Questionário aplicado na pesquisa desenvolvida por Sousa e Arruda (2006) .....	170
⇒	<b>ANEXO 2</b> - Matriz de codificação - Q1 elaborada por Arruda et al (2004) .....	175
⇒	<b>ANEXO 3</b> - Vocabulário associado à diversidade e excertos de seu contexto de uso no século XIX a partir das fontes históricas analisadas.	184
⇒	<b>ANEXO 4</b> - Relatório do Alceste gerado a partir do processamento da questão 1: “Por que você acha que isso tudo é Brasil?” .....	197
⇒	<b>ANEXO 5</b> - Relatório do Alceste gerado a partir do processamento da questão 2: “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?” .....	228

## ANEXO 1

---

- ⇒ Q1 – Questionário aplicado na pesquisa desenvolvida por Sousa e Arruda (2006)

*Esta é uma pesquisa sobre o imaginário do Brasil. Queremos observar as formas que o Brasil ganha na imaginação das pessoas. Solicitamos que responda às questões com espontaneidade e respeitando aquilo que vem de sua imaginação e da sua memória, sem se preocupar com acertos ou erros.*

# Q1

Nome do Aluno: \_\_\_\_\_

Instituição em que estuda: \_\_\_\_\_

Curso: \_\_\_\_\_

Município: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_



1. Na folha em branco ao lado, **desenhe** o mapa do Brasil sem se preocupar com a exatidão. Faça somente o contorno do mapa, sem dividir por estados.

2. Desenhe nesse mesmo mapa o que você acha que existe espalhado pelo Brasil. Se quiser pode usar lápis de cor. Vá numerando os desenhos à medida em que os for fazendo (nº 1 o primeiro, nº 2 o segundo e assim por diante).

Você tem cerca de **15 minutos** para fazer seus desenhos.

3. Dê um título ao seu desenho:

---

4. Conte-nos o que você desenhou e por que escolheu esses desenhos em seu mapa preenchendo o quadro a seguir, de acordo com a seqüência que utilizou para identificar os seus desenhos. **Não preencha, por enquanto, a coluna D.**

A- nº	B- O QUÊ?	C- POR QUÊ?	D
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			

**OBS:** Descreva, até no máximo, 10 desenhos

**5.** De tudo que você desenhou, escolha somente os 4 mais importantes para você. Numere esses **4** em ordem crescente de importância (1= o mais importante). **UTILIZE A COLUNA D** do quadro da questão anterior.

**6. Responda:**

**6.1)** Por que você acha que isso tudo é Brasil?

**6.2)** O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?

*Esta etapa terminou. Entregue o seu questionário ao aplicador.*

## ANEXO 2

---

⇒ Matriz de codificação - Q1 elaborada por Arruda et al (2004)

### Matriz de codificação - Q1 elaborada por Arruda et al (2004)

CATEGORIAS	OBSERVAÇÕES / EXPLICAÇÕES	EXEMPLOS <sup>1</sup>
<b>1. ELEMENTOS DA DESCRIÇÃO DO DESENHO</b>		
1a. Utiliza elementos		
1a1. naturais / da natureza		lua; ouro; floresta;
1a2. humanizados/humanos/figura humana		cara; coração; pessoas, família; crianças; jovens; idosos;
1a3. resultantes da ação do homem		casa; edifício; casebre; cidade; corrupção;
1a4. simbólicos		
1a5. afetivos		amor; esperança; sonhos;
1a6. de localização		Rio; São Paulo; Amazônia; Bahia
1b. Faz referência aos elementos do desenho		q. 6.1 porque esses são os símbolos das regiões que compõem o nosso país; <u>nesta região</u> há muitos rios e muitas chuvas; (petróleo) <u>onde</u> se extrai...; (armas) <u>essa região é onde</u> está o maior índice ...; (a moeda brasileira) – é <u>onde</u> se concentra a economia do Brasil; (mordomia) <u>onde</u> se ganham os maiores salários sem fazer nada; (educação) – sem dúvida, as melhores instituições escolares estão <u>aí</u> ;
1c. Relata que os desenhos foram construídos segundo seus conhecimentos e/ou vivências		o 2º maior do mundo e lindo!!! (Rio Amazonas); um dos lugares mais bonitos que já fui (Serra Gaúcha); q. 6.1 pois está de acordo com meus conhecimentos de leitura e vivência do Brasil; q. 6.1 porque é assim que o vejo.; q. 6.1 porque são coisas típicas que mais chamam atenção tanto para a população nacional como internacional; q. 6.1 porque esses são os símbolos das regiões que compõem o nosso país. É assim que nos vemos e é assim que nos vêem;
1d. Refere-se a aspectos operacionais do desenho		linha imaginária de divisão de estado; contorno do Brasil – porque estava nas instruções; eu pinteí de marrom; setas;
1e. Identifica que o Brasil é mais do que desenhou ou comentou		q. 6.1 acho que o Brasil é muito mais do que retratei no mapa; o Brasil não mostra tudo o que eu acho ser o Brasil (não deu espaço);

<sup>1</sup> O que está entre parêntesis não foi considerado como pertencente à categoria em questão; consta no exemplo apenas para facilitar a compreensão do leitor.

CATEGORIAS		OBSERVAÇÕES / EXPLICAÇÕES	EXEMPLOS
<b>2.</b>	<b>DIMENSÕES REPRESENTADAS<sup>2</sup></b>		
2a.	Diversidade	inclui: muitas influências; variedade; mistura; diferenças entre regiões;	q 6.1 A variedade porque ele tem de tudo um pouco; possui tantas diferenças; (Sol e) diversidade de climas; heterogeneidade natural; diversidade biológica; ("fazendas") – mostrar nossa diversidade (cultural e econômica); país é uma mistura de traços culturais; o Brasil é resultado de várias culturas; q 6.1 é uma mistura de pessoas; q 6.1 marcado por sua heterogeneidade populacional; eu admiro o Brasil por suas etnias; cada região parece estar separada da outra por suas características socioeconômicas; heterogeneidade econômica;
2b.	Riqueza / Abundância	inclui: grande quantidade; patrimônio; tesouro; atenção: ver se não é "qualidades superlativas" (item 1g1); considerar apenas aspectos positivos.	(Amazônia com) sua bacia hidrográfica) – representa a riqueza natural do Brasil; riqueza florestal; tem em abundância (floresta amazônica); (floresta e) grande produtividade; (existe uma) grande produção de alimentos;
2c.	Beleza	inclui: encanto, paraíso, (algo) exuberante, maravilhoso, extraordinário; atenção: quando se tratar do povo – belo, bonito, classificar em povo item 3.	pela sua beleza (floresta); lindas praias; tornam a região marajoara mais exótica (os lagos de Marajó); representam uma bela paisagem no nosso país;
2d.	Potencialidade / Oportunidades	uso genérico, sem especificação; alternativas de mudança;  quando a pessoa responder "esperança", não inclua aqui; nesse caso veja a categoria 4a8 – povo esperançoso.	potencial biogenético; um grande potencial natural; o Brasil pode ser muito mais do que isso, basta o povo querer e fazer o necessário para que isso aconteça; as universidades – são onde o nosso povo pode evoluir cada vez mais; (rios e lagoas) futuramente vão fazer parte da nossa "riqueza";
	2d1. potencialidade e oportunidade não aproveitada		o Brasil é muito pouco explorado ainda;
2e.	Juventude	refere-se a país jovem.	
2f.	Problemas em geral	críticas em geral, dificuldades; quando a pessoa não especifica quais são.	o Brasil tem muitos defeitos;
	2f1. Apesar dos problemas, tem qualidades...	faz críticas, mas ressalta as qualidades do Brasil.	apesar de subdesenvolvido, o Brasil possui poder econômico (indústrias);

<sup>2</sup> O que está entre parêntesis não foi considerado como pertencente à categoria em questão; consta no exemplo apenas para facilitar a compreensão do leitor.

CATEGORIAS		OBSERVAÇÕES / EXPLICAÇÕES	EXEMPLOS
	2f2. Defeitos/problemas superlativos	“the worst”	como em nenhum outro lugar: (a presença dos terríveis contrastes)
2g.	Qualidades em geral	quando a pessoa não especifica quais são	Brasil é um país maravilhoso [não sabemos a que se refere]
	2g1. dimensão superlativa	“the best” no sentido positivo ou negativo	a maior floresta urbana; a maior bacia hidrográfica do mundo; o Brasil possui o que há de melhor; (beleza) inigualável; o pulmão do mundo;
	2g2. Apesar das qualidades, tem problemas...	aponta as qualidades, mas ressalta os problemas do Brasil	por encontrar em nosso país uma diversidade de realidades enormes sem, contudo, termos aprendido a valorizar este fato e respeitá-lo.
2h.	Dimensão / extensão	relativo à dimensão espacial	(existe grande produção de alimentos ajudada pelo clima e pela) grande área brasileira; a extensão territorial; grandes rios;
2i.	Contraste / contradição / desigualdade	inclui: diferenças (sociais)	um país amplo, mas mais amplo do que eles são as diferenças que ele tem; q. 6.1. o Brasil é uma mistura do belo com o feio, do pobre com o rico, da abundância e da escassez;
2j.	Singularidade / peculiaridade	considere apenas o que for: único, singular	o que torna o Brasil um país único; q. 6.2. - porque tanta mistura de culturas acaba levando a uma cultura própria e única;
2k.	Unidade		(acho que o Brasil é um local de múltiplas dimensões,) mas que não deixa de ser um só;
2l.	Freqüência / disseminação		é uma coisa comum / freqüente em vários lugares do Brasil; (casa de prostituição) existe muito aqui no país;
2m.	Afetividade		são as coisas que mais ou menos me afetam; infelizmente; que pena!;
<b>3.</b>	<b>ASPECTOS ESPECÍFICOS REPRESENTADOS</b>		
3a.	Cultura	uso genérico, sem especificação e inclui: teatro, cultura regional, tradição (considerada positivamente); televisão, livros, jornais;	gaúcho – simbolizando a cultura local do Sul; nordestino – simbolizando seu tipo de vida; teatro; (índios) – de onde vem parte de nossa cultura; casa (estilo européia) – arquitetura; monumento; Cristo Redentor;
	3a1. Cultura – ressalta aspectos negativos		perda de sua cultura (índios)
	3a2. Música / dança	inclui: festas populares (exceto festas religiosas); Carnaval; maracatu; bumba-meu-boi; folia de Reis;	capoeira (pessoas dançando / jogando capoeira); uma multidão atrás de um carro de som; carnaval da Bahia – uma das maiores festas do mundo; elementos relacionados a festas: serpentinas, fantasias; porque no Brasil tem muita festa;
	3a3. Esportes / futebol		estádio de futebol; futebol – símbolo nacional;
	3a4. Costumes alimentares / culinária	inclui bebidas	pratos de comida – mostra a variada culinária brasileira; cerveja – um momento com os amigos;
	3a5. Folclore / lendas / crenças populares		

CATEGORIAS		OBSERVAÇÕES / EXPLICAÇÕES	EXEMPLOS
	3a6. Símbolo: nacional, regional etc.	inclui: símbolos compartilhados; pomba da paz; cruz (significando religião, morte);	bandeira do Brasil; estrela do PT; R\$; cifrão; coração; cruz; notas musicais;
	3b. Religião / religiosidade	inclui: festas religiosas	Credos
	3c. Povo / pessoas	inclui: população, crianças, mulheres, família, casal, trabalhador, baiano, professor, sertanejo,	q 6.2 Na minha opinião, enfim, o povo brasileiro é o que diferencia o Brasil dos outros países; q 6.2 o povo é o principal aspecto diferenciador do Brasil;
	3d. Etnia / raça	uso genérico, sem especificação	(a diversidade de) raças;
	3d1. Brancos		
	3d2. Negros		(capoeira - pessoas dançando / jogando capoeira) – representa a cultura negra;
	3d3. Índios		índios – (de onde vem parte de nossa cultura);
	3d4. Mestiços	inclui caboclos	
	3d5. Imigrantes		o asiático (representa grande parte da população, sobretudo no SE)
	3d6. Miscigenação	mistura étnica	[sujeito escreveu “várias pessoas”] – porque o Brasil é uma mistura de raças (que o torna único); em nenhum outro lugar a mistura das raças (pôde resultar em belezas tão exóticas);
	3e. Educação	uso genérico, sem especificação	as universidades do Centro-Oeste;
	3e1. Educação - ressalta aspectos positivos		as universidades – são onde o nosso povo pode evoluir cada vez mais
	3e2. Educação - ressalta aspectos negativos		(livro) – deveria ser mais difundido; falha na educação;
	3f. Saúde	uso genérico, sem especificação	
	3f1. Saúde - ressalta aspectos positivos		
	3f2. Saúde- ressalta aspectos negativos		
	3g. Ciência	inclui pesquisa	Centros de pesquisa; potencial científico;
	3h. História	uso genérico, sem especificação	apenas sua cultura peculiar e sua própria história de formação; pecuária – atividade histórica na região;
	3h1. História – ressalta aspectos positivos	história da imigração, processo histórico harmônico	somos uma só nação;

CATEGORIAS		OBSERVAÇÕES / EXPLICAÇÕES	EXEMPLOS
	3h2. História – ressalta aspectos negativos	exploração, colonização	porque o Brasil desde a época da colonização, infelizmente, foi colônia de exploração; (as tocas dos índios) apesar de se poucas ainda existe tribos de indígenas
3i.	Economia	uso genérico, sem especificação ou incluindo: petróleo, fábricas, pesca, produção agropecuária, mineração; criação de vacas; criação de búfalos; turismo, tecnologia, industrialização, produtos; dinheiro;	pólo industrial brasileiro – as principais indústrias estão nessa região; parque industrial; indústrias; (animais aquáticos) – pesca; búfalo – base da economia marajoara; (São Paulo) – centro financeiro do país; (avião) – presença da tecnologia; centro comercial; (praia) - importância que acarreta ao turismo; (clima favorável às) plantações / (floresta e) grande produtividade – (existe uma) grande produção de alimentos (ajudada pelo clima e pela grande área brasileira); vinicultura – a grande plantação de uva da região sul; relógios falsificados; bondinho do Pão de Açúcar;
	3i1. Economia – ressalta aspectos positivos	progresso, desenvolvimento econômico; no mais, classificar neste item apenas quando houver menção explícita a aspectos positivos no texto do sujeito	vem crescendo o número de indústrias filiais no Brasil;
3j.	Aspectos sociais	uso genérico, sem especificação	
	3j1. Aspectos socioeconômicos – ressalta os aspectos positivos		(grandes cidades) – o desenvolvimento de algumas cidades foi consequência do êxodo rural; ONG – representa o trabalho voluntário do Brasil; casas – temos moradias;
	3j2. Aspectos socioeconômicos - ressalta aspectos negativos	inclui: dependência externa, consumo; fome, miséria, desigualdade, riqueza x pobreza, violência, país doente, exclusão; subdesenvolvimento; natalidade;  pode incluir: globalização, conflito, êxodo, migração quando a conotação for negativa; casas – moradias (quando no sentido de carência);	(Zona Franca de Manaus) – (a contradição entre a alta tecnologia e) a miséria da maioria do povo; (desemprego) – problema oriundo da “comentada” globalização e que persiste em todos os locais; (dinheiro) – mostra a grande soma de dinheiro que o país possui e sua distribuição desigual; presença de grandes latifúndios; drogas/ fronteira (o conflito das FARC); ouro+ terra = conflitos (mortes no sul do Pará); morte (com que o carioca convive); prostituição; desigualdade social; fome – um mal a ser superado; revólver (arma) / facas com gotas de sangue – tal desenho mostra a violência espalhada pelo Brasil; (cultura da cana) – ainda hoje há oligarquias dividindo o poder; medo de sair; turismo sexual; violência provoca medo;
	3j2a. Seca		mandacaru- por ser o símbolo da seca; caatinga – mata típica do sertão e representa a seca local; seca do Nordeste; cactus no Nordeste / (copo d’água cortado) – região muito seca, ausência ou não acesso à água potável; família na seca;

CATEGORIAS		OBSERVAÇÕES / EXPLICAÇÕES	EXEMPLOS
3k.	Política / Justiça / direitos (civis, políticos, humanos)	uso genérico, sem especificação	q. 6.1. se a vida e as leis são igualitárias; (educação) forma cidadãos;
	3k1. Política – resalta aspectos positivos		as pessoas estão descobrindo seus direitos; liberdade – não é toda nação que todos são “livres” para fazer o que quer;
	3k2. Política – resalta aspectos negativos	inclui: responsabilidade pelos problemas, corrupção; não respeito aos direitos;	políticos ladrões; (seca) – porque todos sabem que existe, mas medidas eficazes são procrastinadas; tem um retrospecto político aviltante, com “políticos” vergonhosos; impunidade; um governante pisando em dinheiro com a bandeira na mão; um preso conversando livremente em seu celular – desonestidade, suborno; impunidade; no Brasil existe muitas leis, porém poucas são cumpridas;
3l.	Natureza / recursos naturais	inclui: ouro, diamantes; lua; sol representando algo que não o clima;	a natureza que o Brasil desfruta; solo fértil; banco biogenético; biodiversidade;
	3l1. Flora / vegetação		pinheiros; caatinga; araucárias e eucaliptos- típicos do Sul; campos/ cerrado; açaí - fruta símbolo do Pará; árvores;
	3l1a. Floresta	inclui: matas	árvores; mata Atlântica;
	3l2. Fauna	animais como espécies; não confundir com criação (de vacas, de búfalos etc.) que são atividades econômicas (item 2i)	pássaros – (diversidade na) fauna brasileira; capivara; onça – simboliza a fauna amazônica; vários animais – (mostra a biodiversidade do) mundo animal brasileiro; animais aquáticos;
	3l3. Praias / litoral	aspecto da natureza; inclui mar, oceano	praias, (sol); litoral brasileiro - o imenso litoral com praias belíssimas; (sol) – praia; ilha – as belíssimas praias que o Brasil possui; lindas praias; praias do litoral;litoral;
	3l4. Sertão		sertão (nordestino);
	3l5. Água / recursos hídricos	relativo a água dos rios	cachoeira; água; (grandes) rios; (a maior) bacia hidrográfica do mundo;
3m.	Geografia / relevo	uso genérico, sem especificação	6.1. o fato de estarmos situados no meio das placas tectônicas; (Planalto Central) – região de alto relevo do Centro-Oeste; serra – região montanhosa; Pão de Açúcar; Corcovado;
	3m1. Clima		neve- representando o clima em algumas cidades do Sul; chuvas – alto índice pluviométrico na Região Amazônica; sol – (praia) calor; sol e diversidade de climas; clima ideal;
	3m2. Urbanização	inclui: construção, cidades, densidade populacional, concentração populacional; superpopulação, conurbação; ônibus; carros;	(São Paulo) – alta concentração humana;Sul – região urbanizada; (carro) – por um grande número de pessoas vivendo em pequenos espaços; engarrafamento – é reflexo do crescimento desordenado das cidades brasileiras; vias expressas de transporte; rede urbana.
	3m3. Interior / campo	inclui: baixa densidade demográfica	campo – um modo mais simples de vida; região pouco habitada; fogão a lenha;

CATEGORIAS		OBSERVAÇÕES / EXPLICAÇÕES	EXEMPLOS
3n.	Meio ambiente e ecologia	uso genérico, sem especificação	(bacias hidrográficas) – ecologia e meio ambiente; porque tem ar puro
	3n1. Meio ambiente - preservação	inclui: necessidade de preservação	
	3n2. Meio ambiente – não-preservação	inclui: poluição, extinção, desmatamento; exploração internacional das potencialidades naturais	desmatamento; poluição dos rios e do mar; (fábricas) – pela baixa qualidade do ar nas grandes cidades; (água) – no futuro será alvo de enorme disputa no mundo; devastação da floresta;
<b>4.</b>	<b>ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DO POVO<sup>3</sup></b>		
4a.	Maneira de ser e de viver – ressalta aspectos positivos		q 6.2 o que diferencia é o seu grande valor humano;
	4a1. Criativo / inteligente / capaz	inclui: tem capacidades	trata-se de um povo inteligente; o brilho do povo [no sentido de inteligência];
	4a2. Desejoso de mudanças / progresso / otimista / esperançoso / desejoso de viver	inclui preocupação com o futuro; vontade de crescer; fé (na mudança);	q. 6.1 ...preocupação com o amanhã, com o que herdaremos para os nossos filhos, netos; povo com vontade de viver e de progredir; povo com vontade de vencer; povo com vontade de crescer; vontade de viver; temos que sonhar e lutar por eles [os sonhos]; a responsabilidade de todos nós de transformar as crianças de hoje em adultos com consciência política e social;
	4a3. Flexível, adaptável	o “jeitinho” brasileiro; o ser “virador”; capacidade de adaptar	somos muito mais tolerantes, mais abertos a novas experiências; tem um jeito específico de lidar com as suas dificuldades;
	4a4. Festeiro, animado, espontâneo, musical		
	4a5. Hospitaleiro, receptivo, acolhedor, afetivo, carismático, unido, caloroso, cativante, amigo, solidário, simpático, bondoso, bom, companheiro; simples, despretensioso	inclui “calor humano”; benevolente; caridoso; generoso;	união de pessoas felizes - no Brasil existem problemas mas a união, a afetividade e o carisma dos brasileiros trazem a felicidade; fraterno e humanista; a união das famílias como ponto de apoio; pessoas dos outros países são frias;
	4a6. Alegre, feliz, contente, bem humorado		alegria; alegria do povo; pessoas felizes; cara sorrindo – felicidade do povo brasileiro;
	4a7. Trabalhador		gente que estuda e trabalha;
	4a8. Patriota	orgulhoso de ser brasileiro	(coração) – o amor que todo cidadão tem pelo país e seus compatriotas; ama seu país;
	4a9. Harmonioso, pacífico	inclui: sem preconceito	q. 6.1 paz onde não temos guerra por enquanto; consegue viver pacificamente com todas as culturas, etnias...;
	4a10. Bonito, belo		beleza da população; país das mulheres bonitas;

<sup>3</sup> Quando o sujeito, ao procurar diferenciar o Brasil dos outros países, mencionar características de outros povos em oposição às do povo brasileiro, classifique sua resposta na categoria correspondente a esse oposto. Ex.: "as pessoas dos outros países são frias"- classifique como 4a6.

CATEGORIAS		OBSERVAÇÕES / EXPLICAÇÕES	EXEMPLOS
	4a11. Forte, lutador, resistente, persistente, corajoso, força de vontade, batalhador		(nordestino) – símbolo da persistência e coragem; vitalidade e força de vontade do brasileiro;
	4a12. [Aspecto positivo] apesar de...	considerar atributos positivos seguidos de “apesar de...”; inclui “feliz apesar de”;	apesar de todos os problemas somos um povo feliz!; no Brasil existem problemas mas a união, a afetividade e o carisma dos brasileiros trazem a felicidade; apesar de toda a falta de estrutura que o país oferece somos considerados um dos povos mais felizes do mundo;
4b.	Maneira de ser e de viver – ressalta os aspectos negativos	inclui: hipócrita	
	4b1. Acomodado, alienado, submisso	inclui: ingênuo; passivo;	não defendem seus direitos; falta de conscientização; não defendem sua pátria; não luta pelo seus direitos;
	4b2. Preconceituoso / racista	inclui: tem discriminação; discrimina;	
	4b3. Sofredor, triste, choroso		q. 6.1 ... o Brasil e o brasileiro também sofre, também chora, também morre; porque existem tantas tristezas;
	4b4. Não valoriza o país	deseja o que é do outro / copia /imita; inclui: não é patriota, não tem orgulho do país, tem vergonha do país; invejoso;	q. 6.2 Somos um povo que adora desejar o do outro como melhor;
	4b5. Egoísta, indiferente		individualismos;
<b>5.</b>	<b>LOCALIZAÇÃO: REGIÃO / ESTADO / MUNICÍPIO / CIDADE<sup>4</sup></b>		
5a.	<b>N.</b>		
	5a1. Amazônia	lembre-se de que a região Amazônica ultrapassa o estado do Amazonas	Floresta Amazônica; o rio Amazonas; floresta ; (chuvas – alto índice pluviométrico) na Região Amazônica; (árvores) – representam a região amazônica; (onça )– simboliza a fauna amazônica; Zona Franca de Manaus;
	5a2. Pará		(açai )- fruta símbolo do Pará;
	5a3. Ilha de Marajó		(búfalo) – base da economia marajoara; os lagos de Marajó;
	5a4. Roraima		
5b.	<b>NE</b>		nordestino – símbolo da persistência e coragem; cactos no Nordeste; seca do Nordeste;
	5b1. Bahia		Carnaval da Bahia;
	5b2. Pernambuco		
	5b3. Ceará		

<sup>4</sup> Só classifique a localização caso conste explicitamente a menção da região/estado/município/cidade no texto do sujeito.

## ANEXO 3

---

- ⇒ Vocabulário associado à diversidade e excertos de seu contexto de uso no século XIX a partir das fontes históricas analisadas Quadro dos autores

CELSON, Affonso (Conde de Ouro Preto). *Porque me ufano do meu paiz: right or wrong, my country*. Rio de Janeiro: Laemmert & C. – Editores, 1901.

Vocabulário do estado de coisas que hoje conotamos por diversidade	Tema em que esse vocabulário aparece associado	Contexto de uso das fontes históricas
Cruzamento	- Raça	<p>“É hoje verdade geralmente aceita que, para a formação do povo brasileiro, concorreram três elementos: o selvagem americano, o negro africano e o português. Do cruzamento das três raças resultou o mestiço que constitui mais de metade da nossa população” (Celso, 1901: 77).</p> <p>“[...] No Brasil, não há antagonismos entre as partes que o compõem. Cimenta-as, ao contrário, forte solidariedade. O Brasil é perfeitamente homogêneo, material e moralmente, pelo lado social e pelo lado étnico, pois nele se cruzam e se fundem todas as raças. Lucraremos, sem exceção, em permanecer um vasto conjunto intimamente ligado e compacto” (Celso, 1901: 250).</p>
Diferente	- Clima	<p>“Na primeira, cujas regiões mais quentes são Pará e Amazonas, não reina o calor que se imagina, em razão de se acharem junto ao equador. Na mesma latitude encontram-se lugares de clima diferente. Pará e Amazonas excedem em tudo as outras regiões tropicais do mundo, quais a Índia, a Polinésia, parte da África” (Celso, 1901: 70).</p>
Diversas	- Natureza - Manifestações do belo (natureza)	<p>“Não é monótona a selva brasileira. Cada árvore exhibe fisionomia própria, extrema-se das vizinhas: circunspetas ou graciosas, leves ou maciças, frágeis ou atléticas. Conforme reflexão de ilustre viajante, as matas brasileiras, únicas tão compactas que se lhes poderia caminhar por cima, representam a democracia livre das plantas, democracia cuja existência consiste na luta incessante pela liberdade, pelo ar, pela luz. Preside a essa democracia perfeita igualdade. Não há família que monopolize uma zona, com exclusão de outras famílias ou grupos. Espécies as mais diversas medram conjuntamente, fraternizam, enleiam-se. Daí a variedade na unidade, múltiplas e diversas manifestações do belo” (Celso, 1901: 40).</p>
Diversidade	- Frutas - Panoramas (natureza)	<p>“Em 1624, relata Simão Estácio da Silveira que a excelência do Brasil consiste em muitas cousas notórias. A primeira no ameníssimo céu e salubérrimo ar, de que goza, aonde sempre é verão e sempre está o campo e arvoredo verde, cargado de infinita diversidade de frutas, cujos nomes, sabores, feições, excedem a toda declaração humana” (Celso, 1901: 18).</p> <p>“Nas matas virgens do Brasil – que ocupam espaço igual ao de vastos Estados –, reside um dos espetáculos mais augustos da criação. Sobrelevam o oceano em mistério, em diversidade de panoramas, em excesso de vida, em magnificência que, ao mesmo tempo, acabrunham a inteligência humana e a arrebatam, acentuando-lhe a idéia das forças superiores regedoras do planeta” (Celso, 1901: 35).</p> <p>“A essa grande vantagem da baía fluminense, acrescem a sua vastidão, segurança, profundidade de ancoradouro, movimento de embarcações, inesgotável abundância de preciosas espécies de peixes, e, principalmente, a diversidade e formosura dos panoramas apresentados por suas ilhas, enseadas, promontórios, montanhas e várzeas marginais, vestidas de riquíssima vegetação” (Celso, 1901: 44).</p>

Vocabulário do estado de coisas que hoje conotamos por diversidade	Tema em que esse vocabulário aparece associado	Contexto de uso das fontes históricas
Diverso	- Clima	“Um país assim está em condições de se tornar o celeiro do mundo. Há nele, em climas diversos, vastas pastagens, fartamente regadas, às quais se adaptam todas as raças de animais úteis. Já importante, a indústria pastoril destina-se a abastecer a Europa, pois é susceptível de desenvolvimento extraordinário” (Celso, 1901: 59-60).
Fusão	- Raça	“– Resulta a sua população da fusão de três dignas e valorosas raças” (Celso, 1901: 244). “[...] No Brasil, não há antagonismos entre as partes que o compõem. Cimenta-as, ao contrário, forte solidariedade. O Brasil é perfeitamente homogêneo, material e moralmente, pelo lado social e pelo lado étnico, pois nele se cruzam e se fundem todas as raças. Lucraremos, sem exceção, em permanecer um vasto conjunto intimamente ligado e compacto” (Celso, 1901: 250).
Variado	- Natureza	“Dentro do enorme perímetro brasileiro, encontra-se tudo o que de pitoresco e grandioso oferece a terra. Ainda mais: encontra-se, em matéria de panorama, tudo o que ardente imaginação possa fantasiar. E os espetáculos são tão variados quanto magníficos” (Celso, 1901: 15).
Variedade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Impressões</li> <li>- Na unidade</li> <li>- De aspectos (natureza)</li> <li>- Animais</li> <li>- Natureza</li> </ul>	<p>“Alexandre de Humboldt coloca a majestade e a calma das nossas noites tropicais entre os maiores gozos proporcionados pelas cenas da natureza; exalta a indizível lindeza das nossas palmeiras, cujos penachos formam às vezes uma floresta sobre outra floresta; assegura que a zona vizinha ao equador é a parte da superfície do planeta, onde, em menor extensão, se despertam mais numerosas variedades de impressões, ostentando quer a terra quer o céu todos os seus múltiplos esplendores” (Celso, 1901: 19).</p> <p>“Não é monótona a selva brasileira. Cada árvore exhibe fisionomia própria, extrema-se das vizinhas: circunspetas ou graciosas, leves ou maciças, frágeis ou atléticas. Conforme reflexão de ilustre viajante, as matas brasileiras, únicas tão compactas que se lhes poderia caminhar por cima, representam a democracia livre das plantas, democracia cuja existência consiste na luta incessante pela liberdade, pelo ar, pela luz. Preside a essa democracia perfeita igualdade. Não há família que monopolize uma zona, com exclusão de outras famílias ou grupos. Espécies as mais diversas medram conjuntamente, fraternizam, enleiam-se. Daí a variedade na unidade, múltiplas e diversas manifestações do belo” (Celso, 1901: 40).</p> <p>“Fértil em incalculáveis riquezas, oferece o Amazonas indizível variedade de aspectos, revelando constantemente amplitude, força e majestade infinitas” (Celso, 1901: 25).</p> <p>“No seu percurso de milhares de quilômetros, nunca deixa o Amazonas de ser prodigiosamente opulento em peixes – duas vezes mais que o Mediterrâneo. Contam-se milhares de espécies peculiares a ele, muitas descobertas por Agassiz, as quais mudam de aspecto conforme as paragens. A par do peixe-boi e do peixe elétrico, miríades de camarões microscópicos, tão saborosos como os comuns. Pulula a vida ali. Habitam as florestas das ilhas e margens, florestas formadas de preciosíssimas madeiras, populações inumeráveis de insetos, répteis, mamíferos, maravilhosos pela variedade, originalidade e beleza das formas, brilho e cor. Centenas de famílias de pássaros alegam a solidão. Enumeram-se duas vezes mais classes de borboletas do que em toda a Europa” (Celso, 1901: 28).</p>

<b>Vocabulário do estado de coisas que hoje conotamos por diversidade</b>	<b>Tema em que esse vocabulário aparece associado</b>	<b>Contexto de uso das fontes históricas</b>
Variedade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Impressões</li> <li>- Na unidade</li> <li>- De aspectos (natureza)</li> <li>- Animais</li> <li>- Natureza</li> </ul>	<p>“Porém Paulo Afonso oferece mais selvagem poesia e maior variedade de aspectos do que o Niagara” (Celso, 1901: 32).</p> <p>“A princípio, o olhar não distingue formas precisas na selva ingente, porém massas espessas, esboços de torres, muralhas, trincheiras, abóbadas, pirâmides, colunas de verdura, formadas de árvores enormes, troncos aglomerados, lianas entrelaçadas – plantas em baixo, em cima, dos lados, florestas sobre florestas, sucessão interminável de folhagens. Depois, pouco a pouco, de surpresa em surpresa, vislumbra a portentosa variedade de contornos, dimensões, cores –; configurações brutais ou mimosas, fantásticas ou grotescas, risonhas ou ameaçadoras” (Celso, 1901: 36).</p>
Variegado	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Matizes (cor das águas)</li> <li>- Colorido (orquídeas)</li> </ul>	<p>“Tortuosos estes; retilíneos aqueles; série de lagos, terceiros; correndo uns sem obstáculos; constituindo-se outros de sucessivas escadas de cachoeiras; ora de marcha vertiginosa, ora lentos, ora de correnteza apenas perceptível; revelando-se aqui apáticos e indolentes; além, impetuosos e tumultuários; desenvolvendo-se de meandro em meandro; formando remoinhos espumejantes, remansos, torrentes; ostentando águas de variegados matizes: brancas, amareladas, cerúleas, negras, transparentes. A uns o Amazonas acolhe-os propício, absorvendo-os, misturando-se logo com eles” (Celso, 1901: 26-27).</p> <p>“Reparai agora nas orquídeas, de brilhantes e variegados coloridos, com desenhos simétricos que parecem traçados por artista caprichoso em veludo, seda, metais foscos ou polidos” (Celso, 1901: 38).</p>

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Lições de historia do Brasil*: para uso nas escolas de instrucção primaria. Edição revista e actualizada por Olavo Bilac. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. (Primeira edição de 1864).

<b>Vocabulário do estado de coisas que hoje conotamos por diversidade</b>	<b>Tema em que esse vocabulário aparece associado</b>	<b>Contexto de uso das fontes históricas</b>
Variedade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Clima</li> <li>- Produções</li> </ul>	<p>“O reino mineral disputa em opulência com o vegetal e animal; a uberidade das terras não pode ser excedida pelas mais fecundas de outras regiões, e a extensão do país oferece uma variedade de climas, a que corresponde uma infinita variedade de produções” (Macedo, 1905: 41).</p>

MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. Como se deve escrever a história do Brasil. In: ———. *O estado do direito entre os autóctones do Brasil*. Tradução de Alberto Löfgren. Revisão de A. C. Miranda Azevedo. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Edusp, 1982. (Transcrito da *Revista Trimestral de História e Geografia* ou *Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 24, jan. 1845.)

Vocabulário do estado de coisas que hoje conotamos por diversidade	Tema em que esse vocabulário aparece associado	Contexto de uso das fontes históricas
Fusão	- Língua	<p>“Como documento mais geral e mais significativo deve ser considerada a <i>língua dos índios</i>. Pesquisas nesta atualmente tão pouco cultivada esfera não podem jamais ser suficientemente recomendadas, e tanto mais que as línguas americanas não cessam de achar-se continuamente em uma certa fusão, de sorte que algumas delas em breve estarão inteiramente extintas. Muito há que dizer sobre este objeto: mas como devo supor que poucos historiôgrafos brasileiros se ocuparão com estudos lingüísticos, deixo à parte este assunto; aproveito porém esta ocasião de exprimir o meu desejo que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro designasse alguns lingüistas para a redação de dicionários e observações gramaticais sobre estas línguas, determinando que estes Srs. fossem ter com os mesmos índios. Neste respeito seria muito para desejar que se investigassem especialmente as <i>radicais</i> da língua tupi e dos seus dialéticos, desde o guarani, nas margens do rio da Prata, até o arino e guez sobre o Amazonas: que para tal dicionário brasileiro servisse de modelo o vocabulário que a Imperatriz Catarina mandou esboçar para as línguas asiáticas, e que afinal e principalmente se coligissem em primeiro lugar todos os vocábulo que referem a objetos naturais, determinações legais, (de direito) ou vestígios de relações sociais” (Martius, 1982: 92 – grifos do autor).</p>
Cruzar	- Raça	<p>“Tanto a história dos povos quanto a dos indivíduos nos mostram que o gênio da História (do mundo), que conduz o gênero humano por caminhos, cuja sabedoria sempre devemos reconhecer, não poucas vezes lança mão de cruzar as raças para alcançar os mais sublimes fins na ordem do mundo. Quem poderá negar que a nação inglesa deve sua energia, sua firmeza e perseverança a essa mescla dos povos céltico, dinamarquês, romano, anglo-saxão e normando!” (Martius, 1982: 88).</p>

Vocabulário do estado de coisas que hoje conotamos por diversidade	Tema em que esse vocabulário aparece associado	Contexto de uso das fontes históricas
Diferente Diferenças	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Clima</li> <li>- Solo</li> <li>- Produtos naturais</li> <li>- Agricultura</li> <li>- Indústria</li> <li>- Costumes</li> <li>- Usos e precisões</li> <li>- Partes do país</li> <li>- Raça</li> </ul>	<p>“Aqui se apresenta uma grande dificuldade em consequência da grande extensão do território brasileiro, da imensa variedade no que diz respeito à natureza que nos rodeia, aos costumes e usos e à composição da população de tão disparatados elementos. Assim como a província do Pará tem clima inteiramente diferente, outro solo, outros produtos naturais, outra agricultura, indústria, outros costumes, usos e precisões, do que a província do Rio Grande do Sul; assim acontece igualmente com as províncias da Bahia, Pernambuco e Minas. Em uma predomina quase exclusivamente a raça branca, descendente dos portugueses; na outra tem maior mistura com os índios; em uma terceira manifesta-se a importância da raça africana; em quanto influia de um modo especial sobre os costumes e o estado da civilização em geral. O autor, que dirigisse com preferência as suas vistas sobre uma destas circunstâncias, corria perigo de não escrever uma história do Brasil, mas sim uma série de histórias especiais de cada uma das províncias. Um outro porém, que não desse a necessária atenção a estas particularidades, corria o risco de não acertar com este tom local que é indispensável onde se trata de despertar no leitor um vivo interesse, e dar às suas descrições aquela energia plástica, imprimir-lhe aquele fogo, que tanto admiramos nos grandes historiadores” (Martius: 1982: 104-105).</p> <p>“Para evitar este conflito, parece necessário que em primeiro lugar seja em épocas, judiciosamente determinadas, representando o estado do país em geral, conforme o que tenha de particular em suas relações com a mãe pátria e as mais partes do mundo; e que, passando logo para aquelas partes do país que essencialmente diferem, seja realçado em cada uma delas o que houver de verdadeiramente importante e significativo para a história. Procedendo assim, não se devia certamente principiar de novo em cada província; mas omitir, pelo contrário, tudo aquilo que em todas, mais ou menos, se repetiu. Portanto, deviam ser tratadas conjuntamente aquelas porções do país que, por analogia da sua natureza física, pertencem uma às outras. Assim, por exemplo, converge a história das províncias de S. Paulo, Minas, Goiás e Mato Grosso; a do Maranhão se liga à do Pará, e à roda dos acontecimentos de Pernambuco formam um grupo natural os do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Enfim, a história de Sergipe, Alagoas e Porto Seguro, não será senão a da Bahia” (Martius, 1982: 105).</p> <p>“No que diz respeito aos leitores em geral, deverá lembrar-se em primeiro lugar que não excitará nenhum interesse vivo, nem lhes poderá desenvolver as relações mais íntimas do país, sem serem precedidos os fatos históricos por descrição das particularidades locais da natureza. Tratando o seu assunto, segundo este sistema, o que já admiramos no pai da história, Heródoto, encontrará muitas ocasiões para pinturas encantadoras da natureza. Elas imprimirão a sua obra um atrativo particular para os habitantes das diferentes partes do país, porque nestas diversas descrições locais reconhecerão a sua própria habitação, e se encontrarão, por assim dizer, a si mesmos. Desta sorte ganhará o livro em variedades e riqueza de fatos e muito especialmente em interesse para o leitor europeu” (Martius, 1982: 106).</p>

Vocabulário do estado de coisas que hoje conotamos por diversidade	Tema em que esse vocabulário aparece associado	Contexto de uso das fontes históricas
Diferente Diferenças	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Clima</li> <li>- Solo</li> <li>- Produtos naturais</li> <li>- Agricultura</li> <li>- Indústria</li> <li>- Costumes</li> <li>- Usos e precisões</li> <li>- Partes do país</li> <li>- Raça</li> </ul>	<p>"[...] Quão diferente é o Pará de Minas! Uma outra natureza, outros homens, outras precisões e paixões, e por conseguinte outras conjecturas históricas" (Martius, 1982: 105).</p> <p>"Pode-se dizer que cada uma das raças compete, segundo sua índole inata, segundo as circunstâncias debaixo das quais ela vive e se desenvolve, um movimento histórico característico e particular. Portanto, vendo nós um povo novo nascer e desenvolver-se da reunião e contato de tão diferentes raças humanas, podemos avançar que a sua história se deverá desenvolver segundo uma lei particular das forças diagonais" (Martius, 1982: 87).</p>
Disparatados elementos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Composição da população</li> </ul>	<p>"Aqui se apresenta uma grande dificuldade em consequência da grande extensão do território brasileiro, da imensa variedade no que diz respeito à natureza que nos rodeia, aos costumes e usos e à composição da população de tão disparatados elementos. Assim como a província do Pará tem clima inteiramente diferente, outro solo, outros produtos naturais, outra agricultura, indústria, outros costumes, usos e precisões, do que a província do Rio Grande do Sul; assim acontece igualmente com as províncias da Bahia, Pernambuco e Minas. Em uma predomina quase exclusivamente a raça branca, descendente dos portugueses; na outra tem maior mistura com os índios; em uma terceira manifesta-se a importância da raça africana; em quanto influa de um modo especial sobre os costumes e o estado da civilização em geral. O autor, que dirigisse com preferência as suas vistas sobre uma destas circunstâncias, corria perigo de não escrever uma história do Brasil, mas sim uma série de histórias especiais de cada uma das províncias. Um outro porém, que não desse a necessária atenção a estas particularidades, corria o risco de não acertar com este tom local que é indispensável onde se trata de despertar no leitor um vivo interesse, e dar às suas descrições aquela energia plástica, imprimir-lhe aquele fogo, que tanto admiramos nos grandes historiadores" (Martius: 1982: 104-105).</p>
Diversidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fontes</li> <li>- País</li> </ul>	<p>"Esta diversidade não é suficientemente reconhecida no Brasil, porque há poucos brasileiros que tenham visitado todo o país; por isso formam idéias muito errôneas sobre circunstâncias locais, fato este que sem dúvida alguma muito concorre para que as perturbações políticas em algumas províncias só se podiam apagar depois de longo tempo" (Martius, 1982: 105-106).</p>

Vocabulário do estado de coisas que hoje conotamos por diversidade	Tema em que esse vocabulário aparece associado	Contexto de uso das fontes históricas
Elementos de natureza diversa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Partes do país</li> <li>- Descrições locais</li> <li>- Raça</li> </ul>	<p>“[...] Enquanto não poucas vezes acontecerá que os estrangeiros tentem semear a cizânia entre os interesses das diversas partes do país, para assim, conforme ao <i>divide et impera</i>, obter maior influência nos negócios do estado; deve o historiador patriótico aproveitar toda e qualquer ocasião a fim de mostrar que todas as Províncias do Império por lei orgânica se pertencem mutuamente, que seu próprio adiantamento se pode ser mais garantido pela mais íntima união entre elas” (Martius, 1982: 106 – grifos do autor).</p> <p>“No que diz respeito aos leitores em geral, deverá lembrar-se em primeiro lugar que não excitará nenhum interesse vivo, nem lhes poderá desenvolver as relações mais íntimas do país, sem serem precedidos os fatos históricos por descrição das particularidades locais da natureza. Tratando o seu assunto, segundo este sistema, o que já admiramos no pai da história, Heródoto, encontrará muitas ocasiões para pinturas encantadoras da natureza. Elas imprimirão a sua obra um atrativo particular para os habitantes das diferentes partes do país, porque nestas diversas descrições locais reconhecerão a sua própria habitação, e se encontrarão, por assim dizer, a si mesmos. Desta sorte ganhará o livro em variedades e riqueza de fatos e muito especialmente em interesse para o leitor europeu” (Martius, 1982: 106).</p> <p>“São porém estes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergida de um modo particular três raças, a saber: a de cor de cobre, ou americana, a branca ou caucasiana, e, enfim, a preta ou etiópica” (Martius, 1982: 87).</p>
Mescla	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Raça</li> <li>- Nação</li> </ul>	<p>“[...] Do encontro, da mescla das relações mútuas e mudanças dessas três raças, formou-se a atual população, cuja história, por isso mesmo, tem um cunho muito particular” (Martius, 1982: 87).</p> <p>“Jamais nos será permitido duvidar que a vontade da providência predestinou ao Brasil esta mescla. O sangue português, em um poderoso rio, deverá absorver os pequenos afluentes das raças índia e etiópica. Na classe baixa tem lugar esta mescla, e como em todos os países se formam as classes superiores dos elementos das inferiores, e por meio delas se vivificam e fortalecem, assim se prepara atualmente na última classe da população brasileira essa mescla de raças, que daí a séculos influirá poderosamente sobre as classes elevadas, e lhes comunicará aquela atividade histórica para a qual o Império do Brasil é chamado” (Martius, 1982: 88).</p> <p>“Nunca portanto o historiador da Terra de Santa Cruz há de perder de vista que sua tarefa abrange os mais grandiosos elementos; que não lhe compete tão somente descrever o desenvolvimento de um só povo, circunscrito em estreitos limites, mas sim de uma nação cuja crise e mescla atuais pertencem à história universal, que ainda se acha no meio do seu desenvolvimento superior. Possa ele não reconhecer em tão singular conjunção de diferentes elementos algum acontecimento desfavorável, mas sim a conjuntura mais feliz e mais importante no sentido da mais pura filantropia. Nos pontos principais a história do Brasil será sempre a história de um ramo de portugueses; mas se ela aspirar a ser completa e merecer o nome de uma história pragmática, jamais poderão ser excluídas as suas relações para com as raças etiópica e índia” (Martius, 1982: 104).</p>

Vocabulário do estado de coisas que hoje conotamos por diversidade	Tema em que esse vocabulário aparece associado	Contexto de uso das fontes históricas
Mistura	- Raça	<p>“Aqui se apresenta uma grande dificuldade em consequência da grande extensão do território brasileiro, da imensa variedade no que diz respeito à natureza que nos rodeia, aos costumes e usos e à composição da população de tão disparatados elementos. Assim como a província do Pará tem clima inteiramente diferente, outro solo, outros produtos naturais, outra agricultura, indústria, outros costumes, usos e precisões, do que a província do Rio Grande do Sul; assim acontece igualmente com as províncias da Bahia, Pernambuco e Minas. Em uma predomina quase exclusivamente a raça branca, descendente dos portugueses; na outra tem maior mistura com os índios; em uma terceira manifesta-se a importância da raça africana; em quanto influía de um modo especial sobre os costumes e o estado da civilização em geral. O autor, que dirigisse com preferência as suas vistas sobre uma destas circunstâncias, corria perigo de não escrever uma história do Brasil, mas sim uma série de histórias especiais de cada uma das províncias. Um outro porém, que não desse a necessária atenção a estas particularidades, corria o risco de não acertar com este tom local que é indispensável onde se trata de despertar no leitor um vivo interesse, e dar às suas descrições aquela energia plástica, imprimir-lhe aquele fogo, que tanto admiramos nos grandes historiadores” (Martius: 1982: 104-105).</p>
Uma ao lado da outra	- Raças	<p>“Portanto devia ser um ponto capital para o historiador reflexivo mostrar como no desenvolvimento sucessivo do Brasil se acham estabelecidas as condições para o aperfeiçoamento de três raças humanas, que nesse país são colocadas uma ao lado da outra, de uma maneira desconhecida na História Antiga, e que devem servir-se mutuamente de meio e de fim” (Martius, 1982: 89).</p>
Variedade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Natureza</li> <li>- Usos</li> <li>- Costumes</li> <li>- Composição da população</li> <li>- Produtos</li> </ul>	<p>“Aqui se apresenta uma grande dificuldade em consequência da grande extensão do território brasileiro, da imensa variedade no que diz respeito à natureza que nos rodeia, aos costumes e usos e à composição da população de tão disparatados elementos. Assim como a província do Pará tem clima inteiramente diferente, outro solo, outros produtos naturais, outra agricultura, indústria, outros costumes, usos e precisões, do que a província do Rio Grande do Sul; assim acontece igualmente com as províncias da Bahia, Pernambuco e Minas. Em uma predomina quase exclusivamente a raça branca, descendente dos portugueses; na outra tem maior mistura com os índios; em uma terceira manifesta-se a importância da raça africana; em quanto influía de um modo especial sobre os costumes e o estado da civilização em geral. O autor, que dirigisse com preferência as suas vistas sobre uma destas circunstâncias, corria perigo de não escrever uma história do Brasil, mas sim uma série de histórias especiais de cada uma das províncias. Um outro porém, que não desse a necessária atenção a estas particularidades, corria o risco de não acertar com este tom local que é indispensável onde se trata de despertar no leitor um vivo interesse, e dar às suas descrições aquela energia plástica, imprimir-lhe aquele fogo, que tanto admiramos nos grandes historiadores” (Martius: 1982: 104-105).</p>

Vocabulário do estado de coisas que hoje conotamos por diversidade	Tema em que esse vocabulário aparece associado	Contexto de uso das fontes históricas
Variedade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Natureza</li> <li>- Usos</li> <li>- Costumes</li> <li>- Composição da população</li> <li>- Produtos</li> </ul>	<p>“[...] Justamente na vasta extensão do país, na variedade de seus produtos, ao mesmo tempo que os seus habitantes têm a mesma origem, o mesmo fundo histórico, e as mesmas esperanças para um futuro lisonjeiro, acha-se fundado o poder e grandeza do país. Nunca esqueça, pois, o historiador do Brasil, que para prestar um verdadeiro serviço a sua pátria deverá escrever como autor monárquico-constitucional, como unitário no mais puro sentido da palavra” (Martius: 1982: 105-106).</p>
Variedade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fatos</li> <li>- Fontes</li> </ul>	<p>“No que diz respeito aos leitores em geral, deverá lembrar-se em primeiro lugar que não excitará nenhum interesse vivo, nem lhes poderá desenvolver as relações mais íntimas do país, sem serem precedidos os fatos históricos por descrição das particularidades locais da natureza. Tratando o seu assunto, segundo este sistema, o que já admiramos no pai da história, Heródoto, encontrará muitas ocasiões para pinturas encantadoras da natureza. Elas imprimirão a sua obra um atrativo particular para os habitantes das diferentes partes do país, porque nestas diversas descrições locais reconhecerão a sua própria habitação, e se encontrarão, por assim dizer, a si mesmos. Desta sorte ganhará o livro em variedades e riqueza de fatos e muito especialmente em interesse para o leitor europeu” (Martius, 1982: 106).</p> <p>“[...] deve procurar-se provar que o Brasil, país tão vasto e rico em fontes variadíssimas de ventura e prosperidade civil, alcançará o seu mais favorável desenvolvimento, se chegar, firmes os seus habitantes na sustentação da Monarquia, a estabelecer, por uma sábia organização entre todas as províncias, relações recíprocas” (Martius, 1982: 106).</p>

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*: antes de sua separação e independência de Portugal. Revisão e notas de Rodolfo Garcia. 8. ed. integral. São Paulo: Melhoramentos/Ministério da Educação e Cultura, 1975. 5 tomos. (Memória Brasileira) (Primeira edição de 1854).

Vocabulário do estado de coisas que hoje conotamos por diversidade	Tema em que esse vocabulário aparece associado	Contexto de uso das fontes históricas
Amálgama	- Raça	“[...] a gente de origem européia posta em contacto com a da terra não a exterminou, absorveu-a: – amalgamou-se com ela. Tal é a verdadeira razão por que de nossas províncias desapareceu quase absolutamente o tipo índio” (Varnhagen, 1975: 246 – t. 1).
Cruzamento Cruzadas	- Raça	“[...] A abundância que havia de mestiços e mamelucos, que, segundo os jesuítas, eram os autores de tantas invasões de índios indômitos no sertão, vem em auxílio do que cremos que o tipo índio desapareceu, mais em virtude de cruzamentos sucessivos que de verdadeiro e cruel extermínio” (Varnhagen, 1975: 215 – t. 1). “[...] Todos os documentos dos tempos antigos e modernos nos descobrem, tanto aqui como nas colônias dos Castelhanos, as tendências dos europeus a este cruzamento sucessivo de raça, que fez com que a americana não se exterminasse em parte alguma, mas antes de cruzasse e refundisse” (Varnhagen, 1975: 215 – t. 1). “[...] Os nascidos das raças cruzadas diziam-se, em frase tupi, <i>curibocas</i> , porém, o uso fez preferir o nome de mamelucos, que se dava em algumas terras da Península aos filhos de cristão e moura” (Varnhagen, 1975: 215 – t. 1 – grifos do autor).
Fusão	- Nacionalidades	“Um dos elementos que mais concorreu para a fusão das nacionalidades tupi e portuguesa foi a mulher” (Varnhagen, 1975: 214 – t. 1). “[...] e os resultados, apesar de serem irreligiosos os meios, não podiam deixar de ser em favor da fusão das duas nacionalidades” (Varnhagen, 1975: 215 – t. 1).
Natureza diversa	- População	“Com doações pequenas, a colonização se teria feito com mais gente, e naturalmente o Brasil estaria hoje mais povoado – talvez – do que os Estados Unidos: sua povoação seria porventura homogênea e teriam entre si as províncias menos rivalidades que, se ainda existem, procedem, em parte, das tais capitánias” (Varnhagen, 1975: 146 – t. 1).
Refundisse	- Raça	“[...] Todos os documentos dos tempos antigos e modernos nos descobrem, tanto aqui como nas colônias dos Castelhanos, as tendências dos europeus a este cruzamento sucessivo de raça, que fez com que a americana não se exterminasse em parte alguma, mas antes de cruzasse e refundisse” (Varnhagen, 1975: 215 – t. 1).

Vocabulário do estado de coisas que hoje conotamos por diversidade	Tema em que esse vocabulário aparece associado	Contexto de uso das fontes históricas
Variedade Vários Vária Variegado	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Clima</li> <li>- Estações do ano</li> <li>- Frutas</li> <li>- Contrastes</li> <li>- Natureza</li> </ul>	<p>“Apesar de tanta vida e variedade das matas-virgens, apresentam elas um aspecto sombrio, ante o qual o homem se contrista, sentindo que o coração se lhe aperta, como no meio dos mares, ante a imensidade do oceano” (Varnhagen, 1975: 16 – t. 1).</p> <p>“Numa extensão tão vasta e com tão diferentes elevações sobre o mar, como tem o Brasil, claro está que vários são os climas e vária a ordem das estações, se estas com os seus nomes inventados para as zonas temperadas, os podem ter correspondentes nas zonas tórridas” (Varnhagen, 1975: 14 – t. 1).</p> <p>“Aí se dão alguns frutos regalados, tais como o <i>ananás</i>, rei deles, o <i>caju</i>, fruta duas vezes, o dulcíssimo <i>saputi</i>, com razão denominado pêra dos trópicos, os belos <i>maracujás</i>, as coradas <i>mangabas</i>, e as rescendentes amonas de várias espécies, conhecidas com os nomes de <i>araticuns</i>, <i>atas</i>, <i>frutas-do-conde</i>; e infinidade de outros pomos que a horticultura fará melhores, e de muitos que a química aplicada ainda tem de aproveitar e vulgarizar” (Varnhagen, 1975: 17 – t. 1 – grifos do autor).</p> <p>“Para ser mais original, oferece o país vários contrastes originais” (Varnhagen, 1975: 19 – t. 1).</p> <p>“Por toda a extensão que abraçam esses dois grandes rios [Amazonas e Prata] se erguem serranias, que produzem variegados vales, por cujos leitos correm outros tantos rios caudais” (Varnhagen, 1975: 13 – t. 1).</p>

## ANEXO 4

---

- ⇒ Relatório do Alceste gerado a partir do processamento da questão 1:  
“Por que você acha que isso tudo é Brasil?”

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

-----  
\* Logiciel ALCESTE (4.7 - 01/12/02) \*  
-----

Plan de l'analyse :61.pl ; Date : 13/ 7/\*\*; Heure : 14:00:20

C:\Arquivos de programas\ADT-Image\Lucia\ref61\&&\_0\  
61.txt

```
ET 1 1 1 1
A  1 1 1
B  1 1 1
C  1 1 1
D  1 1 1 0 0
A1  1  0  0
A2  3  0
A3  1  1  0
B1  0  4  0  1  1  0  1  1  0
B2  2  2  0  0  0  0  0  0
B3 10  4  1  1  0  0  0  0  0  0
C1  0  121
C2  0  2
C3  0  0  1  1  1  2
D1  0  2  2
D2  0
D3  5  a  2
D4  1 -2  1
D5  0  0
```

-----  
A1: Lecture du corpus  
-----

A12 : Traitement des fins de ligne du corpus :  
N° marque de la fin de ligne :

Nombre de lignes étoilées : 498

-----  
A2: Calcul du dictionnaire  
-----

Nombre de formes distinctes	:	2508
Nombre d'occurrences	:	16022
Fréquence moyenne par forme	:	6
Nombre de hapax	:	1479
Fréquence maximum d'une forme	:	1091

72.73% des formes de fréq. <	2 recouvrent	13.54% des occur.;
85.65% des formes de fréq. <	5 recouvrent	21.07% des occur.;
92.66% des formes de fréq. <	12 recouvrent	30.11% des occur.;
96.13% des formes de fréq. <	26 recouvrent	40.17% des occur.;
98.09% des formes de fréq. <	47 recouvrent	51.36% des occur.;
98.96% des formes de fréq. <	87 recouvrent	60.29% des occur.;
99.52% des formes de fréq. <	134 recouvrent	70.04% des occur.;
99.80% des formes de fréq. <	370 recouvrent	81.97% des occur.;
99.92% des formes de fréq. <	466 recouvrent	90.14% des occur.;
100.00% des formes de fréq. <	1091 recouvrent	100.00% des occur.;

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

A3 : Liste des clés et valeurs d'analyse (ALC\_CLE) :

```
-----
K 0 Nombres en chiffre
M 2 Mots en majuscules
U 0 Mots non trouvés dans DICIN (si existe)
X 1 formes non reconnues et fréquentes
0 2 Auxiliaire ESTAR
1 2 Auxiliaire TER
2 2 Auxiliaire HAVER
3 2 Auxiliaire SER
4 2 Prépositions simples et locutions prépositives
5 2 Conjonctions et locutions conjonctives
6 2 Interjections
7 2 Pronoms
8 2 Numéraux
9 2 Adverbes
  1 Formes non reconnues
```

A34 : Fréquence maximale d'un mot analysé : 3000

```

Nombre de mots analysés : 1500
Nombre de mots supplémentaires de type "r" : 275
Nombre de mots supplémentaires de type "s" : 10
Nombre d'occurrences retenues : 16002
Moyenne par mot : 8.123381
Nombre d'occurrences analysables (fréq.> 3) : 6544 soit
45.384560%
Nombre d'occurrences supplémentaires : 7875
Nombre d'occurrences hors fenêtre fréquence : 1583
```

-----  
B1: Sélection des uce et calcul des données  
-----

```

B11: Le nom du dossier des résultats est &&_0
B12: Fréquence minimum d'un "mot" analysé : 4
B13: Fréquence maximum d'un "mot" retenu : 9999
B14: Fréquence minimum d'un "mot étoilé" : 1
B15: Code de fin d'U.C.E. : 1
B16: Nombre d'occurrences par U.C.E. : 22
B17: Elimination des U.C.E. de longueur < 0

Fréquence minimum finale d'un "mot" analysé : 4
Fréquence minimum finale d'un "mot étoilé" : 1

Nombre de mots analysés : 377
Nombre de mots supplémentaires de type "r" : 151
Nombre total de mots : 528
Nombre de mots supplémentaires de type "s" : 10
Nombre de lignes de B1_DICB : 538

Nombre d'occurrences analysées : 6544

Nombre d'u.c.i. : 498
Nombre moyen de "mots" analysés / u.c.e. : 10.098770
Nombre d'u.c.e. : 648
Nombre d'u.c.e. sélectionnées : 648
```

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

100.00% des u.c.e. sont sélectionnées  
Nombre de couples : 11887

-----  
B2: Calcul de DONN.1  
-----

Nombre de mots par unité de contexte : 10  
Nombre d'unités de contexte : 606

-----  
B2: Calcul de DONN.2  
-----

Nombre de mots par unité de contexte : 12  
Nombre d'unités de contexte : 584

-----  
B3: Classification descendante hiérarchique de DONN.1  
-----

Elimination des mots de fréquence > 3000 et < 4  
0 mots éliminés au hasard soit .00 % de la fenêtre  
Nombre d'items analysables : 288  
Nombre d'unités de contexte : 606  
Nombre de "1" : 6011

-----  
B3: Classification descendante hiérarchique de DONN.2  
-----

Elimination des mots de fréquence > 3000 et < 4  
0 mots éliminés au hasard soit .00 % de la fenêtre  
Nombre d'items analysables : 287  
Nombre d'unités de contexte : 584  
Nombre de "1" : 5982





**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

208	2.	4.	50.00	5.36	mod+
213	7.	8.	87.50	42.92	mud+
223	2.	4.	50.00	5.36	nele
225	4.	8.	50.00	10.81	nest+
232	6.	6.	100.00	43.59	orgulh+
254	4.	17.	23.53	2.09	pod+
266	5.	17.	29.41	4.84	pra+
267	4.	10.	40.00	7.33	precis+
279	2.	4.	50.00	5.36	quadro+
286	6.	13.	46.15	14.32	realidade+
295	2.	3.	66.67	8.33	repleto+
306	3.	4.	75.00	14.80	rua+
307	9.	11.	81.82	50.77	ruim
308	22.	25.	88.00	141.07	ruins
334	4.	10.	40.00	7.33	tent+
364	3.	7.	42.86	6.20	vemos
377	2.	4.	50.00	5.36	vontade+
413 *	5.	20.	25.00	3.17 *	5 assim
414 *	12.	58.	20.69	4.40 *	5 como
417 *	17.	79.	21.52	7.61 *	5 mas
422 *	4.	16.	25.00	2.51 *	5 pois
429 *	11.	49.	22.45	5.31 *	5 se
432 *	7.	16.	43.75	15.31 *	6 bom
443 *	4.	16.	25.00	2.51 *	7 ele
447 *	5.	15.	33.33	6.42 *	7 essas
449 *	2.	6.	33.33	2.52 *	7 esses
453 *	2.	6.	33.33	2.52 *	7 estes
454 *	5.	22.	22.73	2.36 *	7 eu
458 *	4.	9.	44.44	8.86 *	7 me
468 *	8.	34.	23.53	4.35 *	7 nos
491 *	2.	4.	50.00	5.36 *	7 tanta
497 *	6.	26.	23.08	3.01 *	7 todos
502 *	3.	4.	75.00	14.80 *	8 dois
504 *	5.	23.	21.74	2.03 *	9 ainda
505 *	3.	11.	27.27	2.37 *	9 aqui
513 *	10.	52.	19.23	2.66 *	9 mais
532 *	22.	118.	18.64	6.01 *	*cur_4
538 *	14.	79.	17.72	2.66 *	*reg_5

Nombre de mots sélectionnés : 52

-----  
 Classe n° 2 => Contexte B  
 -----

Nombre d'u.c.e. : 162. soit : 34.18 %  
 Nombre de "uns" (a+r) : 3253. soit : 36.54 %  
 Nombre de mots analysés par uce : 10.04

num	effectifs	pourc.	chi2	identification	
2	5.	5.	100.00	9.73	acab+
12	3.	4.	75.00	2.99	ambient+
29	23.	51.	45.10	3.03	bel+
30	4.	6.	66.67	2.85	biodiversidade+
32	5.	7.	71.43	4.38	bonito+
39	6.	7.	85.71	8.39	capital+
44	6.	10.	60.00	3.03	centro+
46	6.	11.	54.55	2.08	ciudad+
53	11.	13.	84.62	15.12	concentr+
54	7.	11.	63.64	4.34	condic+
60	3.	4.	75.00	2.99	consequencia+

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

67	15.	18.	83.33	20.10	corrupcao
73	4.	5.	80.00	4.72	crianca+
78	30.	54.	55.56	12.38	da
81	8.	10.	80.00	9.53	defeitos
82	6.	7.	85.71	8.39	deix+
85	11.	12.	91.67	18.09	desempreg+
88	3.	4.	75.00	2.99	desenvolvido+
90	34.	45.	75.56	37.84	desigual+
94	4.	6.	66.67	2.85	dever+
102	3.	4.	75.00	2.99	dinheiro
114	41.	78.	52.56	14.03	do
115	15.	25.	60.00	7.82	dos
118	19.	20.	95.00	34.34	educ+
121	3.	4.	75.00	2.99	emprego+
123	4.	6.	66.67	2.85	enfim
128	4.	4.	100.00	7.77	esperanc+
136	6.	8.	75.00	6.03	exemplo+
142	5.	8.	62.50	2.90	fac+
143	22.	27.	81.48	28.48	falt+
156	23.	26.	88.46	36.03	fome
161	4.	5.	80.00	4.72	futuro
166	8.	8.	100.00	15.67	governantes
167	6.	7.	85.71	8.39	governo+
168	34.	83.	40.96	2.06	grande+
172	5.	6.	83.33	6.53	human+
182	4.	6.	66.67	2.85	injust+
187	14.	22.	63.64	8.90	lado+
194	4.	5.	80.00	4.72	lut+
195	13.	18.	72.22	12.04	maior+
197	7.	8.	87.50	10.28	mao+
202	13.	14.	92.86	22.08	melhor+
205	12.	16.	75.00	12.27	miser+
214	13.	24.	54.17	4.49	muita
216	11.	13.	84.62	15.12	mundo
221	3.	4.	75.00	2.99	negativo+
236	4.	4.	100.00	7.77	o-que-se
242	14.	24.	58.33	6.56	part+
243	3.	4.	75.00	2.99	pass+
245	4.	4.	100.00	7.77	paz
248	10.	19.	52.63	3.00	pel+
251	17.	28.	60.71	9.32	peessoa+
252	22.	38.	57.89	10.33	pobr+
253	8.	14.	57.14	3.38	poder+
255	15.	20.	75.00	15.47	polit+
259	20.	27.	74.07	20.26	popul+
265	28.	53.	52.83	9.23	povo+
270	3.	3.	100.00	5.81	preocup+
273	3.	3.	100.00	5.81	prim+
275	32.	51.	62.75	20.73	problem+
278	4.	4.	100.00	7.77	publ+
280	11.	15.	73.33	10.56	qualidade+
294	9.	10.	90.00	14.15	renda
298	4.	5.	80.00	4.72	resolv+
305	46.	64.	71.88	46.74	riqu+
310	5.	7.	71.43	4.38	saude
319	20.	42.	47.62	3.70	sociais
320	27.	35.	77.14	31.01	social+
336	8.	10.	80.00	9.53	terra+
360	4.	4.	100.00	7.77	ve
362	5.	7.	71.43	4.38	veja
365	3.	3.	100.00	5.81	vencer

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

371	28.	37.	75.68	30.72	violencia
375	11.	20.	55.00	4.02	viv+
376	3.	4.	75.00	2.99	volt+
378 *	80.	183.	43.72	12.06 *	a
386 *	32.	72.	44.44	3.98 *	1 tem
390 *	18.	37.	48.65	3.74 *	2 ha
396 *	7.	10.	70.00	5.83 *	3 somos
399 *	3.	4.	75.00	2.99 *	4 alem-de
400 *	12.	23.	52.17	3.48 *	4 apesar-de
407 *	30.	67.	44.78	3.90 *	4 para
410 *	8.	11.	72.73	7.44 *	4 sem
418 *	3.	4.	75.00	2.99 *	5 nem
422 *	9.	16.	56.25	3.59 *	5 pois
423 *	13.	24.	54.17	4.49 *	5 porem
428 *	77.	195.	39.49	4.15 *	5 que
432 *	9.	16.	56.25	3.59 *	6 bom
450 *	13.	21.	61.90	7.51 *	7 esta
464 *	11.	21.	52.38	3.24 *	7 muitos
470 *	7.	10.	70.00	5.83 *	7 nossas
471 *	20.	36.	55.56	7.91 *	7 nosso
478 *	14.	30.	46.67	2.22 *	7 o-que
481 *	6.	11.	54.55	2.08 *	7 poucos
485 *	6.	8.	75.00	6.03 *	7 que-se
487 *	9.	17.	52.94	2.76 *	7 seus
493 *	3.	4.	75.00	2.99 *	7 tantos
504 *	11.	23.	47.83	2.00 *	9 ainda
511 *	9.	12.	75.00	9.12 *	9 infelizmente
515 *	7.	13.	53.85	2.30 *	9 melhor
517 *	38.	80.	47.50	7.59 *	9 nao
520 *	5.	8.	62.50	2.90 *	9 sempre
526 *	11.	19.	57.89	4.95 *	M A
528 *	37.	89.	41.57	2.66 *	M O
529 *	51.	125.	40.80	3.31 *	*cur_1
534 *	36.	72.	50.00	9.45 *	*reg_1

Nombre de mots sélectionnés : 106

-----  
 Classe n° 3 => Contexte C  
 -----

Nombre d'u.c.e. : 254. soit : 53.59 %  
 Nombre de "uns" (a+r) : 4612. soit : 51.81 %  
 Nombre de mots analysés par uce : 9.38

num	effectifs	pourc.	chi2	identification	
1	5.	5.	100.00	4.38	abundancia
11	9.	11.	81.82	3.61	amazon+
17	13.	18.	72.22	2.61	ao
28	3.	3.	100.00	2.61	base+
33	5.	5.	100.00	4.38	branco+
34	173.	300.	57.67	5.47	brasil+
40	19.	20.	95.00	14.40	caracteristica+
49	13.	13.	100.00	11.58	clima+
51	4.	4.	100.00	3.49	colonizacao
64	6.	6.	100.00	5.26	contradic+
69	14.	14.	100.00	12.50	costumes
70	11.	11.	100.00	9.75	crenca+
74	5.	5.	100.00	4.38	cri+
76	4.	4.	100.00	3.49	culturalmente
77	86.	97.	88.66	60.32	cultur+

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

87	13.	16.	81.25	5.10	desenh+
95	13.	14.	92.86	8.95	devid+
98	32.	34.	94.12	24.19	diferenc+
99	35.	39.	89.74	22.34	diferente+
105	5.	5.	100.00	4.38	distint+
107	47.	50.	94.00	36.71	diversidade+
108	9.	10.	90.00	5.45	diversificad+
109	4.	4.	100.00	3.49	diversos
110	23.	24.	95.83	18.14	divers+
117	21.	29.	72.41	4.40	econom+
119	5.	6.	83.33	2.16	elemento+
125	10.	13.	76.92	2.93	enorme+
127	4.	4.	100.00	3.49	espaco
129	9.	10.	90.00	5.45	estados
134	8.	8.	100.00	7.05	etn+
139	12.	12.	100.00	10.66	extens+
148	9.	9.	100.00	7.95	fauna
154	11.	11.	100.00	9.75	flora
155	13.	18.	72.22	2.61	floresta+
158	28.	32.	87.50	15.87	form+
160	3.	3.	100.00	2.61	frio+
162	4.	4.	100.00	3.49	gente
163	12.	13.	92.31	8.06	geograf+
171	6.	7.	85.71	2.95	homem
178	5.	5.	100.00	4.38	incrivel
179	7.	9.	77.78	2.16	industri+
180	4.	4.	100.00	3.49	ind+
181	6.	6.	100.00	5.26	influenci+
183	7.	7.	100.00	6.15	interess+
191	5.	5.	100.00	4.38	loc+
198	4.	4.	100.00	3.49	mapa
200	8.	9.	88.89	4.60	marc+
203	5.	6.	83.33	2.16	mesma+
204	9.	9.	100.00	7.95	miscigen+
207	37.	43.	86.05	20.03	mistur+
217	7.	8.	87.50	3.76	nac+
222	5.	6.	83.33	2.16	negro+
224	4.	4.	100.00	3.49	ness+
233	3.	3.	100.00	2.61	origin+
241	5.	5.	100.00	4.38	particularidades
246	3.	3.	100.00	2.61	peculiaridades
254	13.	17.	76.47	3.71	pod+
269	3.	3.	100.00	2.61	predomin+
277	9.	11.	81.82	3.61	propria+
285	29.	32.	90.63	18.93	rac+
287	5.	6.	83.33	2.16	receb+
289	4.	4.	100.00	3.49	reflet+
290	8.	9.	88.89	4.60	regionais
291	45.	49.	91.84	32.15	regi+
293	5.	6.	83.33	2.16	religi+
299	5.	6.	83.33	2.16	respeit+
303	35.	41.	85.37	18.22	ric+
304	5.	5.	100.00	4.38	rio+
314	6.	6.	100.00	5.26	sentido+
322	5.	5.	100.00	4.38	socioeconomic+
323	7.	8.	87.50	3.76	sofr+
328	6.	6.	100.00	5.26	sul
332	8.	9.	88.89	4.60	tempo+
337	6.	6.	100.00	5.26	territorial+
338	6.	7.	85.71	2.95	territorio
339	5.	5.	100.00	4.38	tipo+

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

350	76.	104.	73.08	20.35	uma+
352	13.	14.	92.86	8.95	unic+
355	8.	9.	88.89	4.60	valor+
358	14.	14.	100.00	12.50	variedade+
361	6.	6.	100.00	5.26	veget+
367	3.	3.	100.00	2.61	verdadeira+
374	4.	4.	100.00	3.49	vista+
379 *	226.	403.	56.08	6.72 *	e
394 *	10.	12.	83.33	4.38 *	3 sendo
405 *	73.	115.	63.48	5.97 *	4 em
406 *	9.	12.	75.00	2.27 *	4 entre
424 *	144.	243.	59.26	6.45 *	5 porque
425 *	11.	14.	78.57	3.62 *	5 por-isso
437 *	26.	37.	70.27	4.49 *	7 cada
474 *	7.	9.	77.78	2.16 *	7 outra
489 *	29.	36.	80.56	11.39 *	7 sua
490 *	23.	33.	69.70	3.70 *	7 suas
494 *	8.	9.	88.89	4.60 *	7 toda
499 *	17.	23.	73.91	4.02 *	7 varias
500 *	13.	18.	72.22	2.61 *	7 varios
531 *	67.	95.	70.53	13.71 *	*cur_3

Nombre de mots sélectionnés : 97  
 Nombre de mots marqués : 431 sur 528 soit 81.63%

Liste des valeurs de clé :

- 0 si chi2 < 2.71
- 1 si chi2 < 3.84
- 2 si chi2 < 5.02
- 3 si chi2 < 6.63
- 4 si chi2 < 10.80
- 5 si chi2 < 20.00
- 6 si chi2 < 30.00
- 7 si chi2 < 40.00
- 8 si chi2 < 50.00

Tableau croisant classes et clés :

* Classes *		1	2	3
Clés	* Poids *	456	1330	1770
M	* 158 *	16	63	79
0	* 23 *	5	10	8
1	* 113 *	18	49	46
2	* 39 *	6	18	15
3	* 116 *	13	44	59
4	* 700 *	71	258	371
5	* 773 *	118	273	382
6	* 16 *	7	9	0
7	* 1024 *	132	372	520
8	* 215 *	20	79	116
9	* 379 *	50	155	174

Tableau des chi2 (signés) :

* Classes *		1	2	3
-------------	--	---	---	---

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

Clés	* Poids	*	456	1330	1770	
M	*	158	*	-1	0	0
0	*	23	*	1	0	-2
1	*	113	*	1	1	-3
2	*	39	*	0	1	-2
3	*	116	*	0	0	0
4	*	700	*	-5	0	3
5	*	773	*	5	-1	0
6	*	16	*	13	2	-15
7	*	1024	*	0	0	0
8	*	215	*	-2	0	1
9	*	379	*	0	2	-2

Chi2 du tableau : 47.082000

Nombre de "1" distribués : 3556 soit 40 %

-----  
 C2: Reclassement des uce et uci  
 -----

Type de reclassement choisi pour les uce :  
 Classement d'origine

Tableaux des clés (TUCE et TUCI) :

Nombre d'uce enregistrées : 648  
 Nombre d'uce classées : 474 soit : 73.15%

Nombre d'uci enregistrées : 498  
 Nombre d'uci classées : 211 soit : 42.37%

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

-----  
C3: A.F.C. du tableau C2\_DICB.121  
-----

A.F.C. de C:\Arquivos de programas\ADT-Image\Lucia\ref61\&&\_0\C2\_DICB.121

Effectif minimum d'un mot	:	8
Nombre d'uce minimum par classe	:	15
Nombre de lignes analysées	:	182
Nombre total de lignes	:	304
Nombre de colonnes analysées	:	3

```
*****  
* Num.* Valeur Propre * Pourcentage * Cumul *  
*****  
* 1 * .29542770 * 53.96370 * 53.964 *  
* 2 * .25202860 * 46.03631 * 100.000 *  
*****
```

Seuls les mots à valeur de clé  $\geq 0$  sont représentés

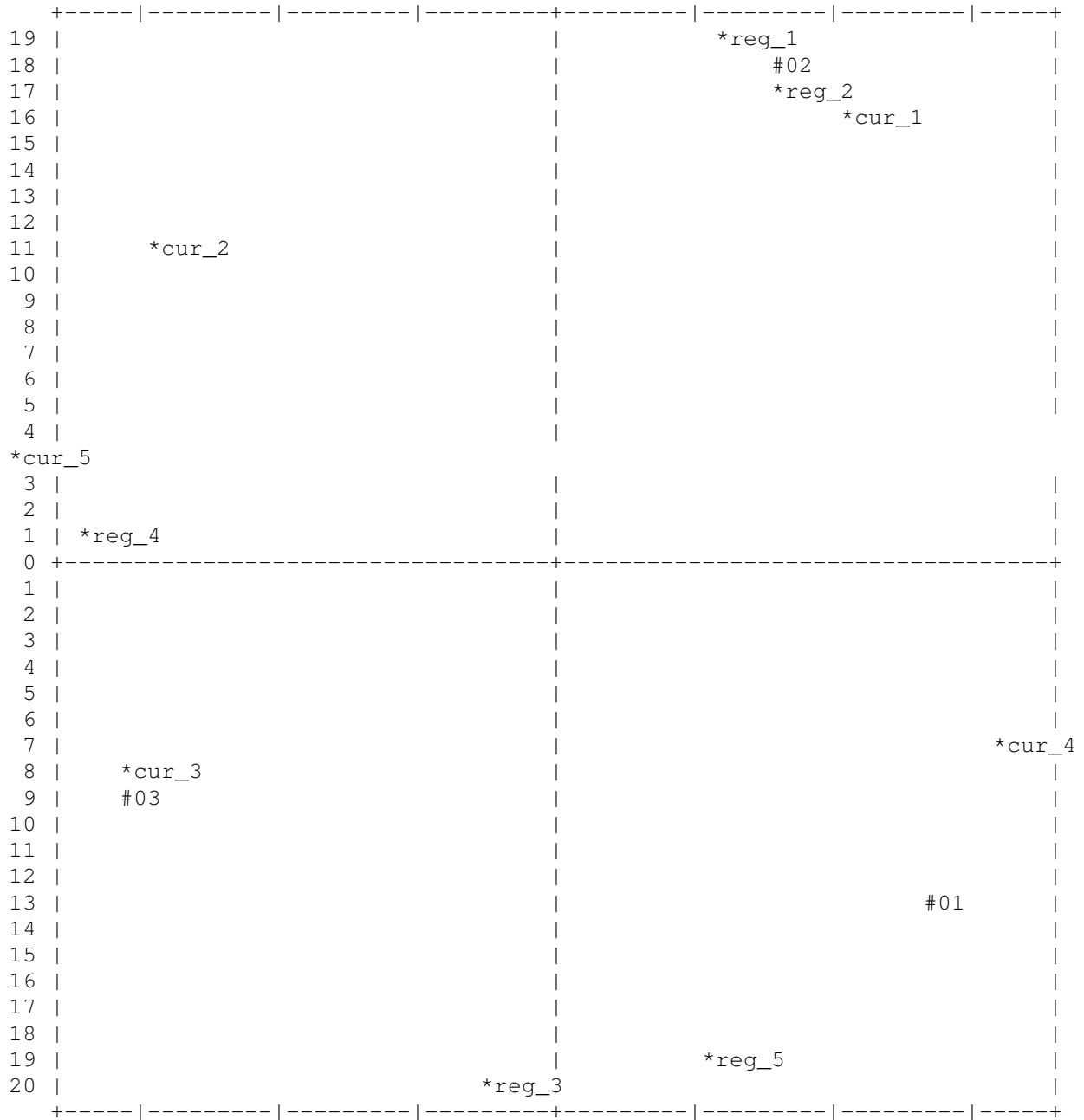
Nombre total de mots retenus	:	288
Nombre de mots pleins retenus	:	166
Nombre total de points	:	291

Représentation séparée car plus de 60 points

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

Projection des colonnes et mots "\*" sur le plan 1 2 (corrélations)

Axe horizontal : 1e facteur : V.P. =.2954 ( 53.96 % de l'inertie)  
Axe vertical : 2e facteur : V.P. =.2520 ( 46.04 % de l'inertie)



Nombre de points recouverts 0 dont 0 superposés

x y nom

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

Projection des mots analysés sur le plan 1 2 (corrélations)

Axe horizontal : 1e facteur : V.P. =.2954 ( 53.96 % de l'inertie)

Axe vertical : 2e facteur : V.P. =.2520 ( 46.04 % de l'inertie)

21		dos saude injust+exemplo+	
20		ciudad+pel+ .condic+.do .. ...centro+povo+riqu+	
19		recurso+ pass+bel+ ... ..bonito+polit+governo+	
18		sociaisvida+  mao+terra+ da...defeitosconcentr+	
17		relac+   esperanc+ faz+falt+fome	
16		desempreg+ .melhor+renda	
15		grande+possui+	
14		corrupcao	
13		part+maior+	
12		fac+	
11		natur+   violenciapoder+	
10		miser+	
9		exist+lut+	
8			
7			
6			fatoviv+
5			vejo
muitaprincipal+			
4			
caus+			
3		nordest+	
acontec+			
2		fal+	
lado+			
1		seca+ach+	
nasvez+			
0	+-	econom+dess+	-----
acredit+			
1		meio+explor+	
cresc+maravilh+			
2		enorme+	
3		industri+	
4		propria+religi+	
5		uma+ sofr+respeit+	
6		ric+ .homemdiversificad	
7		nac+marc+devid+divers+	
8		. geograf+cultur+crenca+	
realidade+			
9		sej+ .costumesdiferenc+	
10		clima+ .variedade+diferente+	
11		aos encontr+desenh+	
12		rac+alegr+caracteristi	
13		unic+mistur+	
14		amazon+ imens+form+	
15		tempo+estados	
16		valor+	
17		brasil+	
18		territorio	
19		ao	nest+
20		floresta+lugar+pod+ etc	
21		represent+histor+	
21		mostr+num+	

Nombre de points recouverts 31 dont 11 superposés

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

x	y	nom
-31	-9	etn+
-31	-9	extens+
-31	-9	fauna
-31	-9	flora
-31	-9	miscigen+
-31	-9	contradic+
-31	-9	interess+
-31	-9	sentido+
-31	-9	rio+
-31	-9	gente
-31	-9	trist+
-4	20	apesar
4	20	pobr+
8	20	qualidade+
9	20	popul+
11	20	deix+
12	20	mundo
13	20	human+
10	19	social+
11	19	capital+
12	19	desigual+
14	19	educ+
15	19	pessoa+
15	18	governantes
16	18	contrast+
17	18	problem+
23	16	sociedade
-31	-6	regionais
-31	-8	diversidade+
-30	-9	regi+
-29	-10	aspecto+



**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

20 17 infelizmente

-----  
D1: Sélection de quelques mots par classe  
-----

Valeur de clé minimum pour la sélection : 0

Vocabulaire spécifique de la classe 1 :

boa+(31), coisa+(42), ruim(9), ruins(22), mud+(7), orgulh+(6), carnaval(5),  
continu+(4), lind+(11), atencao(3), festa+(3), mudanca+(2), nest+(4),  
realidade+(6), rua+(3), ver(2), che+(6), felicidade+(1), olhos(1),  
precis+(4), repleto+(2), tent+(4), forca+(2), mod+(2), nele(2), quadro+(2),  
vemos(3), vontade+(2), dia+(3), etc(5), pra+(5), acredit+(1), aproveit+(1),  
atraves(1), conjunto(1), consegu+(1), cresci+(1), cresc+(2), cuid+(1),  
das(5), dev+(2), dificuldade+(2), diz+(1), estud+(1), histor+(2), ide+(1),  
lugar+(4), maravilh+(3), mostr+(3), necessit+(1), num+(2), opiniao(1),  
otim+(1), padr+(1), patria(1), pens+(1), resolvidos(1), result+(1), sab+(1),  
ser+(2), trabalh+(1), turist+(1), vez+(1);

Vocabulaire spécifique de la classe 2 :

riqu+(46), desigual+(34), educ+(19), fome(23), social+(27), violencia(28),  
corrupcao(15), falt+(22), melhor+(13), popul+(20), problem+(32),  
concentr+(11), da(30), desempreg+(11), do(41), governantes(8), maior+(13),  
miser+(12), mundo(11), polit+(15), renda(9), acab+(5), capital+(6),  
defeitos(8), deix+(6), dos(15), esperanc+(4), governo+(6), lado+(14),  
mao+(7), o-que-se(4), paz(4), pessoa+(17), pobr+(22), povo+(28), publ+(4),  
qualidade+(11), terra+(8), ve(4), exemplo+(6), human+(5), part+(14),  
preocup+(3), prim+(3), vencer(3), bonito+(5), cab+(2), condic+(7),  
consciencia(2), crianca+(4), elite+(2), futuro(4), guerr+(2), lutar+(2),  
lut+(4), morad+(2), muita(13), oportunidade+(2), resolv+(4), saude(5),  
sermos(2), vejo(5), viv+(11), ambient+(3), bel+(23), biodiversidade+(4),  
centro+(6), consequencia+(3), desenvolvido+(3), dever+(4), dinheiro(3),  
emprego+(3), enfim(4), fac+(5), injust+(4), negativo+(3), pass+(3), pel+(10),  
poder+(8), sociais(20), volt+(3), acontec+(2);

Vocabulaire spécifique de la classe 3 :

cultur+(86), diversidade+(47), regi+(45), diferenc+(32), diferente+(35),  
mistur+(37), uma+(76), caracteristica+(19), clima+(13), costumes(14),  
divers+(23), form+(28), rac+(29), ric+(35), variedade+(14), crenca+(11),  
devid+(13), etn+(8), extens+(12), fauna(9), flora(11), geograf+(12),  
miscigen+(9), unic+(13), brasil+(173), contradic+(6), desenh+(13),  
diversificad+(9), estados(9), influenci+(6), interess+(7), sentido+(6),  
sul(6), territorial+(6), veget+(6), abundancia(5), branco+(5), cri+(5),  
distint+(5), econom+(21), incrivel(5), loc+(5), marc+(8),  
particularidades(5), regionais(8), rio+(5), socioeconomic+(5), tempo+(8),  
tipo+(5), valor+(8), amazon+(9), colonizacao(4), culturalmente(4),  
diversos(4), enorme+(10), espaco(4), gente(4), homem(6), ind+(4), mapa(4),  
nac+(7), ness+(4), pod+(13), propria+(9), reflet+(4), sofr+(7),  
territorio(6), vista+(4), ach+(10), ajudar(1), alegr+(8), ampl+(3), ano+(1),  
ao(13), aos(9), aspecto+(8), base+(3), caracteriz+(3), classe+(5);

Mots outils spécifiques de la classe 1 :

estao(2), estar(1), haver(1), ser(6), assim(5), como(12), mas(17), se(11),  
bom(7), algum(1), elas(1), ele(4), essas(5), esses(2), estes(2), eu(5),  
me(4), meu(2), nos(8), outras(3), outro(3), outros(3), qual(1), qualquer(1),  
tanta(2), todos(6), voce(1), dois(3), ainda(5), aqui(3), hoje(1), mais(10),  
somente(1);

Mots outils spécifiques de la classe 2 :

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

estado(4), tem(32), temos(13), ha(18), sao(18), somos(7), sou(1), alem-de(3), apesar-de(12), para(30), pelo(6), por(25), sem(8), embora(4), enquanto(3), nem(3), no-entanto(2), para-que(2), pois(9), porem(13), que(77), com-que(3), de-que(2), ela(2), esta(13), isso(18), isto(2), ma(3), muitas(14), muitos(11), na(14), nada(3), no(29), nossas(7), nosso(20), nossos(4), o-que(14), poucos(6), que-se(6), seus(9), tantos(3), todas(5), tudo(23), um(79), infelizmente(9), mal(2), melhor(7), nao(38), nunca(1), sempre(5), so(8), tambem(17), A(11), O(37), a(80);

Mots outils spécifiques de la classe 3 :

foi(11), sendo(10), com(64), em(73), entre(9), porque(144), por-isso(11), algo(2), alguns(9), cada(26), eles(2), essa(11), mim(6), minha(5), outra(7), quem(1), seu(15), sua(29), suas(23), toda(8), varias(17), varios(13), demais(3), dentro(2), muito(39), realmente(2), sim(2), e(226), o(143);

Mots étoilés spécifiques de la classe 1 :

\*cur\_4(22), \*reg\_5(14);

Mots étoilés spécifiques de la classe 2 :

\*cur\_1(51), \*reg\_1(36);

Mots étoilés spécifiques de la classe 3 :

\*cur\_2(38), \*cur\_3(67), \*reg\_3(36), \*reg\_4(71);

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

-----  
D1: Sélection des mots et des uce par classe  
-----

D1 : Distribution des formes d'origine par racine

-----  
Formes associées au contexte A  
-----

A9 boa+ : boa(5), boas(27);  
A9 coisa+ : coisa(4), coisas(57);  
A9 ruim : ruim(9);  
A9 ruins : ruins(22);  
A8 mud+ : mudar(6), mudassem(1);  
A8 orgulh+ : orgulham(2), orgulhar(2), orgulho(2);  
A7 carnaval : carnaval(5);  
A6 continu+ : continua(2), continuando(1), continuassem(1);  
A6 lind+ : linda(1), lindas(3), lindo(7);  
A5 atencao : atencao(3);  
A5 festa+ : festas(3);  
A5 mudanca+ : mudancas(2);  
A5 nest+ : nesta(2), neste(2);  
A5 realidade+ : realidade(6);  
A5 rua+ : ruas(3);  
A5 ver : ver(2);  
A4 che+ : cheio(4), cheios(2);  
A4 felicidade+ : felicidades(1);  
A4 olhos : olhos(1);  
A4 precis+ : precisa(2), precisam(2);  
A4 repleto+ : repleto(1), repletos(1);  
A4 tent+ : tentando(1), tentar(1), tentei(1), tento(1);  
A3 forca+ : forca(1), forcas(1);  
A3 mod+ : modo(2);  
A3 nele : nele(2);  
A3 quadro+ : quadro(2);  
A3 vemos : vemos(3);  
A3 vontade+ : vontade(1), vontades(1);  
A2 dia+ : dia(2), dias(1);  
A2 etc : etc(5);  
A2 pra+ : praia(1), praias(4);

-----  
Formes associées au contexte B  
-----

B8 riqu+ : riqueza(16), riquezas(32), riquissimos(1);  
B7 desigual+ : desigual(1), desigualdade(27), desigualdades(7);  
B7 educ+ : educacao(18), educado(1);  
B7 fome : fome(23);  
B7 social+ : social(27);  
B7 violencia : violencia(28);  
B6 corrupcao : corrupcao(15);  
B6 falt+ : falta(23);  
B6 melhor+ : melhorado(1), melhorar(4), melhoras(1), melhorem(1),  
melhores(3), melhoria(3);  
B6 popul+ : populacao(20);

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

B6 problem+ : problema(4), problemas(29);  
B5 concentr+ : concentracao(8), concentrada(1), concentrado(1),  
concentram(1);  
B5 da : da(37);  
B5 desempreg+ : desempregada(1), desempregado(1), desemprego(9);  
B5 do : do(46);  
B5 governantes : governantes(8);  
B5 maior+ : maior(6), maiores(2), maioria(7);  
B5 miser+ : miseraveis(1), miseria(10), miserias(1);  
B5 mundo : mundo(11);  
B5 polit+ : politica(6), politicas(2), politico(2), politicos(6);  
B5 renda : renda(9);  
B4 acab+ : acaba(2), acabando(1), acabar(2);  
B4 capital+ : capital(5), capitalismo(1), capitalista(1);  
B4 defeitos : defeitos(10);  
B4 deix+ : deixa(2), deixado(1), deixamos(1), deixando(1), deixar(1);  
B4 dos : dos(15);  
B4 esperanc+ : esperanca(3), esperancoso(1);  
B4 governo+ : governo(6), governos(1);  
B4 lado+ : lado(18), lados(1);  
B4 mao+ : mao(2), maos(5);  
B4 o-que-se : o-que-se(4);  
B4 paz : paz(4);  
B4 pessoa+ : pessoas(18);  
B4 pobr+ : pobre(5), pobres(6), pobreza(12);  
B4 povo+ : povo(27), povos(2);  
B4 publ+ : publica(1), publicas(1), publico(1), publicos(1);  
B4 qualidade+ : qualidade(4), qualidades(7);  
B4 terrat : terra(5), terras(3);  
B4 ve : ve(5);  
B3 exemplo+ : exemplo(5), exemplos(1);  
B3 human+ : humanas(1), humano(4);  
B3 part+ : parte(12), partem(1), partes(1);  
B3 preocup+ : preocupacao(1), preocupado(1), preocupando(1);  
B3 prim+ : primeira(2), primeiros(1);  
B3 vencer : vencer(3);  
B2 bonito+ : bonito(4), bonitos(1);  
B2 cab+ : cabe(1), cabeca(1);  
B2 condic+ : condicao(1), condicoes(6);  
B2 consciencia : consciencia(2);  
B2 crianca+ : crianca(1), crianca(3);  
B2 elite+ : elite(1), elites(1);  
B2 futuro : futuro(4);  
B2 guerr+ : guerras(2);  
B2 lutar+ : lutar(2);  
B2 lut+ : luta(3), lutando(1);  
B2 morad+ : moradia(2);  
B2 muita : muita(17);  
B2 oportunidade+ : oportunidades(2);  
B2 resolv+ : resolva(1), resolver(3);  
B2 saude : saude(5);  
B2 sermos : sermos(2);  
B2 vejo : vejo(5);  
B2 viv+ : vive(2), vivem(3), vivemos(2), viver(3), vivo(3);

-----  
Formes associées au contexte C  
-----

C9 cultur+ : cultura(30), culturais(11), cultural(12), culturas(42);  
C7 diversidade+ : diversidade(39), diversidades(10);

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

C7 regi+ : regio(33), regioes(23);  
C6 diferenc+ : diferenca(3), diferencas(29);  
C6 diferente+ : diferente(15), diferentes(27);  
C6 mistur+ : mistura(35), misturando(1), misturas(3);  
C6 uma+ : uma(91);  
C5 caracteristica+ : caracteristica(3), caracteristicas(17);  
C5 clima+ : clima(8), climas(5);  
C5 costumes : costumes(14);  
C5 divers+ : diversa(1), diversas(20), diverso(3);  
C5 form+ : forma(12), formacao(4), formado(8), formando(1), formar(1), formas(2);  
C5 rac+ : raca(7), racas(21), racismo(1);  
C5 ric+ : rica(5), rico(31);  
C5 variedade+ : variedade(13), variedades(1);  
C4 crenca+ : crenca(1), crenças(10);  
C4 devid+ : devida(1), devido(13);  
C4 etn+ : etnias(3), etnica(3), etnicas(2);  
C4 extens+ : extensao(4), extenso(8);  
C4 fauna : fauna(9);  
C4 flora : flora(11);  
C4 geograf+ : geografia(3), geografica(2), geograficas(3), geografico(5), geograficos(1);  
C4 miscigen+ : miscigenacao(6), miscigenada(2), miscigenado(1);  
C4 unic+ : unica(5), unico(10);  
C3 brasil+ : brasil(183), brasileira(6), brasileiras(2), brasileiro(4), brasileiros(1);  
C3 contradic+ : contradicao(2), contradicoes(4);  
C3 desenh+ : desenhado(2), desenhar(1), desenhei(4), desenho(7);  
C3 diversificad+ : diversificadas(1), diversificado(8);  
C3 estados : estados(9);  
C3 influenci+ : influencia(4), influenciaram(1), influencias(1);  
C3 interess+ : interessa(1), interessam(1), interessante(2), interesse(1), interesses(3);  
C3 sentido+ : sentido(1), sentidos(5);  
C3 sul : sul(6);  
C3 territorial+ : territorial(4), territorialmente(2);  
C3 veget+ : vegetacao(4), vegetal(2);  
C2 abundancia : abundancia(5);  
C2 branco+ : branco(2), brancos(3);  
C2 cri+ : criacao(1), criam(2), criando(1), criar(1);  
C2 distint+ : distintas(4), distinto(1);  
C2 econom+ : economia(2), economias(1), economica(5), economicas(6), economico(3), economicos(4);  
C2 incrivel : incrivel(5);  
C2 loc+ : locais(1), local(4);  
C2 marc+ : marca(1), mercado(1), marcam(1), marcante(1), marcantes(3), marcas(1);  
C2 particularidades : particularidades(5);  
C2 regionais : regionais(8);  
C2 rio+ : rio(3), rios(3);  
C2 socioeconomic+ : socioeconomicas(3), socioeconomico(2);  
C2 tempo+ : tempo(7), tempos(1);  
C2 tipo+ : tipo(1), tipos(4);

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

-----  
D1: Tri des uce par classe  
-----

Clé sélectionnée : A

49 50 ha suas #coisas #ruins, mas ha muito mais #coisas #boas e #lindas.  
534 50 somos diversificados, #cheios de sonhos, #vontades. O brasil e  
#lindo, #precisa de mais #atencao.

568 50 ha suas #coisas #ruins, mas ha muito mais #coisas #boas e #lindas.

97 37 O brasil e uma mistura de tradicoes e racas #tento olhar o brasil  
de forma positiva, com #otimismo de-que temos #boas #coisas aqui para nos  
#orgulhar e assim #forças para #mudar o-que ainda esta #ruim.

381 37 caracterizei as #coisas que mais chamam #atencao, para mim, no meu  
pais; sejam elas #boas, #praia, #carnaval, amazonia, forro, ou #ruins,  
violencia, #dificuldades #etc.

535 35 porque o brasil e um pais #lindo, que todos unidos e com #boa  
#vontade pode #mudar algumas #coisas que estao erradas.

324 30 na #realidade essas sao as #coisas que eu gostaria que #mudassem no  
brasil, ou #continuassem como estao.

440 30 pois ele apresenta #coisas #boas e #coisas #ruins para a sociedade,  
mas tem que-se #mudar muito.

130 25 porque e isso que #vemos todos os #dias ao sairmos nas #ruas.  
logicamente existem mais #coisas #boas em nossos pais mas antes-de olharmos o  
lado bom #devemos resolver o lado #ruim.

149 25 porque o nosso pais e muito grande e estamos #repletos de #coisas  
#boas e #coisas mas e temos que nos juntar para tornar essas #coisas mas em  
#felicidades.

407 25 porque e como ele me foi apresentado. eu nasci #num pais assim,  
#cheio de contrastes, com #coisas #boas e #ruins e com um povo que #acredita  
nas #mudancas e nao #sabe a #força que tem.

78 21 porque o brasil e feito de #coisas #boas e #ruins, e e bom  
demonstrar estes dois lados porque apesar-de problemas como fome, miseria,  
desemprego, violencia, #etc, o brasil e um pais #maravilhoso, com belas  
#praias, um #carnaval #maravilhoso,

277 21 porque a cada #dia me surpreende mais com a violencia #neste pais.  
aqui tem #coisas #boas, mas se voce nao tiver dinheiro, dificilmente podera  
aproveita\_las.

526 21 porque o brasil e o pais #repleto de #coisas belas apesar-de haver  
#nele #coisas #ruins e que #devem ser superadas.

576 21 porque o brasil e formado justamente com estes contrarios, pois  
mesmo com tanta #dificuldade o povo #continua sonhando e #tentando #mudar  
este #quadro.

600 21 porque ele e juncao de muitas #coisas #boas, que nos #orgulham, que  
e representada principalmente por seu povo; mas tambem, de #coisas #ruins que  
causam vergonha e repulsa.

510 20 porque nos encontramos todas essas #coisas #boas e #ruins no  
brasil.

569 20 E o meu #modo bom e #ruim de #ver o nosso pais, e e assim-que eu o  
vejo!

617 20 porque existem #coisas #boas e #ruins e isso e o brasil.

Clé sélectionnée : B

128 26 por ser um #dos paises mais ricos #do #mundo, este #deveria se  
tornar mais independente, #preocupando em #resolver com suas #riquezas seus  
#problemas #sociais, #fome, #desemprego, #saude #publica, #educacao de  
#qualidade e etc,

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

30 22 porque no brasil ha #muita #desigualdade #social, #muita #concentracao de #poder e #dinheiro #nas #maos de poucos, e a #grande #maioria #da #populacao miseravel, #lutando para #viver.

371 18 mas um #lado #bonito, saudavel para compensar nossa situacao de #fome e #miseria que #vive #parte #da nossa #populacao.

419 15 cada estado #possui a sua #beleza. so um #dos #problemas que incomodam bastante e a #desigualdade #social, o acumulo de #riquezas de poucos e #pobreza de muitos.

518 15 A #educacao tambem e escassa e assim, no despreparo de tantos #cidadaos sem #condicoes de se tornarem criticos, eticos e ativos, #partem para o #mundo #da marginalizacao, #do crime, #da #violencia.

11 14 E impossivel definir o brasil em um so desenho exatamente porque ele tem muitas #faces e eu nao conheco todas. mas infelizmente o-que sobressai e o #lado #negativo: a #corrupcao de brasilia, o abandono #dos menores por #parte #do estado, a #concentracao de #renda.

90 14 isto ocorre pois o #poder #do #capital esta #concentrado #nas #maos #da minoria, enquanto #falta para o resto #da #populacao.

153 14 isso tudo e brasil porque #vivemos, apesar-de conflitos por #terra e ausencia de reformas que #melhorem a #vida brasileira, temos e somos a #maior #biodiversidade #do #mundo, um #povo que #vive em #paz e longe das #guerras e por uma #populacao maravilhosa.

161 14 A #questao #da #biodiversidade esta tambem ligada a isso, mas e incentivada #pela #falta de #consciencia #ambiental. A seca e uma #consequencia #social #dos maus projetos #sociais #desenvolvidos na regioao.

188 14 porque o brasil e um #dos paises mais #bonitos #do #mundo, o-que tem mais #riquezas, com as #melhores #terras para o plantio, porem nao e bem aproveitado, e alem-de tudo ha #muita #desigualdade #social.

290 14 somos polos de #paz, nao #fazemos #guerras, nao temos catastrofes, temos #problemas graves a ser corrigidos como a #fome, a #educacao, a #violencia, a #corrupcao mas somos um pais #esperancoso, temos muitos #recursos minerais, hidricos, nossas #terras sao ferteis,

296 12 porque o brasil e a prova concreta de-que #apesar #da #fome, #da #corrupcao, #enfim, de tudo que ha de ruim o #povo sorri, comemora levanta a #cabeca, #luta, #da a #volta por cima.

342 12 nao temos independencia economica e somos devedores desde a epoca colonial. A #populacao #pobre e a-que paga esse custo, com #fome e #falta de #educacao, saneamento basico e #condicoes de subsistencia.

433 12 porque o brasil e um pais que tem muitas coisas boas, o #problema e que ha #muita #desigualdade #social, #politicos corruptos, #falta #educacao e #empregos dignos para a #populacao.

530 12 #pela #falta de #emprego, isso desestrutura todo um pais, fazendo com-que haja mais e mais #violencia, trafico, prostituicao, e os demais itens citados, esquecendo que temos a #maior #riqueza em nossas #maos que e a #terra produtiva.

374 11 de-acordo-com o titulo #do meu desenho #da para #perceber. O brasil e um #belo pais, mas infelizmente a #riqueza esta #concentrada na #mao de poucos, o-que gera #grandes #desigualdades #sociais, ocasionando #fome, #violencia e todos os #problemas #do pais.

17 10 porque como descrevi no titulo, o brasil e um pais de #contrastes. de um #lado voce #ve a #beleza natural #do pais, as #condicoes climaticas e seu #povo bom, e de outro se #ve a destruicao #do mesmo, atraves-de #problemas #sociais, #ambientais e #politicos.

126 10 #apesar #da #miseria, #da #fome, #do #desemprego, #da #falta de infra\_estrutura, o #povo brasileiro tenta #lutar por um pais melhor. entra #governo, sai #governo, a #esperanca sempre #existira por-mais-que seja pequena.

191 10 porque o brasil e um pais dividido em #duas #partes desiguais, ou seja, em cada estado ha a #desigualdade, #pessoas #miseraveis, #pobres, sem #educacao, #fome, #violencia, roubo, assassinatos, acidentes de transito de um #lado,

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

Clé sélectionnée : C

474 17 porque o #brasil tem um #territorio #amplo com #regioes muito #diferentes e #uma #cultura #rica #devido a sua historia e localizacao #geografica.

200 15 porque o #brasil e um pais #enorme, com #marcas #caracteristicas em cada #regiao. E #dessa #mistura de #climas e #culturas que nasceu o nosso pais.

159 13 O #brasil e #rico nas #diversidades, #uma #mistura de-cor, de #raca.

42 12 na verdade e impossivel #representar tao simples e rapidamente o #brasil em #uma folha de papel. O #brasil e um pais muito #extenso, #territorialmente, com #diversas #diferencas #eticas.

214 12 O #brasil e um recorte de #diversos #interesses de apropriacao do #espaco #geografico bem-como e #uma sobreposicao de epocas historicas. O gigantismo de suas proporcoes favorece a dispersao e nao homogeneizacao do seu #territorio. E a favorece apenas as dinamicas #economicas que acredito modelam de #forma concreta o #espaco #geografico.

259 12 O #brasil e #uma #mistura de #racas, entretanto a #forma de #colonizacao, que foi a causadora da tal #mistura, tambem prejudicou o crescimento da #nacao.

325 12 E dificil #caracterizar o #brasil como um todo porque ele consiste em #uma #variedade #enorme de pessoas, #costumes e localidades com suas #caracteristicas #proprias.

337 12 porque o #brasil, mesmo sendo considerado um pais #rico, #uma #unica #nacao, apresenta #uma #enorme quantidade de #diferencas #regionais, #sejam #culturais, #sejam #geograficas que o fragmenta, em varios pequenos paises, apesar-de termos o centro, este,

480 12 porque o #brasil e #uma #mistura de #valores. industrializado em grandes cidades, carente em outras, #rico em #fauna e #flora, #ao mesmo #tempo que e puro asfalto em outra.

525 12 porque e um pais que #recebe varios #tipos de #influencias. cada #regiao tem seus #costumes, #culturas e #crencas #diferentes, e que ainda nao foi ensinada, ou melhor, nao foi aprendida a se #respeitar essas #diferencas.

646 12 porque o #brasil e #extenso demais e abriga #uma grande demanda de #diferentes #culturas. ele e #rico, desde a #vegetacao as fabricas.

398 11 seria impossivel #refletir o #brasil nos seus #diversos em #uma folha de papel.

637 11 porque o #brasil e a #mistura de varias #caracteristicas #distintas.

44 10 para mim este #desenho #representa somente algum rabisco que tentam expressar algumas #particularidades de cada #regiao, sendo que essas #caracteristicas surgiram em minha mente em um curto #espaco de #tempo, nao #representando assim o #brasil fielmente.

45 10 porque o #brasil e #diferente, #distinto em virtude do seu #enorme tamanho. E dificil exemplifica\_lo em um #unico #desenho.

63 10 porque ele e um pais com #culturas #diferentes e por sua #miscigenacao como foi #formado, pelo seu #clima e sua localizacao favorece.

187 10 porque o #brasil e #formado por varias pessoas de #etnias #diferentes, com #culturas #diferentes que vieram para ca #originar nossa #cultura #miscigenada.

205 10 A populacao e #miscigenada, a #cultura foi construida com #base em #diversas #culturas. portanto, tudo isso e #brasil porque o nosso pais e #diversificado, e vasto, e #rico em #diferencas e #variedades.

315 10 porque o #brasil e #uma grande #mistura de #culturas e #valores.

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

-----  
D2: Calcul des "segments répétés"  
-----

Seuls les 20 SR les plus fréquents sont retenus ici :

2 25 do brasil+  
2 23 o brasil+  
2 19 e a  
6 18 porque o brasil+ e um pais+  
3 18 porque o brasil+  
2 15 O brasil+  
2 15 do pais+  
2 14 todos os  
4 14 porque o brasil+ e  
2 13 tudo isso  
2 13 no brasil+  
2 13 e que  
3 11 O brasil+ e  
2 11 bel+ natur+  
2 10 para mim  
2 10 do mundo  
2 10 desigual+ social+  
2 10 cultur+ e  
2 10 che+ de  
2 9 cada regi+

-----  
D2: Calcul des "segments répétés" par classe  
-----

\*\*\* classe n° 1 (20 SR maximum) \*\*\*

2 1 6 coisa+ ruins  
4 1 5 coisa+ boa+ e ruins  
2 1 4 no brasil+  
2 1 4 coisa+ boa+  
2 1 3 que nos  
3 1 3 as coisa+ que  
2 1 2 O brasil+  
3 1 2 muitas coisa+ boa+  
2 1 2 se pod+  
2 1 2 porque apesar-de  
3 1 2 porque o brasil+  
2 1 2 mas tambem  
4 1 2 mas ha muito mais  
2 1 2 de ser  
2 1 2 o brasil+  
2 1 2 e que  
2 1 2 e e  
3 1 2 do nosso pais+  
2 1 2 coisa+ que  
4 1 2 coisa+ boa+ e lind+

\*\*\* classe n° 2 (20 SR maximum) \*\*\*

2 2 8 desigual+ social+  
2 2 7 bel+ natur+

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

2 2 6 e a  
2 2 6 a violencia  
2 2 6 falt+ de  
2 2 6 do pais+  
2 2 6 do mundo  
3 2 6 concentr+ de renda  
2 2 5 O brasil+  
2 2 5 a corrupcao  
2 2 5 qualidade+ e  
2 2 5 che+ de  
2 2 4 um povo+  
2 2 4 nossas riqu+  
2 2 4 muitos problem+  
6 2 4 porque o brasil+ e um pais+  
3 2 4 somos um pais+  
4 2 4 ha muita desigual+ social+  
2 2 4 o brasil+  
2 2 4 a maior+

\*\*\* classe n° 3 (20 SR maximum) \*\*\*

6 3 13 porque o brasil+ e um pais+  
2 3 11 o brasil+  
2 3 10 e a  
2 3 9 cada regi+  
2 3 8 cultur+ e  
3 3 7 porque o brasil+  
3 3 7 de cada regi+  
2 3 7 e o  
2 3 6 todos os  
2 3 6 do brasil+  
2 3 6 divers+ cultur+  
3 3 5 O brasil+ e  
2 3 5 no nordest+  
4 3 5 porque o brasil+ e  
2 3 5 para mim  
2 3 5 com muitas  
2 3 5 com a  
2 3 5 e que  
2 3 5 e flora  
2 3 5 ric+ em



**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

C.A.H. du contexte lexical B

Fréquence minimum d'un mot : 5  
 Nombre de mots sélectionnés : 43  
 Valeur de clé minimum après calcul : 2

Nombre d'uce analysées : 162  
 Seuil du chi2 pour les uce : 0  
 Nombre de mots retenus : 43  
 Poids total du tableau : 664

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
B6 falt+										
B4 governo+										
B5 do										
B4 povo+										
B8 riqu+										
B7 fome										
B7 violencia										
B5 mundo										
B6 problem+										
B2 vejo										
B2 condic+										
B7 educ+										
B2 saude										
B5 miser+										
B3 part+										
B3 exemplo+										
B2 bonito+										
B6 corrupcao										
B4 lado+										
B4 defeitos										
B4 qualidade+										
B4 deix+										
B3 human+										
B6 melhor+										
B4 dos										
B5 governantes										
B4 acab+										
B4 pessoa+										
B4 pobr+										
B2 muita										
B4 terra+										
B7 desigual+										
B7 social+										
B5 desempreg+										
B4 capital+										
B4 mao+										
B5 concentr+										
B5 renda										
B5 maior+										
B2 viv+										
B5 polit+										
B6 popul+										
B5 da										

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

C.A.H. du contexte lexical C

Fréquence minimum d'un mot : 5  
 Nombre de mots sélectionnés : 50  
 Valeur de clé minimum après calcul : 2

Nombre d'uce analysées : 254  
 Seuil du chi2 pour les uce : 0  
 Nombre de mots retenus : 50  
 Poids total du tableau : 981

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
C3 contradic+										
C2 abundancia										
C2 branco+										
C2 incrivel										
C2 loc+										
C5 ric+										
C2 socioeconomic+										
C5 clima+										
C3 veget+										
C4 devid+										
C4 geograf+										
C2 distint+										
C2 valor+										
C4 fauna										
C4 flora										
C4 etn+										
C4 extens+										
C3 territorial+										
C5 divers+										
C3 diversificad+										
C3 sentido+										
C7 diversidade+										
C2 rio+										
C3 estados										
C2 econom+										
C9 cultur+										
C5 variedade+										
C6 diferente+										
C5 form+										
C4 miscigen+										
C6 uma+										
C3 brasil+										
C4 unic+										
C6 mistur+										
C5 rac+										
C4 crenca+										
C3 influenci+										
C2 tipo+										
C3 interess+										
C2 cri+										
C5 caracteristica+										
C2 marc+										
C6 diferenc+										
C2 regionais										
C5 costumes										
C7 regi+										

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. QUESTÃO 1 – por que você acha que isso trudo é Brasil?**

C3 sul	-----+
C3 desenh+	-----+-----+
C2 particularidades	-----+-----+
C2 tempo+	-----+

## ANEXO 5

---

- ⇒ Relatório do Alceste gerado a partir do processamento da questão 2:  
“O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?”

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

-----  
\* Logiciel ALCESTE (4.7 - 01/12/02) \*  
-----

Plan de l'analyse :62.pl ; Date : 13/ 7/\*\*; Heure : 14:15:52

C:\Arquivos de programas\ADT-Image\Lucia\ref62\&&\_0\  
62.txt

ET 1 1 1 1  
A 1 1 1  
B 1 1 1  
C 1 1 1  
D 1 1 1 0 0  
A1 1 0 0  
A2 3 0  
A3 1 1 0  
B1 0 4 0 1 1 0 1 1 0  
B2 2 2 0 0 0 0 0 0  
B3 10 4 1 1 0 0 0 0 0 0  
C1 0 121  
C2 0 2  
C3 0 0 1 1 1 2  
D1 0 2 2  
D2 0  
D3 5 a 2  
D4 1 -2 1  
D5 0 0

-----  
A1: Lecture du corpus  
-----

A12 : Traitement des fins de ligne du corpus :  
N° marque de la fin de ligne :

Nombre de lignes étoilées : 499

-----  
A2: Calcul du dictionnaire  
-----

Nombre de formes distinctes	:	2320
Nombre d'occurrences	:	16129
Fréquence moyenne par forme	:	7
Nombre de hapax	:	1269
Fréquence maximum d'une forme	:	965

69.57% des formes de fréq. <	2 recouvrent	12.15% des occur.;
84.61% des formes de fréq. <	5 recouvrent	20.12% des occur.;
93.10% des formes de fréq. <	14 recouvrent	30.94% des occur.;
96.16% des formes de fréq. <	29 recouvrent	40.14% des occur.;
97.89% des formes de fréq. <	56 recouvrent	50.66% des occur.;
98.79% des formes de fréq. <	90 recouvrent	60.26% des occur.;
99.35% des formes de fréq. <	160 recouvrent	70.05% des occur.;
99.74% des formes de fréq. <	280 recouvrent	81.44% des occur.;
99.91% des formes de fréq. <	420 recouvrent	90.72% des occur.;
100.00% des formes de fréq. <	965 recouvrent	100.00% des occur.;

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por**  
**quê?**

-----  
A3 : Liste des clés et valeurs d'analyse (ALC\_CLE) :  
-----

K 0 Nombres en chiffre  
M 2 Mots en majuscules  
U 0 Mots non trouvés dans DICIN (si existe)  
X 1 formes non reconnues et fréquentes  
0 2 Auxiliaire ESTAR  
1 2 Auxiliaire TER  
2 2 Auxiliaire HAVER  
3 2 Auxiliaire SER  
4 2 Prépositions simples et locutions prépositives  
5 2 Conjonctions et locutions conjonctives  
6 2 Interjections  
7 2 Pronoms  
8 2 Numéraux  
9 2 Adverbes  
    1 Formes non reconnues

A34 : Fréquence maximale d'un mot analysé : 3000

Nombre de mots analysés : 1384  
Nombre de mots supplémentaires de type "r" : 281  
Nombre de mots supplémentaires de type "s" : 16  
Nombre d'occurrences retenues : 16118  
Moyenne par mot : 8.822823  
Nombre d'occurrences analysables (fréq.> 3) : 6906 soit  
47.011570%  
Nombre d'occurrences supplémentaires : 7784  
Nombre d'occurrences hors fenêtre fréquence : 1428

-----  
B1: Sélection des uce et calcul des données  
-----

B11: Le nom du dossier des résultats est &&\_0  
B12: Fréquence minimum d'un "mot" analysé : 4  
B13: Fréquence maximum d'un "mot" retenu : 9999  
B14: Fréquence minimum d'un "mot étoilé" : 1  
B15: Code de fin d'U.C.E. : 1  
B16: Nombre d'occurrences par U.C.E. : 22  
B17: Elimination des U.C.E. de longueur < 0  
  
Fréquence minimum finale d'un "mot" analysé : 4  
Fréquence minimum finale d'un "mot étoilé" : 1  
  
Nombre de mots analysés : 367  
Nombre de mots supplémentaires de type "r" : 154  
Nombre total de mots : 521  
Nombre de mots supplémentaires de type "s" : 16  
Nombre de lignes de B1\_DICB : 537  
  
Nombre d'occurrences analysées : 6906  
  
Nombre d'u.c.i. : 499  
Nombre moyen de "mots" analysés / u.c.e. : 10.495440

ALCESTE – Relatório Detalhado

DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?

Nombre d'u.c.e.	:	658
Nombre d'u.c.e. sélectionnées	:	658
100.00% des u.c.e. sont sélectionnées		
Nombre de couples	:	12134

-----  
B2: Calcul de DONN.1  
-----

Nombre de mots par unité de contexte	:	10
Nombre d'unités de contexte	:	624

-----  
B2: Calcul de DONN.2  
-----

Nombre de mots par unité de contexte	:	12
Nombre d'unités de contexte	:	595

-----  
B3: Classification descendante hiérarchique de DONN.1  
-----

Elimination des mots de fréquence > 3000 et < 4  
0 mots éliminés au hasard soit .00 % de la fenêtre

Nombre d'items analysables	:	299
Nombre d'unités de contexte	:	624
Nombre de "1"	:	6331

-----  
B3: Classification descendante hiérarchique de DONN.2  
-----

Elimination des mots de fréquence > 3000 et < 4  
0 mots éliminés au hasard soit .00 % de la fenêtre

Nombre d'items analysables	:	298
Nombre d'unités de contexte	:	595
Nombre de "1"	:	6294



ALCESTE – Relatório Detalhado

DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?

```
Cl. 1 ( 99uce) |-----+
           16           |-----+
Cl. 4 ( 157uce) |-----+ |
           19           |-----+
Cl. 2 ( 148uce) |-----+ |
           17           |-----+
Cl. 3 ( 144uce) |-----+
```

Classification Descendante Hiérarchique...

Dendrogramme des classes stables (à partir de B3\_rcdh2) :

```

      ----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|
Cl. 1 ( 99uce) |-----+
           16           |-----+
Cl. 4 ( 157uce) |-----+ |
           19           |-----+
Cl. 2 ( 148uce) |-----+ |
           17           |-----+
Cl. 3 ( 144uce) |-----+
```

-----  
C2: profil des classes  
-----

Chi2 minimum pour la sélection d'un mot : 2.00

Nombre de mots (formes réduites) : 521  
 Nombre de mots analysés : 367  
 Nombre de mots "hors-corpus" : 16  
 Nombre de classes : 4

548 u.c.e. classées soit 83.282680%

Nombre de "1" analysés : 5428  
 Nombre de "1" suppl. ("r") : 5255

Distribution des u.c.e. par classe...

1eme classe : 99. u.c.e. 1097. "1" analysés ; 1031. "1" suppl..  
 2eme classe : 148. u.c.e. 1396. "1" analysés ; 1351. "1" suppl..  
 3eme classe : 144. u.c.e. 1404. "1" analysés ; 1295. "1" suppl..  
 4eme classe : 157. u.c.e. 1531. "1" analysés ; 1578. "1" suppl..

-----  
Classe n° 1 => Contexte A  
-----

Nombre d'u.c.e. : 99. soit : 18.07 %  
 Nombre de "uns" (a+r) : 2128. soit : 19.92 %  
 Nombre de mots analysés par uce : 11.08

num	effectifs	pourc.	chi2	identification
1	3.	4. 75.00	8.82	abencoado
9	4.	5. 80.00	13.08	acontec+
12	3.	5. 60.00	5.99	administr+
34	3.	4. 75.00	8.82	baix+
38	5.	9. 55.56	8.69	boa+

## ALCESTE – Relatório Detalhado

## DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?

39	6.	11.	54.55	10.09	bonit+
46	7.	11.	63.64	15.75	carnaval
58	5.	13.	38.46	3.74	condic+
72	10.	10.	100.00	46.20	corrupc+
78	2.	3.	66.67	4.81	cresc+
83	16.	65.	24.62	2.14	da
85	4.	7.	57.14	7.31	deix+
86	4.	4.	100.00	18.27	desemprego
87	2.	4.	50.00	2.78	desenvolvidos
91	36.	50.	72.00	108.13	desigual+
95	4.	7.	57.14	7.31	deu+
98	2.	3.	66.67	4.81	dev+
106	3.	4.	75.00	8.82	direito+
108	6.	8.	75.00	17.78	distribuicao
118	13.	15.	86.67	49.03	educ+
129	7.	17.	41.18	6.33	etc
138	12.	13.	92.31	49.58	falta
145	4.	6.	66.67	9.68	felicidade
149	2.	4.	50.00	2.78	financeir+
152	13.	15.	86.67	49.03	fome
161	5.	6.	83.33	17.46	futebol
164	8.	10.	80.00	26.40	gente
167	6.	12.	50.00	8.45	govern+
175	3.	4.	75.00	8.82	hospitaleir+
185	5.	6.	83.33	17.46	injust+
186	3.	5.	60.00	5.99	intelig+
189	2.	3.	66.67	4.81	invest+
193	4.	5.	80.00	13.08	just+
194	7.	9.	77.78	22.04	lado
204	4.	11.	36.36	2.54	maravilh+
211	9.	14.	64.29	20.74	miser+
218	5.	13.	38.46	3.74	mud+
219	7.	11.	63.64	15.75	muita
225	4.	5.	80.00	13.08	negativo+
227	2.	4.	50.00	2.78	nest+
228	4.	4.	100.00	18.27	nivel
230	3.	8.	37.50	2.07	num+
232	2.	3.	66.67	4.81	oportunidade+
241	12.	24.	50.00	17.29	part+
242	10.	21.	47.62	12.88	pass+
244	3.	6.	50.00	4.18	patriot+
247	9.	29.	31.03	3.48	pela+
258	10.	25.	40.00	8.51	pobr+
261	12.	18.	66.67	29.70	polit+
263	13.	30.	43.33	13.69	popul+
275	2.	4.	50.00	2.78	preocup+
284	3.	5.	60.00	5.99	qualidade+
299	9.	12.	75.00	26.87	renda
304	12.	41.	29.27	3.76	ric+
306	4.	6.	66.67	9.68	ruim
309	4.	5.	80.00	13.08	saude
310	2.	4.	50.00	2.78	seca+
319	4.	6.	66.67	9.68	sobreviv+
321	30.	66.	45.45	38.03	soci+
336	4.	8.	50.00	5.59	termo+
338	4.	5.	80.00	13.08	terremoto+
341	2.	4.	50.00	2.78	tir+
344	2.	4.	50.00	2.78	trabalhador
345	6.	7.	85.71	21.92	trabalh+
348	4.	6.	66.67	9.68	tropic+

ALCESTE – Relatório Detalhado

DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?

363	9.	17.	52.94	14.42	vida+
364	22.	25.	88.00	86.55	violencia+
365	15.	51.	29.41	4.89	viv+
368 *	53.	238.	22.27	5.02 *	a
373 *	3.	6.	50.00	4.18 *	0 estao
378 *	15.	44.	34.09	8.30 *	2 ha
380 *	16.	53.	30.19	5.83 *	3 sao
384 *	3.	8.	37.50	2.07 *	3 seria
390 *	30.	114.	26.32	6.62 *	4 com
391 *	65.	304.	21.38	5.07 *	4 de
395 *	31.	136.	22.79	2.73 *	4 em
406 *	13.	49.	26.53	2.60 *	5 como
410 *	21.	67.	31.34	9.09 *	5 mas
415 *	7.	16.	43.75	7.35 *	5 porem
425 *	8.	14.	57.14	14.82 *	6 bom
431 *	4.	11.	36.36	2.54 *	7 com-que
443 *	9.	32.	28.13	2.32 *	7 isso
446 *	4.	5.	80.00	13.08 *	7 ma
453 *	6.	14.	42.86	5.97 *	7 muitos
462 *	4.	8.	50.00	5.59 *	7 nossos
465 *	5.	12.	41.67	4.62 *	7 outras
470 *	3.	4.	75.00	8.82 *	7 pouca
476 *	3.	5.	60.00	5.99 *	7 quem
479 *	9.	30.	30.00	3.05 *	7 seus
483 *	5.	8.	62.50	10.83 *	7 tanta
502 *	2.	3.	66.67	4.81 *	9 com-certeza
506 *	4.	8.	50.00	5.59 *	9 infelizmente
509 *	3.	6.	50.00	4.18 *	9 mal
512 *	35.	112.	31.25	16.53 *	9 nao
533 *	18.	68.	26.47	3.71 *	*reg_1
534 *	37.	171.	21.64	2.14 *	*reg_2

Nombre de mots sélectionnés : 96

-----  
 Classe n° 2 => Contexte B  
 -----

Nombre d'u.c.e. : 148. soit : 27.01 %  
 Nombre de "uns" (a+r) : 2747. soit : 25.71 %  
 Nombre de mots analysés par uce : 9.43

num	effectifs	pourc.	chi2	identification	
7	6.	8.	75.00	9.49	acolh+
23	5.	7.	71.43	7.10	amo+
31	3.	5.	60.00	2.79	area+
43	8.	14.	57.14	6.62	caracteristica+
47	6.	9.	66.67	7.30	caus+
55	6.	9.	66.67	7.30	coloniz+
59	8.	10.	80.00	14.51	conflito+
71	8.	11.	72.73	11.90	conviv+
75	11.	15.	73.33	16.79	costum+
77	5.	8.	62.50	5.19	crenca+
82	67.	142.	47.18	39.58	cultur+
92	6.	13.	46.15	2.48	dess+
102	24.	49.	48.98	13.18	diferenc+
103	41.	71.	57.75	39.10	difer+
109	8.	12.	66.67	9.79	diversas
110	38.	90.	42.22	12.65	diversidade+
114	41.	124.	33.06	2.98	do

## ALCESTE – Relatório Detalhado

## DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?

127	3.	5.	60.00	2.79	estados
128	5.	6.	83.33	9.76	estrangeiro+
130	10.	19.	52.63	6.56	etn+
133	14.	37.	37.84	2.36	exist+
136	9.	13.	69.23	12.04	extens+
140	3.	5.	60.00	2.79	fator+
141	9.	18.	50.00	4.99	fato+
143	14.	31.	45.16	5.49	faz+
155	14.	24.	58.33	12.49	form+
173	5.	5.	100.00	13.64	heterogeneidade
178	3.	5.	60.00	2.79	identidade+
179	2.	3.	66.67	2.41	ide+
183	3.	4.	75.00	4.71	independ+
184	2.	3.	66.67	2.41	influenci+
187	3.	4.	75.00	4.71	interess+
188	4.	6.	66.67	4.84	interna+
191	2.	3.	66.67	2.41	jovem
192	5.	8.	62.50	5.19	justamente
197	4.	5.	80.00	7.19	lingua+
202	5.	8.	62.50	5.19	maneira
210	14.	29.	48.28	7.03	miscigen+
212	34.	48.	70.83	51.26	mistura+
214	2.	3.	66.67	2.41	modo
220	16.	31.	51.61	10.09	mundo
237	7.	7.	100.00	19.16	pacifica+
245	4.	6.	66.67	4.84	paz
257	5.	7.	71.43	7.10	pluralidade+
265	4.	5.	80.00	7.19	possibilidade+
266	3.	4.	75.00	4.71	possibilita
269	4.	7.	57.14	3.27	poss+
281	8.	13.	61.54	8.05	propria+
285	3.	5.	60.00	2.79	quantidade
289	7.	8.	87.50	15.07	raci+
290	45.	63.	71.43	71.25	rac+
296	20.	27.	74.07	31.91	regi+
298	20.	24.	83.33	40.39	religi+
300	2.	3.	66.67	2.41	represent+
302	4.	8.	50.00	2.18	respeit+
317	4.	5.	80.00	7.19	singular
342	15.	18.	83.33	29.95	torn+
346	5.	5.	100.00	13.64	tradic+
350	39.	105.	37.14	6.77	uma+
355	4.	7.	57.14	3.27	valor+
371 *	3.	4.	75.00	4.71 *	0 estado
379 *	4.	8.	50.00	2.18 *	3 foi
391 *	98.	304.	32.24	9.47 *	4 de
412 *	10.	25.	40.00	2.24 *	5 ou
422 *	4.	8.	50.00	2.18 *	5 tamanho
429 *	19.	26.	73.08	29.39 *	7 cada
434 *	4.	8.	50.00	2.18 *	7 elas
436 *	13.	28.	46.43	5.65 *	7 essa
442 *	8.	18.	44.44	2.87 *	7 eu
443 *	13.	32.	40.63	3.20 *	7 isso
449 *	3.	4.	75.00	4.71 *	7 meu
463 *	11.	21.	52.38	7.13 *	7 onde
487 *	10.	23.	43.48	3.30 *	7 todas
491 *	10.	15.	66.67	12.30 *	7 varias
492 *	9.	17.	52.94	5.99 *	7 varios
519 *	56.	165.	33.94	5.75 *	M A
524 *	39.	110.	35.45	4.98 *	*cur_3

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por que?**

537 \* 29. 79. 36.71 4.41 \* \*reg\_5

Nombre de mots sélectionnés : 78

-----  
 Classe n° 3 => Contexte C  
 -----

Nombre d'u.c.e. : 144. soit : 26.28 %  
 Nombre de "uns" (a+r) : 2699. soit : 25.26 %  
 Nombre de mots analysés par uce : 9.75

num	effectifs	pourc.	chi2	identification	
3	4.	5.	80.00	7.52	acab+
17	2.	3.	66.67	2.54	ali+
18	3.	4.	75.00	4.94	amazon+
24	6.	13.	46.15	2.72	anim+
27	4.	6.	66.67	5.11	aos
29	10.	12.	83.33	20.62	apresent+
33	7.	15.	46.67	3.31	aspecto+
36	18.	38.	47.37	9.38	bel+
37	7.	10.	70.00	10.05	biodiversidade
51	3.	4.	75.00	4.94	claro
52	3.	5.	60.00	2.96	classe+
53	12.	22.	54.55	9.45	clima+
57	4.	5.	80.00	7.52	concentra+
58	7.	13.	53.85	5.22	condic+
66	4.	5.	80.00	7.52	continent+
68	12.	18.	66.67	15.67	contrast+
82	49.	142.	34.51	6.70	cultur+
90	4.	6.	66.67	5.11	desenvolv+
93	4.	5.	80.00	7.52	destac+
97	13.	22.	59.09	12.74	devid+
101	38.	82.	46.34	20.04	diferenci+
110	42.	90.	46.67	23.11	diversidade+
111	6.	9.	66.67	7.71	diversificad+
112	8.	10.	80.00	15.18	diverso+
115	34.	95.	35.79	5.37	dos
117	13.	17.	76.47	22.82	econom+
119	8.	17.	47.06	3.91	encontr+
124	4.	4.	100.00	11.30	especial+
130	8.	19.	42.11	2.55	etn+
142	9.	10.	90.00	21.35	fauna
150	9.	10.	90.00	21.35	flora
151	8.	11.	72.73	12.50	floresta+
160	4.	4.	100.00	11.30	frut+
165	5.	7.	71.43	7.46	geograf+
168	47.	87.	54.02	41.10	grande+
169	6.	6.	100.00	17.02	gritante+
174	4.	8.	50.00	2.36	histor+
182	2.	3.	66.67	2.54	impunidade
205	4.	4.	100.00	11.30	mat+
210	11.	29.	37.93	2.15	miscigen+
221	3.	5.	60.00	2.96	nac+
223	48.	74.	64.86	65.76	natur+
230	5.	8.	62.50	5.50	num+
238	5.	7.	71.43	7.46	paisagens
256	4.	4.	100.00	11.30	plant+
262	4.	6.	66.67	5.11	populacion+
264	4.	6.	66.67	5.11	positiva+

ALCESTE – Relatório Detalhado

DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?

267	10.	23.	43.48	3.67	possui
270	9.	14.	64.29	10.71	potenci+
272	6.	13.	46.15	2.72	pra+
279	6.	7.	85.71	12.93	privilegi+
286	3.	5.	60.00	2.96	quase
288	4.	5.	80.00	7.52	quest+
291	4.	5.	80.00	7.52	realidade+
294	16.	22.	72.73	25.53	recursos
297	4.	8.	50.00	2.36	relacao
303	4.	6.	66.67	5.11	ricos
304	21.	41.	51.22	14.23	ric+
305	26.	48.	54.17	21.12	riqueza+
307	2.	3.	66.67	2.54	rumo+
321	28.	66.	42.42	10.10	soci+
327	5.	5.	100.00	14.16	solo+
332	2.	3.	66.67	2.54	tecnolog+
337	10.	15.	66.67	12.99	terra+
339	14.	26.	53.85	10.71	territori+
350	36.	105.	34.29	4.30	uma+
351	5.	6.	83.33	10.19	unica
357	10.	15.	66.67	12.99	variedade+
369 *	122.	442.	27.60	2.07 *	e
406 *	24.	49.	48.98	14.32 *	5 como
409 *	3.	4.	75.00	4.94 *	5 ja-que
419 *	5.	5.	100.00	14.16 *	5 quanto
421 *	31.	87.	35.63	4.67 *	5 se
422 *	4.	8.	50.00	2.36 *	5 tamanho
423 *	4.	7.	57.14	3.49 *	5 tanto
427 *	4.	7.	57.14	3.49 *	7 alem-disso
428 *	3.	5.	60.00	2.96 *	7 alguns
437 *	3.	5.	60.00	2.96 *	7 essas
441 *	4.	7.	57.14	3.49 *	7 este
450 *	6.	13.	46.15	2.72 *	7 mim
460 *	5.	11.	45.45	2.13 *	7 nossas
467 *	40.	116.	34.48	5.11 *	7 outros
472 *	4.	5.	80.00	7.52 *	7 poucos
481 *	21.	62.	33.87	2.08 *	7 sua
503 *	4.	6.	66.67	5.11 *	9 demais
511 *	26.	78.	33.33	2.34 *	9 muito
534 *	52.	171.	30.41	2.19 *	*reg_2

Nombre de mots sélectionnés : 87

-----  
 Classe n° 4 => Contexte D  
 -----

Nombre d'u.c.e. : 157. soit : 28.65 %  
 Nombre de "uns" (a+r) : 3109. soit : 29.10 %  
 Nombre de mots analysés par uce : 9.75

num	effectifs	pourc.	chi2	identification	
4	4.	5.	80.00	6.51	aceit+
6	10.	18.	55.56	6.59	acolhedor+
10	10.	12.	83.33	17.95	acredit+
13	6.	6.	100.00	15.11	adversidade+
15	6.	7.	85.71	11.30	ajud+
16	44.	74.	59.46	39.73	alegr+
21	4.	4.	100.00	10.04	amigo+
22	6.	6.	100.00	15.11	amor

ALCESTE – Relatório Detalhado

DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?

26	15.	32.	46.88	5.52	ao
28	11.	23.	47.83	4.32	apesar
32	46.	109.	42.20	12.22	as
35	2.	3.	66.67	2.13	batalhador+
41	18.	27.	66.67	20.08	calor+
42	8.	10.	80.00	13.14	capacidade
44	6.	8.	75.00	8.53	carinh+
45	4.	4.	100.00	10.04	carisma
49	3.	3.	100.00	7.51	chor+
54	8.	16.	50.00	3.68	coisa+
62	2.	3.	66.67	2.13	conquist+
63	13.	25.	52.00	6.99	consequ+
67	6.	8.	75.00	8.53	continu+
73	3.	4.	75.00	4.23	corrupto+
79	5.	5.	100.00	12.57	crise+
94	3.	5.	60.00	2.43	dest+
100	10.	14.	71.43	12.86	dia+
104	4.	6.	66.67	4.29	dificil+
105	30.	36.	83.33	56.37	dificuldade+
121	12.	12.	100.00	30.55	enfrent+
125	19.	21.	90.48	40.83	esperanc+
126	4.	4.	100.00	10.04	esquec+
135	3.	4.	75.00	4.23	express+
139	4.	7.	57.14	2.82	fal+
144	5.	7.	71.43	6.35	fe
146	16.	20.	80.00	26.78	feliz+
147	5.	5.	100.00	12.57	fic+
154	4.	5.	80.00	6.51	forca
163	2.	3.	66.67	2.13	garra
176	4.	5.	80.00	6.51	humanos
177	15.	19.	78.95	24.36	human+
190	4.	7.	57.14	2.82	jeit+
195	4.	5.	80.00	6.51	liberdade
196	6.	10.	60.00	4.90	lindo+
198	4.	5.	80.00	6.51	livr+
200	9.	12.	75.00	12.89	lut+
203	2.	3.	66.67	2.13	maos
207	9.	13.	69.23	10.73	melhor+
209	2.	3.	66.67	2.13	mesma+
216	2.	3.	66.67	2.13	mostr+
217	4.	5.	80.00	6.51	motivo+
234	39.	96.	40.63	8.17	os
235	3.	5.	60.00	2.43	otimo+
236	3.	4.	75.00	4.23	otim+
240	6.	7.	85.71	11.30	parec+
251	2.	3.	66.67	2.13	perceb+
252	6.	6.	100.00	15.11	perd+
254	32.	69.	46.38	12.14	peessoa+
271	91.	169.	53.85	75.89	povo+
273	4.	6.	66.67	4.29	precis+
280	30.	47.	63.83	31.13	problema+
282	3.	4.	75.00	4.23	proprios
283	4.	4.	100.00	10.04	proximo
287	6.	7.	85.71	11.30	quer+
293	7.	10.	70.00	8.52	receptivo+
301	3.	4.	75.00	4.23	resolver
308	7.	14.	50.00	3.20	sab+
311	9.	17.	52.94	5.06	sej+
313	3.	3.	100.00	7.51	sent+
314	6.	7.	85.71	11.30	sermos

ALCESTE – Relatório Detalhado

DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?

318	8.	12.	66.67	8.67	situac+
322	8.	8.	100.00	20.22	sofrido
323	3.	4.	75.00	4.23	sofrimento
324	5.	8.	62.50	4.55	sofr+
325	8.	8.	100.00	20.22	solidariedade
326	15.	16.	93.75	34.17	solidar+
328	7.	7.	100.00	17.66	sorrir
331	3.	3.	100.00	7.51	super+
333	15.	20.	75.00	21.82	tempo+
335	10.	13.	76.92	15.18	tent+
347	3.	4.	75.00	4.23	tristeza+
359	3.	5.	60.00	2.43	vejo
361	3.	4.	75.00	4.23	vencer
365	19.	51.	37.25	2.04	viv+
366	5.	9.	55.56	3.24	vontade+
372 *	3.	5.	60.00	2.43 *	0 estamos
386 *	14.	22.	63.64	13.72 *	3 somos
387 *	5.	9.	55.56	3.24 *	4 alem-de
388 *	34.	52.	65.38	37.93 *	4 apesar-de
394 *	3.	5.	60.00	2.43 *	4 diante-de
398 *	28.	73.	38.36	3.88 *	4 para
410 *	26.	67.	38.81	3.85 *	5 mas
414 *	18.	48.	37.50	2.02 *	5 pois
420 *	80.	248.	32.26	2.89 *	5 que
448 *	36.	69.	52.17	21.37 *	7 mesmo
455 *	3.	5.	60.00	2.43 *	7 nada
478 *	20.	49.	40.82	3.90 *	7 seu
487 *	10.	23.	43.48	2.58 *	7 todas
490 *	18.	46.	39.13	2.70 *	7 tudo
497 *	19.	32.	59.38	15.69 *	9 ainda
499 *	14.	35.	40.00	2.36 *	9 aqui
500 *	3.	5.	60.00	2.43 *	9 a-vontade
508 *	24.	58.	41.38	5.14 *	9 mais
510 *	9.	21.	42.86	2.16 *	9 melhor
512 *	40.	112.	35.71	3.44 *	9 nao
513 *	3.	4.	75.00	4.23 *	9 nunca
515 *	13.	17.	76.47	19.63 *	9 sempre
520 *	21.	55.	38.18	2.72 *	M E
521 *	60.	155.	38.71	10.70 *	M O
533 *	29.	68.	42.65	7.44 *	*reg_1

Nombre de mots sélectionnés : 108

Nombre de mots marqués : 476 sur 521 soit 91.36%

Liste des valeurs de clé :

- 0 si chi2 < 2.71
- 1 si chi2 < 3.84
- 2 si chi2 < 5.02
- 3 si chi2 < 6.63
- 4 si chi2 < 10.80
- 5 si chi2 < 20.00
- 6 si chi2 < 30.00
- 7 si chi2 < 40.00
- 8 si chi2 < 50.00

Tableau croisant classes et clés :

\* Classes \*      1      2      3      4

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

Clés	* Poids	*	854	1122	1056	1316
M	* 375	*	61	100	93	121
0	* 20	*	5	6	3	6
1	* 134	*	26	36	32	40
2	* 44	*	15	12	6	11
3	* 172	*	39	43	39	51
4	* 871	*	186	230	195	260
5	* 752	*	146	168	212	226
6	* 18	*	8	3	2	5
7	* 1241	*	214	364	307	356
8	* 225	*	45	58	55	67
9	* 496	*	109	102	112	173

Tableau des chi2 (signés) :

		* Classes	*	1	2	3	4
Clés	* Poids	*	854	1122	1056	1316	
M	* 375	*	-2	0	0	0	
0	* 20	*	0	0	0	0	
1	* 134	*	0	0	0	0	
2	* 44	*	5	0	-2	0	
3	* 172	*	1	0	0	0	
4	* 871	*	2	0	-2	0	
5	* 752	*	0	-5	7	0	
6	* 18	*	7	0	-1	0	
7	* 1241	*	-6	11	0	-2	
8	* 225	*	0	0	0	0	
9	* 496	*	1	-8	0	5	

Chi2 du tableau : 52.332820

Nombre de "1" distribués : 4348 soit 41 %

-----  
 C2: Reclassement des uce et uci  
 -----

Type de reclassement choisi pour les uce :  
 Classement d'origine

Tableaux des clés (TUCE et TUCI) :

Nombre d'uce enregistrées : 658  
 Nombre d'uce classées : 548 soit : 83.28%

Nombre d'uci enregistrées : 499  
 Nombre d'uci classées : 296 soit : 59.32%

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

-----  
C3: A.F.C. du tableau C2\_DICB.121  
-----

A.F.C. de C:\Arquivos de programas\ADT-Image\Lucia\ref62\&&\_0\C2\_DICB.121

Effectif minimum d'un mot : 8  
Nombre d'uce minimum par classe : 18  
Nombre de lignes analysées : 182  
Nombre total de lignes : 302  
Nombre de colonnes analysées : 4

\*\*\*\*\*  
\* Num.\* Valeur Propre \* Pourcentage \* Cumul \*  
\*\*\*\*\*  
\* 1 \* .24667140 \* 41.55082 \* 41.551 \*  
\* 2 \* .19817750 \* 33.38222 \* 74.933 \*  
\* 3 \* .14881300 \* 25.06697 \* 100.000 \*  
\*\*\*\*\*

Seuls les mots à valeur de clé >= 2 sont représentés

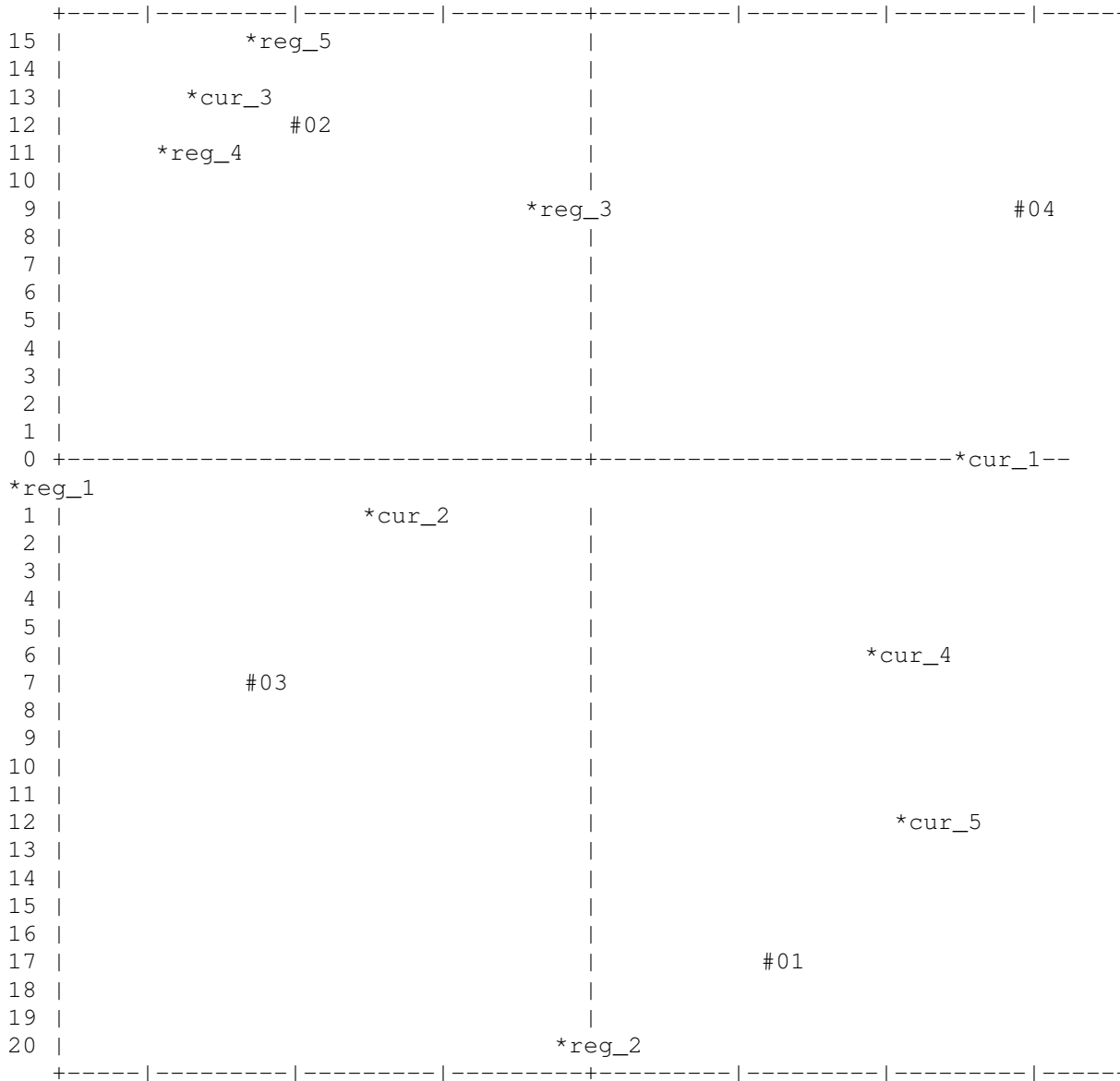
Nombre total de mots retenus : 251  
Nombre de mots pleins retenus : 173  
Nombre total de points : 255

Représentation séparée car plus de 60 points

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

Projection des colonnes et mots "\*" sur le plan 1 2 (corrélations)

Axe horizontal : 1e facteur : V.P. =.2467 ( 41.55 % de l'inertie)  
 Axe vertical : 2e facteur : V.P. =.1982 ( 33.38 % de l'inertie)



Nombre de points recouverts 0 dont 0 superposés

x y nom



**ALCESTE – Relatório Detalhado**

**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

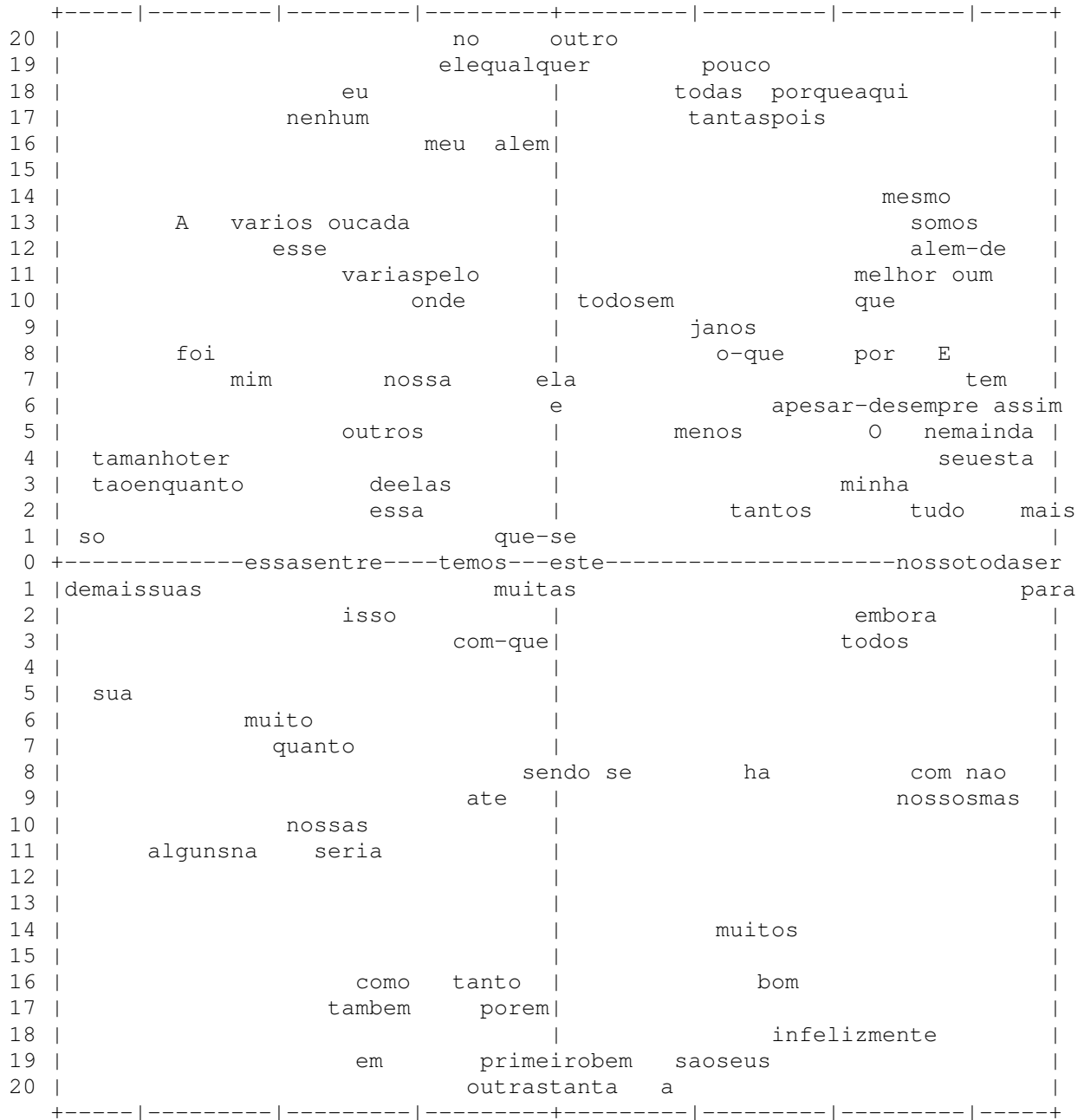
33 4 calor+  
17 -15 terremoto+  
18 -15 termo+  
20 -15 miser+  
14 -16 violencia+

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

Projection des mots de type "r" sur le plan 1 2 (corrélations)

Axe horizontal : 1e facteur : V.P. =.2467 ( 41.55 % de l'inertie)

Axe vertical : 2e facteur : V.P. =.1982 ( 33.38 % de l'inertie)



Nombre de points recouverts 0 dont 0 superposés

x y nom

-----  
D1: Sélection de quelques mots par classe  
-----

Valeur de clé minimum pour la sélection : 0

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

Vocabulaire spécifique de la classe 1 :

desigual+(36), violencia+(22), corrupc+(10), educ+(13), falta(12), fome(13), soci+(30), gente(8), lado(7), miser+(9), polit+(12), renda(9), trabalh+(6), acontec+(4), carnaval(7), desemprego(4), distribuicao(6), futebol(5), injust+(5), just+(4), muita(7), negativo+(4), nivel(4), part+(12), pass+(10), popul+(13), saude(4), terremoto+(4), vida+(9), abençoado(3), anos(2), baix+(3), boa+(5), bonit+(6), deix+(4), deu+(4), direito+(3), felicidade(4), govern+(6), hospitaleir+(3), pobr+(10), ruim(4), sobreviv+(4), tropic+(4), vulcoes(2), administr+(3), etc(7), intelig+(3), qualidade+(3), termo+(4), cresc+(2), dev+(2), invest+(2), oportunidade+(2), patriot+(3), viv+(15), desenvolvidos(2), financeir+(2), mud+(5), nest+(2), pela+(9), preocup+(2), seca+(2), tir+(2), trabalhador(2), chei+(2), consider+(2), da(16), diss+(2), enfim(2), explor+(3), extremamente(1), forte+(2), futuro(1), imens+(2), maior+(7), maravilh+(4), orgulho(1), receb+(2), sentido+(2);

Vocabulaire spécifique de la classe 2 :

mistura+(34), rac+(45), religi+(20), cultur+(67), difer+(41), regi+(20), torn+(15), conflito+(8), conviv+(8), costum+(11), diferenc+(24), extens+(9), form+(14), heterogeneidade(5), pacifica+(7), raci+(7), tradic+(5), acolh+(6), amo+(5), caus+(6), coloniz+(6), diversas(8), estrangeiro+(5), lingua+(4), miscigen+(14), mundo(16), pluralidade+(5), possibilidade+(4), propria+(8), singular(4), uma+(39), caracteristica+(8), convivendo(2), credo+(2), crenca+(5), etn+(10), faz+(14), justamente(5), maneira(5), fato+(9), independ+(3), interess+(3), interna+(4), paz(4), possibilita(3), area+(3), do(41), estados(3), fator+(3), identidade+(3), poss+(4), quantidade(3), valor+(4), aproveitar(2), conjunto(1), cont+(2), dess+(6), exist+(14), guerr+(9), haja(2), ide+(2), influenci+(2), jovem(2), mist+(2), modo(2), ocorr+(2), preconceito+(5), represent+(2), respeit+(4), tenh+(5), unido+(3), variad+(2);

Vocabulaire spécifique de la classe 3 :

natur+(48), grande+(47), apresent+(10), diferenci+(38), diversidade+(42), econom+(13), fauna(9), flora(9), recursos(16), riqueza+(26), contrast+(12), devid+(13), diverso+(8), especial+(4), floresta+(8), frut+(4), gritante+(6), mat+(4), plant+(4), privilegi+(6), ric+(21), solo+(5), terra+(10), variedade+(10), acab+(4), bel+(18), biodiversidade(7), clima+(12), concentra+(4), continent+(4), destac+(4), diversificad+(6), geograf+(5), paisagens(5), potenci+(9), quest+(4), realidade+(4), territori+(14), unica(5), aos(4), condic+(7), desenvolv+(4), dos(34), num+(5), populacion+(4), positiva+(4), ricos(4), amazon+(3), claro(3), encontr+(8), anim+(6), aspecto+(7), classe+(3), nac+(3), possui(10), pra+(6), quase(3), abrig+(1), agua+(1), ali+(2), cidad+(1), cor+(2), cri+(3), desenvolvid+(3), deveri+(3), economicamente(2), filhos(2), fratern+(2), ger+(2), habit+(4), histor+(4), impunidade(2), lugar+(8), nas(4), nele(2), numer+(2), pais+(76), peculiaridade+(3), pen+(2);

Vocabulaire spécifique de la classe 4 :

dificuldade+(30), povo+(91), esperanc+(19), alegr+(44), enfrent+(12), problema+(30), solidar+(15), calor+(18), feliz+(16), human+(15), sofrido(8), solidariedade(8), tempo+(15), acredit+(10), adversidade+(6), ajud+(6), amor(6), as(46), capacidade(8), crise+(5), dia+(10), fic+(5), lut+(9), parec+(6), perd+(6), pessoa+(32), quer+(6), sermos(6), sorrir(7), tent+(10), amigo+(4), carinh+(6), carisma(4), chor+(3), consequ+(13), continu+(6), esquec+(4), melhor+(9), os(39), proximo(4), receptivo+(7), sent+(3), situac+(8), super+(3), aceit+(4), acolhedor+(10), ao(15), fe(5), forca(4), humanos(4), liberdade(4), livr+(4), motivo+(4), sej+(9), apesar(11), corrupto+(3), dificil+(4), express+(3), for(2), lindo+(6), otim+(3), precis+(4), proprios(3), resolver(3), sofrimento(3), sofr+(5), tristeza+(3), vencer(3), coisa+(8), fal+(4), jeit+(4), sab+(7), vontade+(5), ach+(6),

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

acomod+(2), batalhador+(2), conquist+(2), das(13), dest+(3), diante(2), diz+(3), espaço(2), exemplo+(2);

Mots outils spécifiques de la classe 1 :

estao(3), estar(2), ha(15), sao(16), sendo(4), seria(3), com(30), em(31), apenas(2), mas(21), porem(7), quando(2), bom(8), com-que(4), de-que(2), esses(1), ma(4), muitos(6), na(10), nossos(4), outras(5), pouca(3), quem(3), seus(9), tanta(5), bem(4), com-certeza(2), infelizmente(4), mal(3), nao(35), tambem(10), a(53);

Mots outils spécifiques de la classe 2 :

estado(3), ter(6), foi(4), de(98), entre(8), menos(3), pelo(6), sem(10), sobre(1), ou(10), vamos(2), cada(19), elas(4), essa(13), esse(6), eu(8), isso(13), isto(2), isto-e(2), meu(3), nenhum(6), nos(15), onde(11), outro(8), o-que(12), o-que-e(2), todas(10), varias(10), varios(9), voce(2), alem(3), A(56);

Mots outils spécifiques de la classe 3 :

temos(13), sera(1), ate(4), desde(2), assim-como(2), como(24), ja-que(3), quanto(5), se(31), tamanho(4), tanto(4), tao(11), alem-disso(4), alguns(3), certa(3), essas(3), este(4), me(1), mim(6), muitas(7), nossa(7), nossas(5), outros(40), poucos(4), que-se(5), si(2), sua(21), primeiro(4), demais(4), dentro(1), muito(26), so(10), e(122);

Mots outils spécifiques de la classe 4 :

estamos(3), tem(25), somos(14), alem-de(5), apesar-de(34), diante-de(3), para(28), por(28), assim(7), embora(3), nem(3), pois(18), porque(32), por-isso(2), que(80), esta(7), mesmo(36), minha(3), nada(3), nosso(14), pouco(5), seu(20), tantas(8), tantos(5), todo(5), todos(14), tudo(18), um(64), ainda(19), aqui(14), a-vontade(3), ja(4), mais(24), melhor(9), nunca(3), sempre(13), talvez(3), E(21), O(60), o(70);

Mots étoilés spécifiques de la classe 1 :

\*cur\_1(25);

Mots étoilés spécifiques de la classe 2 :

\*cur\_2(30), \*cur\_3(39), \*idt\_1122140644(1), \*reg\_4(50), \*reg\_5(29);

Mots étoilés spécifiques de la classe 3 :

\*idt\_0321020914(1), \*idt\_0641190753(2), \*idt\_1041190753(2), \*idt\_1341190753(2), \*reg\_2(52), \*reg\_3(20);

Mots étoilés spécifiques de la classe 4 :

\*cur\_5(32), \*idt\_1222110914(1), \*reg\_1(29);

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por que?**

-----  
D1: Sélection des mots et des uce par classe  
-----

D1 : Distribution des formes d'origine par racine

-----  
Formes associées au contexte A  
-----

A9 desigual+ : desigual(1), desigualdade(27), desigualdades(9);  
A9 violencia+ : violencia(21), violencias(1);  
A8 corrupc+ : corrupcao(9), corrupcoes(1);  
A8 educ+ : educacao(14), educado(1);  
A8 falta : falta(12);  
A8 fome : fome(13);  
A7 soci+ : sociais(7), social(25);  
A6 gente : gente(10);  
A6 lado : lado(9);  
A6 miser+ : miseraveis(1), miseria(8);  
A6 polit+ : politica(6), politico(1), politicos(6);  
A6 renda : renda(9);  
A6 trabalh+ : trabalha(1), trabalhar(1), trabalho(4);  
A5 acontec+ : acontece(1), acontece(1), acontecerem(1), aconteceu(1);  
A5 carnaval : carnaval(7);  
A5 desemprego : desemprego(4);  
A5 distribuicao : distribuicao(6);  
A5 futebol : futebol(5);  
A5 injust+ : injustica(5);  
A5 just+ : justa(2), justica(1), justo(1);  
A5 muita : muita(10);  
A5 negativo+ : negativo(4);  
A5 nivel : nivel(4);  
A5 part+ : parte(11), partes(1), partir(1);  
A5 pass+ : passa(2), passam(3), passando(5);  
A5 popul+ : populacao(14);  
A5 saude : saude(4);  
A5 terremoto+ : terremotos(4);  
A5 vida+ : vida(9), vidas(1);  
A4 abençoado : abençoado(3);  
A4 anos : anos(2);  
A4 baix+ : baixa(3);  
A4 boa+ : boa(4), boas(1);  
A4 bonit+ : bonita(3), bonito(3);  
A4 deix+ : deixa(1), deixam(1), deixando(1), deixar(1);  
A4 deu+ : deus(4);  
A4 direito+ : direito(1), direitos(2);  
A4 felicidade : felicidade(4);  
A4 govern+ : governantes(4), governo(2);  
A4 hospitaleir+ : hospitaleiras(1), hospitaleiro(2);  
A4 pobr+ : pobre(2), pobres(4), pobreza(5);  
A4 ruim : ruim(4);  
A4 sobreviv+ : sobrevivencia(2), sobreviver(2);  
A4 tropic+ : tropicais(1), tropical(3);  
A4 vulcoes : vulcoes(2);  
A3 administr+ : administracao(1), administrado(2);

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

A3 etc : etc(7);  
A3 intelig+ : inteligencia(2), inteligentes(1);  
A3 qualidade+ : qualidade(2), qualidades(1);  
A3 termo+ : termos(4);  
A2 cresc+ : cresce(1), crescer(1);  
A2 dev+ : deve(2);  
A2 invest+ : investe(1), investir(2);  
A2 oportunidade+ : oportunidade(1), oportunidades(1);  
A2 patriot+ : patriota(1), patriotas(1), patriotismo(2);  
A2 viv+ : vive(2), vivem(1), vivemos(1), viver(8), viverem(1), vivo(2);

-----  
Formes associées au contexte B  
-----

B9 mistura+ : mistura(36), misturas(1);  
B9 rac+ : raca(3), racas(43);  
B8 religi+ : religiao(4), religioes(12), religiosa(4), religiosas(1), religiosos(1);  
B7 cultur+ : cultura(25), cultural(26), culturas(30);  
B7 difer+ : difere(1), diferente(21), diferentes(28);  
B7 regi+ : regio(17), regioes(8);  
B6 torn+ : torna(10), tornam(1), tornamos(1), tornando(1), torne(2), tornem(1);  
B5 conflito+ : conflito(2), conflitos(6);  
B5 conviv+ : convivem(4), convivencia(2), conviver(2);  
B5 costum+ : costumes(11);  
B5 diferenc+ : diferenca(12), diferencas(13);  
B5 extens+ : extensa(2), extensao(6), extenso(2);  
B5 form+ : forma(10), formacao(2), formado(1), formar(1), formas(1);  
B5 heterogeneidade : heterogeneidade(5);  
B5 pacifica+ : pacifica(1), pacificamente(6);  
B5 raci+ : raciais(2), racial(5);  
B5 tradic+ : tradicao(1), tradicoes(4);  
B4 acolh+ : acolhe(1), acolhemos(1), acolher(4);  
B4 amo+ : amo(4), amos(1);  
B4 caus+ : causa(6);  
B4 coloniz+ : colonizacao(4), colonizado(2);  
B4 diversas : diversas(8);  
B4 estrangeiro+ : estrangeiro(1), estrangeiros(4);  
B4 lingua+ : lingua(3), linguas(1);  
B4 miscigen+ : miscigenacao(12), miscigenado(2);  
B4 mundo : mundo(17);  
B4 pluralidade+ : pluralidade(4), pluralidades(1);  
B4 possibilidade+ : possibilidade(2), possibilidades(2);  
B4 propria+ : propria(6), propriamente(1), proprias(3);  
B4 singular : singular(4);  
B4 uma+ : uma(44), umas(1);  
B3 caracteristica+ : caracteristica(3), caracteristicas(5);  
B3 convivendo : convivendo(2);  
B3 credo+ : credo(1), credos(1);  
B3 crenca+ : crenças(5);  
B3 etn+ : etnia(1), etnias(3), etnica(3), etnicas(2), etnicos(1);  
B3 faz+ : faz(13), fazemos(2);  
B3 justamente : justamente(5);  
B3 maneira : maneira(5);  
B2 fato+ : fato(10);  
B2 independ+ : independencia(1), independente(2);  
B2 interess+ : interessante(2), interessantes(2);  
B2 interna+ : interna(2), internas(2);

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

B2 paz : paz(5);

B2 possibilita : possibilita(3);

-----  
Formes associées au contexte C  
-----

C9 natur+ : naturais(35), natural(14), natureza(5);

C8 grande+ : grande(43), grandes(7);

C6 apresent+ : apresenta(2), apresentam(2), apresentar(5), apresente(1);

C6 diferenci+ : diferencia(27), diferenciada(1), diferenciado(4),

diferencial(5), diferenciam(1), diferencie(1);

C6 diversidade+ : diversidade(46);

C6 econom+ : economia(1), economica(5), economicas(4), economico(2),

economicos(1);

C6 fauna : fauna(10);

C6 flora : flora(9);

C6 recursos : recursos(18);

C6 riqueza+ : riqueza(11), riquezas(15);

C5 contrast+ : contrastantes(2), contraste(2), contrastes(8);

C5 devid+ : devido(13);

C5 diverso+ : diverso(2), diversos(6);

C5 especial+ : especial(3), especialmente(1);

C5 floresta+ : floresta(3), florestais(1), florestas(4);

C5 frut+ : frutas(2), fruto(2);

C5 gritante+ : gritante(4), gritantes(2);

C5 mat+ : mata(2), matas(2);

C5 plant+ : plantando(1), plantar(1), plantas(2);

C5 privilegi+ : privilegiada(1), privilegiado(4), privilegio(1);

C5 ric+ : rica(7), ricas(1), rico(14);

C5 solo+ : solo(3), solos(2);

C5 terra+ : terra(7), terras(4);

C5 variedade+ : variedade(7), variedades(3);

C4 acab+ : acaba(2), acabam(1), acabando(1);

C4 bel+ : belas(2), beleza(8), belezas(10), belo(1);

C4 biodiversidade : biodiversidade(7);

C4 clima+ : clima(8), climas(4);

C4 concentra+ : concentra(1), concentracao(3);

C4 continent+ : continentais(2), continental(1), continentes(1);

C4 destac+ : destaca(2), destacam(1), destacar(1);

C4 diversificad+ : diversificada(4), diversificadas(1), diversificado(1);

C4 geograf+ : geografia(2), geografica(3);

C4 paisagens : paisagens(5);

C4 potenci+ : potencia(1), potenciais(1), potencial(5), potencias(2);

C4 quest+ : questao(2), questoes(3);

C4 realidade+ : realidade(3), realidades(1);

C4 territori+ : territorial(3), territorio(12);

C4 unica : unica(5);

C3 aos : aos(4);

C3 condic+ : condicao(1), condicoes(6);

C3 desenvolv+ : desenvolva(1), desenvolver(3);

C3 dos : dos(34);

C3 num+ : num(4), numa(1);

C3 populacion+ : populacionais(1), populacional(3);

C3 positiva+ : positiva(3), positivamente(1);

C3 ricos : ricos(4);

C2 amazon+ : amazonia(3), amazonica(1);

C2 claro : claro(3);

C2 encontr+ : encontra(4), encontrada(2), encontrar(2);

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

-----  
Formes associées au contexte D  
-----

D9 dificuldade+ : dificuldade(4), dificuldades(26);  
D9 povo+ : povo(114), povos(8);  
D8 esperanc+ : esperanca(16), esperancas(1), esperancoso(1), esperancosos(1);  
D7 alegr+ : alegre(3), alegrar(1), alegre(14), alegres(4), alegria(24), alegrias(2);  
D7 enfrent+ : enfrenta(4), enfrentam(1), enfrentamos(3), enfrentando(1), enfrentar(3);  
D7 problema+ : problema(1), problemas(31);  
D7 solidar+ : solidarias(3), solidario(8), solidarios(4);  
D6 calor+ : calor(13), calorosas(3), caloroso(3);  
D6 feliz+ : feliz(16), felizes(1);  
D6 human+ : humanas(1), humanista(1), humano(14);  
D6 sofrido : sofrido(8);  
D6 solidariedade : solidariedade(8);  
D6 tempo+ : tempo(13), tempos(2);  
D5 acredit+ : acredita(3), acreditam(1), acreditamos(2), acreditar(2), acredito(2);  
D5 adversidade+ : adversidades(6);  
D5 ajud+ : ajuda(2), ajudar(4);  
D5 amor : amor(6);  
D5 as : as(47);  
D5 capacidade : capacidade(8);  
D5 crise+ : crise(2), crises(3);  
D5 dia+ : dia(7), dias(3);  
D5 fic+ : fica(3), ficam(1), ficar(1);  
D5 lut+ : luta(5), lutamos(1), lutando(2), lutar(1);  
D5 parec+ : pareca(2), parece(4);  
D5 perd+ : perde(3), perder(3);  
D5 pessoa+ : pessoas(33);  
D5 quer+ : quer(1), querem(2), queremos(2), quero(2);  
D5 sermos : sermos(6);  
D5 sorrir : sorrir(7);  
D5 tent+ : tenta(5), tentam(2), tentamos(1), tentando(1), tentou(1);  
D4 amigo+ : amigo(2), amigos(2);  
D4 carinh+ : carinho(5), carinhosas(1);  
D4 carisma : carisma(4);  
D4 chor+ : chora(1), chorando(1), chorar(1);  
D4 consegu+ : consegue(9), conseguimos(1), conseguir(4);  
D4 continu+ : continua(3), continuam(2), continuar(1);  
D4 esquec+ : esquecem(1), esquecer(3);  
D4 melhor+ : melhora(1), melhorar(4), melhores(3), melhorias(1);  
D4 os : os(46);  
D4 proximo : proximo(4);  
D4 receptivo+ : receptivo(5), receptivos(2);  
D4 sent+ : sentem(2), sentir(1);  
D4 situac+ : situacao(6), situacoes(2);  
D4 super+ : superacao(1), superar(2);  
D3 aceit+ : aceitamos(2), aceitar(2);  
D3 acolhedor+ : acolhedor(10);  
D3 ao : ao(16);  
D3 fe : fe(5);  
D3 forca : forca(4);  
D3 humanos : humanos(4);  
D3 liberdade : liberdade(4);  
D3 livr+ : livrar(1), livre(3), livres(1);  
D3 motivo+ : motivo(2), motivos(2);

**ALCESTE – Relatório Detalhado**

**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

D3 sej+ : seja(9);  
D2 apesar : apesar(11);  
D2 corrupto+ : corrupto(1), corruptos(2);  
D2 dificil+ : dificil(3), dificilmente(1);  
D2 express+ : expressao(2), expressar(1);  
D2 for : for(2);  
D2 lindo+ : lindo(7);  
D2 otim+ : otimismo(1), otimista(2);  
D2 precis+ : precisa(1), precisam(1), precisamos(1), preciso(1);  
D2 propios : propios(3);  
D2 resolver : resolver(3);  
D2 sofrimento : sofrimento(3);  
D2 sofr+ : sofra(1), sofre(4);  
D2 tristeza+ : tristeza(2), tristezas(2);

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

-----  
D1: Tri des uce par classe  
-----

Clé sélectionnée : A

216 39 A #desigualdade #social, pois nos outros países todos #viverem melhor. não há #desemprego, assim tendo uma #vida instável. dificuldade de #crescer na #vida, #pela #falta de #oportunidades.

258 32 fama, brasil e famoso pelo #futebol, pelo samba, essa é a #parte #boa; a #parte #ruim é que também é conhecido #pela #violência, #pela dívida externa.

339 28 A #desigualdade #social, #miséria, #desemprego, #violência, tráfico de drogas #etc. porque em países #desenvolvidos até há problemas mas não como o brasil.

494 23 por um #lado #negativo, vejo um país com vários tipos de preconceito, #corrupções, que não oferece uma #vida #justa para os menos favorecidos, que não têm #direito a #educação, #saúde, moradia.

315 22 A exclusão #social, os #governantes ladrões, tem o #lado bom, de ser um povo #abençoado por #deus, um povo #bonito e agradável isso também nos diferencia.

294 21 apesar que ainda #falta o-mais importante, reconhecerem que só Jesus pode #tirar tudo de #ruim, como: #violência, #desigualdade e outros. AA #partir do momento que todos reconhecerem que só ele é digno de toda confiança e de toda adoração. pois por-mais-que o nosso presidente queira #mudar, ele não vai conseguir pois ele é falho.

322 21 pessoas que são reprimidas #pela #inteligência de nossos #políticos que conseguem monopolizar #parte #da mídia para impor a #população que ela é burra, e com isso #deixam de #investir dinheiro nas pessoas geniais para-que elas desenvolvem pesquisas brilhantes.

469 21 com #gente #bonita; sua beleza natural. mas tenho que expressar aqui que em #parte o brasil está muito atrás em #termos de #educação e #qualidade de #vida.

75 19 #desigualdade e estratificação #social. porque a #desigualdade é a marca #forte e a estratificação #social é devido ao fato de #pobres não terem #boa #educação, sendo impossibilitados de subirem seu padrão de #vida.

203 19 A #desigualdade #social devido a má #distribuição de #renda.

534 19 apesar-de #termos #muita #violência, #desigualdades, não temos #vulcões e nem furacões para nos atormentar. eu #considero o brasil um país bom pra se #viver.

152 16 O #desemprego tem aumentado e com isso a #violência o-que mais #preocupa a #população atualmente, #aconteceu esses dias a caminhada #pela paz em São Paulo, liderada pelos pais dos jovens assassinados por Champinha, pernambucano, verdadeiros bandidos, cruéis,

262 16 em alguns estados pessoas #passam #fome por #falta de #trabalho e com isso #cresce as #violências e os descontentamentos são gerais.

366 16 certamente, o-que diferencia o país são os contrastes. enquanto #parte das pessoas tem uma condição de #vida excelente, acesso a #saúde, #boa escolaridade, bom #nível #financeiro, a #imensa #maioria #vive numa eterna luta #pela #sobrevivência.

447 16 É um país de grandes #desigualdades #sociais, omisso com seu povo, onde grande #parte #da #população não tem acesso a serviços básicos de saneamento, #saúde e #educação.

459 16 O calor #tropical do brasil, a alegria de #viver das pessoas, a #injustiça e a grande #desigualdade #social, a #corrupção e o #carnaval.

544 16 porque o brasil é #tropical, #pelas suas riquezas, incompetência dos #governantes e #da #injustiça, a impunidade, #desigualdade #social.

## ALCESTE – Relatório Detalhado

### DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?

183 14 alem #da biodiversidade e a #falta de uma #politica seria comprometida com sua #populacao para melhorar essa situacao que o brasil #passa como o analfabetismo, a #fome, a #violencia e a #forte concentracao de #renda.

261 14 no #lado #negativo se diferencia pois em outros paises ha uma #preocupacao #maior com a #qualidade de #vida dos seus habitantes, o-que nao ocorre no brasil, pois ha ma #distribuicao de #renda,

Clé sélectionnée : B

141 28 A #miscigenacao de #culturas, #racas, falares. E o-que nos #faz ser #diferentes, mas que em nossas #diferencas nos #tornamos iguais.

568 20 O brasil possui #uma #mistura de #culturas, #raca, #lingua, demonstrando assim em cada #regiao #do pais as #diferentes #caracteristicas.

105 19 A #mistura de #racas, #credos e #culturas. pois aqui #convivem #pacificamente pessoas que em seu pais de origem viveriam em eterno #conflito.

455 16 para mim a #mistura de #racas, #crencas, #religiao, #costumes, #tradicoes, habitos e a alegria de viver, mesmo com toda a dificuldade financeira, e o-que #faz a nossa #diferenca!

444 15 O brasil e #diferente pois seu povo e muito alegre e receptivo. tem #uma #cultura muito #extensa devido a #mistura de #racas de povos de #diversas partes #do #mundo.

48 12 OS #costumes, a #cultura #propriamente dita a #etnia de cada povo. porque todo pais tem que ter sem proprios #valores, suas #proprias #caracteristicas.

79 12 #tradicoes e #identidades que varia de #regiao para #regiao.

615 12 A #mistura #do povo, #costumes e #religiao vive em #paz.

8 11 A #possibilidade de #convivencia entre os #diferentes, com #paz!

115 11 A #quantidade de #racas e #culturas #diferentes e a aceitacao delas.

173 11 A #pluralidade #etnica e #cultural. em poucos outros paises em poucos outros paises pode\_se perceber tamanha #heterogeneidade #do povo. sao tantas coisas, tantas #formas e #costumes que, se nao fosse pela #lingua e pelo mapa, seria #possivel pensar que passamos de um pais para outro ao mudar de #regiao.

28 10 A sua diversidade de #racas e #culturas. porque isto nos da a #possibilidade de ter um grande intercambio ou #uma grande troca de #culturas #diferentes dentro #do mesmo pais.

351 10 se #torna fraco diante dos outros enquanto na verdade e muito melhor que a maioria. E #diferente tambem por ter tantas #diferencas entre as #diferentes #regioes e nem-por-isso #causa #conflitos internos ou externos.

35 9 O brasil foi #colonizado de #uma #forma diferenciada dos paises, o-que ja seria #uma grande #diferenca no comportamento dos habitantes. ele e um pais que traz #uma #cultura #propria muito viva; e democratico no sentido #cultural e #racial o-que o diferencia #do oriente por exemplo.

38 9 na verdade e impossivel #representar tao simples e rapidamente o brasil em #uma folha de papel. O brasil e um pais muito #extenso, territorialmente, com #diversas #diferencas #eticas.

159 9 A #diferenca #existe entre cada #regiao, porque cada #regiao possui a sua #caracteristica #propria e distinta #uma da outra.

202 9 A #influencia de varias #culturas, varias #religioes, varios povos, o-que #faz de nos #uma mescla de tudo que ha no #mundo.

336 9 para mim, a beleza e a riqueza #cultural que nos temos, vivemos com povos de #racas e #crencas distintas, porem nao #fazemos #guerras e nem #conflitos por #causa #desse #fato.

362 9 alem-de inumeras #culturas espalhadas em um unico pais, ha a fusao de todas as racas e o estabelecimento de #uma #identidade, a #identidade brasileira, que e #singular e #torna o brasil um pais unico.

Clé sélectionnée : C

## ALCESTE – Relatório Detalhado

### DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?

104 34 A #grande #concentracao de reservas #florestais. A #biodiversidade. #devido a localizacao #geografica e o #clima #dos tropicos.

593 18 O tamanho, pois poucos #países no mundo tem um #territorio tao extenso como o brasileiro. as #belezas #naturais, justamente por ser muito #grande o brasil consegue ter em seu #territorio #belezas #naturais, #climas, #solos, #fauna e #flora bem #diversificada e #especialmente encantadora.

16 17 O que #diferencia e a #riqueza #natural que ainda possuímos na totalidade do nosso #territorio. amem #dos #recursos #naturais, como o petroleo, os rios com queda de #agua a #diversidade da #fauna e #flora e etc.

470 17 O brasil se #diferencia #dos outros #países basicamente na #questao #territorial, apesar-de nao ter #grande destaque por motivo da #concentracao de #terra e de uma reforma agraria que nao condiz com a #realidade do #país, isto na #questao #economica.

650 17 pode se dizer tambem que aqui se #encontra desde #diversidade na #fauna, quanto na #flora, na vegetacao e ate mesmo no #clima, o-que o #diferencia principalmente #dos outros.

392 14 #diversidade. digo #diversidade de culturas, de #fauna, #flora e #dos #aspectos fisicos #devido a imensidao de nossas #terras; o-que #gera um #país que tem um pouco de tudo.

181 13 A #mata #amazonia, porque e a maior #floresta #amazonica com uma #grande #diversidade de #plantas que so existem aqui.

398 13 A nossa #terra fertil para mim e um #grande #diferencial.

87 12 O brasil se #diferencia #dos outros #países #devido as suas #belezas #naturais e por #apresentar na mistura etnica muito #grande.

110 12 #possui uma #diversidade de povos, #animais e #riquezas muito #grandes. porque com a vinda de imigrantes de todos os #continentes ha essa #diversidade e foi abençoado por deus com toda #beleza que tem.

514 12 A nossa #grande #diversidade cultural. assim-como nossas #riquezas #naturais.

578 12 O brasil se #diferencia #dos outros #países #devido suas #belezas #naturais e por #apresentar uma mistura etnica muito #grande.

3 11 tudo. O brasil e um #país #rico, #diferenciado #dos outros #países que sao dificeis de se #encontrar tanta #beleza junta, formando tantas #belezas, so aqui mesmo para se ter #variedades turisticas.

441 11 A #diversidade da #flora, #fauna e #riquezas #naturais presentes no #país, #pena que sua populacao nao saiba valorizar o-que #possui.

176 10 #amazonia, por-que e um do poucos #países que #possui uma #floresta tao intensa e com uma #grande #biodiversidade.

192 10 O que #diferencia e muito o brasil, sao os #contrastes. pois #belezas #naturais, #cidades #desenvolvidas, e outros, #quase todas as #nacoes #apresentam, mas o brasil tem um pouco de tudo distribuido por todo seu espaco,

102 9 O #clima em primeiro #lugar, pois, temos um #país no qual nao existem furacoes e maremotos. outro #aspecto e a #diversidade do #solo no qual podemos #plantar #quase tudo.

206 9 apesar-de tudo e um #país bom para se viver. como desenhei, e muito raro acontecerem desastres no brasil, alem-disso #possui muitas #riquezas, #praias e #belezas #naturais, que nao se podem #encontrar em um outro #país.

286 9 #diferencia por ser #rico em #flora, porem com desigualdade social muito #gritante.

Clé sélectionnée : D

129 39 seu #povo. porque e um #povo #sofrido mas #feliz e #ao mesmo #tempo fiel #ao #proximo e e muito #acolhedor com #os visitantes, #seja qual #for.

158 33 #as #pessoas, pois e um #povo que tem #forca de #vontade, que #luta, que #enfrenta. um pais de gente #feliz e #ao mesmo #tempo que #sofre com todos #os #problemas e, #principalmente com a violencia, mas mesmo assim persistem e #tentam ser #felizes.

## ALCESTE – Relatório Detalhado

### DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?

497 24 O #povo. porque, apesar-de tudo, temos #carinho, #amor, #solidariedade, compaixao. #calor #humano, #coisa que nenhum outro #povo, por mais rico e auto\_suficiente que #seja tem.

335 23 O #povo brasileiro, pois apesar-de todas #as #dificuldades #continuam #lutando sem #perder a #alegria a #esperanca de um #dia ver nosso pais aonde realmente merece.

232 17 alem-disso a #alegria e credulidade do nosso #povo, que sempre #acredita que #as #coisas tendem a #melhorar.

234 17 A #capacidade que #as #pessoas tem de se #ajudar e de #vencer #as #adversidades. no-entanto, somos um #povo #acomodado e nao #lutamos pelos nossos direitos.

643 17 O #povo mais #solidario e festivo, pois o brasileiro mesmo estando em muitas #crises, ele dribla #os #problemas com muito jogo de cintura e #alegria.

92 16 O fato de termos grande potencial em recursos #humanos, #otimos profissionais, de #sermos um #povo #alegre que #acredita sempre-que #as #coisas vao #melhorar, mesmo-que #pareca #dificil.

325 16 A grande diferenca do brasil para #os outros paises esta no #povo que #mora aqui: apesar-de todos #os #problemas que #enfrentamos, #as #pessoas #continuam #lutando sem #perder o bom humor, de ser pacifista, a #esperanca.

311 15 ha como #falei o fato de #sermos um pais onde varios #povos pode #morar, nao temos #problemas de catastrofes, guerras, somos #pessoas de #fe por #dias #melhores, mais #humanos e aconchegantes que outros paises.

190 14 A exotismo de seu #povo, o seu #carisma e a sua positividade apesar-de todos #os #problemas.

297 14 seu #povo. #povo que apesar-de suas #dificuldades e #feliz, carismatico e acima-de tudo #solidario.

306 14 O brasil e diferente pois #as #pessoas sao mais #calorosas, caridosas e #carinhosas. O pobre mesmo pobre #continua #feliz e temos o adjetivo de #sermos companheiros e #amigos dos outros.

359 14 o #povo. O #povo e #alegre, #solidario e unido. por mais #dificil que #seja a #situacao, ha sempre um sorriso e uma #esperanca! #parece meio utopico, mas e o-que eu #vejo.

420 14 E que, por incrivel que #pareca, em partes, o pais, mesmo com tantas #adversidades, #alegrias e #tristezas, ainda #consegue manter o #carisma e a disposicao para seguir adiante, ha #esperanca e #simpatia,

559 14 A sua #alegria e #capacidade para #superar #dificuldades, nao existe outro pais tao #alegre e festivo e que #apesar dos #problemas #tenta contornar esta #situacao sorrindo e trabalhando.

565 14 O #povo. E um #povo #receptivo, #caloroso e que, #apesar #das mazelas do pais, ainda #consegue #sorrir e viver #alegre. infelizmente somos #pessoas acomodadas.

393 13 O #povo. porque apesar-de todas #as #dificuldades ainda #luta por um futuro mais digno e #acredita que um #dia tudo vai mudar.

456 13 A #alegria, #vontade de viver e a-vontade de #vencer e tudo! E nossa #fe e #esperanca que nos sustenta.

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por que?**

-----  
D2: Calcul des "segments répétés"  
-----

Seuls les 20 SR les plus fréquents sont retenus ici :

2 29 o brasil+  
2 20 no brasil+  
2 19 O brasil+  
2 19 e a  
2 18 desigual+ soci+  
2 17 riqueza+ natur+  
2 17 as pessoa+  
2 15 seu povo+  
2 15 outros pais+  
2 15 em um  
2 15 e o  
2 15 bel+ natur+  
2 13 um pais+  
2 13 do mundo  
2 13 do brasil+  
2 12 para mim  
2 12 apesar da  
3 11 O brasil+ e  
3 11 E um pais+  
2 11 A cultur+

-----  
D2: Calcul des "segments répétés" par classe  
-----

\*\*\* classe n° 1 (20 SR maximum) \*\*\*

2 1 9 desigual+ soci+  
2 1 8 e a  
2 1 7 pass+ fome  
2 1 6 a popul+  
3 1 6 distribuicao de renda  
5 1 5 O brasil+ e um pais+  
3 1 5 A desigual+ soci+  
2 1 5 no brasil+  
2 1 5 de vida+  
3 1 4 em outros pais+  
2 1 4 a violencia+  
2 1 4 a fome  
2 1 4 falta de  
3 1 3 E um pais+  
2 1 3 A alegr+  
2 1 3 nao ha  
2 1 3 um povo+  
2 1 3 outros pais+  
2 1 3 nosso povo+  
2 1 3 que nos

\*\*\* classe n° 2 (20 SR maximum) \*\*\*

2 2 10 cada regi+

ALCESTE – Relatório Detalhado

DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?

2 2 8 de cultur+  
2 2 8 do mundo  
2 2 6 A cultur+  
2 2 6 no brasil+  
2 2 5 em um  
2 2 5 o brasil+  
2 2 5 do pais+  
2 2 5 as pessoa+  
2 2 4 O brasil+  
2 2 4 nao ha  
2 2 4 outros pais+  
2 2 4 essa mistura+  
2 2 4 de viv+  
2 2 4 e o  
2 2 4 faz+ com-que  
2 2 4 do povo+  
2 2 4 diversidade+ cultur+  
2 2 4 as diferenc+  
4 2 3 O brasil+ e difer+

\*\*\* classe nº 3 (20 SR maximum) \*\*\*

2 3 12 o brasil+  
2 3 11 riqueza+ natur+  
2 3 10 bel+ natur+  
2 3 7 A diversidade+  
2 3 7 desigual+ soci+  
2 3 6 O brasil+  
2 3 6 muito grande+  
2 3 6 devid+ a  
7 3 5 O brasil+ se diferenci+ dos outros pais+  
2 3 5 A grande+  
2 3 5 para mim  
2 3 5 e o  
2 3 4 A cultur+  
2 3 4 variedade+ de  
3 3 4 fauna e flora  
2 3 4 coisa+ que  
2 3 4 as diferenc+  
2 3 4 apresent+ uma+  
3 3 3 O brasil+ e  
3 3 3 E um pais+

\*\*\* classe nº 4 (20 SR maximum) \*\*\*

2 4 7 O povo+  
2 4 7 seu povo+  
2 4 7 que enfrent+  
2 4 7 o povo+  
2 4 7 as pessoa+  
2 4 6 um dia+  
2 4 6 o brasil+  
2 4 6 pass+ por  
2 4 6 calor+ human+  
3 4 6 ao mesmo tempo+  
3 4 5 O calor+ human+  
2 4 5 O brasil+  
2 4 5 um povo+  
2 4 5 no brasil+  
2 4 5 mesmo com

**ALCESTE – Relatório Detalhado**

**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

2 4 5 de viv+  
2 4 5 apesar-de tudo  
4 4 5 apesar-de todas as dificuldade+  
3 4 5 somos um povo+  
2 4 5 o pais+

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por**  
**quê?**

-----  
D3: C.A.H. des mots par classe  
-----

C.A.H. du contexte lexical A

Fréquence minimum d'un mot : 5  
Nombre de mots sélectionnés : 28  
Valeur de clé minimum après calcul : 2

Nombre d'uce analysées : 99  
Seuil du chi2 pour les uce : 0  
Nombre de mots retenus : 28  
Poids total du tableau : 310

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A5 muita										
A8 corrupc+										
A6 lado										
A8 educ+										
A5 vida+										
A4 boa+										
A6 renda										
A5 distribuicao										
A6 gente										
A4 bonit+										
A5 carnaval										
A5 futebol										
A5 part+										
A5 popul+										
A8 falta										
A6 polit+										
A5 injust+										
A3 etc										
A4 govern+										
A2 viv+										
A9 desigual+										
A7 soci+										
A9 violencia+										
A4 pobr+										
A6 miser+										
A6 trabalh+										
A8 fome										
A5 pass+										

**ALCESTE – Relatório Detalhado**  
**DIVERSIDADE – ref. 6.2 ref. QUESTÃO 2 – O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

C.A.H. du contexte lexical B

Fréquence minimum d'un mot : 5  
 Nombre de mots sélectionnés : 35  
 Valeur de clé minimum après calcul : 2

Nombre d'uce analysées : 148  
 Seuil du chi2 pour les uce : 0  
 Nombre de mots retenus : 35  
 Poids total du tableau : 514

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
B7 cultur+										
B4 uma+										
B7 regi+										
B5 diferenc+										
B4 propria+										
B3 caracteristica+										
B5 raci+										
B4 coloniz+										
B4 amo+										
B3 justamente										
B4 acolh+										
B5 conviv+										
B5 pacifica+										
B4 miscigen+										
B3 maneira										
B9 mistura+										
B9 rac+										
B4 mundo										
B2 fato+										
B5 conflito+										
B4 caus+										
B8 religi+										
B3 faz+										
B7 difer+										
B6 torn+										
B5 extens+										
B4 diversas										
B4 estrangeiro+										
B5 heterogeneidade										
B4 pluralidade+										
B3 crenca+										
B5 costum+										
B5 tradic+										
B5 form+										
B3 etn+										



